

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS
CLÁSSICAS - LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL**

**TOPICALIZAÇÃO, CONSTITUÊNCIA E ORDEM DE CONSTITUINTES EM
LIBRAS**

JOÃO PAULO VITÓRIO MIRANDA

ORIENTADOR: PROF. DR. DONEY MOREIRA GOMES

**Brasília
2024**

JOÃO PAULO VITÓRIO MIRANDA

**TOPICALIZAÇÃO, CONSTITUÊNCIA E ORDEM DE CONSTITUINTES EM
LIBRAS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes

Brasília
2024

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

MJ62t Miranda, João Paulo Vitório
 Topicalização, Constituição e Ordem de Constituintes em
Libras / João Paulo Vitório Miranda; orientador Dione
Moreira Gomes. -- Brasília, 2024.
 360 p.

 Tese(Doutorado em Linguística) -- Universidade de
Brasília, 2024.

 1. Libras. 2. Topicalização. 3. Constituição. 4. Ordem
de constituintes . 5. Funcionalismo. I. Moreira Gomes,
Dione, orient. II. Título.

João Paulo Vitório Miranda

**TOPICALIZAÇÃO, CONSTITUÊNCIA E ORDEM DE CONSTITUINTES EM
LIBRAS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes
Presidente – PPGL/UnB

Profa. Dra. Marina Maria Silva Magalhães
Membro Interno – PPGL/UnB

Prof. Dra. Roberta Cantarela
Membro Interno – PÓSLIT/UnB

Prof. Dr. Charley Pereira Soares
Membro Externo – FAL/UFMG

Dedicatória

Dedico este trabalho com profundo respeito e admiração a todos/as os/as surdos/as que demonstraram notável coragem e determinação na luta pelo reconhecimento e valorização das línguas de sinais.

Agradecimentos

Agradeço a Deus por me permitir realizar a minha trajetória de doutoramento.

Ao querido orientador, Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes, expresso minha profunda gratidão e apreço pela orientação incansável, paciência e apoio ao longo desta jornada. Sua sabedoria acadêmica, visão crítica e encorajamento foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. A orientação recebida foi mais do que acadêmica; foi uma lição de vida que levarei adiante em minha carreira. Minha eterna gratidão!

Aos professores e às professoras do PPGL, expresso minha sincera gratidão pelas aulas valorosas, repletas de aprendizados significativos e desafios estimulantes para as pesquisas.

Aos professores da banca de defesa de qualificação do doutorado, expresso minha sincera gratidão pela leitura detalhada da minha tese e pelas excelentes considerações feitas.

Aos colegas e às colegas da pós-graduação, minha gratidão por compartilharem os conhecimentos e experiências ao longo desta jornada acadêmica.

À equipe da secretaria do PPGL, expresso meus sinceros agradecimentos pela solicitude e apoio incansável em toda a jornada acadêmica.

Aos colegas e às colegas do Departamento LIP da Universidade de Brasília, expresso meus sinceros agradecimentos pelo apoio institucional concedido durante minha licença de aperfeiçoamento para dedicar-me aos estudos de doutoramento.

À Universidade de Brasília, instituição na qual não apenas concluí minha vida acadêmica, mas também continuei a desenvolver minha carreira e, paralelamente, tive a alegria de constituir uma família.

Aos meus pais, mesmo estando distantes, expresso minha eterna gratidão pela educação que me proporcionaram.

Aos meus familiares, expresso minha profunda gratidão pela paciência e compreensão enquanto dedicava meu tempo ao doutorado, e pela torcida constante pela conclusão da tese.

Aos amigos e às amigas, expresso minha imensa gratidão pela torcida e pelo apoio inabalável durante a etapa da minha tese.

Aos colaboradores surdos e às colaboradoras surdas, minha profunda gratidão pelo apoio inestimável na escrita da minha tese e na exposição dos dados da minha pesquisa.

Aos meus queridos filhos, Gabriel e Nina, expresso minha mais sincera gratidão pela compreensão e paciência durante o período em que me dediquei aos meus estudos de doutorado. Vocês são a minha maior inspiração e o motivo pelo qual busco ser a melhor versão de mim mesmo. Amo vocês!

À minha querida doutora Alliny Andrade, minha incansável companheira de pesquisa, discussões, longas conversas, viagens e incontáveis momentos compartilhados. Sua torcida pela conclusão do meu doutorado, a serenidade que trouxe ao meu coração durante os desafios da tese, seu acompanhamento meticuloso da minha escrita, dos vídeos em Libras, durante as madrugadas e os dias, tudo isso reflete a profundidade do seu comprometimento e apoio. Tenho imenso apreço e admiração por este amor que compartilhamos, que transcendeu o acadêmico e se entrelaçou em cada aspecto da minha vida. Meu muito obrigado por cada gesto de carinho, por cada palavra de encorajamento e por estar ao meu lado em cada passo desta jornada. Te amo eternamente e sou eternamente grato por ter você em minha vida.

Epígrafe

A língua é não apenas um veículo de expressão e comunicação do conhecimento, mas também um elo cultural que une pessoas e gerações. Em cada gesto e movimento, a língua de sinais ecoa a história e a identidade de uma comunidade.

(autoria própria)

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema a topicalização, a constituência e a ordem de constituintes em Libras. Nosso estudo se baseia em abordagem teórica funcional-tipológica, em pesquisadores como Givón (2001), Payne (1994, 1997), Hopper e Thompson (1980), Shibatani (1985), Shibatani e Bynon (1995), Whaley (1997), Cunha, Oliveira e Martelotta (2003), Cunha e Souza (2011), Oliveira (2004, 2015), Chafe (1994, 1979, 1976), Martelotta e Kenedy (2015), e Neves (2000). Apresentamos uma revisão da literatura sobre a Libras, discutindo os aspectos gerais da constituência, a ordem de constituintes, uma introdução à topicalização, bem como as relações gramaticais, o uso do espaço, papéis semânticos e os tipos de verbos em Libras. Adotamos uma metodologia bifocal. Inicialmente, realizamos entrevistas estruturadas com dez surdos, cinco dos quais são graduados em Letras, e os outros em áreas diversas. O objetivo era identificar as preferências dos colaboradores por frases em Libras com os verbos AJUDAR, COMPRAR, BEBER, GOSTAR, DAR e PINTAR-COM-ROLO. Esses verbos foram colocados em sentenças diversas, envolvendo topicalizações e diferentes ordens de constituintes, cobrindo boa parte das hipóteses sobre o tema presentes na literatura corrente. Os resultados indicam uma forte preferência pela ordem SVO, mas também grande aceitação da ordem OSV, com ou sem elevação de sobranças. Em um segundo momento, utilizamos o *software* ELAN para examinar sentenças naturais em Libras retiradas do *corpus* em Libras do banco de dados da UFSC. O objetivo foi analisar como as frases topicalizadas se comportam, observando as expressões não manuais e as ordens dos constituintes. Verificamos que o uso da expressão não manual, como o levantamento das sobranças, não é obrigatório para sinalizar o tópico da frase. Além disso, descobrimos outros padrões nas expressões não manuais utilizadas nas frases topicalizadas.

Palavras-chave: Libras; topicalização; constituência; ordem de constituintes; funcionalismo.

ABSTRACT

This research focuses on topicalization, constituency and order of constituents in Libras. Our study is based on a functional-typological theoretical approach, on researchers such as Givón (2001), Payne (1994, 1997), Hopper and Thompson (1980), Shibatani (1985), Shibatani and Bynon (1995), Whaley (1997), Cunha, Oliveira and Martelotta (2003), Cunha and Souza (2011), Oliveira (2004, 2015), Chafe (1994, 1979, 1976), Martelotta and Kenedy (2015), and Neves (2000). We present a review of the literature on Libras, discussing the general aspects of the constitution, the order of constituents, an introduction to topicalization, as well as grammatical relation, the use of space, semantic roles and the types of verbs in Libras. We adopted a bifocal methodology. Initially, we carried out structured interviews with ten deaf people, five of whom have degrees in Linguistics/Literature, and the others in different areas. The objective was to identify employees' preferences for phrases in Libras with the verbs HELP, BUY, DRINK, LIKE, GIVE and PAINT-WITH-ROLL. These verbs were placed in different sentences, involving topicalizations and different orders of constituents, covering a good part of the hypotheses on the topic present in current literature. The results indicate a strong preference for the SVO order, but also great acceptance of the OSV order, with or without eyebrow raising. Secondly, we used the ELAN software to examine natural sentences in Libras taken from the Libras corpus of the UFSC database. The objective was to analyze how topicalized sentences behave, observing non-manual expressions and the orders of constituents. We verified that the use of non-manual expression, such as raising eyebrows, is not mandatory to signal the topic of the sentence. Furthermore, we discovered other patterns in the non-manual expressions used in topicalized sentences.

Keywords: Libras; topicalization; constitution; order of constituents; functionalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Áreas de pesquisas sobre Libras no mestrado.....	8
Figura 2	Áreas de pesquisas sobre Libras no doutorado.....	8
Figura 3	Tipologia dos verbos direcionais conforme Xavier e Neves (2016).....	78
Figura 4	Exemplo de pauta de transcrição de McCleary, Viotti e Leite (2010).....	106
Figura 5	Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – vídeo 01.....	141
Figura 6	Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – vídeo 02.....	142
Figura 7	Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – vídeo 03.....	143
Figura 8	Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – vídeo 04.....	144
Figura 9	Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – vídeo 05.....	145
Figura 10	Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – vídeo 06.....	146
Figura 11	Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – vídeo 07.....	146
Figura 12	Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – MELHOR RESPOSTA.....	147
Figura 13	Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – vídeo 01....	149
Figura 14	Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – vídeo 02 ...	150
Figura 15	Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – vídeo 03....	151
Figura 16	Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – vídeo 04....	152
Figura 17	Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – vídeo 05....	152
Figura 18	Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – vídeo 06....	154
Figura 19	Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – vídeo 07....	154
Figura 20	Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – MELHOR RESPOSTA.....	155
Figura 21	Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – vídeo 01.....	157
Figura 22	Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – vídeo 02.....	158
Figura 23	Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – vídeo 03.....	159
Figura 24	Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – vídeo 04.....	160
Figura 25	Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – vídeo 05.....	161

Figura 26	Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – vídeo 06.....	162
Figura 27	Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – vídeo 07.....	163
Figura 28	Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – MELHOR RESPOSTA.....	163
Figura 29	Resultado quantitativo sobre o verbo GOSTAR – vídeo 01.....	165
Figura 30	Resultado quantitativo sobre o verbo GOSTAR – vídeo 02.....	165
Figura 31	Resultado quantitativo sobre o verbo GOSTAR – vídeo 03.....	166
Figura 32	Resultado quantitativo sobre o verbo GOSTAR – vídeo 04.....	168
Figura 33	Resultado quantitativo sobre o verbo GOSTAR – vídeo 05.....	169
Figura 34	Resultado quantitativo sobre o verbo GOSTAR – MELHOR RESPOSTA.....	169
Figura 35	Resultado quantitativo sobre o verbo DAR – vídeo 01.....	171
Figura 36	Resultado quantitativo sobre o verbo DAR – vídeo 02.....	172
Figura 37	Resultado quantitativo sobre o verbo DAR – vídeo 03.....	173
Figura 38	Resultado quantitativo sobre o verbo DAR – vídeo 04.....	173
Figura 39	Resultado quantitativo sobre o verbo DAR – vídeo 05.....	174
Figura 40	Resultado quantitativo sobre o verbo DAR – vídeo 06.....	176
Figura 41	Resultado quantitativo sobre o verbo DAR – MELHOR RESPOSTA.....	176
Figura 42	Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 01.....	177
Figura 43	Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 02.....	179
Figura 44	Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 03.....	180
Figura 45	Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 04.....	180
Figura 46	Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 05.....	182
Figura 47	Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 06.....	183

Figura 48	Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 07.....	184
Figura 49	Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – MELHOR RESPOSTA.....	184
Figura 50	Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – vídeo 01.....	186
Figura 51	Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – vídeo 01....	186
Figura 52	Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – vídeo 01.....	186
Figura 53	Resultado quantitativo sobre o verbo GOSTAR – vídeo 01.....	187
Figura 54	Resultado quantitativo sobre o verbo DAR – vídeo 01.....	187
Figura 55	Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 01.....	188
Figura 56	Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – vídeo 02.....	189
Figura 57	Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – vídeo 02....	189
Figura 58	Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – vídeo 02.....	189
Figura 59	Resultado quantitativo sobre o verbo GOSTAR – vídeo 02.....	190
Figura 60	Resultado quantitativo sobre o verbo DAR – vídeo 02.....	190
Figura 61	Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 02.....	191
Figura 62	Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – vídeo 03.....	193
Figura 63	Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – vídeo 03....	193
Figura 64	Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – vídeo 03.....	194
Figura 65	Resultado quantitativo sobre o verbo GOSTAR – vídeo 03.....	194
Figura 66	Resultado quantitativo sobre o verbo DAR – vídeo 03.....	194
Figura 67	Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 03.....	195
Figura 68	Resultado quantitativo sobre o verbo DAR – vídeo 02.....	197
Figura 69	Resultado quantitativo sobre o verbo DAR – vídeo 04.....	198
Figura 70	Resultado quantitativo sobre o verbo DAR – vídeo 05.....	198
Figura 71	Resultado quantitativo sobre o verbo DAR – vídeo 06.....	199
Figura 72	Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – vídeo 04.....	201
Figura 73	Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – vídeo 04....	202
Figura 74	Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – vídeo 04.....	202

Figura 75	Resultado quantitativo sobre o verbo GOSTAR – vídeo 04.....	203
Figura 76	Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 04.....	203
Figura 77	Resultado quantitativo sobre o verbo GOSTAR – vídeo 05.....	207
Figura 78	Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – vídeo 05.....	208
Figura 79	Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – vídeo 05....	209
Figura 80	Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – vídeo 05.....	210
Figura 81	Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 05.....	210
Figura 82	Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – vídeo 07.....	211
Figura 83	Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – vídeo 07.....	211
Figura 84	Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 07.....	212
Figura 85	Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – vídeo 06.....	212
Figura 86	Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – vídeo 06....	214
Figura 87	Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – vídeo 06.....	215
Figura 88	Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 06.....	215
Figura 89	Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – MELHOR RESPOSTA.....	216
Figura 90	Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – MELHOR RESPOSTA.....	217
Figura 91	Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – MELHOR RESPOSTA.....	219
Figura 92	Resultado quantitativo sobre o verbo GOSTAR – MELHOR RESPOSTA.....	222
Figura 93	Resultado quantitativo sobre o verbo DAR – MELHOR RESPOSTA.....	224
Figura 94	Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – MELHOR RESPOSTA.....	226
Figura 95	Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – MELHOR RESPOSTA.....	227

Figura 96	Exemplo de trilhas no ELAN.....	234
Figura 97	Análise do exemplo 1 no ELAN.....	238
Figura 98	Análise do exemplo 2 no ELAN.....	240
Figura 99	Análise do exemplo 3 no ELAN.....	242
Figura 100	Análise do exemplo 4 no ELAN.....	245
Figura 101	Análise do exemplo 5 no ELAN.....	247
Figura 102	Análise do exemplo 6 no ELAN.....	250
Figura 103	Análise do exemplo 7 no ELAN.....	252
Figura 104	Análise do exemplo 8 no ELAN.....	255
Figura 105	Análise do exemplo 9 no ELAN.....	258
Figura 106	Análise do exemplo 10 no ELAN.....	260
Figura 107	Análise do exemplo 11 no ELAN.....	264
Figura 108	Análise do exemplo 12 no ELAN.....	266
Figura 109	Análise do exemplo 13 no ELAN.....	269
Figura 110	Análise do exemplo 14 no ELAN.....	272
Figura 111	Análise do exemplo 15 no ELAN.....	275
Figura 112	Análise do exemplo 16 no ELAN.....	278
Figura 113	Análise do exemplo 17 no ELAN.....	281
Figura 114	Análise do exemplo 18 no ELAN.....	284
Figura 115	Análise do exemplo 19 no ELAN.....	287
Figura 116	Análise do exemplo 20 no ELAN.....	290
Figura 117	Análise do exemplo 21 no ELAN.....	292
Figura 118	Análise do exemplo 22 no ELAN.....	295
Figura 119	Análise do exemplo 23 no ELAN.....	298

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Flaviane_Reis_Análise_Exemplo_1_F13.....	237
Imagem 2	Karin_Strobel_Análise_Exemplo_2_F10.....	240
Imagem 3	Karin_Strobel_Análise_Exemplo_3_F10.....	242
Imagem 4	Karin_Lilian_Strobel_Análise_Exemplo_4_F10.....	244
Imagem 5	Karin_Lilian_Strobel_Análise_Exemplo_5_F10.....	247
Imagem 6	Patrícia_Rezende_Exemplo_06_F17.....	249
Imagem 7	Shirley_Vilhalva_Análise_Exemplo_07_F01.....	252
Imagem 8	Simone_Silva_Análise_Exemplo_8_F19.....	254
Imagem 9	Tibiriça_Mainéri_Análise_Exemplo_9_M01.....	257
Imagem 10	Fernanda_Machado_Análise_Exemplo_10_F15.....	260
Imagem 11	Simone_Silva_Análise_Vídeo_11_F19.....	263
Imagem 12	Sédina_Ferreira_Análise_Exemplo_12_F06.....	266
Imagem 13	Sédina_Ferreira_Exemplo_13_F06.....	268
Imagem 14	Sédina_Ferreira_Exemplo_14_F06.....	271
Imagem 15	Débora_Wardeley_Análise_Exemplo_15_F16.....	274
Imagem 16	Sédina_Ferreira_Análise_Exemplo_16_F06.....	278
Imagem 17	Flaviane_Reis_Análise_Exemplo_17_F13.....	280
Imagem 18	Arnor_Análise_Exemplo_18_M08.....	283
Imagem 19	Priscilla_Leonor_Análise_Exemplo_19_F11.....	286
Imagem 20	Simone_Silva_Análise_Exemplo_20_F19.....	289
Imagem 21	Ilse_Quadros_Análise_Exemplo_21_F14.....	292
Imagem 22	Arnor_Análise_Exemplo_22_M08.....	294
Imagem 23	Larissa_Rebouças_Análise_Exemplo_23_F08.....	297
Imagem 24	Tabela de Jeremias (2020) sobre o verbo TER.....	308
Imagem 25	Karin_Strobel_Análise_Exemplo_02_F10.....	310
Imagem 26	Karin_Strobel_Análise_Exemplo_3_F10.....	310
Imagem 27	Fernanda_Machado_Análise_Exemplo_33_F15.....	313
Imagem 28	Fernanda_Machado_Análise_Exemplo_33_F15.....	314

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Entrevistas com “Surdos de referência” do <i>corpus</i> Libras/UFSC.....	102
Quadro 2	Colaboradores surdos com formação em Letras e/ou pós-graduação em Linguística e afins.....	130
Quadro 3	Colaboradores surdos sem formação em Letras e/ou sem pós-graduação em Linguística.....	130
Quadro 4	Questionário sobre o verbo AJUDAR – vídeo 01.....	140
Quadro 5	Questionário sobre o verbo AJUDAR – vídeo 02.....	141
Quadro 6	Questionário sobre o verbo AJUDAR – vídeo 03.....	142
Quadro 7	Questionário sobre o verbo AJUDAR – vídeo 04.....	143
Quadro 8	Questionário sobre o verbo AJUDAR – vídeo 05.....	144
Quadro 9	Questionário sobre o verbo AJUDAR – vídeo 06.....	145
Quadro 10	Questionário sobre o verbo AJUDAR – vídeo 07.....	146
Quadro 11	Questionário sobre o verbo AJUDAR – MELHOR RESPOSTA....	147
Quadro 12	Questionário sobre o verbo COMPRAR – vídeo 01.....	148
Quadro 13	Questionário sobre o verbo COMPRAR – vídeo 02.....	149
Quadro 14	Questionário sobre o verbo COMPRAR – vídeo 03.....	150
Quadro 15	Questionário sobre o verbo COMPRAR – vídeo 04.....	151
Quadro 16	Questionário sobre o verbo COMPRAR – vídeo 05.....	152
Quadro 17	Questionário sobre o verbo COMPRAR – vídeo 06.....	153
Quadro 18	Questionário sobre o verbo COMPRAR – vídeo 07.....	154
Quadro 19	Questionário sobre o verbo COMPRAR – MELHOR RESPOSTA	155
Quadro 20	Questionário sobre o verbo BEBER – vídeo 01.....	156
Quadro 21	Questionário sobre o verbo BEBER – vídeo 02.....	157
Quadro 22	Questionário sobre o verbo BEBER – vídeo 03.....	158
Quadro 23	Questionário sobre o verbo BEBER – vídeo 04.....	159
Quadro 24	Questionário sobre o verbo BEBER – vídeo 05.....	160
Quadro 25	Questionário sobre o verbo BEBER – vídeo 06.....	161
Quadro 26	Questionário sobre o verbo BEBER – vídeo 07.....	162
Quadro 27	Questionário sobre o verbo BEBER – MELHOR RESPOSTA.....	163
Quadro 28	Questionário sobre o verbo GOSTAR – vídeo 01.....	164

Quadro 29	Questionário sobre o verbo GOSTAR – vídeo 02.....	165
Quadro 30	Questionário sobre o verbo GOSTAR – vídeo 03.....	166
Quadro 31	Questionário sobre o verbo GOSTAR – vídeo 04.....	167
Quadro 32	Questionário sobre o verbo GOSTAR – vídeo 05.....	168
Quadro 33	Questionário sobre o verbo GOSTAR – MELHOR RESPOSTA...	169
Quadro 34	Questionário sobre o verbo DAR – vídeo 01.....	170
Quadro 35	Questionário sobre o verbo DAR – vídeo 02.....	171
Quadro 36	Questionário sobre o verbo DAR – vídeo 03.....	172
Quadro 37	Questionário sobre o verbo DAR – vídeo 04.....	173
Quadro 38	Questionário sobre o verbo DAR – vídeo 05.....	174
Quadro 39	Questionário sobre o verbo DAR – vídeo 06.....	175
Quadro 40	Questionário sobre o verbo DAR – MELHOR RESPOSTA.....	176
Quadro 41	Questionário sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 01.....	177
Quadro 42	Questionário sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 02.....	178
Quadro 43	Questionário sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 03.....	179
Quadro 44	Questionário sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 04.....	180
Quadro 45	Questionário sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 05.....	181
Quadro 46	Questionário sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 06.....	182
Quadro 47	Questionário sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 07.....	183
Quadro 48	Questionário sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – MELHOR RESPOSTA.....	184
Quadro 49	Comparativo sobre o nível de aceitação ou rejeição com ordem OSV sem elevação das sobrancelhas entre verbos com concordância e sem concordância.....	192
Quadro 50	Comparativo sobre o nível de aceitação ou rejeição da ordem OSV com elevação das sobrancelhas entre verbos com concordância e sem concordância.....	196

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

AGT	Agente.....	40
*	Agramatical.....	111
(ô)	Alargamento dos olhos.....	234
IX	Apontação.....	112
>-<	Boca “fechada” e franzida.....	235
<O>	Boca aberta.....	235
^=^	Boca aberta com os dentes.....	235
)_(Boca aberta com sorriso.....	235
-o-	Boca articulada (abre e fecha a boca).....	235
\=/	Boca fechada para frente.....	235
.*-	Boca formato de “beijo”.....	235
>=<	Boca franzida.....	235
\>=</	Boca franzida com sorriso.....	235
^v^v	Boca relativamente aberta com os dentes visíveis.....	235
>°<	Boca semiaberta com formato da letra “o”.....	235
\<O>/	Bochecha inchada.....	235
>*<	Bochechas sugadas.....	235
O=	Cabeça direcionada para o lado direito.....	235
< >cl	Classificador.....	113
cl	Classificador.....	67
C.P.	Comunicação Pessoal.....	103
Cf	Confira.....	12
Loc K	Constitui o ali ou lá.....	119
Loc j	Constitui o esse ou aí.....	119
Loc i	Constitui o este ou aqui.....	119
∨	Cruzamento entre duas mãos.....	120
< x>	Dêiticos anafórico.....	121
DEST	Destinatário.....	40
>	Direção do olhar à direita.....	105
<	Direção do olhar à esquerda.....	105
<	Direção do olhar da direita para o centro.....	105
∨	Direção do olhar para baixo.....	105
^	Direção do olhar para cima.....	105
oc	Direção do olhar para cima.....	121
od	Direção do olhar para direita.....	121
oe	Direção do olhar para esquerda.....	121
oo	Direção do olhar para objeto.....	121
>	Direção do olhara da esquerda para o centro.....	234
d	Direita.....	110
dir	Direita.....	120
e	Esquerda.....	110
esq	Esquerda.....	120
ex.	Exemplo.....	83
..... ^{ei}	Expressão facial interrogativa.....	122
< >em	Expressão não-manual.....	122
—!—	Expressão não-manual para representar a exclamação.....	119
—int—	Expressão não-manual para representar a intensidade.....	119

—?—	Expressão não-manual para representar a interrogação.....	119
—ñ—	Expressão não-manual para representar a negação.....	119
—t—	Expressão não-manual para representar a topicalização.....	119
Ô	Inclinação da cabeça para cima.....	234
\O/	Inclinação da cabeça para frente.....	234
O-	Inclinação da cabeça para o lado direito.....	234
-O	Inclinação da cabeça para o lado esquerdo.....	234
Ov	Inclinação de cabeça para baixo.....	234
/O\	Inclinação de cabeça para trás.....	235
//°	Inclinação do corpo para frente.....	235
\ °	Inclinação do corpo para trás.....	235
//	Inclinação do corpo para ao lado direito.....	235
\	Inclinação do corpo para ao lado esquerdo.....	235
+	Intensidade do sinal.....	113
++	Intensidade do sinal.....	113
+++	Intensidade do verbo.....	121
...i....	Interrogativa.....	110
< >ic	Interrogativa manipulada (tag question).....	122
-=-	Lábio inferior para frente.....	235
Λ^	Levantamento das sobrancelhas forçado.....	234
Loc	Locativo.....	119
< +>	Marcação de aspecto do verbo.....	122
b	Pessoas do discurso marcadas através da incorporação do sinal..	112
< >+	Marcação de Plural de um substantivo ou adjetivo.....	121
< > _n	Marcação de sentenças negativas.....	122
a	Pessoas do discurso marcadas através da incorporação do sinal..	112
< QUANDO	Marcação de tempo futuro, em interrogativa [qu] ou [sn] por	
>if	meio do sinal.....	122
< QUANDO	Marcação de tempo passado, em interrogativa [qu] ou [sn] por	
>ip	meio do sinal.....	122
< >qu ou <	Marcação de sentenças interrogativas [qu] ou [sn] ou interroga-	
>sn	tivas indiretas, respectivamente.....	122
<FU-	Marcação de tempo no futuro.....	122
TURO>mt		
<PAS-	Marcação de tempo no passado.....	122
SADO>mt		
< >t	Marcação de tópico quando geralmente está associada ao fran-	
	zimento da sobrancelha.....	122
<PES-	Marcação do sujeito no espaço por meio de sinal de pessoa.....	121
SOA>ms		
<PRÓ-	Marcador de sujeito através do sinal próprio.....	121
PRIO>pp		
* *	Movimento brusco do corpo e da cabeça.....	235
O↑	Movimento da cabeça afirmativa.....	235
md	Movimento da mão direita.....	105
me	Movimento da mão esquerda.....	105
2m	Movimento das duas mãos.....	105
∇	Cenho franzido.....	105
/*\	Movimento das sobrancelhas acompanhadas do cenho franzido.....	105
Λ	Movimento das sobrancelhas levantadas.....	105

mc	Movimento de cabeça.....	113
< >mc	Movimento de cabeça com expressão afirmativa.....	117
< >qu	Movimento de cabeça com expressão interrogativa (o que, como, onde, por que e quem).....	114
< >n	Expressão facial de negação ou movimento de cabeça com expressão negativa.....	117
mde	Movimento de direita para esquerda.....	121
med	Movimento de esquerda para direita.....	121
----- ^ñ -----	Movimento negativo.....	122
md	Movimento para direita.....	105
me	Movimento para esquerda.....	105
<<O>>	Movimento repetido e rotativo de cabeça.....	235
O <	Movimento rotativo de cabeça da direita para o centro.....	234
> O	Movimento rotativo de cabeça da esquerda para o centro.....	234
O >	Movimento rotativo de cabeça do centro para a direita.....	234
< O	Movimento rotativo de cabeça do centro para a esquerda.....	234
.....neg.....	Negativa.....	110
O	Objeto das orações transitivas.....	53
P	Objeto das orações transitivas.....	53
of	Olhos fechados.....	121
-°-	Olhos fechados.....	234
< >r	Orações relativas.....	117
pass	Passado.....	120
-	Pausa.....	235
sn	Perguntas com resposta sim ou não.....	118
< > qu ~	Perguntas que aparecem nas orações subordinadas com expressão diferenciada.....	115
< >?	Perguntas que expressam dúvida e desconfiança.....	115
[p]	Piscadas.....	105
< >+	Plural do adjetivo ou substantivo.....	121
i	Ponto próximo a primeira pessoa do singular.....	110
j	Ponto próximo a segunda pessoa do singular.....	110
k	Ponto próximo a terceira pessoa a direita.....	110
k'	Ponto próximo a terceira pessoa a esquerda.....	110
< “ ” >pa	Preposição do assunto conforme classificação semântica por meio do sinal ASPAS.....	121
1d	Primeira pessoa do dual.....	110
1p	Primeira pessoa do plural.....	110
1	Primeira pessoa do singular.....	122
1a	Primeira pessoa do singular.....	68
1s	Primeira pessoa do singular.....	110
pro 1	Pronome da primeira pessoa do singular.....	119
pro 3	Pronome da terceira pessoa do singular.....	119
+	Representa a repetição do sinal ou alongamento do movimento.	111
2p	Segunda pessoa do dual.....	110
2d	Segunda pessoa do plural.....	110
2	Segunda pessoa do singular.....	122
2a	Segunda pessoa do singular.....	68
2s	Segunda pessoa do singular.....	110
@	Sem marcação de gênero masculino e feminino.....	121

>	Seta de deslocamento de sinalização à direita.....	105
</>as	Sinal ambíguo na forma contextualizada.....	121
< >sr	Sinal rítmico.....	121
NP	Sintagma nominal.....	35
SUJ	Sujeito.....	73
S	Sujeito das orações intransitivas.....	53
A	Sujeito das orações transitivas.....	53
3d	Terceira pessoa do dual.....	110
3p	Terceira pessoa do plural.....	110
3	Terceira pessoa do singular.....	122
3a	Terceira pessoa do singular.....	68
3s	Terceira pessoa do singular.....	110
< >t	Topicalização.....	116
V	Verbo.....	31
< >do	Verbo de concordância com direção do olhar.....	113
VS	Verbo e sujeito.....	31
v _i	Verbos instrumentais.....	121
v _o	Verbos que incorporam o objeto.....	121

LISTA DE SIGLAS

BCSL	Brazilian Cities Sign Language.....	34
Elan	EUDICO Linguistic Annotador.....	18
Elis	Escrita de Língua de Sinais.....	107
ENM	Expressões não-manuais.....	81
EFo	Força ilocucionária de ordem.....	119
EFp	Força ilocucionária de pedido.....	119
Feneis	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos	8
fSVO	Falso Sujeito Verbo Objeto.....	43
GRs	Grammatical relations.....	53
IBGE	Instituto de Brasileiro de Geografia e Estatística.....	6
INES	Instituto Educacional de Educação de Surdos.....	5
LS	Língua de Sinais.....	6
ASL	Língua de Sinais Americana.....	10
LSA	Língua de Sinais Argentina.....	33
LSB	Língua de Sinais Brasileira.....	42
LSC	Língua de Sinais Colombiana.....	33
SASL	Língua de Sinais da África do Sul.....	32
LSJ	Língua de Sinais Japonesa.....	32
LSM	Língua de Sinais Mexicana.....	32
LSP	Língua de Sinais Portuguesa.....	32
LSKB	Língua de Sinais Urubu-Kaapor.....	34
LGP	Língua Gestual Portuguesa.....	32
OD	Objeto direto.....	75
OI	Objeto indireto.....	75
OSV	Objeto, Sujeito e Verbo.....	32
OMS	Organização Mundial de Saúde.....	6
PPGL	Programa de Pós-graduação em Linguística.....	08
PSL	Português como Segunda Língua.....	97
RG	Relações gramaticais.....	51
SW	Sign Writing.....	107
SN	Sintagma Nominal.....	20
SP	Sintagma Preposicional.....	54
SEL	Sistema de Escrita para Línguas de Sinais.....	107
SOV	Sujeito, Objeto e Verbo.....	31
SVO	Sujeito, verbo e objeto.....	11
TCLE	Termo de consentimento livre esclarecido.....	92
UnB	Universidade de Brasília.....	7
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina.....	7
VOS	Verbo, Objeto e Sujeito.....	31

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - Introdução.....	5
1.1. Libras no Brasil e na minha vida: o despertar do tópico.....	5
1.2. Problematização.....	6
1.3. Justificativa	11
1.4. Objetivos.....	12
1.4.1. Geral.....	12
1.4.2. Específicos	12
1.5. Perguntas e hipóteses de pesquisa.....	12
1.6. Introdução ao referencial teórico básico	13
1.7. Introdução à metodologia	17
CAPÍTULO 2 – Constituição, ordem de constituintes e introdução a tópico e topicalização em Libras	19
2.1. Constituição e constituintes.....	19
2.1.1. Como identificar constituintes?.....	22
2.1.1.1. Deslocamento: topicalização, clivagem e passivização	22
2.1.1.2. Inserção de advérbios	24
2.1.1.3. Substituição por pronomes, proformas ou frases anafóricas	25
2.1.1.4. Elipse	27
2.1.1.5. Coordenabilidade.....	28
2.1.2. Constituintes em línguas de sinais e expressões/ sinais não manuais	28
2.2. Ordem de constituintes em Línguas de Sinais em geral e em Libras	30
2.2.1. Ordem de constituintes em Línguas de Sinais em geral.....	30
2.2.2. Ordem de constituintes em Libras.....	33
2.3. Introdução a tópico e topicalização em Libras	41
CAPÍTULO 3 – Relações gramaticais, espaço e papéis semânticos.....	51
3.1. Relações gramaticais: conceitos e sua ocorrência em Libras	51
3.1.1. Definição de relações gramaticais.....	52
3.1.2. Testes para identificar relações gramaticais.....	53
3.1.3. Relações gramaticais em Libras: espaço, apontação e dêixis	56
3.1.3.1. Espaço em Libras.....	56
3.1.3.1.1 Espaço real.....	57
3.1.3.1.2. Espaço sub-rogado.....	58
3.1.3.1.3. Espaço <i>token</i>	60
3.1.3.2. Relações gramaticais em Libras: o papel da apontação e da dêixis	63

3.2. Papéis semânticos	70
CAPÍTULO 4 – Tipos de verbos em Libras e sua relação com a ordem de constituintes e a topicalização.....	73
4.1. Verbos direcionais ou verbos com concordância: reversíveis e irreversíveis..	73
4.2. Verbos não direcionais, sem concordância ou simples: verbos ancorados ao corpo e verbos que incorporam o objeto ou o instrumento (verbos instrumentais)	81
4.3. Verbos manuais, ou verbos com classificadores, ou <i>handling verbs</i> , ou predicados complexos	85
CAPÍTULO 5 – Metodologia.....	92
5.1. Os participantes surdos e os dois procedimentos metodológicos principais	92
5.1.1. Roteiro de Entrevistas: conhecendo os(as) colaboradores(as) do procedimento 1 (testes de constituência e topicalização)	93
5.2. Corpora	101
5.2.1. Dados produzidos em enquetes dirigidas, com aplicação de testes controlados	101
5.2.2. <i>Corpus</i> Libras/ UFSC.....	101
5.3. ELAN.....	104
5.4. O sistema de notação de glosas para Libras.....	107
5.4.1. As glosas em Felipe e Monteiro (2001)	109
5.4.2. As glosas em Quadros e Karnopp (2004).....	111
5.4.3. As glosas em Brito (1995, 2010).....	118
5.4.4. As glosas em Olizaroski (2017): nossa escolha com adaptações.....	120
Capítulo 6 – Testes de constituência, ordem de constituintes e topicalização com surdos fluentes em Libras	124
6.1. Aplicação-piloto do questionário sobre constituência, ordem de constituintes e topicalização	124
6.1.1. Entrevista após a aplicação-piloto com o colaborador 1	126
6.1.2. Entrevista após a aplicação-piloto com o colaborador 2.....	126
6.1.3. Entrevista após a aplicação-piloto com a colaboradora 3	127
6.1.4. Síntese da aplicação da aplicação-piloto	128
6.2. Questionário sobre constituência, ordem de constituintes e topicalização em Libras	131
6.2.1. Verbo AJUDAR	140
6.2.2. Verbo COMPRAR	148
6.2.3. verbo BEBER.....	156
6.2.4. verbo GOSTAR.....	164
6.2.5. verbo DAR	170

6.2.6. verbo PINTAR-COM-ROLO.....	177
6.3. Análise dos resultados oriundos dos testes de constituência, ordem de constituintes e topicalização	185
6.3.1. Traço estrutural em análise: ordem SVO	186
6.3.2. Traço estrutural em análise: objeto topicalizado sem elevação das sobrancelhas	188
6.3.3. Traço estrutural em análise: objeto topicalizado com elevação das sobrancelhas	193
6.3.4. Traço estrutural em análise: objetos do verbo DAR topicalizados	197
6.3.4.1. Traço estrutural: objeto tema topicalizado com o verbo DAR.....	197
6.3.4.2. Traço estrutural: objeto destinatário topicalizado com o verbo DAR .	197
6.3.4.3. Traço estrutural em análise: objeto tema e objeto destinatário topicalizados com o verbo DAR.....	198
6.3.4.4. Traço estrutural em análise: objeto destinatário e objeto tema topicalizados com o verbo DAR.....	198
6.3.4.5. Análise do comportamento dos objetos do verbo DAR quando topicalizados	199
6.3.5. Traço estrutural em análise: núcleo do objeto topicalizado com modificador do objeto <i>in situ</i>	200
6.3.6. Traço estrutural em análise: núcleo do objeto e modificador topicalizados e inserção, na posição de objeto, de um novo objeto correferente com o constituinte topicalizado	206
6.3.7. Traço estrutural em análise: objeto e advérbio espacial ou temporal topicalizados.....	208
6.3.8. Traço estrutural em análise: apenas advérbio espacial ou temporal topicalizado	211
6.3.9. Traço estrutural em análise: advérbio espacial ou temporal entre V e O....	213
6.3.10. A melhor resposta para cada bloco de questões de cada verbo.....	217
6.3.10.1. Melhor resposta para o verbo AJUDAR.....	217
6.3.10.2. Melhor resposta para o verbo COMPRAR.....	219
6.3.10.3. Melhor resposta para o verbo BEBER	222
6.3.10.4. Melhor resposta para o verbo GOSTAR	224
6.3.10.5. Melhor resposta para o verbo DAR.....	226
6.3.10.6. Melhor resposta para o verbo PINTAR-COM-ROLO	227
6.4. Algumas considerações finais do capítulo	230
Capítulo 7 - Análise de topicalização em dados espontâneos de Libras	232
7.1. Tratamento dos dados e trilhas de análise.....	232
7.2. Análise de sentenças com topicalização em contexto espontâneo.....	236
7.2.1. Dados com o verbo TER:	236

7.2.2. Dados com o verbo ADQUIRIR:	259
7.2.3. Dados com o verbo MOSTRAR:	264
7.2.4. Dados com o verbo QUERER:.....	273
7.2.5. Dados com o verbo CONHECER:	279
7.2.6. Dados com o verbo CRIAR:	282
7.2.7. Dados com o verbo USAR:	285
7.2.8. Dados com o verbo GUARDAR:	290
7.2.9. Dados com o verbo PERDER:	293
7.2.10. Dados com o verbo ADAPTAR:.....	295
7.3. Análise comparativa entre as sentenças com topicalização	298
7.3.1. Inclinação da cabeça.....	299
7.3.2. Movimento/ elevação das sobrancelhas	300
7.3.3. Movimento dos olhos	302
7.3.4. Uso de forma diferente das mãos no tópico	303
7.3.5. Inclinação ou mudança do corpo.....	303
7.3.6. Outra marca não manual	303
7.3.7. Alongamento do sinal.....	305
7.3.8. Houve pausa entre o tópico e o resto da frase?	305
7.3.9. Houve repetição do tópico dentro da frase?	305
7.3.10. Ordem de constituintes em sentenças com objeto topicalizado	305
7.3.11. Correlação entre tipo verbal e topicalização	307
7.4. Seleção de dados em <i>corpus</i> de sinalização espontânea: problemas de interpretação semântico-sintática do verbo TER e identificação de constituintes....	307
7.4.1. Interpretação semântico-sintática do verbo TER e a topicalização.....	307
7.4.2. Identificação de constituintes em Libras e sua relação com a topicalização de objeto.....	312
Considerações Finais	317
Referências bibliográficas	324

CAPÍTULO 1 - Introdução

A presente introdução apresenta a problematização da pesquisa, a justificativa, os objetivos, as perguntas norteadoras e uma breve apresentação do embasamento teórico e da metodologia, os quais serão desenvolvidos em capítulos próprios.

1.1. Libras no Brasil e na minha vida: o despertar do tópico

A Libras foi introduzida no Brasil pelo professor Edward Huet, surdo francês, com o apoio de Dom Pedro II (Moura, 2000). O professor Huet veio ao Brasil para criar a educação de surdos brasileiros, ocasião na qual fundou o INES - Instituto de Educação de Surdos, em 1857. Dada a larga experiência de ensino no Instituto Nacional de Surdos de Paris¹, ensinou diversas disciplinas na época, entre elas, a língua de sinais francesa: "O currículo por ele apresentado, em 1856, colocava disciplinas como português, aritmética, história, geografia e incluía 'linguagem articulada' e 'leitura sobre os lábios' [...]" (Moura, 2000, p. 82).

Um das justificativas da vinda do professor Huet para o Brasil era tentar ajudar a família do Imperador na época. Segundo Strobel (2008, p. 89), "deduz-se que o imperador D. Pedro II se interessou pela educação dos surdos devido ao seu genro, o Príncipe Luís Gastão de Orléans, (o Conde d'Eu), marido de sua segunda filha, princesa Isabel, ser parcialmente surdo". Trata-se de um dos primeiros registros na literatura sobre a expansão da Libras no Brasil, que aumentou gradativamente.

No ano de 1880, as línguas de sinais passaram a ser proibidas em todo o mundo, por causa do Congresso de Milão. Todos os países passaram a usar métodos orais para ensinar pessoas surdas. A partir na década de 1990, o método oral começou a perder força no ensino aplicado nas escolas e fortalecia-se a educação bilíngue.

No ano de 2002, eu, surdo de nascença, estava com 20 anos e comecei a aprender Libras, por insistência da minha mãe. Antes disso, meus pais receberam, como orientação dos médicos e de outros profissionais da saúde, que não aprendêssemos a língua de sinais. Eu e meus dois irmãos somos surdos.

¹ Tradução livre de Institution Nationale des Sourds-muets de Paris.

Com o aprendizado da Libras, comecei a compreender o mundo da cultura surda e a nova modalidade da língua, apesar de ter aprendido também, com muita dificuldade, a língua portuguesa desde minha educação infantil.

Embora eu tivesse muitas dúvidas pertinentes ao português, aprendi nas aulas de Língua Portuguesa, com metodologias voltadas para pessoas ouvintes, que tópico era a primeira palavra separada por vírgula de um determinado enunciado. Confesso que essa explicação nunca foi algo claro e, no meu entendimento, carecia de explicações mais elucidativas. Compreender o tópico em diferentes línguas passou a ser uma meta pessoal, uma vez que o recurso da topicalização é recorrente em Libras. Investigar o tópico e como ele se manifesta em diferentes línguas, sejam elas orais ou de sinais, despertava em mim profundo interesse. Somente na pós-graduação, cursando as disciplinas do mestrado, encontrei parte das respostas referentes à topicalização. Surgia ali meu objeto de pesquisa.

1.2. Problematização

Conforme a OMS – Organização Mundial da Saúde, o mundo tem cerca de 466 milhões de pessoas com deficiência auditiva. A estimativa é de que, até o ano de 2050, mais de 900 milhões de pessoas se declarem pessoa com deficiência auditiva. Atualmente, no Brasil, existem em torno de 9,7 milhões de pessoas com deficiência auditiva, o que corresponde a 5% do total da população brasileira, segundo dados de 2010 do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Em 2002, foi criada a Lei n.º 10.436, que reconhece Libras como “meio legal de comunicação e expressão” para a comunidade surda. Tal reconhecimento tem significado o ganho de vários direitos associados ao uso da Libras nos diversos meios institucionais, que passam a ser obrigados a oferecer acessibilidade linguística aos surdos.

Existem outras línguas de sinais (LS) no Brasil já identificadas por diferentes pesquisadores em vários estados, a saber: Língua de Sinais Urubu-Kaapor (Maranhão), Língua de Sinais Kaingangue (Santa Catarina), Língua de Sinais Sateré-Waré (Amazonas), Língua de Sinais Cena (Piauí), Língua de Sinais Acenos (Acre) e Língua de Sinais da Fortalezinha (Pará) (Quadros, 2019). A Libras e as demais LS merecem ser preservadas e bem compreendidas, daí a necessidade de descrevê-las por meio de análises linguísticas bem como conhecer especificidades dessas comunidades.

Sobre a Libras, há descrições linguísticas no Brasil desde meados da década de 1980. Ela recebeu várias contribuições por meio de diferentes estudos, como os da pesquisadora Gladis Rehfeldt, precursora de estudos da gramática de Libras com o capítulo “Linguistic Basis for the Description of Brazilian Sign Language”², do livro *The Sign Language of Brazil*³, de Hoemann, Oates e Hoemann (1981).

Lucinda Ferreira Brito foi uma pioneira nos estudos sobre Libras. Em 1984, publicou o artigo “Similarities and Differences in Two Brazilian Sign Languages” no qual faz um contraste entre a Libras e a Língua de Sinais Urubu–Kaapor, da comunidade indígena bilíngue Kaapor no Maranhão, onde vivem surdos e ouvintes. E, principalmente, em 1995, publicou a obra *Por uma gramática de línguas de sinais* e diversos outros estudos gramaticais, entre eles: *Negação em uma língua de sinais brasileira*, junto com Remi Langevin (1994) e *Repetição e reduplicação em Língua Brasileira de Sinais*, (2001).

Tanya Felipe publicou uma dissertação com o título *O Signo Gestual-Visual e sua Estrutura Frasal na Língua dos Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros*, em 1988.

Em 2004, Quadros e Karnopp também contribuíram de maneira significativa para os estudos da Libras com a publicação do livro *Língua de Sinais Brasileira – Estudos linguísticos*.

A partir dessas primeiras pesquisas, vêm sendo realizados estudos mais sistemáticos da Língua Brasileira de Sinais, com a ampliação de publicações de teses, dissertações, artigos e diferentes textos, sobretudo, depois da criação do curso de Licenciatura em Letras Libras e do Bacharelado em Letras Libras, ambos oferecidos na modalidade a distância e também presencial pela UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, pioneira na oferta do curso que implementou em 16 estados no Brasil, com 767 licenciados e 312 bacharéis em Letras Libras (Quadros, 2015). Um desses polos ocorreu no Distrito Federal, fruto da parceria entre a UFSC e a Universidade de Brasília.

Além da implementação desses cursos, também a criação da disciplina Libras Básico, nos cursos de graduação, a partir de 2011, contribuiu para a disseminação da língua e para que a área da Libras também ganhasse força na UnB. Na sequência, houve um significativo aumento de alunos surdos no mestrado e no doutorado do Programa de

2 Em tradução livre: Bases linguísticas para a descrição da Língua Brasileira de Sinais.

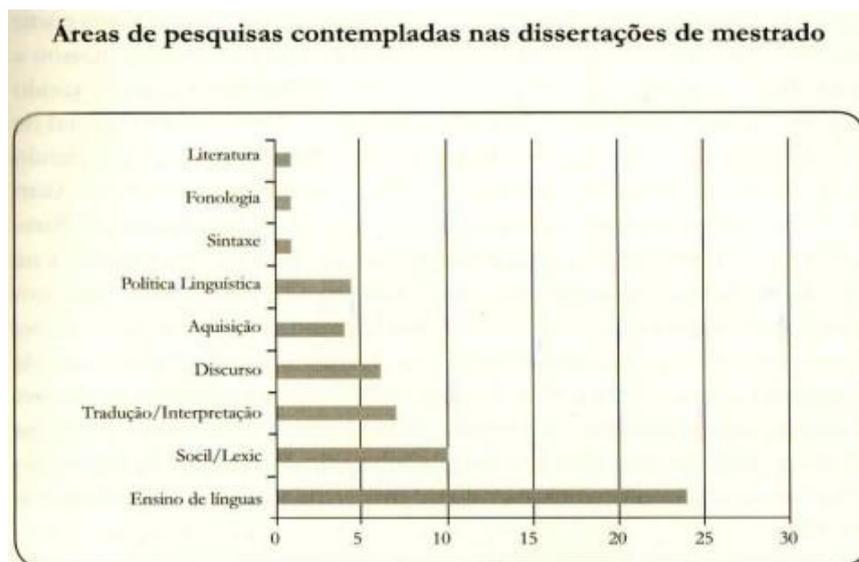
3 Em tradução livre: A Língua de Sinais do Brasil.

Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da UnB, por meio de políticas de reserva de vagas e bolsas para esses estudantes.

Hoje, a língua de sinais é mais reconhecida e respeitada, em parte graças aos meios televisivos e aos movimentos sociais, especialmente promovidos pelos surdos. Um exemplo disso é que, em 2017, com a solicitação da comunidade surda e da Feneis Nacional para ampliar o acesso à língua para os candidatos surdos, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) contou com a primeira videoprova em Libras. Isso deu mais visibilidade à língua e possibilitou novas pesquisas sobre ela, especialmente na perspectiva da sintaxe e com foco na tradução. Esses vídeos em Libras também ajudarão a quebrar paradigmas nas pesquisas sobre topicalização, constituição e ordem dos constituintes em Libras, abrindo caminho para futuros estudos.

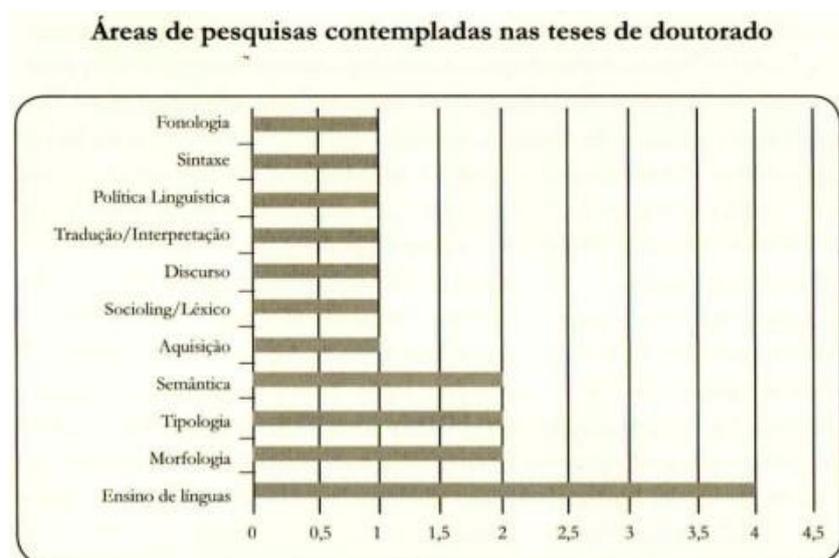
De acordo com a literatura, o campo mais investigado em pesquisas de mestrado e de doutorado sobre Libras é o “ensino de línguas”, como mostram os dados a seguir:

Figura 1 – Áreas de pesquisas sobre Libras no mestrado



(Quadros; Stumpf e Leite, 2013, p. 17-18)

Figura 2 – Áreas de pesquisas sobre Libras no doutorado



(Quadros; Stumpf e Leite, 2013, p. 17-18)

Estudos em outras áreas, sobretudo na área da sintaxe, da semântica e da pragmática, merecem mais atenção. Dessas áreas, surge a necessidade de elucidar temas como tópico, topicalização, constituência, ordem de constituência, relações gramaticais, papéis semânticos, tipos verbais, classificadores, incorporação e muitos outros. Esses são temas de que trataremos nesta tese, buscando aprofundar principalmente topicalização, constituência e ordem de constituintes.

Durante as aulas de mestrado, pude perceber que a linguística é uma área extremamente rica para investigação, seja no campo das palavras ou dos sinais⁴, seja na maneira como eles se organizam, seja nas escolhas feitas pelos interlocutores. A partir da necessidade de aprofundar a pesquisa sobre a língua de sinais brasileira, fiz uma análise linguística no mestrado para investigar se ocorria a voz passiva em Libras (ver Miranda, 2014). Nessa pesquisa, testei a hipótese de existência de construções passivas na Língua Brasileira de Sinais e analisei diversos dados gerados por colaboradores surdos. A pesquisa revelou que a Libras não apresenta uma estrutura que possa ser classificada como voz passiva. Os dados, no entanto, revelaram a presença recorrente do paciente em posição de tópico à esquerda, por meio da mudança da ordem de constituintes, que passava de Sujeito-Objeto-Verbo para Objeto-Sujeito-Verbo. Embora haja essa

⁴ “Sinal” em Libras é equivalente a “palavra” em línguas orais.

topicalização, não há uma forma verbal específica para passiva, o paciente não assume a função de sujeito e o agente não passa a uma posição sintática inferior a sujeito.

Em Quadros e Karnopp (2004, p. 140), são apresentados diferentes exemplos de sentenças topicalizadas em Libras e, em todas, segundo as autoras, “há alguma coisa a mais na sentença, como a concordância e as marcas não-manuais”. Segundo elas, a **mudança da ordem dos constituintes** condicionada ao **elevantar da sobrancelha** seriam fatores determinantes para constituir a topicalização em Libras. Essa será nossa principal hipótese de pesquisa nesta tese.

Algo muito semelhante já havia sido descrito para a American Sign Language (ASL), a Língua Americana de Sinais, com uma riqueza maior de detalhes:

Os tópicos geralmente são acompanhados por uma marcação não manual, que é específica de tópico, a qual normalmente consiste em **sobrancelhas levantadas e inclinação para trás da cabeça**. Frequentemente, a cabeça é abaixada simultaneamente com a última parte do sinal. A marcação de tópico não manual também pode envolver o **alargamento dos olhos**, e pode ser seguida por alguns sinais rápidos. Existem outras formas de sinalizar tópico de forma não manual. Um deles é **a mudança do corpo (*bodyshifting*) de um lado para o outro**. O sinalizador muda e usa o espaço de um lado de seu corpo para sinalizar a parte topicalizada do enunciado, depois muda para o outro lado para sinalizar o resto do enunciado⁵ (Aarons, 1994, p. 70, tradução e grifos nossos).

Em Miranda (2014), os colaboradores surdos, ao produzirem diferentes enunciados, topicalizaram o paciente por meio da mudança de ordem, porém não elevaram a sobrancelha ou utilizaram alguma outra expressão não-manual, como em ASL.

Dito isso, ressalta-se a importância para o que realmente nossa pesquisa se propõe: investigar o processo de topicalização em Libras e entender como seria esse processo e sua recorrência. Mas para tanto precisamos também investigar a constituência, a ordem de constituintes, a relevância/dificuldade ou não de identificar relações gramaticais em Libras, os papéis semânticos dos principais participantes da oração transitiva prototípica

5 No original: Topics are usually accompanied by a specific non-manual topic marking, which typically consists of raised eyebrows and backward tilt of the head. Frequently the head is lowered concurrently with the latter part of the sign. Nonmanual topic marking may also involve widening of the eyes, and may be followed by a few rapid head nods. There are other ways of signalling topics non-manually. One of these is bodyshifting from side to side. The signer shifts and uses the space to the one side of his body to sign the topic part of the utterance, then shifts to the other side to sign the rest of the utterance. (Aarons, 1994, p. 70).

e outros temas correlatos como os tipos verbais (incluindo aí os “verbos classificadores” e a “incorporação”).

1.3. Justificativa

Nos estudos que descrevem fenômenos linguísticos das línguas de sinais, é recorrente encontrarmos pesquisas ancoradas em análises de línguas orais ou em comparações com a ASL (língua americana de sinais - EUA), conforme observa Araújo, P. (2016, p. 50):

Para os neófitos da linguística das línguas de sinais um primeiro contato com a literatura sobre essas línguas se dá geralmente com comparações entre a língua de sinais do seu país e a língua majoritária, de modalidade falada. No caso do Brasil, são a LIBRAS e a língua portuguesa. Sendo a ASL uma das línguas de sinais mais estudadas no mundo, boa parte de estudos sobre a LIBRAS é pautada em estudos já realizados na ASL.

Para tratar de topicalização em Libras, faz-se necessária uma investigação minuciosa sobre a ordem básica dos constituintes nas sentenças. Para Quadros (1999), a ordem básica da Língua Brasileira de Sinais é Sujeito-Verbo-Objeto (SVO). Segundo a pesquisadora, todas as frases com a ordem SVO são gramaticais (Quadros e Karnopp, 2004, p. 139). Mas, afinal, que propriedades formais têm os chamados “sujeito” e “objeto” em Libras? Seriam mesmo relações gramaticais relevantes para a compreensão dessa língua ou deveríamos usar em seu lugar conceitos como agente, paciente, destinatário, tema, ou seja, papéis semânticos? E ainda qual é a fronteira entre os constituintes em Libras? Como identificar um constituinte nessa língua?

Brito (2010) afirma que, conforme Fischer (1975), a ordem básica das frases em ASL é também SVO, porém, a pesquisadora questiona se essa ordem poderia ser constituída por *interferência* do inglês (Brito, 2010, p. 61). Nos estudos de Quadros e Karnopp (2004), os exemplos utilizados em Libras são exemplos estudados em ASL e, segundo as pesquisadoras, são também usuais em Língua Brasileira de Sinais. Portanto, há carência de estudos descritivos e explicativos nesse sentido e que possam começar a responder as perguntas feitas no parágrafo imediatamente anterior.

Os resultados desta pesquisa também podem vir a ser base para a construção posterior de material didático a ser usado no ensino formal da Libras, que atualmente é

disciplina obrigatória em todas as licenciaturas, no ensino superior, bem como no curso de Fonoaudiologia, de acordo com o Decreto n.º 5.626/2005. Com o Plano Nacional de Educação (2014), Libras tornou-se também componente curricular obrigatório da educação infantil, do ensino fundamental e médio na educação básica, em escolas que atendem surdos. Em formações continuadas da Secretaria de Educação do Piauí para professores surdos das quais participei como formador, foi possível observar a necessidade de investigar o fenômeno da topicalização e ordem de constituintes, os quais ainda são apresentados de maneira superficial no ensino de Libras ou, pior, muitas vezes são negligenciados.

1.4. Objetivos

1.4.1. Geral

Investigar os processos de topicalização, constituência e ordem de constituintes em Libras.

1.4.2. Específicos

1. Identificar constituintes em Libras;
2. Investigar a ordem dos constituintes em Libras com verbos transitivos prototípicos;
3. Identificar as estratégias de topicalização em Libras com verbos transitivos prototípicos.

1.5. Perguntas e hipóteses de pesquisa

Tomando os objetivos específicos como pontos de partida, são as seguintes nossas perguntas de pesquisa:

- 1 Como identificar constituintes em Libras?
 - 1.a A identificação de constituintes em Libras ocorreria por meio da mudança de posição no espaço (cf. Leite, 2008).
 - 1.b Haveria, em Libras, mudança de direção do olhar e/ou piscadas dos sinalizadores para marcar a fronteira entre constituintes (cf. Leite, 2008).

- 2 Qual é a ordem de constituintes canônica da Libras com verbos transitivos prototípicos e quais são as demais ordens?
 - 2.a A ordem canônica em Libras seria SVO (cf. Brito, 2010, p. 23; Quadros e Karnopp, 2004, p. 139-155); Dias, 2015, p. 107).
 - 2.b A ordem tópico-comentário é uma ordem muito frequente (cf. Brito, 2010, p. 23).
 - 2.c A topicalização muda a ordem de constituintes básica (cf. Quadros e Karnopp, 2004, p. 139-155).
- 3 Quais são as estratégias de topicalização que a Libras usa?
 - 3.a Ocorre sempre deslocamento para o início da sentença (cf. Moraes, 2013, p. 41-42).
 - 3.b Ocorre sempre elevação da sobrançelha junto ao constituinte topicalizado (cf. Moraes, 2013, p. 41-42).
 - 3.c Haveria uma pausa entre o tópico e o restante da sentença (cf. Moraes, 2013, p. 41-42).
 - 3.d Afora a elevação da sobrançelha, outros sinais não manuais estariam envolvidos no processo de topicalização.
 - 3.e A apresentação dos tópicos da conversação seria feita por meio de uma predicação existencial não-verbal, não cabendo falar-se em relações gramaticais.
 - 3.f A introdução de tópico ou tópicos seria feita também por meio da distribuição dos participantes no espaço à frente do sinalizante, o que não configuraria tampouco relações gramaticais no enunciado.

1.6. Introdução ao referencial teórico básico

Esta pesquisa parte do pressuposto de que a língua é dinâmica e que seus componentes devem ser analisados, preferencialmente, a partir da interação comunicativa. Logo, ela pretende analisar a língua a partir do seu uso nas mais diferentes situações comunicativas e, portanto, adota o referencial teórico funcional-tipológico: Givón (2001), Payne (1994,1997), Hopper e Thompson (1980), Shibatani (1985), Shibatani e Bynon (1995), Whaley (1997), Cunha, Oliveira e Martelotta (2003), Cunha e Souza (2011), Oliveira (2004, 2015), Chafe (1994, 1979, 1976), Martelotta e Kenedy (2015), Neves (2000), entre outros. O funcionalismo

[...] caracteriza-se por conceber a língua como um instrumento de comunicação que não pode ser analisado como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical (Cunha, Oliveira e Martelotta, 2003, p. 14).

A literatura desta tese é baseada nos fundamentos na teoria funcionalista, desde os primeiros pesquisadores americanos que desenvolveram suas teorias, a partir na década 1970, até a ampliação dessas pesquisas no mundo inteiro. De acordo com Cunha, Oliveira e Martelotta (2003, p. 16 e 17):

O termo funcionalismo ganhou força nos Estados Unidos a partir da década de 1970, passando a servir de rótulo para o trabalho de linguísticas como Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón, que passaram a advogar uma linguística baseada no uso, cuja tendência principal é observar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística.

Importante mencionar que análises linguísticas na linha funcional se dão na análise do contexto linguístico e da situação extralinguística. O funcionalismo valoriza tanto as competências linguísticas quanto as performances, e preocupa-se em entender as expressões linguísticas de maneira interacionalmente satisfatória (Neves, 1997).

A partir desse recorte funcionalista, a presente pesquisa analisa como ocorre o processo de topicalização em Língua Brasileira de Sinais, discute a ordem de constituintes e a importância de papéis semânticos e estratégias pragmáticas.

Partindo do pressuposto de que o funcionalismo analisa a função que a forma linguística desempenha nos atos comunicativos e buscando no contexto discursivo suas motivações, é por meio da interação social, que conseguimos nos comunicar com o outro. No caso da pessoa surda, um ponto importante que precisa ser mencionado é a dificuldade na interação com os ouvintes em virtude da comunicação. Por meio do contato com o outro adquirimos uma língua. De acordo com Skliar (2006, p. 93), cerca de 95% ou 96% dos surdos nascem em famílias de pais ouvintes, que se comunicam em português oral, enquanto Goldfeld (1997, p. 40) afirma que mais de 90% dos filhos surdos possuem pais ouvintes. Para adquirir uma língua de sinais, o surdo precisa estar exposto a esta língua.

Na língua de sinais, como nas demais línguas, existe uma organização estrutural dos diferentes níveis: fonologia (quirolgia ou sigmanulgia)⁶, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática. Por meio da gramática, é possível analisar descritivamente a língua, de acordo com o discurso dos indivíduos em uma dada sociedade e cultura. No Funcionalismo, portanto, reconhece-se a relação entre a gramática e o discurso.

Parte-se do princípio de que há uma simbiose entre discurso e gramática: o discurso e a gramática interagem e se influenciam mutuamente. A gramática é compreendida como uma estrutura em constante mutação/adaptação, em consequência das vicissitudes do discurso. Logo, a análise de fenômenos linguísticos deve estar baseada no uso da língua em situação concreta de intercomunicação (Cunha, Bispo e Silva, p. 14, 2013).

Quanto à questão da gramática da língua em uso, ela é analisada de forma descritiva e funcional, a fim de descobrir como ocorrem os processos de topicalização e temas correlatos em Libras. A gramática é fundamental para entendermos como os indivíduos surdos se identificam e compreendem os diferentes enunciados, como formulam e expressam seus pensamentos. Cunha, Bispo e Silva, (p. 14, 2013) afirmam que “A gramática é vista como representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua; portanto, ela pode ser afetada pelo uso linguístico”. Assim, defendemos a importância de destacar que a representação cognitiva é o sistema que abrange as informações no dia a dia na mentalidade através da cultura e da sua convivência.

Para analisarmos os processos de topicalização em Libras, é preciso, primeiramente, definir o termo tópico.

Um conceito simples e amplamente aceito em Linguística afirma que o tópico é elemento de um enunciado a partir do qual o enunciadador desenvolve um comentário (cf. Creissels, 2006; Givón, 2001b). Três fatores podem condicionar a escolha do tópico:

1. o conhecimento compartilhado pelos interlocutores: há tendência a se organizar o discurso sobre um referente já conhecido pelo ouvinte;
2. o contexto: de modo geral, os elementos já apresentados (informação velha) se utilizam mais naturalmente como tópicos que elementos novos (informação nova);

6 Conforme Ferreira e Ferreira (2012), Stokoe (1960) utilizou o termo “quiremas” para identificar as unidades mínimas das configurações das mãos, locação e movimento e os estudos das unidades de quirolgia e posteriormente passou a ser chamado de fonemas e fonologia. “Sigmatologia” é o termo criado pelo pesquisador surdo Valdo Nóbrega (2016).

3. as propriedades de topicalidade que possuem intrinsecamente os nomes ou que decorrem de seu papel semântico (cf. Escala de topicalidade/agentividade): humanos e agentes.

Givón (1995) entende que tópico é uma categoria híbrida, em que há uma relação com a oração e também com a coerência discursiva do texto, podendo ser analisada a partir das seguintes propriedades:

Acessibilidade anafórica: se o referente atual tem antecedente de texto anterior e, em caso afirmativo, até onde e, presumivelmente, quão cognitivamente acessível é essa antecedência.

Persistência catafórica: se o referente atual se repete no texto a seguir, e, se sim, com que frequência, e, portanto, presumivelmente, quão tematicamente importante ou atenciosamente ativado ele é (Givón, 1995, p.77, grifos nossos).

Topicalização e focalização se referem a operações enunciativas que têm por efeito explicitar certos aspectos da estrutura discursiva do enunciado, quaisquer que sejam os procedimentos formais utilizados.

Givón (2001b, p. 265, tradução e grifos nossos) descreve um dos tipos de topicalização que discutiremos nesta tese, a **topicalização com deslocamento à esquerda** (*left-dislocation*, nas palavras do autor) e assim a define: “é tipicamente uma estratégia para marcar referentes tópicos, mais comumente **definidos** e **anafóricos**, que estiveram fora do foco de atenção por um tempo e estão sendo trazidos de volta para o discurso”⁷.

Na topicalização, estariam envolvidos dois aspectos pragmáticos de referência: **acessibilidade referencial** (anáfora) e **importância temática** (catáfora). Segundo esse autor, argumentos de tipo tópico tendem a ser acessíveis anaforicamente. A seguir, apresentamos um exemplo:

A. Falante 1: O que você ofereceu para João?

B. Falante 2: Para João, eu ofereci um livro.

⁷ Lef-dislocation is typically a device to mark topical referents, most commonly definite and anaphoric ones, that have been out of the focus of attention for a while and are being brought back into the discourse (Givón, 2001b, p. 265).

No exemplo B, ocorre topicalização à esquerda de um constituinte já introduzido anteriormente (acessível referencialmente – anáfora) e dois contornos entonacionais bem delimitados. Assim, a topicalização é o nome dado ao processo formal para indicar um tópico em um discurso.

Em nossa pesquisa de mestrado sobre Libras,

[...] percebemos a presença frequente da topicalização, mas sem passiva [em Libras] [...]. Percebemos que nessa língua é possível colocar o paciente em posição de tópico com a mudança de ordem [para a esquerda da oração], mas não foi usada uma forma passiva para essa topicalização, afinal os dados não revelaram mudança nas funções sintáticas dos argumentos, em que o paciente teria assumido a função de sujeito (Miranda, 2014, p. 70-71).

Dadas as lacunas existentes nos estudos sobre tópico e topicalização, e temas correlatos a esses — como constituência e ordem de constituintes em Libras —, há a necessidade de analisar dados reais de sinalizantes que nos auxiliem a compreender bem esses temas em Libras.

1.7. Introdução à metodologia

A metodologia usada nesta tese, com o objetivo de observar a língua em uso, é o de análise de entrevistas produzidas por surdos e surdas para o *corpus* de Libras da UFSC, em busca de exemplos espontâneos de topicalização e mudança da ordem de constituintes básica, além de outros fenômenos discutidos ao longo desta tese e correlatos a esses.

E ainda aplicamos testes de constituência para identificar constituintes em Libras e as possíveis ordens de constituintes em orações transitivas prototípicas. Além desses testes, foram também colocados sob avaliação de surdos de nível básico (Ensino Fundamental e Ensino Médio) e superior, tanto da área de Letras/Linguística quanto de outras áreas, enunciados com topicalização e sem topicalização, com base em exemplos usualmente citados na literatura linguística sobre o assunto. A intenção foi verificar se surdos, especialmente os que não são da área de Letras e Linguística, aceitam os enunciados topicalizados em Libras, identificam as marcas não manuais comumente associadas a esses enunciados e produziram enunciados assim. Já o grupo formado por surdos da área de Letras e Linguística funcionou como um contraponto ao outro grupo, o

que nos poderia revelar influência ou não dos estudos formais nessa área desses surdos com relação ao tema desta tese.

A base metodológica da tese é a pesquisa qualitativa, com leve tratamento quantitativo dos dados produzidos nos testes de constituição. Usamos também entrevistas semiestruturadas para termos breve conhecimento a respeito do grau de proficiência em Libras do surdo e de seu perfil acadêmico.

Trechos dos vídeos selecionados foram inseridos e analisados por meio do ELAN (EUDICO *Linguistic Annotator*), que é um *software* bastante útil para analisar minuciosamente os movimentos das mãos e expressões não-manuais. Mais detalhes serão apresentados no capítulo referente à metodologia.

Esta tese está dividida em sete capítulos. No Capítulo 1, apresentamos uma introdução que aborda um pouco sobre a Libras e o despertar do interesse pelo tópico durante minha vida educacional. Incluímos a justificativa da pesquisa, a problematização da Libras e da linguística de Libras, os objetivos propostos da tese, as perguntas e hipóteses, e a pesquisa relacionada à literatura de Libras, além dos introdutórios ao referencial teórico básico e à metodologia da pesquisa. No Capítulo 2, discutimos os testes de constituintes, a constituição das línguas de sinais com suas respectivas ordens, as expressões e os sinais não manuais, e a topicalização em Libras. No Capítulo 3, mostramos os conceitos das relações gramaticais e das relações gramaticais específicas da Libras, os tipos de espaços em línguas de sinais e os papéis semânticos da literatura linguística. No Capítulo 4, ilustramos os tipos de verbos em Libras com suas respectivas ordens de constituintes e a topicalização. No Capítulo 5, apresentamos a metodologia da pesquisa que utilizamos, incluindo entrevistas, questionários, o *corpus* em Libras da UFSC, o programa ELAN e os sistemas de notação de glosas para Libras dos pesquisadores Felipe e Monteiro (2001), Quadros e Karnopp (2004), Brito (1995, 2010) e Olizaroski (2017). No Capítulo 6, ilustramos o desenvolvimento da pesquisa com dez colaboradores surdos para identificar as escolhas de falantes de Libras entre sentenças com topicalização. No Capítulo 7, examinamos sentenças extraídas do *corpus* em Libras da UFSC para identificarmos o comportamento das topicalizações, especificamente as expressões não manuais. Encerramos a tese com considerações finais e, por último, as referências bibliográficas.

CAPÍTULO 2 – Constituição, ordem de constituintes e introdução a tópico e topicalização em Libras

Neste capítulo, apresentaremos uma revisão da literatura sobre temas da sintaxe e pragmática da Libras, especificamente relacionados a constituição, ordem de constituintes, e tópico/topicalização. O presente capítulo está dividido em três seções. Na seção 2.1, definimos constituição e constituintes, apresentando os testes para sua identificação. A seção 2.2 trata da ordem dos constituintes em Línguas de Sinais e, particularmente, em Libras. Na seção 2.3, introduzimos o tema tópico e topicalização em Libras.

2.1. Constituição e constituintes

Em uma língua, as palavras não ocorrem de modo aleatório. Elas formam constituintes de acordo com as categorias gramaticais da língua, e esses constituintes se ordenam nas sentenças de acordo com as regras sintáticas e/ou pragmáticas da língua. Há uma organização estrutural das frases utilizadas pelos falantes da língua, que a desenvolvem via convívio social.

[...] a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso. A sintaxe tem a forma que tem em razão das estratégias de organização da informação empregadas pelos falantes no momento da interação discursiva. Dessa maneira, para compreender o fenômeno sintático, seria necessário estudar a língua em uso, em seus contextos discursivos específicos, pois é nesse espaço que a gramática é constituída. [...] (Nepomuceno; Muniz, 2010, p. 8).

O falante desenvolve sua capacidade de construir frases para se expressar por meio do seu conhecimento intelectual e também do conhecimento da sintaxe da língua para que os outros o compreendam. Existe uma ordem e uma hierarquia entre os elementos que constituem as frases. Não basta usar as palavras de qualquer maneira. Observemos os exemplos das frases a seguir:

(1)

- a. O caçador matou uma onça preta.
- b. *Onça uma matou preta caçador o.

A frase (1a) é compreendida por falantes de Português, pois segue as regras sintáticas de ordenamento e hierarquia entre os constituintes ou sintagmas (esse é outro

termo aplicável ao fenômeno sintático em análise). No caso da frase (1b), não se identificam essas regras, sendo uma frase agramatical, característica indicada também pelo uso do asterisco. Os artigos, por exemplo, estão depois dos substantivos, violando a ordem interna do sintagma nominal (SN) do português. O constituinte objeto direto está na posição pré-verbal, enquanto o sujeito está no final da frase. Isso também viola, de certa forma, a ordem de constituintes, tornando a frase ambígua, especialmente quando sujeito e objeto direto são ambos agentes em potencial como em (1b).

A necessidade de identificar a ordem interna entre os componentes de um sintagma e a ordem entre sintagmas também é observada em línguas de sinais. Em Libras, o exemplo (1c) a seguir, que está transcrito em glosas, traz uma frase possível, com ordenamento interno no SN válido e ordenamento entre os constituintes também válido. Já o exemplo (1d) não traz esses ordenamentos de forma gramatical em Libras:

1c. [MINHA ESPOSA] [PAI DELA] [COMPROU] [CASA] [ONTEM]

‘O pai da minha esposa comprou uma casa ontem.’

<https://youtu.be/tIJYXB2AvFk>



1d. *[COMPROU] [PAI DELA] [CASA] [ONTEM] [MINHA ESPOSA]

<https://youtu.be/DRvyH1wZPOg>



No exemplo (1d), houve mudanças na ordem prevista em Libras que deixam o leitor confuso. Logo, para entender a organização estrutural das frases, é necessário compreender o papel dos constituintes. Os constituintes são fundamentais para identificar a noção das combinações dos elementos das frases.

Conforme Grahl (2004), a gramática tradicional já fazia uma divisão das frases em partes constituintes: sujeito, predicado, locuções, mas de maneira ineficiente e insuficiente para a compreensão de sintagmas, de constituintes. A introdução da análise em constituintes imediatos foi feita por Bloomfield (1961, p. 161 *apud* Grahl, 2004, p. 4-5) na primeira metade do século XX:

Qualquer falante inglês que se interesse pelo assunto está seguro de dizer que os constituintes imediatos de *Poor John ran away*⁸ são as duas formas *poor John* e *ran away*; e que cada uma dessas partes é, portanto, uma forma complexa; que os constituintes imediatos de *ran away* são *ran*, um morfema,

⁸ Tradução nossa: O pobre John fugiu.

e *away*, uma forma complexa, cujos constituintes são os morfemas *a-* e *way*; e que os constituintes de *poor John* são os morfemas *poor* e *John*.

Os estudos dos constituintes propostos por Bloomfield foram fundamentais para a análise descritiva das unidades de palavras, no caso de morfemas, e também dos sintagmas nas frases. Ainda de acordo com Grahl (2004), foram Wells e Harris que viriam a desenvolver esses estudos a partir de critérios distribucionais.

Já para Lyons (1979, p. 242, *apud* Grahl, 2004, p. 5),

a teoria da estrutura constituinte foi formalizada e submetida à análise matemática por Chomsky e outros estudiosos que dispensaram considerável atenção à natureza das regras necessárias para a geração de frases com uma estrutura constituinte apropriada.

Para Negrão, Sher e Viotti (2008, p. 88): “[...] temos uma intuição a respeito de como as sequências de elementos linguísticos devem se estruturar sucessivamente, de modo a formar unidades mais e mais complexas, até chegarmos à formação de uma sentença”. Os falantes internalizam e conhecem as regras de ordenamento e hierarquia de uma língua e as usam de maneira inconsciente. É um tipo de conhecimento, ao nosso ver, aprendido durante o processo de aquisição de uma língua. Como afirma Eliseu (2014, p. 1): “o conhecimento sintático inclui saber como as palavras se combinam para formar unidades sintáticas mais vastas”.

Cabe, neste momento, fazer uma ressalva importante. Com base em princípios elementares do funcionalismo linguístico, defendemos que esse conhecimento sintático não é autônomo, pois depende fortemente da parte funcional do sistema linguístico: a semântica, a pragmática e o discurso, fatores fortemente aprendidos nas diversas interações sociais. O debate em torno da identificação de constituintes faz-se necessário para prosseguirmos em nossas análises sobre a ordem de constituintes em Libras, a identificação de tópico e de processos de topicalização nessa língua. Ao lançar mão de pesquisas sobre o tema “constituintes”, nos valem de certos recursos teóricos presentes em outras teorias linguísticas, como a teoria gerativa, sem, contudo, tomar os princípios norteadores/ epistemológicos dessas teorias como nossos. Não defendemos aqui, por exemplo, a intuição e/ou a gramática universal (GU).

Sobre constituintes imediatos nos estudos sobre Libras, muito pouco foi desenvolvido. Por isso, é necessário conceituar constituintes ou sintagmas e explicar como identificá-los.

Assim, o conceito de constituinte está voltado, em parte, para a sequência dos elementos das frases e, principalmente, relaciona-se com o conhecimento que os falantes adquiriram sobre as combinações das unidades sintáticas. Para entender isso, é necessário que os constituintes sejam identificados por meio de testes de constituintes, os quais passaremos a apresentar a seguir.

2.1.1. Como identificar constituintes?

Existem diversas maneiras para identificar constituintes. Para Grahl (2004, p. 5): “Como os constituintes não são imediatamente observáveis, faz-se necessária a elaboração de critérios a fim de determiná-los. Esses critérios são processos gramaticais que nos permitem verificar a existência e as diferentes categorias de constituintes”. Por isso, selecionamos alguns testes com base nos seguintes estudos: Grahl (2004), Eliseu (2014), Kenedy (2013) e Negrão, Sher e Viotti (2008).

2.1.1.1. Deslocamento: topicalização, clivagem e passivização

Grahl (2004, p. 5) afirma que um constituinte pode ser recolocado em diversas posições na frase, desde que a frase continue compreensível pelos falantes. Para ele, este tipo de **deslocamento** é chamado de mobilidade: “[...] se uma sucessão de palavras forma um constituinte, esse pode ser colocado em diversas posições no interior da frase”.

Vejamos os exemplos dados por Grahl (2004, p. 5):

(2)

- a. A criança comeu aqueles doces em sua casa [na semana passada]⁹.
- b. [Na semana passada], a criança comeu aqueles doces em sua casa.
- c. A criança, [na semana passada], comeu aqueles doces em sua casa.
- d. A criança comeu, [na semana passada], aqueles doces em sua casa.
- e. *A criança comeu aqueles doces em sua [na semana passada] casa.

Além da possibilidade de constatar que “na semana passada” é um constituinte, justamente porque se move como um sintagma nesses exemplos (2b, 2c, 2d), o exemplo (2e) traz um outro critério, o da **ininseribilidade**, em que o constituinte [em sua casa] não pode ser rompido pela inserção de outro constituinte dentro dele:

⁹ Na maioria dos exemplos das frases neste capítulo, utilizamos colchetes [] para indicar os constituintes.

[...] se uma sequência de palavras forma um constituinte, esse não pode ser interrompido inserindo-se nele um outro constituinte, pois ‘na semana passada’ está inserido entre ‘em sua’ e ‘casa’, portanto tanto ‘na semana passada’ como ‘em sua casa’ seriam constituintes (Grahl, 2004, p. 5).

Negrão, Sher e Viotti (2008, p.90) apresentam várias formas de deslocamento, um dos tipos é o **deslocamento por topicalização**. Os constituintes da sentença podem ser deslocados para a posição inicial, que é posição de tópico em Português, conforme exemplos dos autores:

(3)

- a. [Amanhã], o João vai comprar o último livro do Chomsky na Borders’.
- b. [Na Borders’], o João vai comprar o último livro do Chomsky amanhã.
- c. [O último livro do Chomsky], o João vai comprar na Borders’ amanhã.
- d. [Do Chomsky], o João vai comprar o último livro na Borders’ amanhã.
- e. [Comprar o último livro do Chomsky], o João vai amanhã, na Borders’.

Outro tipo de deslocamento para identificar constituintes é a chamada **clivagem**: o constituinte se move para o início da frase e ocorre a inclusão do verbo “ser” e do conectivo “que” em Português. A finalidade é pragmática: determinar um foco de contraste. Seguem os exemplos citados por Negrão, Sher e Viotti (2008, p.90):

(4)

- a. É [o João] que vai comprar o último livro do Chomsky na Borders’ amanhã.
- b. É [o último livro do Chomsky] que o João vai comprar na Borders’ amanhã.
- c. É [na Borders’] que o João vai comprar o último livro do Chomsky amanhã.
- d. É [amanhã] que o João vai comprar o último livro do Chomsky na Borders’.

Outro tipo de deslocamento, de acordo com Negrão, Sher e Viotti (2008, p. 90), envolve a colocação de alguns constituintes no final da frase. Em (5b), o objeto direto foi colocado após o objeto indireto¹⁰:

(5)

- a. O João contou [toda a história sobre aquele terrível mal-entendido]_{OD} [para a Maria]_{OI}.
- b. O João contou [para a Maria]_{OI} [toda a história daquele terrível mal-entendido]_{OD}.

Por fim, esses mesmos autores propõem que outro tipo de deslocamento é a

¹⁰ A indicação de subscritos é nossa, a fim de deixar mais didática a apresentação do tema.

passivização da frase:

(6)

- a. [O último livro do Chomsky] vai ser comprado pelo João amanhã na Borders?.
- b. [Toda a história daquele terrível mal-entendido] foi contada pelo João para a Maria.

Voltaremos a falar da relação entre passiva, topicalização e deslocamento mais à frente, quando mostraremos os resultados de nossa pesquisa de mestrado sobre a voz passiva em Libras (ver Miranda, 2014).

Por fim, Eliseu (2014, p.5) também abordou o deslocamento como um teste para identificar constituintes. Vejamos os exemplos desse autor (os colchetes são nossos):

(7)

- a. [A amiga da minha irmã] [jantou] [com os amigos] [em Sintra].
- b. [Jantou], [com os amigos] [em Sintra], [a amiga da minha irmã].
- c. [Em Sintra], [a amiga da minha irmã] [jantou] [com os amigos].
- d. [Com os amigos], [a amiga da minha irmã] [jantou] [em Sintra].
- e. *[A amiga] [jantou] [com os amigos] [em Sintra] *[da minha irmã].
- f. *[Os amigos], [a amiga da minha irmã] [jantou] *[com] [em Sintra].

Os exemplos (7e) e (7f) são agramaticais justamente por romperem com a estrutura de constituintes do Português: o sintagma [a amiga da minha irmã] não pode ser rompido (7e), e o sintagma [com os amigos], também não (7f). Passemos a outro teste de constituintes.

2.1.1.2. Inserção de advérbios

Outro teste de constituintes usado muito comumente é a inserção de advérbios, a qual tem o objetivo de verificar as fronteiras entre os constituintes. Logo acima, já havíamos introduzido esse assunto com o exemplo (2e), de Grahl (2004). Vejamos os exemplos de Eliseu (2014, p.4) a seguir (os colchetes são nossos):

(8)

- a. [A amiga da minha irmã] [jantou] [com os amigos] [em Sintra].
- b. [**Ontem**], [a amiga da minha irmã] [jantou] [com os amigos] [em Sintra].
- c. [A amiga da minha irmã] [**ontem**] [jantou] [com os amigos] [em Sintra].
- d. [A amiga da minha irmã] [jantou] [**ontem**] [com os amigos] [em Sintra].

- e. [A amiga da minha irmã] [jantou] [com os amigos] [**ontem**] [em Sintra].
- f. [A amiga da minha irmã] [jantou] [com os amigos] [em Sintra] [**ontem**].
- g. *[A amiga [**ontem**] da minha irmã] jantou com os amigos em Sintra.
- h. *A amiga da minha irmã jantou [com [**ontem**] os amigos] em Sintra.

Observamos que, nas frases (8b), (8c), (8d) e (8e), houve inserção do advérbio “ontem” em alguns lugares da sentença, justamente na fronteira entre os constituintes indicada pelos colchetes. Mas, nos exemplos (8g) e (8h), isso não resultou em sentenças gramaticais, justamente por romper constituintes das frases. Logo, o deslocamento ou a inserção do advérbio só é possível entre constituintes, os quais não podem ter sua estrutura interna rompida por outro constituinte.

2.1.1.3. Substituição por pronomes, proformas ou frases anafóricas

Grahl (2004, p.7) chama de substituição pronominal quando um ou mais constituintes da frase podem ser substituídos por **pronomes**. Vejamos os exemplos a seguir:

- (9)
- a. [O menino] comeu [aqueles doces].
 - b. [**Ele**] comeu [aqueles doces].
 - c. [Ele] comeu-[**os**].

Notamos que o constituinte “O menino” de (9a) foi substituído pelo constituinte “Ele” em (9b); e o constituinte “aqueles doces”, pelo constituinte “os” em (9c). Algo semelhante é defendido por Negrão, Sher e Viotti (2008, p.91 e 92), para quem as frases já enunciadas podem ser substituídas por **proformas** para retomar a referência de entidades e eventos. Seguem os exemplos:

- (10)
- a. [**O João**]_i vai comprar [**o último livro do Chomsky**]_k [**na Borders'**]_m amanhã.
 - b. [**Ele**]_i vai comprar o último livro do Chomsky na Borders amanhã.
 - c. O João vai comprar-[**lo**]_k na Borders' amanhã.
 - d. O João vai comprar o último livro do Chomsky [**lá**]_m amanhã.
 - e. O João vai fazer-[**lo**]_{y,k,m} [amanhã]_t.
 - f. o João vai fazer-[**lo**]_{y, k, m, t}

Constatamos que houve substituição por meio de proformas em (10b), (10c), (10d), (10e) e (10f) justamente os constituintes nessas frases¹¹.

Nessa abordagem sobre o teste de constituintes de tipo substituição, Grahal (2004) usa o termo “pronomes”, enquanto Negrão, Sher e Viotti (2008) usam o termo “proformas”. Por ser mais abrangente, consideramos este último mais adequado.

Além de abordar essa substituição, Eliseu (2014, p.6) propõe um teste para identificação do predicado, por meio do uso de uma **frase anafórica** com a utilização do advérbio “também”:

(11)

- a. Os alunos [compraram os livros] e as alunas [também].
- b. *Os alunos compraram os livros e as alunas também os cadernos.
- c. *Os alunos compraram os livros e as alunas também venderam.

Em (11a), o advérbio “também” retoma, por meio da anáfora, o predicado “compraram os livros”. Diferentemente em (11b) e (11c), não há retomada anafórica do predicado, e novos sintagmas são acrescentados às sentenças.

Um outro teste para determinação de objeto direto ocorre por meio da sua substituição por um **clítico acusativo**, como no exemplo (12b) a seguir, em que o constituinte “uma carteira nova” é substituído por “a”:

(12)

- a. A Rita ofereceu [uma carteira nova] ao avô.
- b. Ela ofereceu-[a] ao avô.
- c. * Ela ofereceu-a nova ao avô.

A agramaticalidade de (12c) ocorre por ter ficado de fora da substituição o adjetivo “nova”, que faz parte do constituinte e, por isso, não poderia aparecer sozinho na frase ao mesmo tempo em que se usa o clítico acusativo “a” para retomar o constituinte.

Por fim, o último teste de tipo substituição proposto por Eliseu (2014, p.6) se refere à determinação do objeto indireto, que é substituível pelo **clítico dativo** “lhe”:

(13)

- a. A Rita ofereceu uma carteira nova [ao avô].
- b. * A Rita ofereceu-[lhe] ao avô.
- c. A Rita ofereceu-[lhe] uma carteira nova.

¹¹ A indicação de subscritos é nossa, a fim de deixar mais didática a apresentação do tema.

Em relação aos exemplos em (13), importante registrar que se trata do Português Europeu. Nesse caso, o clítico “lhe” não poderia retomar o objeto direto, o que ocasiona a agramaticalidade de (13b).

Ainda sobre o teste de substituição, Kenedy (2013, p. 182 e 183) aborda o uso do **pronome interrogativo** que substitui um sintagma completo da mesma forma que o pronome pessoal ou demonstrativo. Vejamos os exemplos:

(14)

- a. O aluno leu [muitos livros].
- b. O aluno leu [o quê]?
- c. [Jorge] leu muitos livros
- d. [Quem] leu muitos livros?
- e. O rapaz saiu de casa [sem roupas adequadas para o frio]
- f. O rapaz saiu de casa [como]?
- g. Todos os meus amigos foram para [alguma praia deserta] a fim de surfar.
- h. Todos os meus amigos foram para [onde] a fim de surfar?

Passemos a outro teste de constituição.

2.1.1.4. Elipse

Grahl (2004, p.6) chama de **enunciabilidade em isolamento** quando é possível responder uma pergunta sem a repetição completa do constituinte apresentado no enunciado, como no exemplo a seguir:

(15)

- a. Onde a criança comeu aqueles doces?
- b. Em sua casa.

A resposta em (15b) apresenta um constituinte, deixando de explicitar vários outros anteriormente apresentados, mas que são, automaticamente, recuperáveis em (15b). Logo, a elipse se aplica a constituintes.

Negrão, Sher e Viotti. (2008, p.92) também abordam a elipse quando constituintes dos verbos podem ser elididos. Por exemplo:

(16)

- a. A criança vai parar de gritar.
- b. Eu acho que ela vai ~~parar de gritar~~, mas só se você parar de dar bola para ela.

Consoante Kenedy (2013, p.185), se elide um constituinte numa estrutura

coordenada, como nos exemplos a seguir:

(17)

- a. Paulo leu o livro na varanda e João, na sala.
- b. João faltou à aula hoje e José também.

2.1.1.5. Coordenabilidade

Grahl (2004) ainda apresenta o teste de coordenabilidade em que duas sequências de constituintes de mesmo tipo podem ser coordenadas entre si. Vejamos os exemplos:

(18)

- a. A criança comeu aqueles doces [na sua casa].
- b. A criança comeu aqueles doces [na sua casa] e [na casa do vizinho].

É possível perceber que as frases de (18a) e (18b) apresentam constituintes com duas sequências de uma mesma categoria coordenadas entre si.

Esses são os principais testes de constituição encontrados na literatura. A seguir, abordamos esse tema em estudos sobre línguas de sinais.

2.1.2 Constituintes em línguas de sinais e expressões/ sinais não manuais

Olizaroski (2017, p. 64) define constituinte em Libras em uma nota de rodapé: “Os constituintes em Libras equivalem ao léxico o qual pode ser, graficamente, representado por letras maiúsculas: **DEUS**; por figuras [...] ou, ainda, por *SignWriting* (sistema de escrita das LS) [...]”. Essa definição é insuficiente, pois informa apenas como representar os constituintes, mas não informa como identificá-los. Outro problema nela é a afirmação de que constituinte seria igual a léxico, o que não é necessariamente correto.

Já Leite (2008) é um dos poucos pesquisadores a falar em identificação de constituintes na segmentação das frases em Libras. Citando Wilbur (2000, p. 224-225), Leite (2008, p. 29) diferencia *constituintes maiores* de *constituintes menores* com base em expressões não manuais na região superior e inferior do rosto:

[...] sinais da parte superior do rosto ou a cabeça (sobrancelha, olhar, posição e movimento de cabeça) ocorreriam com constituintes maiores, tais como orações e sentenças; sinais da parte inferior do rosto (boca, língua e bochechas), diferentemente, se associariam com itens lexicais ou com os sintagmas em que tais itens aparecem, em especial para a veiculação de informações adjetivais ou adverbiais.

Wilbur (2000), ao analisar a ASL, identifica diferentes expressões no nível sintático e intitula-os como constituintes. Na Libras, também haveria diferentes formas de identificar constituintes maiores e menores por meio de expressões faciais e corporais? Retornaremos a esse assunto em seções seguintes.

De acordo com Leite (2008, p. 29, grifos nossos),

Com o estudo de Liddell (1978) sobre as relativas, então, passa a ganhar força a proposta de que **sinais não-manuais**, formados principalmente por determinadas combinações de posição da cabeça e expressão facial, **serviriam para delimitar constituintes gramaticais** como sintagmas e orações de maneira geral.

Nessas pesquisas, percebemos a importância dos sinais não manuais e a correlação que podem ter com a identificação de constituintes. Essa correlação também é defendida ao tratar do assunto “topicalização” em ASL e em Libras, tema central de nossa tese. Segundo Leite (2008, p. 29):

Tais estudos levaram muitos pesquisadores a rever a questão da ordem dos constituintes na sentença, até então assumida como livre na ASL. Em especial, a **descoberta de dois sinais não-manuais – um específico para a marcação de tópicos**, formado por uma combinação de **posição da cabeça e expressão facial**, e outro para marcação de *tag questions*, formado por um pronome acompanhado de um aceno de cabeça – levou Liddell a afirmar que a ordem da oração principal não seria variável.

Na Libras, observamos a topicalização por meio da mudança de ordem dos constituintes, mas não identificamos expressões faciais e corporais em nossa pesquisa de mestrado (ver Miranda, 2014).

Para identificar constituintes sintáticos, Leite (2008, p. 32) aborda que se podem verificar os **sinais não manuais** e o **espaço de sinalização**:

Ainda contribuindo para a identificação de agrupamentos prosódicos nas LSs aparecem na literatura o olhar, a pálpebra, e a exploração do espaço. Engberg-Pederson (1993) e Boyes-Braem (1999), por exemplo, apontam que **constituintes gramaticais podem ser distinguidos uns dos outros por mudanças na alocação espacial dos sinais correspondentes a cada constituinte** (e. g. o falante sinaliza uma frase à esquerda e outra, à direita). Focalizando no uso de sinais não-manuais, Baker e Padden (1978) apontam indícios de que tanto a **mudança de direção do olhar** quanto as **piscadas dos sinalizadores** em conversas entre surdos estejam **correlacionadas às fronteiras de unidades gramaticais**.

Na análise de dados em Libras, verificaremos se isso também estaria ocorrendo nessa língua.

Diante da necessidade de pormenorizar o tema *constituíntes* nas línguas de sinais, faz-se necessário aprofundar temas relacionados à ordem de constituíntes e à fronteira existente entre eles para que possamos, então, verificar quais estratégias formais são mais recorrentes na Libras quando o objetivo é topicalizar. A partir do que se encontra mais recorrentemente na literatura linguística, a próxima seção apresentará o tema ordem de constituíntes em línguas de sinais em geral e, logo a seguir, em Libras.

2.2. Ordem de constituíntes em Línguas de Sinais em geral e em Libras

Nas pesquisas sobre Libras, é recorrente encontrarmos o termo “ordem das palavras”, sobretudo em pesquisas que pretendem descrever a sintaxe da língua. Além de se usar uma terminologia inadequada, tais estudos não apresentam critérios ou testes de constituência. Conforme López, Varela e García (2012, p. 78 *apud* Olizaroski, 2017, p. 41, tradução dela, grifo nosso):

O fenômeno ao qual estamos nos referindo nessa pesquisa é popularmente conhecido entre os linguistas como o “estudo da ordem das palavras” na sentença. No entanto, segundo o pesquisador em tipologia linguística Jung Song (2001), **o termo “ordem das palavras” não é inteiramente apropriado, apesar do uso generalizado, porque, para ser mais preciso, devemos nos referir a esse fenômeno como a "ordem dos constituíntes" da sentença. Cada um desses constituíntes pode ser formado por uma única palavra, mas também por um grupo delas**, formando em ambos os casos uma unidade maior, o sintagma.

Dessa forma, o termo “constituínte” seria mais preciso na análise da ordem dos constituíntes das línguas de sinais, enquanto o termo “ordem das palavras” é utilizado de maneira mais genérica e imprecisa.

É comum os pesquisadores afirmarem que um único sinal pode conter duas palavras, mas qual língua estão analisando afinal? Por exemplo, o sinal COMER-MAÇÃ ou o sinal ABRIR-PORTA são apenas um constituínte em Libras, não sendo possível identificar separadamente o constituínte COMER e constituínte MAÇÃ, ou o constituínte ABRIR e o constituínte PORTA.

2.2.1. Ordem de constituíntes em Línguas de Sinais em geral

O tema ordem de constituíntes em línguas orais tem nos estudos de Greenberg (1966) seu início:

Greenberg (1966) traçou sete universais na tipologia de ordem básica de palavras tendo quatro critérios empregados: a existência de preposições e posposições; a ordem do sujeito (S), verbo (V) e objeto (O) em sentenças declarativas; a posição dos adjetivos com relação ao Nome; a ordem do genitivo. Existem seis ordens básicas: SVO, SOV, VSO, VOS, OSV e OVS, porém geralmente ocorrem como dominantes apenas as ordens: SVO, SOV, VOS. As ordens VSO, OSV e OVS são extremamente raras nas línguas do mundo (Chaibue, 2013, p. 53).

Segundo Olizaroski (2017, p. 45, grifos nossos),

Lehmann (1973; 1978) e Vennemann (1974; 1976 *apud* Dryer (1991)) propuseram uma nova classificação das línguas naturais ao defenderem que os seis tipos estabelecidos por Greenberg (1963) – SVO, SOV, VSO, VOS, OSV, e OVS – poderiam ser reduzidos a apenas dois: OV e VO, resultando, por conseguinte, na Tipologia OV:VO. O referido autor – Dryer (1991) – retoma essa tese e testifica juntamente com Lehmann (1973; 1978) e Vennemann (1974; 1976) que “o parâmetro fundamental é a ordem do verbo e do objeto, sendo a posição do sujeito de menor importância” (Dryer, 1991, p. 2, tradução nossa) e por isso seria completamente admissível considerar-se apenas dois grupos de línguas, ratificando assim a **Tipologia OV:VO**. Por conseguinte, as línguas OV, nominadas por Dryer (1991) de línguas de **verbo final (V-final)**, teriam como subtipos as ordens **SOV, OVS e OSV** e as **VO**, por ele nominadas de línguas de **verbo inicial (V-inicial)**, teriam as ordens **VSO, VOS e SVO** como subtipos.

Essa proposta de Lehmann (1973; 1978), Vennemann (1974; 1976) e Dryer (1991) acabou por levantar a seguinte hipótese: “[...] as ordens SOV, OVS e OSV [verbo final] teriam muitas características em comum e, por conseguinte, completamente diferentes das ordens VSO, VOS e SVO [verbo inicial], as quais, por sua vez, comportam-se de forma semelhante” (Olizaroski, 2017, p. 46).

Com relação aos estudos sobre línguas de sinais e ordem de constituintes, Quadros e Karnopp (2004) trazem um breve resumo de alguns pesquisadores da American Sign Language (ASL, EUA). Muitas pesquisas na ASL realizam comparações entre a língua oral, o inglês, e a língua de sinais do país. Isso levou Brito (2010, p. 61) a ponderar que: “[...] a ordem SVO [em ASL] pudesse constituir-se numa interferência do Inglês, língua conhecida pelos informantes [...]”.

Quadros e Karnopp (2004, p. 136), citando Liddell (1980), defendem que a ordem SOV ocorre em construções com os verbos manuais (*handling verbs*)¹² em ASL, como em MULHER-BOLO-COLOCAR-FORNO. Chen (1998, *apud* Quadros e Karnopp, 2004, p. 136) também analisou a estrutura dos verbos manuais em ASL: “[...] há uma característica comum observada em todas as estruturas formadas com esse tipo de verbo:

¹² Sobre verbos manuais (*handling verbs*), conferir seção 3.1.3.

uma mão é deixada no espaço incorporando o objeto e servindo de base para o verbo”. Quadros e Karnopp (2004, p. 136) informam que Padden (1990), citado por Chen (1998), “[...] propõe que esses verbos sejam como clíticos, permitindo diferentes ordenações (SOV, OSV). Se forem clíticos, há aspectos sintáticos da língua de sinais que os caracterizam como um fenômeno diferente dos encontrados nas línguas faladas”.

Além da relevante discussão sobre ordem de constituintes e tipos de verbos, essas pesquisas nos desafiam a, possivelmente, identificar construtos teóricos diferentes em línguas de sinais frente a línguas orais. Porém, entendemos que “ser como clítico” é uma afirmativa vaga, uma vez que, em Quadros e Karnopp (2004), não é dada a definição de clítico nesse contexto.

Segundo Olizaroski (2017), López, Varela e García (2012) analisaram, sintaticamente, sentenças em várias línguas de sinais, especificamente as possíveis ordens de constituintes de um ponto de vista sintático. De acordo com esses autores, a ordem dos constituintes é tema de interesse de muitas pesquisas. Olizaroski (2017, p. 60-61) resume os principais resultados da pesquisa de López, Varela e García (2012), os quais apresentamos a seguir:

- Fischer (1975), Friedman (1976) e Liddell (1980) analisaram a ordem dos constituintes na Língua de Sinais Americana. Fisher e Liddell concordaram que a ordem básica seria SVO e há possibilidade de outra ordem, SOV. Já Friedman considera que a ordem da ASL seria livre com preferência no uso de verbo final (V-final).
- Amaral, Coutinho e Martins (1994) afirmam que a ordem básica da LSP (Língua de Sinais Portuguesa) ou LGP (Língua Gestual Portuguesa) é SVO, com a possibilidade de ordem OSV.
- Nakanishi (1994) constatou que a ordem da Língua de Sinais Japonesa (LSJ) é SOV e existem outras estratégias na língua que tornam o ordenamento OSV bastante usual. Essa pesquisadora analisou, ainda, outras línguas de sinais, como Língua de Sinais Taiwanesa, que apresenta similaridade com a LSJ, embora a ordem básica da língua seja SVO. Nakanishi realizou estudos na Língua de Sinais da África do Sul (SASL) e verificou a recorrência das ordens SOV e OSV, coadunando com as investigações de Vermeerbergen, Leeson e Crasborn (2007).
- Quinto (1999) verificou que a ordem da Língua de Sinais Mexicana (LSM) é SVO e outras ordens são possíveis, porém com menor frequência como as sentenças

em SOV e OSV. O pesquisador Cruz Aldrete (2008) concorda com as pesquisas de Quinto.

- Na LSA – Língua de Sinais Argentina, os pesquisadores Massone e Curiel (2004) constataram que a ordem básica é SOV.
- Vermeerbergen *et al.* (2007) afirmam que a Língua de Sinais Flamenga tem a mesma organização da Língua de Sinais Argentina.
- Oviedo (2003) afirma que a ordem básica da Língua de Sinais Colombiana – LSC – é SVO.
- Milkovic *et al.* (2006) constataram que a ordem básica da Língua de Sinais Croata é SVO.

A ordem dos constituintes é objeto de interesse em diferentes pesquisas no mundo, o que não implica afirmar que o tema não careça de mais pesquisas, especialmente em relação à Libras.

2.2.2. Ordem de constituintes em Libras

Em geral, as pesquisas sobre ordem de constituintes em Libras, com exceção da pesquisa de Leite (2008), citada anteriormente, apresentam de maneira bastante recorrente o termo “ordem de palavras”. Aqui, como já explicado, vamos evitar essa terminologia, pois entendemos que “constituintes” não coincidem necessariamente com “palavras”. Uma evidência disso é a existência de ambiguidade no ordenamento de palavras, que só se resolve quando são identificados os constituintes de fato.

A ambiguidade estrutural ocorre quando o alcance de um sintagma ou constituinte pode ser entendido de várias formas contextualizadas. Para Negrão, Scher e Viotti (2008), a sintaxe tem a função de investigar a ambiguidade das sentenças para identificar como seria a organização estrutural da sentença e, por conseguinte, os seus constituintes. A seguir, um exemplo de ambiguidade trazido por esses autores:

(19) O Pedro viu a menina com o binóculo.

Ao analisar a ordem de constituintes de (19), não sabemos se i) Pedro usava o binóculo para ver a menina ou se ii) a menina estava ela própria com o binóculo. Isso evidencia que podemos ter o constituinte [a menina com o binóculo], estando a menina

de posse do binóculo, ou o constituinte [com o binóculo] separado, se referindo ao que Pedro usava para ver a menina.

Outros autores como Eliseu (2014) e Grahl (2004) também tratam da ambiguidade como um tema correlato à identificação de constituintes. Nós vamos usar, então, a terminologia “ordem de constituintes” ou “ordem de sintagmas”. Voltando agora ao tema desta seção, afinal, o que se tem chamado e defendido sobre esse tema em Libras?

Analisando a cronologia das pesquisas sobre Libras, uma das pesquisadoras mais antigas é Lucinda Ferreira Brito, que iniciou suas análises na década de 1980, com a pesquisa linguística relacionada ao que ela chamava BCSL - *Brazilian Cities Sign Language* (*Língua de Sinais das Cidades Brasileiras*, em tradução livre). Ela também realizou os primeiros estudos sobre a Língua de Sinais Urubu-Kaapor (LSKB¹³). A autora menciona os estudos de Fisher (1975) sobre a ordem básica dos sinais em ASL, que seria SVO (Sujeito, Verbo e Objeto), embora possa haver mudanças na ordem dos sinais nas frases quando:

- a) um dos elementos da frase é **topicalizado**;
- b) o sujeito e o objeto não são invertidos; e
- c) o locutor usa o espaço para indicar mecanismos gramaticais.

É comum encontrar os constituintes topicalizados em Libras, assunto que veremos mais adiante para compreendermos as estratégias utilizadas na construção da topicalização. Em “b”, parece faltar clareza à afirmação, pois não sabemos como seria a inversão dos sinais em ASL, seria interessante haver imagens com exemplos de enunciados para compreendermos. Em “c”, também não foi explicitado como o “locutor usa o espaço para indicar mecanismos gramaticais”.

Em Brito (2010), afirma-se que a Libras tem uma preferência pela construção tópico-comentário, apesar da existência da ordem SVO ser considerada mais usual:

Costuma-se pensar que as sentenças da LIBRAS são completamente diferentes do ponto de vista estrutural daquelas do português. Realmente, no que diz respeito à ordem das palavras ou constituinte, há diferenças porque o português é uma língua de base sujeito-predicado enquanto que **a LIBRAS é uma língua do tipo tópico-comentário**. Em estudos anteriores, dissemos que **a ordem preferencial das sentenças da LIBRAS era SVO** quando não havia topicalização ou verbos com flexão ou direcionais. Porém, estudos mais aprofundados, apesar de não desmentirem o que dissemos, mostraram que **a**

¹³ A Língua de Sinais Urubu-Ka’apor também conhecida como Língua de Sinais Ka’apor Brasileira é uma língua de sinais utilizada pelo povo indígena Urubu Ka’apor, que vive no sul do estado do Maranhão e possui um número significativo de surdos em sua população. Sobre o assunto, ler Brito (1985).

topicalização é muito mais frequente do que se pensa à primeira vista em LIBRAS. A ordem tópico-comentário é realmente a preferida quando não há restrições que impeçam certos constituintes de se deslocarem (Brito, 2010, p. 23, grifos nossos).

Quadros (2004, p. 84) também afirma que: “A língua de sinais utiliza a estrutura tópico-comentário, enquanto a língua portuguesa evita este tipo de construção”¹⁴. Miranda (2014) também identifica estratégia de topicalização em Libras, mas não investiga se a língua é do tipo tópico-comentário.

Quadros e Karnopp (2004), no capítulo “A ordem básica da frase”, afirmam que a ordem de constituintes é um conceito indispensável à compreensão da estrutura da frase. As autoras analisam as possíveis ordens dos constituintes a partir da Língua de Sinais Americana, para somente, então, apresentar a ordem em Libras.

Quadros e Karnopp (2004, p. 139) informam que existe flexibilidade na “ordem das frases” em Libras e atribuem essa informação a Felipe (1989) e Brito (1995). Mas defendem que a ordem básica seria SVO com base em Quadros (1999). As autoras postulam o que seria, para elas, uma série de evidências nesse sentido, a saber:

- (i) todas as frases SVO são gramaticais; [...]
- (ii) as ordens OSV e SOV ocorrem somente quando há alguma coisa a mais na sentença, como a concordância e as marcas não-manuais; [...]
- (iii) apesar de ocorrerem construções SOV e OSV associadas a marcas não-manuais, se houver uma estrutura complexa na posição de objeto, não será possível mudar o objeto de ordem; [...]
- (iv) os advérbios temporais e de frequência não podem interromper uma relação entre o verbo e o objeto: [VP[V NP]]. Isso é considerado mais um argumento para conceber a ordem SVO como básica na língua de sinais brasileira.

*JOÃO COMPRAR ONTEM CARRO

Ontem João comprou um carro

*EU BEBER ALGUMAS-VEZES LEITE

Algumas vezes eu bebo leite [...]
- (v) através da topicalização muda-se a ordem das frases; [...]
- (vi) as construções com foco incluindo verbos sem concordância podem derivar estruturas SOV; [...]
- (vii) elevação do objeto nas construções, contendo verbos com concordância; a presença de concordância verbal permite a elevação do objeto para uma posição mais alta derivando a ordem SOV;

¹⁴ Sobre o tema, ver discussão na seção 2.3.

(viii) a ordem (S)V(O) é derivada pela possibilidade de omitir-se tanto o sujeito como o objeto nas construções com verbos com concordância (Quadros, 1995); [...]

(ix) a ordem VOS também pode ocorrer em contextos de foco contrastivo (Arratéia, 2003).[...]

Os dados apresentados indicam que a ordem básica na língua de sinais brasileira é SVO e que OSV, SOV e VOS são ordenações derivadas de SVO. Assim, as mudanças de ordens resultam de operações sintáticas específicas associadas a algum tipo de marca, por exemplo, a concordância e as marcas não-manuais (Quadros e Karnopp, 2004, p. 139-155).

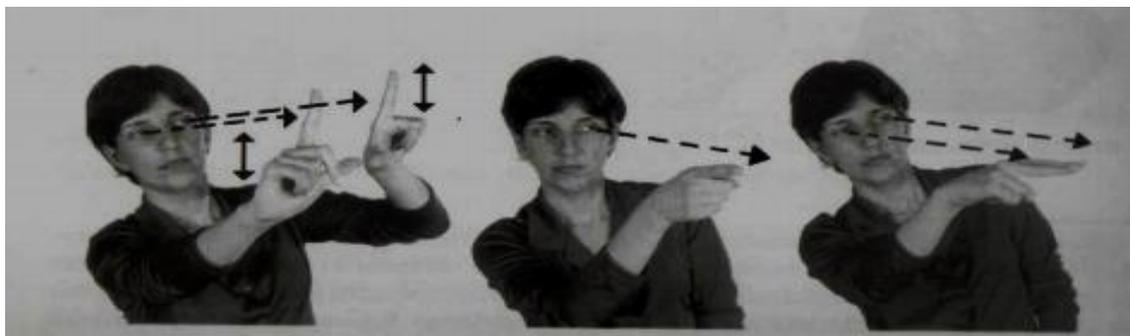
Assim, Quadros e Karnopp (2004) afirmam que todas as frases com a ordem SVO (Sujeito, Verbo e Objeto) são consideradas gramaticais e que essa é a ordem básica em Libras. Verificaremos se os dados a serem analisados por nós corroboram isso. Além disso, verificaremos em nossos dados a validade das afirmações (i), (ii), (iv), (v), (vii), (viii) feitas por elas.

Um outro ponto muito relevante a ser averiguado é a observação feita por Quadros (1999) (*apud* Quadros e Karnopp, 2004, p. 140):

[...] a concordância associada à marcação não-manual é importante para determinar mudanças na ordem básica das frases na língua de sinais brasileira. Parece que essa marca não-manual torna a frase mais carregada, forçando mudanças na ordem da frase e gerando, portanto, estruturas diferentes.

No item (ii), elas mencionam que as ordens OSV e SOV ocorrem quando há concordância e marcas não manuais. O verbo DAR é usado como exemplo. Os exemplos dados por Quadros e Karnopp (2004, p. 140-141) são os seguintes:

Exemplo (20):



<TVb>do <IXa>do <aASSISTEb>do (OSV)

(Quadros e Karnopp, 2004, p. 140)

Exemplo (21):



<IXa>do <TVb>do <aASSISTEb>do (SOV)

*TVb IXa ASSISTEb (OSV)

*IXa TVb aASSISTEb (SOV)

El@ assiste TV

(Quadros e Karnopp, 2004, p. 141)

O exemplo 20 poderia ser analisado de outra maneira. A <TVb> e o <IXa> (ele ou ela) poderiam ser considerados tópicos primário e secundário, respectivamente, introduzidos no discurso para que o interactante possa entender sobre o que se vai falar. Esses tópicos seriam, ao nosso ver, apresentados em predicados existenciais não verbais: “(Existe) TV” + “(Existe) IXa (ele ou ela)”. Em seguida, vem o predicado verbal com seus argumentos tomados dessa predicação não verbal inicialmente feita: <aAssisteb>. Nesse predicado verbal, a ordem é a básica: SVO. Se os tópicos primário e secundário forem considerados realmente argumentos do verbo, há ordem OSV, mas não encontramos critérios nas análises apresentadas que comprovem que são argumentos de fato do verbo. A mesma análise pode ser feita sobre o exemplo 21, em que o tópico primário passou a ser o sujeito (<IXa>) e o tópico secundário passou a ser a <TVb>.

O item (iii) afirma que “[...] a ordem SOV não pode ser derivada quando o objeto é uma oração subordinada, diferente de uma oração simples do tipo JOÃO [FUTEBOL] <GOSTAR>f [...]” (Quadros e Karnopp, 2004, p. 142). Com base nisso, as autoras defendem que a ordem SOV tem mais restrição, e isso seria um argumento a mais para evidenciar que a ordem SVO é a mais básica em Libras. Essa hipótese carece de fundamentação empírica e há necessidade de mais pesquisas sobre ela.

No item (iv), as pesquisadoras defendem que não se podem incluir os sinais de advérbio de tempo e frequência entre o verbo e o objeto, o que tornaria a sentença agramatical e estaria, em tese, revelando que a ordem básica é SVO. Isso não corresponde aos fatos, pois é possível os surdos falantes de Libras sinalizarem dessa forma, embora

seja menos frequente, mas não agramatical. Voltaremos a falar disso no capítulo 6, quando apresentaremos dados empíricos sobre o tema.

No item (v), as pesquisadoras afirmam que a ordem básica SVO em Libras muda devido à topicalização do objeto por meio do uso da expressão não manual de elevação das sobrancelhas. Sobre topicalização e o “elevar de sobrancelha” ser condição para topicalizar, voltaremos a falar na seção 1.3 e também nos capítulos 6 e 7, quando apresentaremos os resultados das análises dos dados gerados nesta pesquisa.

A ordem SOV seria derivada também em construções com foco (item vi). Quadros e Karnopp (2004, p. 152) relatam que “as construções com foco são aquelas que apresentam constituintes duplicados dentro da mesma oração. Essas ‘cópias’ ocorrem quando o constituinte é enfatizado, mas de forma diferente da ênfase dada aos tópicos”. De modo algum, fica claro o que significa “ênfase”.



EU PERDER LIVRO <PERDER>mc

Eu **perdi** o livro

(Quadros e Karnopp, 2004, p. 152, grifo das autoras)

Segundo as autoras, Libras “[...] apresenta construções duplas com várias classes de palavras (verbos, advérbios, modais e quantificadores)” (Quadros e Karnopp, 2004, p. 153). Em Libras, as autoras defendem que “o foco é gerado quando há uma informação interpretada com entonação mais marcada, ou seja, focalizada. Gramaticalmente, as informações estão associadas a um traço de foco que licencia o apagamento de sua cópia” (Quadros e Karnopp, 2004, p. 153).

Como pode ser observado no exemplo das autoras a seguir, o sinal destacado no final da sentença apresenta o foco, uma informação nova, e tem como função apagar a sua cópia. Na prática, a ordem com foco é S(V)OV com o apagamento da cópia passa a

ser SOV, uma construção derivada de SVO, nas palavras das autoras:

EU ~~PERDER~~ LIVRO <PERDER>mc



Eu **perdi** o livro

(Quadros e Karnopp, 2004, p. 153, grifos das autoras)

No item (vii), as autoras voltam a defender que a ordem básica SVO deriva a ordem SOV em verbos com concordância, os quais permitem a elevação do objeto para uma posição mais alta, nas palavras das autoras.



JOÃO^a MARIA^b aDAR^b
LIVRO NÃO

João não deu o livro a Maria

(Quadros e Karnopp, 2004, p. 154)

Voltamos a postular uma análise diferente para esse tipo de dado. Novamente, poderíamos propor que há dois tópicos na sentença: o primário, JOÃO^a, e o secundário MARIA^b. Esses tópicos estariam sendo apresentados em predicados existenciais não verbais: <(EXISTE) JOÃO> + <(EXISTE) MARIA>. Logo após essa introdução dos tópicos na cena discursiva, vem o verbo DAR, que parte de ponto espacial em que JOÃO

(agente) foi posto para o ponto espacial em que MARIA (destinatário) foi posta: AGT-DAR-DEST. O argumento-tema (chamado frequentemente de objeto direto sem que se apresentem suas propriedades formais) vem logo depois, seguido da negação. Esse verbo seria trivalente: AGT-DAR-DEST-TEMA. A ordem continua sendo AGT-V-DEST-TEMA, portanto. Logo, o verbo DAR envolve diretamente um argumento-agente e um argumento-destinatário. No capítulo 6, voltaremos a essa análise.

No item (viii), as autoras afirmam que, eventualmente, há omissão do sujeito ou do objeto nas sentenças em Libras e só por isso outras ordens diferentes de SVO poderiam surgir: (S)V(O). Podemos afirmar que é muito comum encontrar nas frases, especialmente naquelas cujos verbos são direcionais (também chamados de *concordância*), a omissão de constituintes. O termo concordância precisa ser melhor explicado em Libras.

Por fim, no item (ix), Quadros e Karnopp (2004, p. 155), com base em Arrotéia (2003), voltam a dizer que a ordem básica SVO deriva a ordem VOS em contextos de foco contrastivo, mas não desenvolvem esse conceito ou apresentam explicações, além do exemplo a seguir:



QUEM COMPRAR CARRO JOÃO OU MARIA?



COMPRAR CARRO <JOÃO> foco

Não pretendemos tratar de foco ou de focalização nesta tese.

Reproduzimos, a seguir, uma tabela em que Quadros e Karnopp (2004, p. 156) sintetizam sua análise sobre a ordem de constituintes em Libras, que elas chamam de “ordem das frases”:

Tabela 4.1 Distribuição da ordem das frases na língua de sinais brasileira

ORDEM	SIM	COM RESTRIÇÕES
SVO	X	
OSV		X
SOV		X
VOS		X

Assim como defendem Quadros e Karnopp (2004), outros pesquisadores afirmam que a ordem básica/canônica da Libras seria SVO:

[...]. Nesse sentido, a ordem SVO tem sido reconhecida como a ordem mais básica da estrutura frasal, uma vez que dispensa qualquer marcação especial e exemplos com essa ordem são considerados sempre gramaticais. É também observado que ordenações como VSO, OVS e VOS não são encontradas nessa língua (QUADROS, 2000). Nesses casos, não há registros nem mesmo dessas ordens acompanhadas por uma marca especial (Dias, 2015, p.107).

Mas Dias (2015, p. 107), em nota de rodapé, informa que Quadros e Karnopp (2004, p. 155) chegam a reconhecer a possibilidade de ordem VOS em contexto de foco contrastivo, conforme a pesquisa de Arrotéia (2003).

Na próxima seção, introduziremos o tema tópico e topicalização em Libras.

2.3. Introdução a tópico e topicalização em Libras

Os temas ‘tópico’ e ‘topicalização’ em Libras são o principal objeto de estudo desta pesquisa. Apesar desses temas serem geralmente tratados nas pesquisas sobre Libras, há pouco aprofundamento. Em relação à topicalização, muito comumente as pesquisas afirmam que ocorre uma mudança na ordem básica SVO, com o tópico sendo deslocado para o início da sentença, e também afirmam que ocorre uma elevação da sobrelinha junto ao constituinte topicalizado. Outras também relacionam a topicalização à prosódia, defendendo que há uma pequena pausa quando o tópico é colocado em posição

inicial.

A chamada estrutura tópico-comentário é muito comum na LSB (Língua de Sinais Brasileira). Nela, um elemento é posto em evidência e um comentário é feito a respeito dele. Nas línguas orais, o tópico geralmente se encontra desligado prosodicamente da sentença por uma pausa. Em LSB, algo semelhante ocorre: o tópico ocorre na posição inicial da frase e pode ser dela separado por uma pequena pausa na sinalização do enunciado. A marcação não-manual relacionada a tópico em LSB é principalmente a elevação das sobrelinhas, que pode ser utilizada inclusive para determinar a posição de tópico na estrutura sintática da frase. A marcação de tópico deve se espalhar somente pelo elemento topicalizado, não podendo atingir os demais constituintes da frase (Moraes, 2013, p. 41-42).

Afinal, o que seria uma língua de estrutura tópico-comentário? Segundo Olizaroski (2017, p. 44-45):

[...] Li e Thompson (1976), ao estudarem a Língua Chinesa (LC), que, segundo esses autores, trata-se de língua orientada para o discurso, considerando a gramaticalização das funções/relações pragmáticas de tópico e comentário, adotaram, como elemento base, a noção de proeminência e propuseram a seguinte classificação:

Grupo (1): Línguas com proeminência de sujeito – a estrutura das sentenças favorece uma descrição em que a relação gramatical sujeito-predicado desempenha um papel importante;

Grupo (2): Línguas com proeminência de tópico – a estrutura básica das sentenças favorece uma descrição em que a relação gramatical tópico-comentário desempenha um papel importante;

Grupo (3): Línguas com proeminência tanto de tópico quanto de sujeito – há duas construções igualmente importantes de sentenças distintas, a construção sujeito-predicado e a construção tópico-comentário;

Grupo (4): Línguas sem proeminência de sujeito ou de tópico – o sujeito e o tópico se fundem ao ponto de se tornar difícil a distinção entre eles em todas as sentenças proferidas na língua (LI; THOMPSON, 1976, p. 457-458, tradução nossa) (Olizaroski, 2017, p. 44-45, grifos dela).

Assim, as línguas com proeminência de tópico (grupo 2) seriam voltadas para o discurso. Nesse sentido, uma citação de Negrão (2001, p. 142) feita por Olizaroski (2017, p. 50, grifos nossos) nos chama a atenção:

A caracterização de línguas voltadas para o discurso foi proposta por Huang (1982, 1984), face à constatação de que não só línguas com um paradigma de marcas morfológicas verbais capazes de identificar as pessoas do discurso admitem categorias vazias na posição de sujeito de suas sentenças, mas **categorias vazias são também possíveis em línguas que não possuem um sistema de flexão verbal rico e que, portanto, se utilizam de outros mecanismos para a identificação do conteúdo dessas categorias.**

Nessa citação, afirma-se que línguas voltadas para o discurso, com tópico proeminente, podem também não apresentar um sistema de flexão verbal rico. Ao nosso ver, Libras não tem um sistema de flexão verbal, ao contrário do que se propaga com os

chamados verbos com concordância, o qual apresentaremos no capítulo 4. Se nossa hipótese estiver certa, Libras é uma língua com proeminência de tópico. Desse modo, Libras poderia ser enquadrada no grupo (2).

Segundo Olizaroski (2017, p. 53) “[...] A função do tópico é prefigurar como o centro das atenções, e antecipar o assunto descrito no comentário (Li; Thompson, 1981 *apud* Zang, 2009, p. 160-161, tradução nossa)”. Essa é uma função que coincide com nossa proposta de uso, em Libras, de predicação existencial não verbal para introdução de tópicos.

Algumas propriedades de construções com tópico merecem destaque, a saber:

- Anacoluto (Anac.) – apresenta-se o tópico, completamente externo à sentença e sem nenhuma relação com o verbo e, em seguida, o comentário por meio de uma sentença completa;
- Pronome-Cópia (pc) – o tópico reaparece na sentença comentário por meio de um pronome a ele correspondente;
- Topicalização (Top.) – o tópico, apresentado no início da sentença, poderia preencher um suposto espaço deixado na sentença comentário;
- Falso Sujeito-Verbo-Objeto (fSVO) – o tópico confunde-se com sujeito da sentença, porém, não pode ser classificado como o sujeito do verbo por não desempenhar essa função (OLIZAROSKI; BIDARRA, 2016, p. 8) (Olizaroski, 2017, p. 55).

Essas propriedades são encontradas em Libras? Essa é uma pergunta necessária ao debate sobre tópico, topicalização, ordem de constituintes e relações gramaticais. Uma hipótese de Olizaroski (2017, p. 59) será por nós explorada também:

No que concerne às LS – especialmente, a Libras – defendemos que as sentenças tópicas não surgem no contexto por estilo, mas, motivadas por questões semântico-pragmáticas decorrentes da modalidade visuoespacial, tornando-se, portanto, um eficiente mecanismo no ato da comunicação.

Em relação à perspectiva de tópico-comentário, Olizaroski (2017, p. 61-62) — retomando a pesquisa de López, Varela e García (2012) sobre a ordem de constituintes a partir do enfoque pragmático-semântico — apresenta o comportamento da ordem em algumas línguas de sinais. A seguir, reproduzimos o quadro:

“Numa perspectiva semântico-pragmático:

LS/Sigla	Ordem gerada	Autor/Ano
----------	--------------	-----------

Americana – ASL	Tópico-comentário (com a topicalização do primeiro elemento nominal da sentença com marca formal de levantamento de sobrelhas, alongamento do sinal, movimento da cabeça) e a ordem SVO apenas em sentenças com verbo transitivo em orações reversas e com verbos sem marcação semântica.	McIntire (1982)
	Tópico-comentário , funcionando como um marcador de coesão textual, com certas marcas formais (levantamento das sobrelhas e ligeiro movimento da cabeça).	Janzen (1999) e Janzen; Schaffer (2002)
Britânica – BSL	Tópico-comentário (com a topicalização do objeto a partir de marcas formais como o levantamento das sobrelhas).	Deuchar (1983)
Italiana – LIS	SVO (em construções reversíveis e irreversíveis, com sujeito/ agente precedente ao verbo e ao objeto direto/paciente) SOV (em orações irreversíveis, onde fica claro o agente). Construções locativas com traços semânticos posicionando o elemento mais perceptível e imóvel antes do menos perceptível e móvel. Topicalização pela relevância pragmática em construções OSV, com traços semânticos (agente frente à paciente, animado frente a inanimado, móvel frente a imóvel). O primeiro argumento (sujeito) da sentença declarativa é sempre o agente da ação verbal, mas quando o segundo argumento (objeto) aparecer no início estabelece-se, na sentença, como tópico.	Volterra et al. (1984)
Holandesa – HSL	O primeiro argumento (sujeito) da sentença declarativa é sempre o agente da ação verbal, mas quando o segundo argumento (objeto) aparecer no início estabelece-se, na sentença, como tópico.	Coerts (1994)
Quebec	A ordem livre deve ser considerada a partir do parâmetro figura/fundo, os quais regem a ordem dos constituintes .	Bouchard; Dubuisson (1995)
Francesa – LSF	Prevalecem funções atuacional como agente, paciente e ação, traços semânticos <i>localisant-localisé</i> (figura/fundo) e de topicalização do objeto.	Cuxac (2000)
Israel – ISL	Tópico-comentário, pois as categorias de sujeito e objeto não têm relevância.”	Rosenstein (2004)

(Olizaroski, 2017, p. 61-62, grifos nossos)

Os dados acima permitem constatar o seguinte sobre a perspectiva pragmático-semântica da ordem de constituintes em línguas de sinais:

1. a ordem Tópico-Comentário é a que ocorre em várias línguas de sinais;
2. a ordem Figura-Fundo também é constatada;
3. a ordem Agente-Paciente é bastante recorrente;
4. animados têm preferência a inanimados;
5. falta de relevância das categorias sujeito e objeto, tendo em vista o ordenamento de constituintes ser regido por Tópico-Comentário;
6. a topicalização de dado argumento ocorre por meio de marcas formais: levantamento de sobrelhas, alongamento do sinal, inclinação da cabeça.

Especificamente sobre a possibilidade de Libras ser uma língua orientada para tópico, com base na tipologia de Li e Thompson (1976), Dias (2015, p. 122-123) apresenta as seguintes propriedades presentes em Libras que poderiam incluí-la entre as chamadas línguas de proeminência de tópico e não de sujeito:

- (a) **Codificação superficial:** como observamos na seção 3 do presente capítulo, há uma marcação associada ao tópico, o levantamento da sobranceira – e o apontamento, segundo Souza (2014) –, assim, poderia ser assegurado que a Libras também apresenta uma codificação para o mecanismo.
- (b) **Construção passiva:** não se reporta na literatura a presença desse mecanismo na língua, tal como ocorre nas demais línguas com proeminência de tópico. [Em Miranda (2014), não encontramos uma construção passiva em Libras.]
- (c) **Falsos sujeitos:** não se reporta, na literatura, a descrição da presença desse mecanismo na língua.
- a) (d) **Duplo Sujeito:** construções semelhantes ao que foi denominado duplo sujeito por Li e Thompson também são descritas na literatura, como se pode observar no exemplo (12) [aqui recuperado e renumerado para 21]. Fato que oferece evidências de que o tópico pode estar ou não vinculado a uma posição argumental.

(21)

[ANIMAIS]_{Tópico} [EU GOSTAR GATO]_{Comentário}
'Quanto a animais, eu gosto de gato'.

(e) **Controle de correferência:** a partir das considerações sustentadas na literatura, apresenta-se que o tópico na Libras assume a correferência dos constituintes internos que foram deslocados. No entanto, sobre esse aspecto ainda são necessárias maiores investigações.

(f) **Verbo final:** construções do tipo OSV e SOV são descritas como gramaticais na língua. São apontadas como resultado da topicalização dos constituintes. (QUADROS E KARNOPP, 2004, p. 140).

(g) **Restrições ao constituinte tópico:** há descrições da ordem OSV e SOV, isto é, em que se têm argumentos verbais topicalizados. Contudo, como exposto no exemplo (14) [aqui recuperado e renumerado para 22], não é possível, por exemplo, topicalizar uma estrutura complexa em lugar de objeto.

(22)*[MARIA IR EMBORA]_{iTópico} [EU ACHAR Ø]_i Comentário

(h) **Construções de tópico como sentença básica:** de acordo com Quadros e Karnopp (2004), como há restrições ao tópico, que corresponderia à opção marcada na língua, a estrutura básica da Libras é “sujeito > predicado”, as construções com tópico seriam estruturas derivadas. Por outro lado, vimos que Ferreira Brito (1997) sugere que o tópico possa ser estratégia geral, uma vez que a língua conta com muitos verbos que incorporam a noção de sujeito, o qual, por essa razão, é quase sempre omitido.

Segundo Dias (2015, p. 123), as características descritas em (g) e (h) podem ser consideradas propriedades da Libras, carecendo de estudo detalhado as descritas em (e) e (f). Para essa autora, não se pode afirmar categoricamente que Libras seja uma língua orientada para o discurso, ou seja, uma língua de tópico. Para ela, as propriedades de (a) a (f), encontradas nos estudos sobre Libras (cf. Ferreira Brito, 1995, 1997; Quadros, 1999,

2000; Quadros e Karnopp, 2004; Souza, 2014), “[...] são ainda pouco detalhadas, no sentido de que os referidos estudos trabalham ou basicamente com a intuição do pesquisador ou são, de certo modo, incipientes” (Dias, 2015, p. 123-124).

Por essa razão, a pesquisa de Dias (2015, p. 124) visou: “[...] buscar, por meio da aplicação de experimentos psicolinguísticos, obter dados que possam fornecer mais detalhes sobre o *status* do tópico de argumento interno na Libras e possíveis propriedades relacionadas a ele”.

Quadros e Karnopp (2004, p. 148) utilizam o seguinte conceito de tópico em seus estudos sobre Libras: “O tópico é o tema do discurso que apresenta uma ênfase especial posicionado no início da frase e seguido de comentários a respeito desse tema. Esse recurso gramatical é muito comum na Língua de Sinais Brasileira”. Logo, elas destacam a posição inicial e uma “ênfase especial” no tópico, mas restringem esse recurso ao plano gramatical, deixando de lado o valor pragmático-discursivo do tópico.

Ainda segundo elas, “[...] somente tópicos são associados com a marca não-manual, ou seja, essa marca não pode se espalhar sobre a sentença” (Quadros e Karnopp, 2004, p.148). Para as autoras, essa marcação não manual seria a elevação das sobancelhas. Essa possível restrição e o mecanismo formal defendidos por elas será também por nós avaliada. Em relação a essa definição de tópico, observamos que ela, na verdade, é a definição de topicalização e abrange as formas linguísticas envolvidas nesse processo.

O tema topicalização é tratado em Quadros e Karnopp (2004) no contexto em que as autoras argumentam a favor da ordem básica SVO, salvo em algumas circunstâncias, sendo a topicalização uma delas. As autoras ainda afirmam que pode haver topicalização tanto do sujeito como do objeto (exemplos 21a-b). E, segundo elas, “[...] é possível também gerar um tópico sem este estar ligado a qualquer posição argumental” (exemplo 23c) (Quadros e Karnopp, 2004, p. 149). Vejamos os exemplos:

(21) (a)



$\langle [\text{FRANÇA}]_i \rangle_t \langle \text{EU VOU } t_i \rangle_{mc}$

(apenas o objeto topicalizado)

(Quadros e Karnopp, 2004, p. 149)

(b)

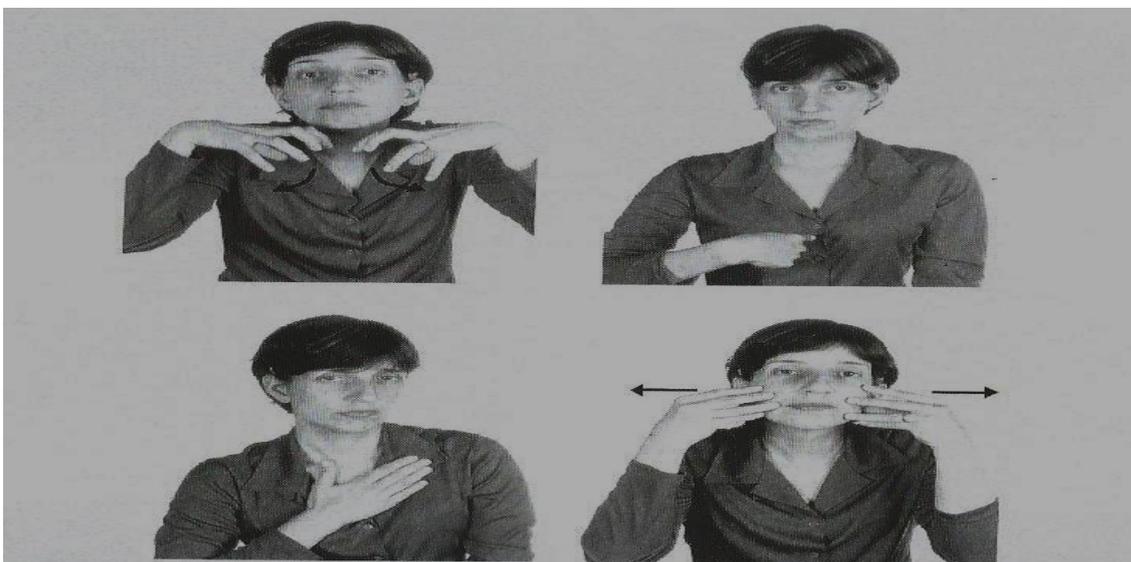


$\langle [\text{EU}]_j \rangle_t \langle [\text{FRANÇA}]_i \rangle_t t_j \langle \text{VOU } t_i \rangle_{mc}$

(sujeito e objeto topicalizados)

(Quadros e Karnopp, 2004, p. 150)

(c)



<ANIMAIS>, EU GOSTO GATO

(tópico gerado na base)

(Quadros e Karnopp, 2004, p. 150)

A maneira de apresentar os tópicos de uma conversação em Libras precisa ser melhor descrita. Nos exemplos em (21), ao nosso ver, ocorre a introdução do tópico ou dos tópicos para então se construir a sentença sobre ele ou eles. Em (21a), o tópico é FRANÇA, que foi apresentado no início da sentença juntamente com a elevação das sobrancelhas como se vê no primeiro quadrante do exemplo. Na sequência, vem a indicação do sujeito EU e do verbo IR, seguido da indicação do local para onde vai. Entendemos que FRANÇA está ocorrendo em uma predicação existencial não verbal: (EXISTE) FRANÇA. A função dessa predicação é introduzir o tópico que vai ser abordado na conversa. O mesmo defendemos para (21b), em que dois tópicos são introduzidos por meio de predicação existencial não verbal: <(EXISTE) EU>, <(EXISTE) FRANÇA>. Feita essa introdução dos tópicos, o falante sinaliza a sentença: com o verbo IR, tendo como participante agente e participante destino os pontos espaciais no próprio corpo e no espaço fora do corpo, respectivamente. No exemplo (21c), isso fica mais evidente ainda: o predicado existencial não verbal <(EXISTE) ANIMAL> introduz o tópico da conversação. Em seguida, o falante informa que gosta de gato, especificando o tipo de animal, tendo o tópico ANIMAL já sido despertado na mente do seu interlocutor.

Essa nossa maneira de interpretar a topicalização em Libras, associando-a com a projeção de um predicado existencial não verbal que traz o tópico da conversa, poderia explicar bem um outro fato bastante recorrente em Libras e abordado por Quadros e Karnopp (2004, p. 150-151): “Assim, tais construções [com topicalização] sempre podem ter, além do tópico, uma cópia desse tópico ou um pronome co-referencial a esse tópico, como nas ilustrações a seguir:



<FUTEBOL>t JOÃO GOSTAR FUTEBOL

(Quadros e Karnopp, 2004, p. 151)



<MARIA>t JOÃO GOSTA ELA

(Quadros e Karnopp, 2004, p. 151)

Ao nosso ver, ocorre aí a apresentação do tópico no início da conversação por meio da predicação existencial não verbal, que é seguida da sentença completa, que, inclusive, repete o tópico na posição de objeto: <(EXISTE) FUTEBOL>*tópico*, JOÃO

GOSTAR FUTEBOL. No exemplo seguinte, ocorre o mesmo, mas com o referente do tópico sendo recuperado por meio da apontação espacial: <(EXISTE) MARIA>^{tópico}, JOÃO GOSTA DELA.

Segundo Leite (2008), a prosódia, o uso dos sinais não manuais – como a direção do olhar – e a sinalização dos espaços – como os pontos de referentes – são estratégias formais comumente associadas à topicalização em Libras, mas elas precisam ser melhor descritas e comprovadas.

Por exemplo, a elevação das sobrancelhas é, seguramente, a estratégia mais citada quando o assunto é topicalização em Libras. Entretanto, já se atestou uma alta variação no uso da elevação de sobrancelhas como marca não manual presente na topicalização:

Da análise desses dados, entretanto, uma das características que nos chamaram a atenção foi a observação da intensa variabilidade no emprego da marcação não manual associada ao tópico – o alçamento das sobrancelhas. Como também informamos no capítulo V, **trata-se de uma análise, no entanto, que está suscetível ao “olhar” do experimentador, o qual pode cometer equívocos quanto à sua percepção desse traço nas respostas dos testes realizados pelos usuários nativos da Libras** (Dias, 2015, p. 227, grifos nossos).

Dias (2015, p. 215) deixa bem claro que, em sua pesquisa, as chamadas “marcas especiais” relacionadas ao tópico não foram “[...] observadas de forma mais expressiva”. Contudo, esse mesmo autor reconhece que há um “[...] emprego significativo desse mecanismo em situações discursivas específicas”, o que o leva a supor que

[...] a Libras possa estar num processo de transição de um estágio em que o tópico é marcado para um estágio em que ele já é menos marcado, pois estaria em competição com o sujeito enquanto estratégia de organização dos constituintes na sentença, ou, talvez, essa não seja a única marca capaz de licenciar o tópico e, sendo assim, na sua ausência, ocorreria outra marca para a qual não tenhamos dedicado atenção especial (Dias, 2015, p. 215).

Essa hipótese de Dias (2015) também será por nós explorada nas análises de dados nos capítulos 6 e 7.

No próximo capítulo, falaremos sobre as relações gramaticais em Libras e sua relação com a ordem de constituintes e a topicalização.

CAPÍTULO 3 – Relações gramaticais, espaço e papéis semânticos

Neste capítulo, continuaremos uma revisão crítica da literatura sobre temas da sintaxe e pragmática da Libras, especificamente relacionados a relações gramaticais (RG) e espaço, destacando sua relação com o tema desta pesquisa: topicalização e ordem de constituintes. O presente capítulo está dividido em duas seções. Na seção 3.1, abordamos o conceito de relações gramaticais e sua ocorrência em Libras, com destaque também para os tipos de espaço nessa língua e sua possível correlação com RGs. E, na seção 3.2, apresentamos o conceito de papéis semânticos e os principais tipos.

3.1. Relações gramaticais: conceitos e sua ocorrência em Libras

A análise das relações gramaticais “tem se mostrado uma ferramenta bastante útil nos estudos tipológicos, na medida em que permite identificar padrões de interação entre funções pragmáticas, semânticas e sintáticas” (Aglío-Hattnher, Nagamura, Parra, 2017, p. 342).

Para Onishi (2001, p. 01-02)¹⁵, de acordo com suas pesquisas,

[...] toda língua tem orações transitivas e intransitivas, e essas orações funcionam em termos de três categorias gramaticais centrais – A, O e S (cf. Dixon 1979, 1994). São elas: A – o argumento nuclear de uma oração transitiva, o qual prototipicamente denota o controlador ou iniciador da atividade descrita pelo verbo; O – o outro argumento nuclear da oração transitiva, o qual prototipicamente denota o participante afetado pela atividade descrita no verbo; S – o argumento único de orações intransitivas. Quase todas as línguas têm também orações ‘transitivas estendidas (ou ditransitivas)’ (tipicamente, envolvendo o verbo “dar”, e frequentemente verbos como

¹⁵ We start our investigations with the assumption that every language has transitive and intransitive clauses, and that those clauses function in terms of three core grammatical categories—A, O and S (cf. Dixon 1979, 1994). They are: A the core argument of a transitive clause, which prototypically denotes the controller or initiator of the activity described by the verb; O the other core argument of a transitive clause, which prototypically denotes the participant affected by the activity described by the verb; S the sole core argument of an intransitive clause. Almost every language also has ‘extended transitive (or ditransitive)’ clauses (typically involving ‘give’, and often some other verbs such as ‘show’ and ‘tell’) which require a third obligatory argument. The syntactic status of the two non-A core arguments of these verbs differs from language to language. Two basic patterns are commonly observed with regard to object identification of such verbs (Dixon 1994: 120; see also Dryer 1986):

(1)	‘give’	Donor	Gift	Recipient
	‘show’	Shower	Thing shown	Person to whom shown
	‘tell’	Speaker	Message	Addressee
(a)	A		O	non-O
(b)	A		non-O	O

(Onishi, 2001, p. 01-02)

“mostrar” ou “dizer”), as quais requerem um terceiro argumento obrigatoriamente. O *status* dos dois argumentos nucleares não-A diferem de língua para língua. Dois padrões básicos são comumente observáveis com respeito à identificação de tais verbos (Dixon 1994: 120; ver também Drye 1986):

(1)			
‘dar’	doador	coisa dada	quem recebe/ recipiente
‘mostrar’	mostrador	coisa mostrada	pessoa a quem se mostra
‘dizer’	falante	mensagem	a quem se fala
(a)	A	O	não-O
(b)	A	não-O	O

De acordo com Whaley (1997, p. 69, tradução nossa):

Certos verbos, como *dar*, também requerem três argumentos. Nunca se encontram, no entanto, verbos que requeiram quatro ou mais argumentos, seja em inglês ou em qualquer outro idioma. Assim, parece haver um limite de três argumentos verbais obrigatórios. Além disso, o tratamento desses argumentos requeridos tende a manter um *status* privilegiado na morfologia e sintaxe das línguas: eles são marcados de maneiras não disponíveis para outros sintagmas nominais que ocorrem na sentença [...].¹⁶

Afinal, quantos são os argumentos possíveis em Libras? Como são marcados? Essas são perguntas pouco exploradas na literatura sobre Libras. Para compreender a importância dessas relações na topicalização em Libras, vamos definir primeiramente o que são *relações gramaticais*.

3.1.1. Definição de relações gramaticais

Sobre relações gramaticais (RG), podemos encontrar outras terminologias, como funções gramaticais ou funções sintáticas. As relações gramaticais têm papel fundamental para analisarmos e identificarmos a estrutura de uma língua.

As relações gramaticais desempenham papéis funcionais em orações, como sujeito, objeto direto e objeto indireto, identificáveis por marcação morfológica e sintática especial. As relações gramaticais são perceptíveis em uma língua levando em conta um conjunto de propriedades associadas a um nominal que não são diretamente relacionáveis ao papel semântico desse nominal¹⁷ (Whaley, 1997, p. 67, tradução nossa).

¹⁶ [...] Certain verbs such as give also require three arguments. One never finds, however, verbs that require four or more arguments, either in English or any other language.⁷ Hence, there seems to be an upper limit of three mandatory verbal arguments. Furthermore, the treatment of these required arguments tends to hold a privileged status in the morphology and syntax of languages: They are marked in ways not available to other noun phrases occurring in the sentence,[...].

¹⁷ Grammatical relations are functional roles in clauses, such as subject, direct object, and indirect object, identifiable by special morphological and syntactic marking. Grammatical relations are perceptible in language by a cluster of properties associated with a nominal that are not directly relatable to the semantic role of the nominal.

Para Payne (1997, p. 133, tradução nossa): “[...] relações gramaticais são categorias formais automatizadas (aprendidas ou institucionalizadas) que permitem que as línguas lidem com uma gama infinita de variabilidade no domínio de papéis semânticos e estatutos pragmáticos”¹⁸.

As categorias de sujeito, objeto direto e objeto indireto são as mais comuns:

Givón (2001) esclarece que, para cada papel temático previsto no estado ou evento descrito pelo verbo, os participantes também assumem papéis gramaticais (relações gramaticais) característicos na oração. Os mais comuns universalmente são: sujeito, objeto direto e objeto indireto. Desses, sujeito e objeto direto são mais claramente centrais e mostram mais consequências gramaticais na maioria das línguas (Lucena, 2011, p. 15).

As diversas pesquisas sobre a sintaxe do Português atestam que, no exemplo “O aluno deu o vídeo para o intérprete”, é possível observar as relações gramaticais de sujeito (*o aluno*), objeto direto (*o vídeo*) e objeto indireto (*para o intérprete*).

A todo instante, a língua negocia relações entre RGs e papéis semânticos na chamada estrutura argumental dos verbos, a qual expressa a sua valência. Para Cunha (2006, p. 117):

Os termos “valência” e “estrutura argumental” normalmente se referem ora ao aspecto sintático da relação entre o predicado e seus argumentos, ora à relação semântica entre eles, ora a ambos, salientando o papel dominante do verbo na estruturação gramatical da oração em que ocorre. Desse modo, a estrutura argumental pode focalizar as relações gramaticais dos argumentos (sujeito, objeto direto, etc.), assim como os papéis semânticos que lhes são atribuídos (agente, paciente, etc.).

Na proposta de Comrie (1978), Dixon (1972, 1979, 1994) e Silverstein (1976), houve a elaboração de um estudo de papéis sintático-semânticos, tratada na literatura como agrupamento S, A e P (ou O), em que S é o sujeito de orações intransitivas; A é o sujeito de orações transitivas, e P (ou O) é o objeto de orações transitivas.

3.1.2. Testes para identificar relações gramaticais

Nesta seção, vamos apresentar os testes de relações gramaticais para identificar o sujeito, predicado, objeto direto e objeto indireto, tomando o português como exemplo. Citemos um exemplo:

O João vendeu uma bicicleta.

¹⁸ [...] GRs are automated (overlearned or institutionalized) formal categories that allow languages to deal with an infinite range of variability in the realm of semantic roles and pragmatic statuses.

O João	vendeu	uma bicicleta.
--------	--------	----------------

Na frase acima, há três constituintes: “O João”, “vendeu” e “uma bicicleta”.

Conforme Silva (2010, p.161 e 162), há diversos testes para identificar o sujeito em português:

- O sujeito é o sintagma nominal (SN) constituinte imediato da frase e ocorre geralmente em posição pré-verbal, isto é, à esquerda do verbo.
- É também o controlador da concordância verbal: o verbo concorda com o sujeito em número e em pessoa.
- A única forma do pronome pessoal que pode substituir um sujeito de 3.^a pessoa é a forma nominativa: *ele(s)/ela(s)*.
- O constituinte que, na forma ativa desempenha a função de sujeito, é antecedido na respectiva frase passiva pela preposição *por*.
- O sujeito de uma frase constitui a resposta à pergunta quem (ou o quê) mais o sintagma verbal.

Assim, o sujeito da frase acima é “O João”, pois responde a todos esses testes de identificação do sujeito da oração.

Agora vejamos como testar o objeto direto, de acordo com Silva (2010, p. 161 e 162):

- O complemento direto ocorre à direita do verbo e, geralmente, não é introduzido por qualquer preposição; por isso, na maioria dos casos, é o SN constituinte imediato de um SV (sintagma verbal).
- É substituível pela forma acusativa do pronome pessoal: *o(s)/a(s)* no português padrão; mas também pela forma *ele(a)(s)* no português não padrão.
- Na passiva, este constituinte desempenha a função de sujeito.
- Constitui a resposta à pergunta quem (ou o quê) é que + SN sujeito + Verbo.

O objeto direto “uma bicicleta” corresponde a todas as alternativas citadas por Silva (2010).

Já o objeto indireto, de acordo com Silva (2010), é:

- O complemento indireto introduzido por uma preposição, sendo um SP (sintagma preposicional) constituinte imediato de SV.
- Pode ser substituído pela forma dativa do pronome pessoal: *lhe*.

- c) Responde à pergunta a quem (ou a quê) é que + SN sujeito + verbo + complemento direto.

A frase citada acima não tem o objeto indireto, porém, vamos acrescentar um objeto indireto para realizarmos a análise:

O João vendeu uma bicicleta ao irmão.

O João	vendeu	uma bicicleta	ao irmão
--------	--------	---------------	----------

Vemos que, na frase acima, há 4 constituintes: sujeito, verbo, objeto direto e objeto indireto. Neste caso, pode-se afirmar que o constituinte acrescentado [ao irmão] atende a todas as características citadas por Silva (2010) e por isso, pode ser interpretado como objeto indireto.

Por último, conforme Silva (2010), vamos testar o constituinte predicado.

- a) O predicado constitui a resposta à pergunta O que + fazer/acontecer + SN sujeito?
b) Pela construção de uma frase coordenada à frase em questão; com um sujeito diferente e contendo o advérbio “também” como substituto do SV identifica-se o predicado.

O predicado corresponde ao verbo, objeto direto e o objeto indireto. Portanto, de acordo com o critério “a”, se faz a seguinte frase: O que aconteceu com o João? Vendeu uma bicicleta ao irmão. E, de acordo com o critério “b”, se faz uma retomada anafórica. Por exemplo:

⇒ O João [vendeu uma bicicleta ao irmão], e a mãe, também.

Na primeira oração, havia o predicado (Sintagma Verbal) e, na segunda oração, houve uma omissão do predicado (Sintagma Verbal). Para explorar um pouco mais o tema “predicado”, apresentaremos a seguir uma breve distinção entre predicado aristotélico e predicado fregeano.

Aristóteles cindiu radicalmente as categorias linguísticas de sujeito e predicado sem preocupar-se em formular uma teoria de ligação para os dois elementos. Ao considerar sujeito e predicado de uma determinada proposição não como termos, mas

como classes que se relacionam com necessidade de se “encaixarem”, estudos de Frege e Russel analisam contextos extensionalistas, em que a proposição pode distinguir entre dois nomes de classes ou entre o nome de um indivíduo e uma classe.

Assim, é possível identificar o:

a) Predicado aristotélico:

João [matou a onça] > predicado = tudo que se fala do sujeito

b) Predicado fregueano:

[João] matou [a onça] = o predicado tem dois argumentos = João e onça; ou seja, o que é projetado pelo verbo.

Nesta tese, optamos pela definição fregueana de predicado. A seguir, vejamos o que estudos sobre Libras já apontaram sobre o tema relações gramaticais.

3.1.3. Relações gramaticais em Libras: espaço, apontação e dêixis

Para entender a complexa relação que existe entre a identificação de relações gramaticais em Libras, o espaço, a apontação e a dêixis, vamos começar tratando do espaço em Libras.

3.1.3.1. Espaço em Libras

O uso do espaço por falantes de línguas de sinais é um fato bastante recorrente. Muitas pesquisas dedicam-se ao estudo sobre o uso do espaço em Libras.

O espaço de sinalização tem sido investigado mais frequentemente na esfera da gramática. [...] Esse espaço, compreendido pela área à volta do sinalizante e demarcado pelo alcance dos seus braços, funciona na mente do falante como um sistema de coordenadas espaciais. **Ele possibilita ao sinalizante a distribuição organizada das entidades às quais ele faz referência durante o seu discurso** (Marinho, 2014, p. 183, grifos nossos).

Concordamos com Marinho (2014) quando ela reafirma o importante fato de que os participantes do discurso em língua de sinais são identificados no espaço à volta do sinalizante e entendemos a necessidade de explorar melhor isso no processo de investigação das relações gramaticais em Libras.

Indo além, em nossa tese, defendemos a função pragmática do espaço de sinalização e argumentamos que ele é usado para introduzir o tópico ou os tópicos que serão tratados pelo sinalizante. Mas antes vejamos o que seriam os chamados espaços

mentais, a fim de entender melhor os tipos de espaço presentes em línguas de sinais.

Em uma entrevista, Fauconnier assim define espaços mentais:

[...] os espaços mentais são, provavelmente, ativações que são estabelecidas no cérebro, na memória de trabalho. Provavelmente nós os organizamos e os conectamos através de excitações sincrônicas de conjuntos de neurônios. Mas isso são suposições, uma vez que ninguém, de fato, pode ver os espaços mentais no cérebro. Portanto, eles são definidos como um tipo de descrição de alto nível, baseada em generalizações e que nos permitem explicar ou formular hipóteses sobre a linguagem, sobre a gramática ou sobre o pensamento (Coscarelli, 2005, p. 291-292).

Nas línguas de sinais, essa construção do espaço mental pode ser de três tipos: a) espaço real; b) espaço sub-rogado; e c) espaço *token*.

3.1.3.1.1 Espaço real

Ocorre o chamado espaço real quando o enunciador se refere a personagens ou a objetos fisicamente presentes:

O espaço real é uma “representação mental” do ambiente físico imediato em que ocorre o ato de fala em língua de sinais. Esse espaço mental, denominado “real”, depende do que está fisicamente real no ambiente em que ocorre a enunciação e refere-se, por meio de apontação, às pessoas e aos objetos que estão presentes no local nesse momento. O espaço real marca a presença da 1ª e da 2ª pessoa do discurso, sendo a 1ª pessoa o sinalizador ou sinalizante, e a 2ª pessoa, o interlocutor. É preciso destacar que, neste espaço do discurso, pode ocorrer a presença de pessoas e objetos da 3ª pessoa. O termo real é usado para se fazer referência ao espaço mental que é, de fato, a concepção do indivíduo do que é perceptível no seu ambiente físico. É o que as pessoas percebem como presentes e reais no ato de fala (Araújo, 2016, p. 35-36).

Nossa hipótese é que pode haver uma forte relação entre os participantes do espaço real, a apontação e a identificação das relações gramaticais ou dos tópicos em Libras.

(1)¹⁹



Alliny



ELA



ESTUDAR-MUITO



LINGUÍSTICA



LIBRAS

‘A Alliny, ela estuda bastante sobre a linguística da Libras.’

<https://www.youtube.com/watch?v=tlbQGlmJ8VM>



3.1.3.1.2. Espaço sub-rogado

Ocorre o espaço sub-rogado quando o sinalizante representa, em seu próprio corpo, diferentes personagens, por meio, por exemplo, do movimento de tronco.

O espaço sub-rogado consiste em um espaço mental onde as coisas e as pessoas são tratadas como se estivessem presentes. Assim, existe semelhança entre o modo como se faz referência no espaço sub-rogado e a referência aos seres fisicamente presentes. Nesse espaço, representado visualmente por uma espécie de encenação, pode ser narrado algo que já aconteceu ou vai acontecer. Nele, o sinalizante assume o papel de narrador e dos personagens que participam da narrativa. (LIDDELL, 1995, p. 31) Nesse espaço, indica-se a pessoa ou o objeto que não está presente por meio da apontação para algum lugar no espaço, que fica marcado para referências anafóricas. É um espaço

¹⁹ Uso de imagem autorizada pela professora Alliny Andrade.

muito usado pelo surdo para narrar suas histórias ou remeter-se a fatos ocorridos em sua vida ou vivenciados por terceiros (Araújo, 2016, p. 36).

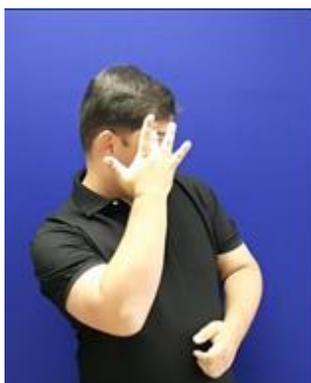
Aqui também pode existir uma relação estreita entre o tipo de espaço e a expressão das relações gramaticais e dos tópicos.

Liddell acrescenta que, no espaço sub-rogado, o sinalizante pode conceber pessoas ou coisas não presentes como se estivessem presentes; por exemplo, se a pessoa é concebida como se estivesse presente, o sinalizante pode direcionar o sinal para um determinado lugar no espaço já definido como sendo dessa pessoa e é como se realmente o personagem da narrativa estivesse presente (LIDDELL, 2000, p. 387). O autor destaca que essa representação mental ocorre em tamanho natural, pois a encenação é representada pelo próprio sinalizante (LIDDELL, 2000, p. 159) (Araújo, 2016, p. 36).

Vejam os exemplos disso em que o sinalizante está reproduzindo o diálogo entre duas pessoas:

(2)

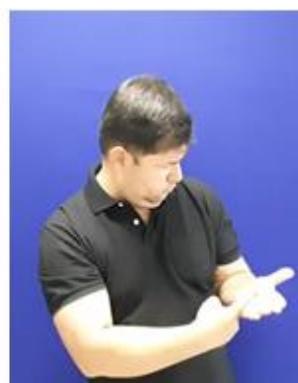
a.



AMANHÃ



SEMINÁRIO



CONFIRMAR?

(falante 1) ‘Amanhã terá o seminário?’

b.



SIM

(falante 2) 'Sim. Amanhã tem.'



CONFIRMAR



AMANHÃ

c.



SEMINÁRIO



1-HORA



SÓ

(falante 2) 'Sim, o seminário terá 1 hora de duração.'

<https://www.youtube.com/watch?v=PiCPrdc6JYw>



Percebemos que o corpo é orientado para diferenciar os personagens nesse diálogo: à direita está se referido a uma pessoa e, à esquerda, se referindo a outra. Até que ponto esse tipo de representação espacial tem vínculo com a expressão de relações gramaticais ou de tópico é algo ainda a se determinar.

3.1.3.1.3. Espaço *token*

O chamado espaço *token* ocorre na frente do sinalizante. A referência é construída de maneira diferente da construção do espaço sub-rogado:

No espaço *token*, a sinalização ocorre em um espaço mais limitado do que o utilizado no espaço real ou no sub-rogado, uma vez que o espaço em que se quer indicar e representar os elementos da narrativa fica com seu tamanho reduzido. O espaço que o *token* preenche é limitado ao tamanho do espaço físico à frente do sinalizante, no qual as mãos se localizam durante a realização dos sinais (LIDDELL, 1995, p. 33). Cabe destacar que um ponto, ao ser marcado no espaço como pertencente a um determinado personagem da narrativa, sempre será olhado, apontado ou indicado pelo direcionamento do corpo apenas para aquele personagem durante essa narrativa. No espaço mental *token*, a referência às pessoas do discurso é feita por meio da terceira pessoa, mesmo que sejam pessoas do ato de fala, “eu-tu”. Esta forma prevê o uso do espaço que fica em frente ao corpo do sinalizador como se pudesse visualizar um tabuleiro com pequenas “peças” de representação (Araújo, 2016, p. 36-37).

Essas “peças de representação” presentes no espaço *token* preencheriam as relações gramaticais em Libras? No exemplo a seguir, o sinalizante informa que ele tem dois filhos (3a). Logo em seguida, em (3b), ele aponta para um dos dedos do sinal DOIS, o qual agora representa o referente FILHO, e predica sobre ele: UM (É) HOMEM. Em (3c), repete o mesmo processo de apontação e predicação sem verbo, substituindo HOMEM por MULHER: O OUTRO (É) MULHER.

(3)

a.



TER



FILH@



DOIS TER

‘Tenho dois filhos.’

b.



UM-DELES



MASCULINO

‘Um deles (é) homem.’

c.



OUTRO



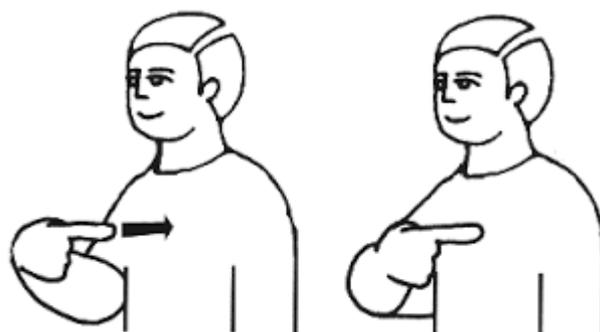
FEMININO

‘O outro (é) mulher.’

https://www.youtube.com/watch?v=_z3__UJIHow



Como esses exemplos imediatamente anteriores permitem vislumbrar, Libras não tem verbo cópula. A predicação equativa aí é feita sem a presença de um verbo do tipo “ser”. Poderíamos dizer que há aí um sujeito ou estaríamos diante de um tópico? Embora ainda não possamos responder com clareza a essa questão, um fato é inegável: o espaço *token* é usado para expressar relação gramatical ou função pragmática. Além disso, os tipos de predicados em Libras também carecem de estudo e aprofundamento. A seguir, buscamos explorar mais o que se tem chamado de relações gramaticais em Libras.



Fonte: <https://www.memrise.com/course/752650/libras-lingua-brasileira-de-sinais/2/>

Conforme o exemplo acima do pronome pessoal da primeira pessoa do singular, ele é umas das formas de apontação, um índex. Através dessas formas, temos a forma de sinalizar como pronome pessoal (singular e plural), pronome demonstrativo e o advérbio de lugar.

A forma do sinal utilizado com função de pronome pessoal é realizada pelo dedo indicador (um índex²⁰) diretamente apontado para um ponto no espaço. Se o referente estiver presente na situação comunicativa, a apontação será feita diretamente para tal referente (figura 1).

FIGURA 1 - Formas Pronominais usadas com Referentes Presentes



(Lillo-Martin & Klima, 1990:192 - Adaptado)

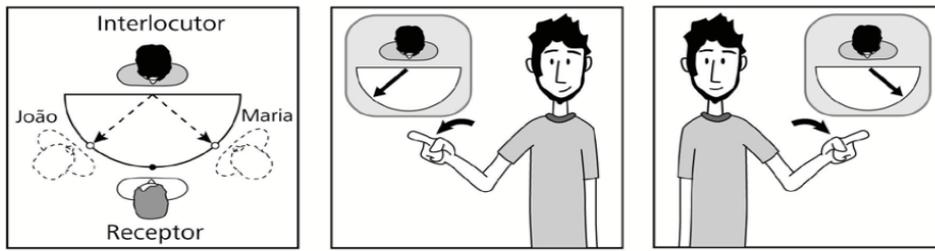
(Pizzio, Rezende e Quadros, 2009, p. 3-4)

Mas, ao tratar dos referentes omissos, o falante vai usar a apontação de um ponto arbitrário no espaço de sinalização para identificar a posição dos referentes que aparecerão na conversação:

No caso de referentes ausentes, um ponto arbitrário no espaço de sinalização será associado ao mesmo. Assim, é possível associar 'João' a um ponto específico à direita e 'Maria' a um ponto específico à esquerda. Então, as formas pronominais são direcionadas para esses pontos arbitrários no espaço: à direita para 'João' e à esquerda para 'Maria'.

²⁰ Segundo o dicionário de Português Online e Offline, o índex significa que é o dedo localizado entre o polegar e o médio; dedo indicador ou o segundo dedo da mão.

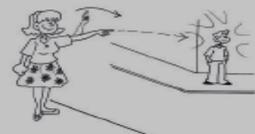
FIGURA 2 - Formas Pronominais Usadas com Referentes Ausentes



(Quadros, 1997, p. 52 adaptado de Lillo-Martin & Klima, 1990, p. 193).

(Pizzio, Rezende e Quadros, 2009, p. 4)

Vimos que as formas de apontação podem ser usadas para referentes presentes ou ausentes. Além disso, os sinais dos pronomes demonstrativos têm formas de apontação parecidas com pronomes pessoais do singular e, no caso dos advérbios de lugar, também podem ser apontados os pontos referentes ausentes e presentes diferentemente dos pronomes citados acima. Vejamos os exemplos de acordo com a ilustração de Felipe (2001, p. 42):

Pronomes Demonstrativo	Pessoa do Discurso	Advérbio de Lugar
 EST@	<p>Localidade da 1ª.Pessoa do discurso</p>  EU	 AQUI
 ESS@	<p>Localidade da 2ª.Pessoa do discurso</p>  VOCE	 AÍ
 AQUEL@	<p>Localidade da 3ª.Pessoa do discurso</p>  EL@	 LA

Percebemos que as formas de sinalização são apontadas por meio de índice, dependendo do contexto a ser apresentado em Libras. Porém, existe o contexto do sinal da Libras referente à primeira pessoa do singular que não é apontada para o corpo e não

é utilizado este sinal durante a conversação, como citamos o exemplo (4b).

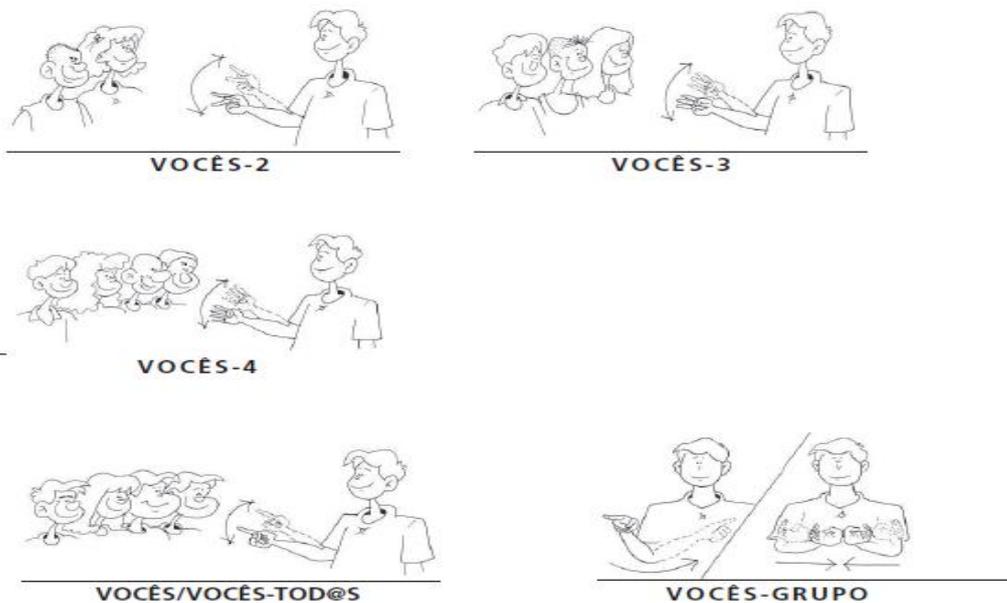
Além dessa apontação, temos a questão de plural dos pronomes pessoais que pode ser estendido por 2 a 4 dedos, maior que 4 dedos e em grupo:

A configuração V, com os dedos para cima, refere duas coisas ou pessoas. A configuração W, com os dedos para cima, refere três coisas ou pessoas, assim se estendendo também a incorporação da configuração de mão 4 que vai referir a quatro coisas ou pessoas (Pizzio; Quadros; Rezende, 2009, p. 17).



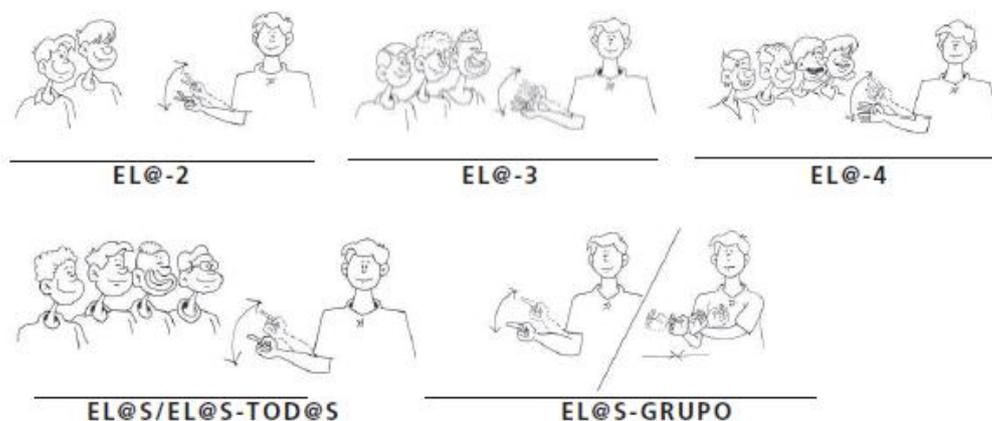
(Felipe, 2007, p.38)

Estes exemplos acima se referem à primeira pessoa do singular e do plural. Agora vejamos os exemplos da Libras de segunda pessoa do singular e do plural:



(Felipe, 2007, p.39)

Outros exemplos dos sinais para terceira pessoa do singular e do plural:



(Felipe, 2007, p.40)

Conforme a literatura sobre sujeito, encontramos a respeito dos tipos de sujeito: sujeito na posição inicial, sujeito na posição final e sujeito implícito. Vejamos a seguir os exemplos da Araújo (2013, p. 98):

(5)

- a) EL@ VIAJAR RECIFE FÉRIAS => sujeito na posição inicial
- b) <MARCHAR-FRENTE-ATRÁS pessoa>clSOLDAD@ => sujeito na posição final
- c) <(S) SURFAR++>md => sujeito implícito (“incorporado”).

Sobre o sujeito implícito, Araújo (2013, p. 77) afirma: “[...] para representar o sujeito oculto, levando em consideração que esse elemento não está materialmente expresso na sentença, mas encontra-se implícito na oração”.

Em (6) abaixo, há verbos direcionais e verbos com flexão, como VER, AVISAR, RESPONDER, PERGUNTAR e AJUDAR. Sobre esses verbos, Brito (1997) explica:

Verbos com flexão como VER, AVISAR, RESPONDER, PERGUNTAR, AJUDAR são verbos em que a ordem vai ser sempre SVO. Note-se que não estamos distinguindo aqui objeto direto de objeto indireto porque, em recentes estudos em linguística, há a proposta de considerarmos os complementos sem preposição como objetos e os com preposição como objetos oblíquos. Em exemplos com os verbos acima, podemos notar a restrição quanto à ordem porque o sujeito e o objeto não aparecem na forma de constituintes separados dos verbos, mas sim na forma de flexão do próprio verbo através da

direcionalidade de seu movimento, um vetor, cujo ponto de origem refere-se ao sujeito e cujo ponto final refere-se ao objeto. É a direcionalidade com esses dois pontos que é chamada flexão verbal (Brito, 1997, p. 33).

Assim, são exemplos de flexão verbal para a autora:

- (6)
- a) 1a RESPONDER 2a
(Eu respondi a você)
 - b) 3a PERGUNTAR 1a VERDADE
(Ele perguntou a mim a verdade)
 - c) VERDADE 3a PERGUNTAR 1a
(A verdade ele perguntou a mim)
 - d) 1a VER 2a
(Eu vi você)
 - e) MYRNA 3a AVISAR 3a SERGIO
(Myrna, ela avisou ele, Sergio)
 - f) 2a AJUDAR 3a
você-ajudar-ela
(Você a ajudou)

Enfim, não ficou clara a diferença entre objeto direto e objeto indireto nos exemplos das frases em Libras empregando verbos direcionais. A literatura sobre Libras não evidencia distinção entre objeto direto e objeto indireto.

Brito (1997) reafirma que o primeiro referente que inicia a marca de movimento é sempre o sujeito, e o outro referente que termina a marca de movimento é o objeto, ou seja, com essa ordem dos constituintes seria SVO. Em (6c), ocorre a topicalização do objeto direto cuja ordem é OD-S-V-OI. Mas, se os participantes desse tipo de verbo são identificados no espaço, não vemos motivo para não os considerarmos argumentos do verbo.

Quadros e Karnopp (2004) afirmam que a dêixis é um tipo de flexão dos verbos em Libras:

[...] [dêixis] descreve uma forma particular de estabelecer nominais no espaço que são utilizados pelos verbos com concordância como parte de sua flexão. A função dêitica em línguas de sinais, como na língua de sinais brasileira e na ASL, é marcada através da apontação propriamente dita. Os referentes são

introduzidos no espaço à frente do sinalizador, através da apontação em diferentes locais. As formas verbais para pessoa são estabelecidas através do início e fim do movimento e da direção do verbo, **incorporando** estes pontos previamente indicados no espaço para determinados referentes (Quadros e Karnopp, 2004, p. 112, grifos nossos).

Vejamos os exemplos:

(7)



(Quadros e Karnopp, 2004, p. 113-114)

A função dêitica presente no uso da apontação é um fato inegável em Libras. De fato, os participantes de um discurso são introduzidos em cena no espaço à frente do sinalizante. Mas não defendemos que ocorra incorporação desses pontos em verbos direcionais ou de concordância, nem que isso seja flexão.

Dada a inexistência de critérios claros para identificar relações gramaticais em Libras, em alguns momentos desta tese optamos por identificar os argumentos de maneira mais genérica, sem especificar se seriam sujeito, objeto direto ou objeto indireto, chamando-o simplesmente de “argumento”. E, para cada argumento, usaremos a

identificação do seu papel semântico na oração. Por isso, a seguir, apresentaremos os papéis semânticos, os quais serão fundamentais em nossa análise.

3.2. Papéis semânticos

Segundo Lucena (2010, p. 64-65), os papéis semânticos “[...] são noções que dizem respeito à ligação entre conceito mental e sentido”. Para Cançado (2012, p. 105), “[...] é a relação do evento com a estrutura conceitual mental, e da estrutura conceitual mental com a sintaxe”. Entre os principais pesquisadores na área semântica, podemos citar Fillmore (1968, 1971), Chafe (1970), Halliday (1966, 1967), Gruber (1976), Jackendoff (1972) e outros. Estes pesquisadores organizaram uma lista de papéis semânticos que, em certa medida, coadunam com as pesquisas de Cançado (2012, p. 107, 108 e 109). A seguir, vejamos alguns papéis semânticos mais comuns e prototípicos.

- a) **Agente:** o desencadeador de alguma ação, capaz de agir com controle, por vontade própria e alterar o estado de um paciente. É um papel fundamental na construção transitiva prototípica. Exemplos de agentes prototípicos são João (8) e Maria (9) nas frases abaixo:

8 - João matou uma galinha.

9 - Maria comeu o bolo.

- b) **Paciente:** a entidade que sofre o efeito de alguma ação, havendo mudança de estado. Para Lucena (2010, p. 65):

O papel paciente (SLOBIN, 1982; FURTADO DA CUNHA; SOUZA 2007) refere-se ao participante, animado ou inanimado, que registra uma mudança de estado ou posição como resultado de um evento. O paciente está relacionado ao verbo de ação-processo e pode designar uma entidade *afetada* pela ação verbal [...] ou *efetuada* [...]

Segundo Slobin (1982 *apud* Lucena, 2010, p. 128), o paciente compõe o protótipo do evento transitivo, sendo afetado por um agente. Nos exemplos (10) e (11), “o vaso” e “a Maria”, respectivamente, são pacientes prototípicos:

10 - João quebrou o vaso.

11 - O acidente machucou a Maria.

A seguir, vejamos outros tipos de papéis semânticos.

c) **Causa:** o desencadeador de alguma ação, sem controle. Por exemplo:

12 - As provas preocupam a Maria.

13 - O sol queimou a plantação.

d) **Instrumento:** o meio pelo qual a ação é desencadeada. Por exemplo:

14 - João colou o vaso com cola.

15 - Maria escreveu a carta com uma caneta esferográfica.

e) **Tema:** entidade deslocada por uma ação.

16 - João jogou a bola para a Maria

17 - João enviou a carta para o seu pai.

f) **Experienciador:** ser animado que está em determinado estado mental, perceptual ou psicológico. Por exemplo:

18 - João pensou na Maria

19 - João viu um pássaro.

20 - João gosta da Maria.

g) **Beneficiário:** a entidade que é beneficiada pela ação descrita. Por exemplo:

21 - João fez um bolo para Maria.

h) **Locativo:** o lugar em que algo será situado ou acontece. Por exemplo:

22 - Eu nasci em Belo Horizonte.

23 - O show aconteceu no teatro.

i) **Alvo/ Destinatário:** a entidade para onde algo se move, tanto no sentido literal como no sentido metafórico. Por exemplo:

24 - Sara jogou a bola para o policial.

25 - João contou piadas para seus amigos.

26 - João deu flores para Aline.

j) Fonte: a entidade de onde algo se move, tanto no sentido literal como no sentido metafórico. Por exemplo:

27 - João voltou de Paris.

28 - João tirou aquela ideia do artigo do Givón.

Lucena (2010, p. 66) apresenta o papel semântico *estímulo*: “[...] corresponde ao papel semântico de participantes relacionados a atividades mentais, isto é, representa uma entidade que estimula um sentir ou perceber, e geralmente está associado aos verbos de ação [...]”.

29 - Fred likes horses.

Fred gosta de cavalos (Dixon, 1992, p. 156).

A fim de avançar mais na discussão sobre identificação de relações gramaticais em Libras, ordem de constituintes, topicalização, no próximo capítulo trataremos dos tipos verbais em Libras.

CAPÍTULO 4 – Tipos de verbos em Libras e sua relação com a ordem de constituintes e a topicalização

O estudo dos tipos de verbo em Libras está diretamente relacionado às relações gramaticais, ordem de constituintes e topicalização. Faremos aqui uma introdução a eles para proceder à análise desses outros temas desta tese.

Nas pesquisas sobre tipos de verbos em Libras, identificamos três grandes agrupamentos: 1) verbos “direcionais” ou “com concordância” (seção 4.1); 2) verbos “não-direcionais”, “sem concordância” ou “simples” (seção 4.2); e 3) verbos “manuais”, “com classificador”, “*handling verbs*”, ou “predicados complexos” (seção 4.3).

4.1. Verbos direcionais ou verbos com concordância: reversíveis e irreversíveis²¹

Brito (2010) afirma que os verbos chamados direcionais são os que têm uma flexão para pessoa e número nos pontos inicial e final do movimento. Segundo ela, os verbos direcionais da Libras são numerosos e apresentam duas representações:

[...] aquela em que o ponto inicial do movimento do sinal verbal marca o SUJ e o ponto final marca o OD, o OI ou o LOC. É o caso de DAR e PERGUNTAR.

[...] a dos chamados verbos reversíveis, já mencionados, isto é, verbos cujo movimento tem um ponto inicial que marca o OD, o OI ou o LOC e um ponto final que marca o SUJ (Brito, 2010, p. 63-64).

Vejamos os exemplos de Brito (2010, p.63-64) relativos aos dois tipos de verbos direcionais, os quais a autora apresenta em forma de glosas:

(1)

- a) LIVRO PILHA 1DAR3, 1DAR3, 1DAR3
(Eu dei um livro para cada um deles.)
[o livro, eu dei para cada um deles]
- b) BOLA 3DAR1
(Ela me deu a bola.)
[a bola, ela me deu]
- c) 1PERGUNTAR2 VERDADE
(Eu te perguntei qual era a verdade.)
- d) 2PERGUNTAR1 VERDADE

²¹ Quadros (1999, *apud* Quadros e Karnopp, 2004, p. 201) incluiu os chamados verbos locativos ou verbos espaciais entre os verbos com concordância (ou direcionais em outra terminologia).

(Você me perguntou qual era a verdade.)

- e) 3PEGAR1
(Eu peguei aquilo ou aquilo foi pego por mim.)
- f) LIVRO 3TIRAR1
(Eu tirei o livro dela/dele ou o livro foi tirado dela.)
[O livro, eu tirei dele.]
- g) 2CONVIDAR1
(Eu te convidei ou você foi convidado por mim.)



(Brito, 2010, p. 56)

- h) 1CONVIDAR2
(Você me convidou ou eu fui convidado por você.)



(Brito, 2010, p. 56)

Os exemplos (1) “a”, “b”, “c” e “d” são frases que apresentam verbos direcionais com a marcação de papel de agente (o qual a autora chama de sujeito) no ponto inicial, enquanto a marcação de papel de receptor/alvo/destinatário (o qual a autora chama de objeto direto, objeto indireto ou locativo) está no ponto final. O participante com papel tema (LIVRO, BOLA e VERDADE) ocupa posição fora do verbo, sendo representado por um item lexical. Os exemplos (1a) e (1b) trazem o participante tema na posição inicial da sentença, o que sugere que foram topicalizados. De acordo com nossa proposta, é uma posição de predicação existencial não verbal, em que o tópico principal da frase é apresentado.

Já com respeito aos exemplos (1) “e”, “f”, “g” e “h”, Brito (2010) os chama de verbos direcionais reversíveis, quer dizer que os verbos começam o movimento no

participante paciente ou fonte (cf. 1f) (os quais ela trata como OD, OI ou LOC) e terminam no agente (que ela chama de sujeito).

O verbo “PEGAR”, no exemplo (1e), se inicia no ponto referente da terceira pessoa do singular, que é o paciente, e termina no ponto de referente da primeira pessoa do singular, que se interpreta como o agente da ação.

No exemplo (1f), com o verbo “TIRAR”, ocorre o mesmo movimento partindo da fonte ou paciente e chegando ao agente. O participante tema LIVRO, como no exemplo (1a), está no início da frase, também em aparente topicalização.

No exemplo (1g), o verbo “CONVIDAR” começa na segunda pessoa do singular, que é o alvo/paciente do convite e termina na primeira pessoa do singular, que é o agente do convite. O mesmo se vê no exemplo (1h): o movimento começa no alvo/paciente e termina no agente.

Embora Brito (2010), nos exemplos (1e-h), tenha usado construções passivas na tradução em português, em Libras não identificamos essa estrutura na pesquisa de mestrado:

O presente trabalho teve o objetivo principal de analisar o uso da passiva ou outra construção similar à passiva na Libras. Durante a nossa pesquisa, registramos horas de gravação de conversas entre surdos e não conseguimos extrair dos vídeos estruturas que pudessem ser classificadas como passiva (Miranda, 2014, p. 72).

Sobre o uso da terminologia “sujeito”, “objeto direto” e “objeto indireto”, não há registro de quais características morfossintáticas foram usadas para justificar a existência dessas relações gramaticais.

A transitividade dos verbos ou dos predicados também não é realmente explorada na discussão desses exemplos por Brito (2010). Seriam verbos transitivos ou bitransitivos? Aparentemente, seriam bitransitivos aqueles com a presença de dois objetos, mas isso não é demonstrado ou explicado. E como postular um objeto indireto sem adposição (preposição ou posposição)? Nos exemplos dados, não há esse elemento. A existência de preposições em Libras parece estar associada à influência do português sinalizado:

[...] é mencionada a existência de sinais em LSB correspondentes às seguintes preposições do português: ‘após’, ‘até’, ‘com’, ‘contra’, ‘em’, ‘para’, ‘sem’, ‘sob’ e ‘sobre’. No entanto, a autora afirma que eles parecem resultar de uma influência do português sinalizado [...] (Mesquita; Salles, 2010, p. 165).

Além da terminologia “verbos direcionais”, é muito recorrente o uso do termo “verbos com concordância”²², que assim são definidos: “[...] são verbos que se flexionam em pessoa, número e aspecto, mas não incorporam afixos locativos. Exemplos dessa categoria são DAR, ENVIAR, RESPONDER, PERGUNTAR, DIZER, PROVOCAR” (Quadros e Karnopp, 2004, p. 117). Seriam, nas palavras das autoras, “[...] verbos que **incorporam o sujeito e o objeto**” (Quadros e Karnopp, 2004, p. 202, grifos nossos).



(Quadros e Karnopp, 2004, p. 118)

Conforme Brito (2010), alguns verbos se flexionam em número e pessoa. Porém, “flexão”, segundo Dubois *et alii* (1998, p. 279),

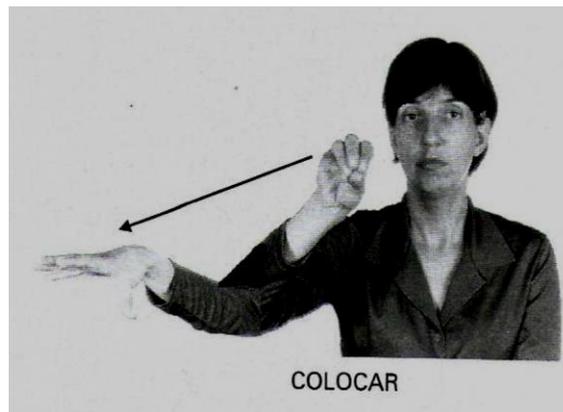
[...] é um processo morfológico que consiste em prover as raízes (verbais, nominais, etc.) de afixos ou desinências: estes exprimem as funções sintáticas (casos), as categorias gramaticais do número, do gênero, da pessoa, ou as categorias semânticas do animado, do contável, etc., conforme as classes de palavras determinadas por cada língua.

Alguns pesquisadores tentam associar o termo “flexão” aos sinais, mas há uma certa opacidade quanto ao conceito de flexão deles e sua real aplicação aos verbos em Libras. Não encontramos pesquisas que tragam o paradigma de flexões.

Ainda segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 201), “Quadros (1999) incluiu os ‘verbos espaciais’ nesta classificação” [verbos com concordância]. Esses verbos

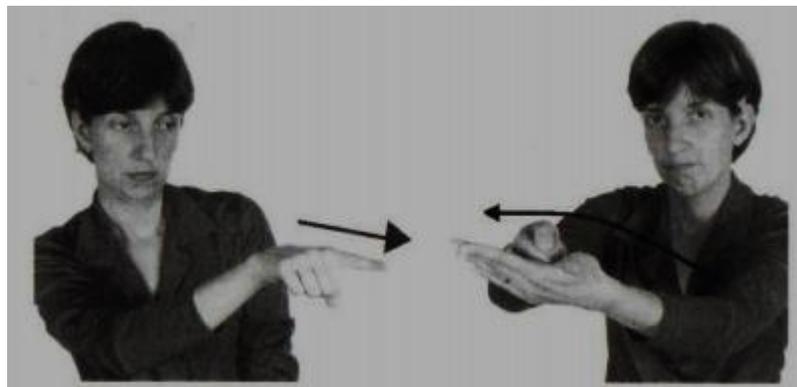
²² De acordo com Quadros e Quer (2006), a terminologia empregada pelos pesquisadores da ASL acerca de classes verbais é bastante variada. Alguns pesquisadores como Loew (1984), Lillo-Martin (1986) e Emmorey (1991) adotaram o termo ‘verbos de concordância; Supalla (1990) adotou ‘verbos de movimento’ e os demais como Fischer (1973), Fisher e Gough (1978), Baker e Cokely (1980) e Padden (1983) no início aderiram ao termo verbos de concordância. Posteriormente, Padden (1990) alterou para ‘verbo de flexão’, pois reconhece que esse tipo de verbo apresenta duas subclasses do verbo de concordância e do verbo espacial. Por último, Janis (1995) aderiu à terminologia ‘concordância locativa (flexão locativa)’ e ‘concordância não-locativa (flexão de concordância)’.

possuiriam afixos locativos, como VIAJAR, IR, CHEGAR e COLOCAR.



(Quadros e Karnopp, 2004, p. 118)

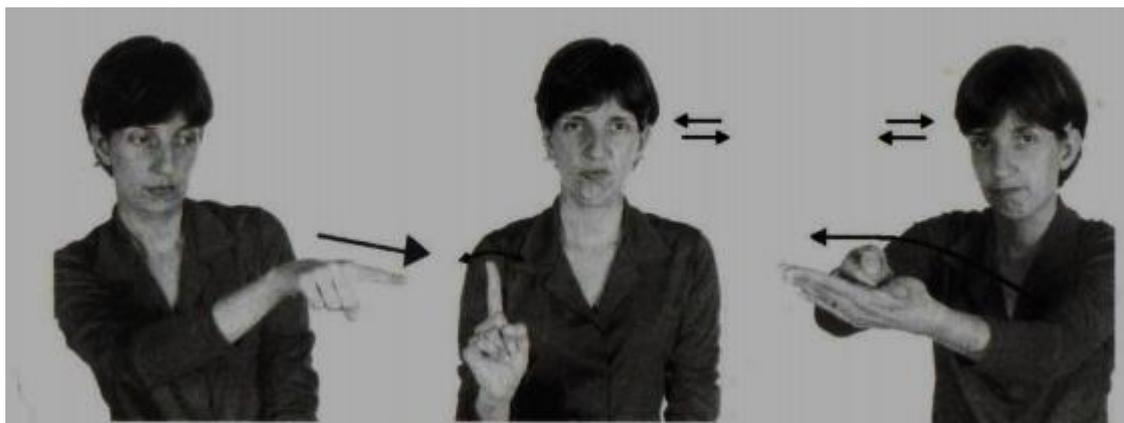
Outros verbos, segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 202), poderiam ser do tipo com ou sem concordância. De partida seriam sem concordância, “[...] mas que podem ser sinalizados em um determinado ponto **incorporando o referente**” (grifos nossos). PAGAR seria um exemplo desse tipo de verbo:



<ELE> do <PAGAR> do
Ele pagou (alguma determinada coisa)

(Quadros e Karnopp, 2004, p. 202)

<ELE> do <NÃO <PAGAR>do>n



Ele não pagou (alguma determinada coisa)

(Quadros e Karnopp, 2004, p. 202)

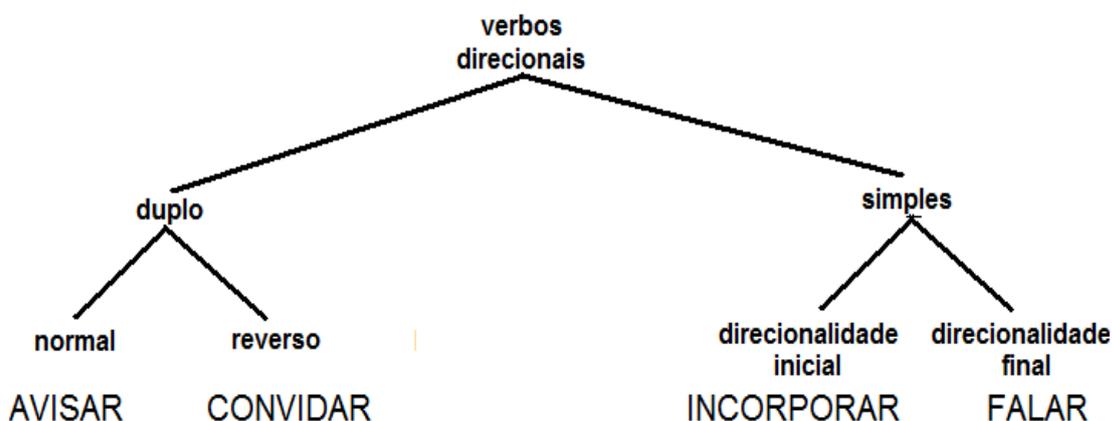
Ainda segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 202), “os verbos sem concordância não admitem a negação antes do verbo, ao contrário dos verbos com concordância”. Uma subdivisão nos verbos de concordância ainda é proposta pelas autoras. São os chamados por elas *backward verbs*:

Tais verbos iniciam a trajetória do sinal na posição do objeto e concluem-na na posição do sujeito, ao contrário dos demais verbos com concordância, que começam a trajetória na posição do sujeito e vão em direção à posição do objeto. Na língua de sinais brasileira há vários verbos que ilustram este tipo de verbo, como BUSCAR e CHAMAR (Quadros e Karnopp, 2004, p. 203).

Esses mesmos verbos são chamados de “direcionais reversíveis” por Brito (2010), como acabamos de ver. Aqui também há um problema básico de fundo: o que é um sujeito ou um objeto em Libras? Não vamos resolver isso nesta tese, mas evitaremos ao máximo o uso de alguns rótulos como objeto direto e objeto indireto. E também não trataremos de “concordância” ou “incorporação”. O conceito de incorporação da literatura linguística não condiz com a maneira superficial e equivocada com que esse termo é usado na literatura sobre Libras.

Xavier e Neves (2016) propõem uma tipologia para os chamados verbos direcionais, a qual reproduzimos a seguir:

Figura 3 - Tipologia dos verbos direcionais conforme Xavier e Neves (2016)



(Xavier; Neves, 2016, p. 137)

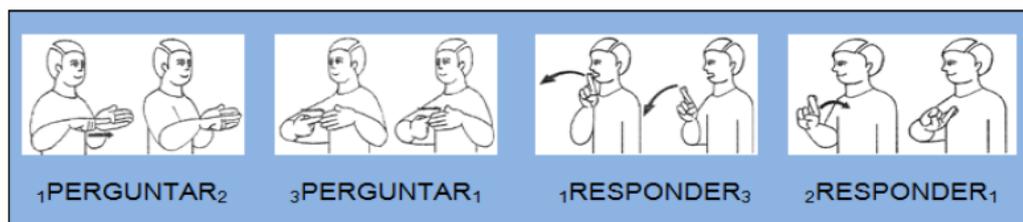
Como se vê, esses autores preveem dois tipos de verbos direcionais. Um tipo é chamado de “duplo” e indicaria dois referentes, que eles chamam de “sujeito” e “objeto”. O outro tipo é chamado de “simples”, prevendo apenas a realização de um referente, o “objeto”. O chamado “duplo normal” parte do “sujeito para o objeto”, enquanto o chamado “duplo reverso” parte do “objeto para o sujeito”. Essa tipologia está intimamente relacionada com a indicação das relações gramaticais e a ordem de constituintes em Libras.

Na pesquisa de Olizaroski (2017) sobre o tema, ela usa o termo “direcional” e cita as pesquisas que os chamam de “verbo com concordância”. Porém, essa autora **não** fala em flexão com esses verbos, mas em “adjunção de argumentos ao verbo”, os quais se manifestariam em “sinais por meio da direção”:

Verbos direcionais irreversíveis e direcionais reversíveis têm, na Libras, a peculiaridade de **adjungirem ao verbo dois de seus argumentos**, manifestando-se em **sinais por meio da direção** e nas glosas-Libras por meio da pessoa verbal anexada ao verbo, grafados como: 1DAR3, 1ENTREGAR2, 3PERGUNTAR3, 2RESPONDER3, bTIRARa, bCONVIDARa (Olizaroski, 2017, p. 91, grifos nossos).

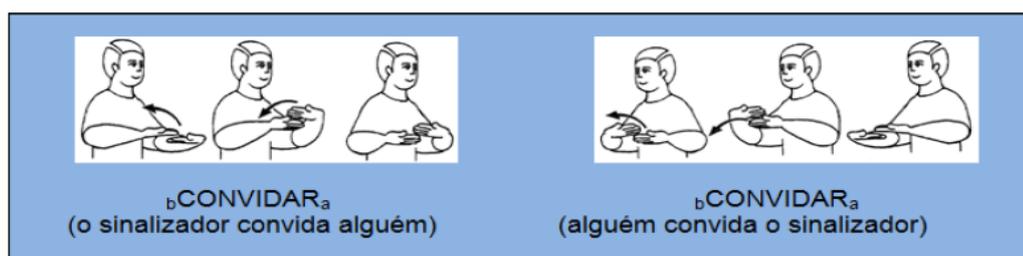
Semelhante ao que defende Olizaroski (2017), defendemos que, em Libras, não há razão para se falar em flexão ou concordância com verbos direcionais. Os seus argumentos ou participantes são identificáveis no espaço de sinalização, tendo a direção do movimento função importante na identificação dos papéis semânticos envolvidos na sentença. Em verbos direcionais irreversíveis como DAR, o movimento começa no agente e termina no destinatário, estando o tema (a coisa dada) realizada por meio de sinal lexical ou apontação (se a coisa dada estiver no ambiente). Ao contrário, em verbos direcionais reversíveis como CONVIDAR, o movimento começa no paciente (ou alvo do convite) e termina no agente. Aqui evitamos o uso dos termos “sujeito” e “objeto direto” ou “objeto indireto”, que exigiriam testes sintáticos para serem realmente identificados na língua. A seguir, tomamos os exemplos de verbos direcionais irreversíveis e reversíveis citados por Olizarkoski (2017, p. 92):

Quadro de Imagens 5 – Exemplos de verbos direcionais irreversíveis



Fonte: Adaptado de Capovilla e Raphael (2001)

Quadro de Imagens 6 – Exemplos de verbos direcionais reversíveis



Fonte: Adaptado de Capovilla e Raphael (2001)

Como se vê, é muito corriqueira a caracterização de verbos direcionais (ou com concordância) a partir do que se tem chamado “incorporação de sujeito e/ou objeto” ou “incorporação de referente”. Qual seria a ordem de constituintes presentes em verbos direcionais? Como seria feita a topicalização das relações gramaticais com esse tipo de verbo?

Sobre a ordem de constituintes com verbos direcionais ou com concordância, vejamos o que afirma Pizzio (2011, p. 46 *apud* Olizaroski, 2017, p. 68-69, grifos nossos):

Nos verbos com concordância é possível a ocorrência de argumentos nulos, o que não ocorre nos verbos sem concordância. Além disso, as marcações não manuais são obrigatórias nos verbos com concordância e opcionais nos verbos sem concordância. Outra questão relevante é que **há mais liberdade na ordenação das sentenças com verbos com concordância do que naquelas contendo verbos sem concordância**, inclusive havendo uma distribuição diferente da negação entre as sentenças com esses dois tipos de verbo e também em relação ao uso de auxiliar, que só é permitido com verbos sem concordância.

Essa possível maior liberdade na ordenação com verbos com concordância também é destacada em Olizaroski (2017), quando essa autora recupera o pensamento de Quadros (2000) sobre o tema:

A maior flexibilidade [da ordem] aconteceria com verbos que apresentam concordância, pois eles proporcionam a **possibilidade de mover o objeto para uma posição mais alta**, diferentemente dos verbos sem concordância os quais apresentam um afixo virtual que exige adjacência a eles, impossibilitando, desta forma, a **topicalização do objeto** (Olizaroski, 2017, p. 66, grifos nossos).

Olizaroski (2017) ainda cita outras pesquisas que chegaram à mesma conclusão:

Ainda, podemos citar, a título de breve exemplo, autores como Gomes (2009), Klimsa e Klimsa (2011), Santos, Santos e Santos (2013), os quais também testificam, juntamente com os autores já mencionados, que **apesar da ordem SVO ser bastante natural em Libras as “derivações” OSV, SOV e VOS são possíveis devido à utilização de marcas como a concordância e as ENM** (Olizaroski, 2017, p. 69, grifos nossos).

Uma consequência dessa maior flexibilidade de ordenamento com verbos com concordância seria, possivelmente, sua maior disponibilidade para a topicalização do objeto. Sobre isso, voltaremos a falar nos capítulos 6 e 7.

4.2. Verbos não direcionais, sem concordância ou simples: verbos ancorados ao corpo e verbos que incorporam o objeto ou o instrumento (verbos instrumentais)

Os verbos “não direcionais” são também conhecidos como “verbos sem concordância” ou “verbos simples” (cf. Quadros e Karnopp, 2004). Segundo Brito (2010), formam uma classe de verbos que se subdivide em mais três outras: i) “[...] verbos ancorados no corpo”; ii) “[...] verbos que incorporam o objeto ou o instrumento”; e iii) verbos “[...] que apresentem flexão, ainda que apenas de um SN”. Brito (2010, p. 61 e 62) apresenta os exemplos desses verbos:

[...] “ancorados no corpo”, isto é, verbos cujos sinais são feitos em contato ou muito próximos do corpo. São em geral, verbos de estado (cognitivos, emotivos ou experienciais) como PENSAR, ENTENDER, DUVIDAR, GOSTAR, ODIAR, SABER, etc. Alguns são verbos de ação como COMER, CONVERSAR, PAGAR, FALAR.

Ferreira (2013, p. 49) cita um exemplo diferente: “O verbo ESCOVAR representa um verbo não-direcional sinalizado próximo do corpo do próprio sinalizador. O sinal se realiza junto da parte do corpo que é o objeto do verbo e, nesse caso, dizemos que o verbo é ancorado no corpo”.

(2)

ESCOVAR-DENTE



(Ferreira, 2013, p. 49)

Esse exemplo nos deixa a seguinte dúvida: seria um verbo não direcional ancorado ao corpo ou seria um verbo que incorpora o objeto? Vejamos o que se costuma chamar de “verbo que incorpora o objeto” em Libras.

Os verbos que incorporam o objeto, segundo Ferreira (2013, p. 47), “[...] se caracterizam pelo fato de que alguns parâmetros modificam-se para especificar informações relativas aos argumentos”. Definitivamente, isso não é uma incorporação em termos linguísticos gerais. O exemplo a seguir foi citado por Ferreira (2013), mas foi extraído, segundo ela, de Brito (1995, p. 62):

(3) COMER-MAÇÃ



(Ferreira, 2013, p. 49)

Esse é um exemplo bem típico, bastante usado desde Brito (1995), para ilustrar o que seria um verbo não direcional com incorporação de objeto. Segundo Olizaroski (2017, p. 92, grifos nossos):

Alguns verbos como o não-direcional ancorado ao corpo COMER e o direcional reversível bPEGARa, p. ex., surgem em determinados contextos como **verbos que incorporam o objeto** e são grafados pelas glosas: COMER-MAÇÃ e bPEGAR-COPOa, respectivamente.

Assim, um verbo não direcional ancorado ao corpo pode se tornar um verbo que incorpora o objeto. Mas propomos que são dois itens lexicais distintos em Libras. Por exemplo, COMER é um sinal, e COMER-MAÇÃ é outro sinal. Vejamos um outro exemplo bastante usado:

Quadro de Imagens 7 – Exemplos de verbos que incorporam o objeto



Fonte: Adaptado de Capovilla e Raphael (2001)

(Olizaroski, 2017, p. 92)

Nesse exemplo, costuma-se defender que o verbo BEBER foi modificado para expressar o tipo de coisa que é bebida (água, café, pinga, cerveja) e que haveria aí incorporação do objeto. Parece haver uma confusão entre o que seria o português e o que realmente é a Libras. Em português, se poderia dizer que há composição entre “beber” e o “objeto”, mas em Libras são verbos distintos para cada tipo de bebida. Por isso, discordamos da análise de Ferreira (2013) sobre esse tema.

Ainda se encontra uma outra terminologia associada erroneamente com incorporação: os chamados verbos “instrumentais” ou verbos que “incorporam o instrumento”:

Há casos nos quais **o instrumento é associado à ação verbal**. Tomemos, novamente, o verbo COMER que pode ser sinalizado por meio da especificação do instrumento utilizado para a execução da correspondente ação, sendo, então, sinalizado de forma diferenciada e grafado pela glosa: COMER–COLHER. O mesmo pode acontecer com o verbo MATAR, p. ex.:

Quadro de imagens 8 – Exemplos de verbos instrumentais



Fonte: Adaptado de Capovilla e Raphael (2001)

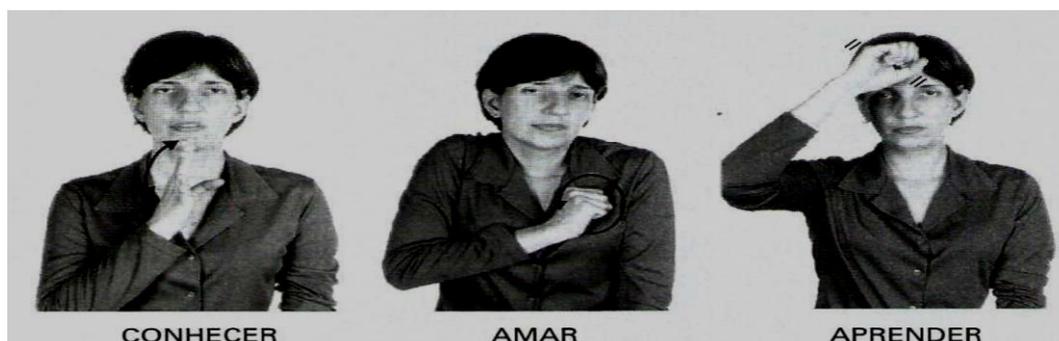
(Olizaroski, 2017, p. 92-93)

Também aqui entendemos tratar-se de verbos diferentes e não verbos derivados do verbo MATAR. A noção de “matar” é realizada por sinais diferentes a depender do instrumento usado, mas não haveria aí incorporação de um instrumento a um sinal MATAR original, condição indispensável para se configurar uma incorporação de fato (cf. Mithun, 1984). Dito de outra forma: não se trata de uma derivação por composição (incorporação) entre um sinal MATAR e um sinal que representa o instrumento usado. Logo, não há de se falar em incorporação. Nesse ponto, nossa pesquisa converge com os resultados de Ferreira (2013).

Quadros e Karnopp (2004, p. 201) chamam ainda os verbos não direcionais de “verbos simples” ou “verbos sem concordância” e assim os definem:

[...] são verbos que **não se flexionam** em pessoa e número e **não incorporam** afixos locativos. Alguns desses verbos apresentam flexão de aspecto. Exemplos dessa categoria são CONHECER, AMAR, APRENDER, SABER, INVENTAR, GOSTAR (Quadros e Karnopp, 2004, p. 117, grifos nossos).

(4)





Segundo Olizaroski (2017, p. 68): “[...] por não serem flexionados, a ordem é pertinente, podendo ser SVO ou OSV”. Repetimos aqui as perguntas feitas sobre a classe anterior de verbos: Afinal, qual a ordem de constituintes mais comum com verbos não direcionais? Que estratégias de topicalização são possíveis e realmente usadas com eles? Voltaremos a essas questões nos capítulos 6 e 7.

4.3. Verbos manuais, ou verbos com classificadores, ou *handling verbs*, ou predicados complexos

Conforme Quadros, Pizzio e Rezende (2008, p. 37, grifos nossos)²³: “Temos também os verbos **manuais** (verbos **classificadores**). Estes verbos usam **classificadores** e **incorporam** a ação. Exemplos dessa classe de verbos são COLOCAR-BOLO-NO-FORNO, SENTAR-NO-MURO”.

(5)

a.



COLOCAR-BOLO-NO-FORNO

²³

<http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisI/scos/ca/p18943/1.html>

b.



SENTAR-NO-MURO

Para Quadros, Pizzio e Rezende (2008, p. 17): “Verbos manuais, como mencionados por Chen (1998), envolvem ‘uma configuração de mão que é uma imitação de uma mão real segurando um objeto’ (Schick, 1990:28)’ ”. Essa imitação de um objeto tem sido chamada erroneamente de classificador.

Nas palavras de Quadros e Karnopp (2004, p. 204), “os verbos manuais envolvem uma configuração de mão em que se representa estar segurando um objeto na mão”, como no exemplo (5a) citado ou no próximo exemplo:



<JOÃO>t <CASA>t <PINTAR-ROLO>cl

João pinta a casa com o rolo

(Quadros; Karnopp, 2004, p. 204)

Nesse exemplo, o sinal PINTAR-ROLO é chamado de CL, abreviatura para classificador. E algo muito interessante fica de fora da análise das autoras, há indicação de dois tópicos na sentença: <JOÃO>t <CASA>t. Essa introdução de tópicos no discurso em Libras precisa ser melhor explicada. Nos dois exemplos usados por Quadros e Karnopp (2004, p. 204) subsequentes a esse, ocorre o mesmo:



<JOÃO>t <TELA>t/cl <PINTAR-PINCEL>cl

João pinta a tela com o pincel



<JOÃO>t <CADERNO>t <PINTAR-LÁPIS>cl

João pinta o caderno com o lápis

Algumas perguntas carecem de resposta: Haveria uma ordem básica com verbos manuais do tipo SOV? Ou com predicados desse tipo não se poderia falar em sujeito e objeto, mas apenas em tópico primário e secundário? São de fato classificadores esses verbos?

De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 205, grifos nossos): “a classe dos verbos manuais poderia incluir os **classificadores** que **incorporam** a informação verbal da sentença, pois também **incorporam o objeto** quando esse é o caso”. Outra pergunta surge: haveria aí um argumento objeto? Ou mesmo um classificador de fato? Em termos linguísticos gerais, não se trata de classificador (cf. Grinevald 2000, 2001, 2002, 2004; Grinevald e Seifart, 2004). Vejamos o que Olizaroski (2017) fala sobre verbos classificadores:

Verbos e/ou sintagmas nominais, de forma geral, em consequência das especificidades das LS, podem ser expressos por meio de **classificadores** durante a sinalização, como o exemplo grafado, nessa pesquisa, por meio da glosa: <CL (carro)–EU–JÁ–TIRAR–CARRO>cl. Tais situações não são

listáveis, pois se manifestam no discurso diante da **necessidade comunicativa**, característica intrínseca, principalmente, às **línguas voltadas para o discurso**. Na Libras, grosso modo, os classificadores, decorrentes de **organizações sintático-semântica-pragmáticas, surgem para especificar um objeto, um fato, uma ocorrência etc.** Fazer uso de **recursos que possibilitem maior compreensão**, devido à **ausência não só de sinais próprios**, mas também à **necessidade de contextualização**, enriquece a comunicação, pois trata-se de um mecanismo valoroso e relevante, que pode ser explicado somente mediante **critérios semântico-pragmáticos**.

Quadro de imagens 9 – Exemplo de verbo classificador



Fonte: Autores da pesquisa (2016)

(Olizaroski, 2017, p. 93, grifos nossos)

Sem dúvida, o tema “classificador” é bastante complexo, mas Olizaroski (2017), deixa bem claro o caráter semântico-pragmático deles e seu uso particular para especificar uma coisa (um objeto), um fato ou ocorrência, nas palavras da autora. O chamado verbo com classificador se insere em contextos específicos para aumentar a compreensão do que se quer comunicar. Chamar isso de classificador é um erro recorrente na literatura linguística sobre Libras (cf. Mendonça, 2012).

Outro ponto de grande interesse para nossa pesquisa é o impacto que esse tipo de verbo parece ter nas línguas de sinais:

[...] **esse tipo de construção parece romper com todas as regras na língua de sinais em todos os níveis de análise** (sintático, morfológico e fonológico), uma vez que apresenta um comportamento completamente incomum, considerando as análises clássicas de um item lexical (Quadros e Karnopp, 2004, p. 206-207, grifos nossos).

Entre os principais impactos, estaria a mudança da ordem básica SVO:

Liddell (1980) apresenta exemplos da língua de sinais americana assumindo que há algum tipo de iconicidade associado que justificaria algumas construções com mudança da ordem *standard* dessa língua, que também é SVO. **Liddell propõe que a informação sobre a relação entre a atividade e o objeto envolvido é claramente expressada de forma espacial em um sentido pictórico** (Quadros e Karnopp, 2004, p. 206-207, grifos nossos).

Esse é um ponto que interessa à nossa pesquisa: verbos manuais ou classificadores promoveriam uma ordem de constituintes diferente da prevista como básica, o que, provavelmente, se relacionaria com processos de topicalização?

Ainda nesse sentido, acrescentam Quadros e Karnopp (2004, p. 207): “Um exemplo, que se apresenta também na língua brasileira de sinais com a mesma estrutura, seria o seguinte: WOMAN PIE PUT-IN-OVEN ‘A mulher colocou a torta no forno’ (Liddell, 1980, p. 89-91)”. Aí vemos a ordem SOV.

A ordem OSV também pode ser gerada em ASL, conforme Liddell, mas sem marca de tópico. Quadros e Karnopp (2004, p. 207) também acreditam que isso ocorreria em Libras. Os **predicados** aí, segundo as autoras, seriam “[...] **complexos** (mencionados como classificadores anteriormente)”. Vejamos os exemplos de ASL dados por Liddell (1980, p. 91-100 *apud* Quadros e Karnopp, 2004, p. 207, glosas e tradução nossas):

BALL JOHN SWING-A-BAT

Bola João balançar-a-bastão
‘John bateu na bola com um taco’

FENCE CAT SLEEP

Cerca gato dormir
‘O gato dormiu na cerca.’

Agora vejamos o exemplo de OSV em Libras dado por Quadros e Karnopp (2004, p. 207):



Esses verbos manuais, de acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 208, grifos nossos) são também “[...] chamados de *handling verbs* por alguns autores quando incluem um instrumento e/ou ‘**predicados complexos**’ por outros autores”.

Uma análise de Liddell (1990, 1995, *apud* Quadros e Karnopp, 2004, p. 208) sobre esses verbos e que é bastante interessante para nossa pesquisa propõe que “[...] tais construções são expressões de ordem não-sintática”.

Esse autor defende que **não** existe concordância verbal na língua de sinais americana. Para ele, “[...] os pontos estabelecidos no espaço, que são incorporados pelos verbos no que se vem chamando de concordância, não podem ser analisados morfológicamente, uma vez que tais pontos são indeterminados” (Quadros e Karnopp, 2004, p. 208). Para nós, essa mesma análise é válida para Libras.

Todos os exemplos de construções desse tipo em Libras citados por Quadros e Karnopp, 2004, p. 204, 205, 206, 209, 210, 211) trazem uma marcação de tópico para os participantes da sentença (a elevação das sobrancelhas).

Em Olizaroski (2017), também se identificou uma predisposição dos chamados classificadores em se posicionar na posição pré-verbal, o que levou essa pesquisadora a formular a seguinte hipótese:

Podemos, hipoteticamente, deduzir que os objetos representados por classificadores podem ter motivado sua posição preposta ao verbo, uma vez que, nas sentenças afirmativas de 2 a 5, também do grupo (2), porém da seção anterior, as quais contêm o mesmo tipo de verbo tanto em valor sintático-semântico quanto em categoria visuoespacial, seus respectivos objetos não foram expressos por meio de classificadores e manifestam-se posposto ao verbo. De qualquer forma, essas foram as duas únicas ocorrências de ordem distinta à SVO em sentenças de baixa transitividade. (Olizaroski, 2017, p. 108-109, grifos nossos).

Sem dúvida, aqui há um bom caminho de pesquisa a trilhar: mapear os chamados verbos manuais, entender os chamados classificadores e averiguar o real impacto deles na ordem de constituintes e nos processos de topicalização. Voltaremos a esse tópico no capítulo 6.

E ainda se pode explorar mais os resultados de pesquisas sobre o tema, como a de Olizaroski (2017), que, para identificar a ordem de constituintes, cruzou as variáveis transitividade, tipo sintático-semântico do verbo e sua classificação em Libras. A síntese dessa pesquisa vem a seguir:

Sentenças de baixa transitividade contendo **verbos de processo** ou **verbos de estado**, não-direcionais ancorados ao corpo tendem, mais comumente, a

apresentar o padrão **SVO**, geralmente sem marcas específicas como direção do olhar. Porém, ocasionalmente – ou mais especificamente, diante de objetos representados por meio de classificadores – pode ocorrer o padrão **SOV** em sentenças contendo **verbos de estado, não-direcionais ancorados ao corpo**.

Sentenças de alta transitividade contendo **verbos de ação-processo, direcionais irreversíveis e não-direcionais ancorados ao corpo** tendem a apresentar os padrões **SVO**, **SOV** e **OSV**; os que **incorporam o objeto**, o padrão **SVO** e; os **classificadores**, o padrão **OSV**. Os que contêm **verbos de ação direcionais irreversíveis** tendem a apresentar os padrões **SVO**, **SOV** e **OSV**; os **direcionais reversíveis e classificadores**, o padrão **SVO**; os **ancorados ao corpo**, os padrões **SVO** e **OSV**; os que **incorporam o objeto**, o padrão **OSV** e; os instrumentais, o padrão **SOV** (Olizaroski, 2017, p. 140-141, grifos da autora).

Em nossa pesquisa, procuramos lidar com os tipos verbais apresentados aqui em contextos de mudança de ordem e topicalização, a fim de testar a validade das explicações que são dadas sobre o tema na literatura, servindo essas explicações como parte de nossas hipóteses de pesquisa. A seguir, tratamos da metodologia.

CAPÍTULO 5 – Metodologia

Neste capítulo, apresentamos a metodologia de desenvolvimento da pesquisa. Iniciamos com a seção que discute a seleção dos surdos participantes e os dois procedimentos principais de pesquisa (5.1), seguida da subseção que traz o roteiro de entrevista (5.1.1); na sequência, tratamos dos *corpora* (5.2). Na seção 5.3, tratamos do ELAN, que foi usado nesta tese. Na seção 5.4, discutimos o sistema de notação de glosas, fazendo uma revisão da literatura e apresentando o sistema de glosas que adotamos nesta tese.

5.1. Os participantes surdos e os dois procedimentos metodológicos principais

É fundamental a participação dos surdos sinalizantes para a geração dos dados. Desde o pré-projeto da tese, pensávamos nos critérios para selecionar os surdos e os vídeos que permitam a análise do fenômeno da topicalização e correlatos em Libras. Como um dos critérios, a princípio, decidimos gerar dados em Libras com surdos fluentes. Cabe ressaltar a importância em contar com surdos que aceitam realizar gravações durante a pesquisa, que tenham *internet* para conversamos em vídeo quando necessário e fluência em Libras.

Houve dois procedimentos distintos. O primeiro consistiu em entrevistas com surdos escolhidos por nós, nas quais aplicamos testes de constituência e de topicalização, os quais foram avaliados por esses surdos. O segundo procedimento consistiu em analisar vídeos espontâneos, colhidos no banco de vídeos da UFSC, todos de domínio público, e já usados em outra pesquisa de mesmo teor: Jeremias, 2020. Assim, houve tanto dados gerados por elicitación (procedimento 1) quanto dados gerados em contextos mais espontâneos (procedimento 2).

Para participar da pesquisa, especificamente do procedimento 1, pedimos que o participante assinasse um termo de consentimento livre esclarecido (TCLE) e aceitasse a divulgação de sua imagem e vídeo selecionado, assinando o termo de consentimento para uso de imagem. Esses são procedimentos éticos, aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UnB (CEP-CHS), o qual considerou nossa pesquisa eticamente viável por meio da aprovação do parecer número 5.045.299, em 19 de outubro de 2021.

O colaborador do procedimento 1 participou ainda de entrevistas estruturadas. A

entrevista é um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado” (Haguette, 1997, p. 86, *apud* Boni; Quaresma, 2005, p. 72). Já a entrevista estruturada é

[...] aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são pré-determinadas. Ela se realiza de acordo com um formulário [...] elaborado e é efetuada de preferência com pessoas selecionadas de acordo com um plano.

O motivo da padronização é obter, dos entrevistados, respostas às mesmas perguntas, permitindo "que todas elas sejam comparadas com o mesmo conjunto de perguntas, e que as diferenças devem refletir diferenças entre os respondentes e não diferenças nas perguntas" (Lodi, 1974:16).

O pesquisador não é livre para adaptar suas perguntas a determinada situação, de alterar a ordem dos tópicos ou de fazer outras perguntas (Lakatos; Marconi, 2003, p. 97).

Os participantes desta etapa serão apresentados no próximo capítulo antes de abordarmos os resultados dos testes de constituência e topicalização. Mas a seguir trazemos um pouco do perfil de cada um deles, ao apresentarmos o roteiro de entrevista inicial e uma síntese das respostas dos participantes.

5.1.1. Roteiro de Entrevistas: conhecendo os(as) colaboradores(as) do procedimento 1 (testes de constituência e topicalização)

Nesta seção, apresentamos as perguntas feitas para conhecer os colaboradores do procedimento 1 (testes de constituência e topicalização; cf. capítulo 6) e uma síntese das respostas deles. As perguntas foram feitas via *googleforms*. A seguir, as apresentamos.

1. Qual o teu nome completo e a tua idade?
2. Você nasceu surdo ou se tornou surdo após o nascimento?
3. Qual língua você aprendeu primeiro na infância?
4. Foi difícil aprender a primeira língua?
5. Quem ensinou a você a primeira língua?
6. Qual é a sua segunda língua?
7. Quem ensinou a você a segunda língua?
8. Você sabe Libras?
9. Você fala Libras há quantos anos?
10. Você se considera um falante fluente da Libras? Por quê?

11. Você faz leitura labial?
12. Você é oralizado?
13. Quantas pessoas residem em sua casa além de você? Quantos são surdos e/ou ouvintes?
14. Você se comunica mais em Libras ou em português na sua casa?
15. Qual a sua formação acadêmica?
16. Trabalha e/ou estuda? Onde?
17. No seu trabalho ou na sua universidade ou escola, você se comunica mais em Libras ou Português com seus colegas?
18. Você acha que os surdos percebem a diferença entre o uso de Libras em casa e fora de casa? Como?
19. Como podemos identificar se um surdo é fluente em Libras?
20. Como podemos identificar se um surdo é menos fluente em Libras?
21. Você já ouviu falar em topicalização em Libras? Por exemplo.
22. Você já ouviu falar em topicalização em português? Por exemplo.
23. Nas conversas com os outros surdos, você consegue identificar se ele usou a topicalização em Libras? Como?
24. A minha pesquisa da tese de doutorado, intitulada “Topicalização, constituição e ordem de constituintes em Libras” ajuda a comunidade surda, em especial, as crianças surdas? Por quê?
25. Você considera importante a tua participação nesta pesquisa? Por quê?

Ao todo foram dez participantes desta etapa da pesquisa. A fim de resguardar a identidade de cada um deles, optamos por chamá-los de colaborador e de dar um número para cada um deles. A seguir, apresentamos uma síntese das respostas para cada pergunta.

Nossa primeira pergunta foi o nome e a idade. Participaram da nossa pesquisa cinco homens e cinco mulheres. Na faixa etária entre 26 e 32 anos, foram cinco colaboradores. E, na faixa etária entre 36 e 45 anos, foram cinco colaboradores.

Nossa segunda pergunta queria investigar se a pessoa havia nascido surda ou se tornado surda após o nascimento. Quatro colaboradores nasceram surdos. Seis colaboradores tornaram-se surdos após o nascimento. Destes, uma ficou surda por causa da meningite, e outro informou que o médico havia dito à mãe que a surdez adquirida aos 3 anos foi “trauma emocional”; outro ficou surdo aos 5 anos por causa de um “acidente”,

mas não o especificou. Os demais não informaram a causa, mas ficaram surdos muito cedo, um deles aos 2 anos.

A terceira pergunta foi sobre a língua que eles aprenderam primeiro na infância. Cinco dos dez colaboradores afirmaram que foi Libras. Três responderam apenas “português”, um disse “português oral” e outro respondeu que aprendeu primeiro o português, mas aprendeu Libras ao se tornar surdo.

A quarta pergunta foi sobre a dificuldade de aprender a primeira língua. Três colaboradores afirmaram que tiveram dificuldade de aprender a primeira língua, um desses colaboradores alega que teve dificuldade de comunicar com as pessoas da escola, da família e da sociedade no interior do Maranhão. Cinco colaboradores afirmaram que não tiveram essa dificuldade. Um colaborador não se recorda se houve dificuldade de aprender a primeira língua e, por último, um colaborador acha que não teve dificuldade e aprendeu a Libras tardiamente aos 14 anos.

A quinta pergunta quis saber quem ensinou a primeira língua aos colaboradores. Apenas dois colaboradores aprenderam a primeira língua com a família e com a escola. Dois colaboradores aprenderam a língua na escola. Três colaboradores afirmaram que aprenderam a língua com a professora, sendo um com as professoras surdas e colegas na escola, o outro com a professora e amigos e, por o último com a professora intérprete. Um colaborador aprendeu com os outros surdos, outro colaborador confirma que aprendeu com os colegas na escola e observou a conversa com os surdos mais velhos, e o último colaborador aprendeu a língua com os amigos.

A sexta pergunta questionou qual é a segunda língua. Sete colaboradores afirmaram que usam o português como segunda língua, sendo que um colaborador afirmou que aprendeu a português por escrito. Três colaboradores usam a Libras como a segunda língua.

A sétima pergunta é para saber quem ensinou a segunda língua aos colaboradores. Seis colaboradores afirmaram que aprenderam a segunda língua na escola. Um colaborador aprendeu com o professor bilingue, outro aprendeu com a mãe e também na escola, outro colaborador aprendeu na escola e também com a família, e o último colaborador aprendeu com os colegas na escola. Um colaborador aprendeu com os professores, com a família e amigos ouvintes. Um colaborador aprendeu a segunda língua com a professora intérprete. O penúltimo colaborador aprendeu com as professoras primárias e com a mãe dela. E o último colaborador aprendeu com a

comunidade surda.

A oitava pergunta quis saber se os colaboradores sabem se comunicar em Libras. Todos os dez colaboradores confirmaram que sabem Libras.

A nona pergunta é para saber há quanto tempo cada colaborador se comunica em Libras. Quatro colaboradores afirmaram que começaram a se comunicar em Libras quando eram criança, sendo que dois colaboradores não souberam informar a idade, e os outros dois colaboradores já se comunicam em Libras há trinta e nove e quarenta e dois anos, respectivamente. Outros cinco colaboradores se comunicam em Libras entre vinte e 30 anos, e o outro colaborador há quinze anos. Ou seja, nossos dez colaboradores se comunicam em Libras há muitos anos.

A décima pergunta é para saber se os colaboradores se consideram fluentes em Libras. Todos os colaboradores afirmaram que se consideram fluentes em Libras por vários motivos: possuem identidade surda, a língua deles é natural, convivem com a comunidade e cultura surda, aprenderam Libras desde criança. Um dos colaboradores justificou que absorve naturalmente a Libras, e um outro colaborador justifica que domina a Libras mais que o Português.

A décima primeira pergunta quis saber se os colaboradores fazem leitura labial. Dos dez colaboradores, oitenta por cento afirmam que fazem leitura labial, e apenas vinte por cento não fazem leitura labial.

A décima segunda pergunta foi sobre se o colaborador é oralizado. Dos dez colaboradores, sessenta por cento afirmaram que são oralizados, e os demais, quarenta por cento, não são oralizados.

A décima terceira pergunta foi sobre a quantidade de pessoas que residem com cada colaborador e se esses moradores são surdos ou ouvintes. Quatro colaboradores responderam que convivem com outro surdo, sendo que um deles convive também com dois ouvintes. Dois colaboradores responderam que convivem com ouvintes, porém não especificaram a quantidade de residentes. Um colaborador reside sozinho. Três colaboradores responderam que residem com três ou mais ouvintes.

A décima quarta pergunta quis saber se a comunicação entre os colaboradores com seus familiares na residência seria mais em Libras ou em português. Quatro colaboradores responderam que se comunicam com os outros residentes mais em Libras. Três colaboradores responderam que se comunicam nas duas línguas, Libras e Português. Dois colaboradores responderam que se comunicam com os outros mais em português. Um colaborador respondeu “sim”.

A décima quinta pergunta é sobre a formação acadêmica de cada colaborador. Dois colaboradores são graduados em Licenciatura LSB-PSL. Dois colaboradores possuem mestrado, mas não especificaram o curso. Dois colaboradores são graduados em pedagogia, um deles tem especialização em Libras e graduação em Letras Libras. Outro colaborador é graduado em fisioterapia. Outro colaborador é doutor em educação. Um colaborador é doutorando, mas também não especificou o curso. O último colaborador é licenciado e bacharel em Educação Física. Logo, nosso grupo de colaboradores mescla perfis distintos de formação, sem exclusividade com a área de Letras.

A décima sexta pergunta é para saber se cada colaborador trabalha ou estuda e em que local. Todos os colaboradores trabalham, sendo um colaborador como tradutor, seis colaboradores como professor e um colaborador trabalha em um órgão do governo. Dois colaboradores não especificaram o local de trabalho. Três colaboradores estudam: um colaborador faz especialização, outro estuda para concurso e um terceiro estuda em curso. Quatro colaboradores são professores universitários de Libras.

A décima sétima pergunta é sobre a língua mais usual, Libras ou Português, em relação aos seus colegas de trabalho, na universidade ou na escola. Nove colaboradores usam mais a Libras nesses ambientes. Um faz atendimento domiciliar ou atendimento em sua casa, usando as duas línguas, pois os pacientes são ouvintes, outro colaborador é acompanhado por intérprete de Libras e, caso ele não esteja presente, escreve em português. Outro colaborador afirmou que, quando estudava na UnB, se comunicava em Libras e no trabalho se comunica em português e um pouquinho em Libras. E o último colaborador se comunica um pouco em Libras com seus colegas. Enfim, o último colaborador não especificou qual das línguas usa mais no trabalho ou na universidade, apenas afirmou que depende da pessoa para comunicar.

A décima oitava pergunta quis saber se eles percebem a diferença no uso da Libras em casa e fora de casa. Três colaboradores afirmaram que não fazem essa diferença. Outros dois colaboradores afirmaram que depende, mas um dos colaboradores não explicou em detalhes, e o outro afirmou que depende de várias situações dos surdos, como por exemplo, sinais criados em convivência com a família ouvinte e há alguns surdos que não veem essa diferença. Três colaboradores afirmaram que percebem essa diferença, pois um dos colaboradores afirmou que a maioria dos surdos convive com as pessoas ouvintes em casa e fora da casa, convive com amigos ou colegas surdos. Outro

colaborador afirmou que o surdo possui uma cognição linguística para compreender a Libras e o português escrito, e o outro colaborador apresentou sua justificativa que se comunica com a família por meio de sinais caseiros e fora da casa usa Libras natural. Outro colaborador afirma que tem grande diferença e em caso de um surdo não conseguir entender a Libras, tenta a leitura labial. Por último, o colaborador cuja maioria da família é ouvinte e desconhece a Libras se comunica por meio de sinais caseiros com eles.

A décima nona pergunta é como os colaboradores identificam se um surdo é fluente em Libras. Cada colaborador tem a sua justificativa, entretanto, dois colaboradores apenas responderam que é possível perceber. As oito justificativas são: um colaborador afirmou que identifica se o sinal é correto ou errado. Outro respondeu que é possível identificar um surdo fluente em Libras quando convive com os surdos e fala naturalmente. Outro colaborador consegue perceber no diálogo qual o nível de fluência em Libras. Outro identifica a subjetividade dos surdos com expressão facial e também o jeito de ser surdo com a cultura “Deafhood”. Outro colaborador respondeu que os olhos dos surdos é que percebem a fluência da Libras. Outro respondeu que somos surdos fluentes em Libras e que temos possibilidades de perceber se o outro surdo é fluente em Libras. Outro colaborador respondeu que consegue perceber a fluência da Libras dos surdos por meio da expressão facial e, por último, um colaborador respondeu que o surdo que sabe usar muitos sinais e não sinaliza como português sinalizado será fluente.

A vigésima pergunta é sobre a identificação de surdos com menos fluência em Libras. Cada colaborador apresentou sua justificativa:

1. se houve algum sinal errado, se a pessoa sinaliza devagar ou trava;
2. quando o outro surdo sinaliza lento ou português sinalizado;
3. quando a pessoa não consegue compreender alguém conversando em Libras;
4. quando a Libras do surdo é parecida com a dos ouvintes e a sinalização segue a estrutura do português;
5. pelos olhos;
6. surdos fluentes em Libras percebem o surdo que não souber a Libras;
7. surdo menos fluente em Libras vive no interior, o surdo que não vai à escola ou o surdo que não tem contato com os demais surdos.
8. simplesmente, percebe;

9. quando o surdo sabe poucos sinais, usa mais os gestos ou apresenta em português sinalizado;
10. O último colaborador apenas respondeu com negação.

A vigésima primeira pergunta é sobre se o colaborador já ouviu falar a respeito da topicalização em Libras. Sete colaboradores desconhecem o tema topicalização em Libras e um dos outros três colaboradores respondeu que conhece um pouco e mostrou como exemplo a frase “MAÇA-EU-NÃO-GOSTAR” e citou as ordens dos constituintes SVO, OSV e SOV. Outro colaborador respondeu afirmando e mostrou o exemplo do sinal “Gritar” e o outro colaborador respondeu que estudou no curso de Letras Libras e citou os exemplos (SVO) “KELLY PEGAR LIVRO” e (OSV) “LIVRO, KELLY PEGAR.”. Não por acaso, esses três colaboradores que conhecem o tema de nossa pesquisa são da área de Letras. Isso, mais uma vez, justifica o fato de termos buscado também colaboradores de outras áreas do conhecimento.

A vigésima segunda pergunta é sobre se o colaborador ouviu falar a respeito da topicalização em português. Nove colaboradores afirmaram que não ouviram falar a esse respeito, sendo que um dos colaboradores apresentou a ordem de constituinte SVO com o exemplo da frase: “Eu gosto de maçã!”. Apenas um colaborador respondeu afirmativo e mostrou os exemplos da frase “O filho gritou com a menina”, “a menina, o filho gritou”.

A vigésima terceira pergunta é para saber se, durante a conversa, o colaborador consegue perceber que o outro surdo usou a topicalização em Libras. Cinco colaboradores responderam que não conseguem identificar a topicalização em Libras ou não sabem sobre isso, um dos colaboradores respondeu que percebe a Libras normal, mas não sabe o que é topicalização, o outro colaborador não liga de como os surdos sinalizam. Os outros cinco colaboradores responderam que conseguem identificar. Um dos colaboradores afirmou que a Libras não segue a estrutura do português que a maioria dos surdos usam a ordem dos constituintes OSV e SOV, o outro colaborador respondeu que identifica com a estrutura gramatical em Libras, o outro colaborador consegue identificar o uso da expressão facial, o penúltimo colaborador consegue identificar, mas não lembra, e o último afirma que depende do falante surdo em Libras.

A vigésima quarta pergunta é sobre se a presente pesquisa de doutorado, intitulada “Topicalização, constituição e ordem de constituintes em Libras”, poderia ser útil para a comunidade surda, em especial, para as crianças surdas e pediu justificativa. Dois colaboradores não souberam responder e outro respondeu que depende da Libras em

contexto. Sete colaboradores responderam que a minha pesquisa pode ajudar a comunidade surda. Desses, um colaborador respondeu que é importante, pois tem pouco material a respeito da topicalização em Libras, e as crianças precisam aprender mais. Um colaborador respondeu que serve para compreender a diferença da ordem de constituinte SVO, VSO e OSV. Outro respondeu que ajuda e aprendeu comigo. Um colaborador acredita que a minha pesquisa será desenvolvida para comunidade surda e também para as crianças surdas, pois a nossa língua é valorizada como o português. Dois colaboradores responderam que a pesquisa é muito importante e vai ajudar as crianças surdas. Um colaborador respondeu que a pesquisa vai ajudar a melhorar a gramática de Libras e seu conhecimento.

A vigésima quinta pergunta quis saber se o colaborador considerava importante sua participação na presente pesquisa. Todos os colaboradores responderam que consideram importante a participação na pesquisa. Entre as justificativas, temos:

1. é importante para conhecimento;
2. importante para melhorar o conhecimento de Topicalização em Libras e ela é uma língua rica;
3. para o pesquisador coletar os dados e analisar a Libras e português dos surdos;
4. serve para comprovar, na ciência, o valor da Libras na área Linguística e perceber as diferenças entre SVO, VSO e OSV;
5. ficou curioso e está aprendendo a Libras com orgulho da comunidade surda;
6. importante e interessante;
7. ficou curioso pela nova pesquisa;
8. a pesquisa contribui muito para a área de Libras;
9. o pesquisador vai entender melhor na pesquisa e criar uma proposta adequada para a área de Libras;
10. importante a participação da pesquisa para dissertação e para tese que os dados são autênticos.

A seguir, discutiremos os nossos *corpora*.

5.2. Corpora

Esta pesquisa usou os seguintes tipos de dados: enquetes dirigidas, com aplicação de testes controlados sobre topicalização, constituição e ordem de constituintes (5.2.1) e análise de sentenças presentes em entrevistas espontâneas no *corpus* Libras/ UFSC (5.2.2).

5.2.1. Dados produzidos em enquetes dirigidas, com aplicação de testes controlados

Além de dados gerados em contextos mais espontâneos (cf. próxima seção), geramos também dados elicitados junto a surdos e surdas fluentes em Libras. Aplicamos testes de constituição, ordem de constituintes e de avaliação de topicalizações já identificadas na literatura e citados por nós ao longo desta tese. O detalhamento desses testes e seus resultados encontram-se no capítulo 6.

5.2.2. *Corpus* Libras/ UFSC

Um dos *corpora* da nossa pesquisa tem natureza mais espontânea, tendo sido buscado no *site* “Corpus de LIBRAS”, iniciativa da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), organizado por uma vasta equipe de professores surdos e ouvintes, e intérpretes, alocados em todo território nacional. Este *site* tem o objetivo de “constituir uma documentação da Libras abrangente e consistente, bem como sistematizar os procedimentos de registro, documentação e recuperação de dados e metadados relativos à libras”²⁴.

O banco de dados do *site* de *Corpus em Libras* é composto por seis categorias, a saber: 1. *Libras acadêmico*: vídeos em Libras do curso de Bacharelado em Letras Libras com apresentações em Libras dos alunos de Trabalho de Conclusão do Curso – TCC; 2. *Exame Prolibras*: vídeos que foram realizados durante esse exame; 3. *Antologia de Poesias*: vídeos em Libras apresentados pelos surdos com suas poesias; 4. *Empréstimos linguísticos*: esses dados não são encontrados no *site*; 5. *Surdos de referência*: vídeos de alguns surdos considerados de destaque nacional, dando entrevistas e contando narrativas em Libras. E a última categoria, 6. *Inventário Libras*: vídeos em Libras de conversação com até 3 participantes.

²⁴ De acordo com o *site*, ele deve ser citado da seguinte forma: Quadros, Ronice M. de.; Schmitt, Deonísio; Lohn, Juliana T.; Leite, Tarcísio de A.; e colaboradores. *Corpus de Libras*. <http://corpuslibras.ufsc.br/>. Acesso em 27 de janeiro de 2021.

Nesse *corpus*, buscamos analisar as entrevistas com surdos e surdas na seção “Surdos de referência”²⁵ para verificar o uso de topicalizações e a ordem de constituintes mais básica. Abaixo, listamos todas as entrevistas no quadro 1, informando o nome do(a) surdo(a), seu respectivo estado de origem, o tempo de duração do vídeo, um código criado por nós para nos referirmos ao vídeo, a data do vídeo e seu número de identificação no *site*. Para entrevista de mulher, usamos a sigla E seguida do número, da letra M e da sigla do estado. Por exemplo: E1-M-RJ. Para entrevista de homem, substituímos M por H. Por exemplo: E1-H-RJ.

Apresentamos as entrevistas por ordem alfabética de acordo com o estado de origem do surdo(a). Analisamos as mesmas entrevistas utilizadas por Jeremias (2020), em sua tese de doutorado, cujo tema também foi topicalização em Libras. Como explicaremos no capítulo 7, buscamos as expressões não manuais que, porventura, tenham sido usadas nas sentenças topicalizadas por mudança de ordem, com antecipação do objeto para posição pré-verbal.

Quadro 1 – Entrevistas com “Surdos de referência” do *corpus* Libras/UFSC²⁶

Código de identificação	Nome do surdo ou surda²⁷	Estado de origem	Tempo de duração	Data do vídeo e Id no <i>site</i>
E1-H-AP	Gabriel Leis Cordeiro do Carmo (link)	Amapá	24min24s	12/05/2017 (id 1042)
E2-H-AM	Jakson da Silva Vale (link)	Amazonas	27min17s	12/01/2018 (id 1107)
E3-M-BA	Priscilla Leonor Alencar Ferreira (link)	Bahia	18min26s	12/05/2017 (id 1009)

²⁵ <http://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos%20de%20Refer%C3%AAsncias>

²⁶ Não incluímos a participante Ronice Müller de Quadros no quadro, pois a nossa análise é voltada para os surdos.

²⁷ De acordo com Quadros *et al.* (2018), as câmeras foram posicionadas em 4 posições para os participantes do *Corpus* em Libras. A câmera posicionada para 2 participantes está no “Vídeo1”, esses vídeos podem ser encontrados nos quadros 01 e 02 através dos *links* associados aos nomes listados, os demais vídeos como “Vídeo2”, a câmera é direcionada para entrevistadora, no “Vídeo3” está direcionada para o participante da entrevista e, por último, no “Vídeo4” está direcionada de cima para baixo e podemos visualizar os vídeos com 2 participantes. Todos os vídeos de entrevistas e narrativas podem ser encontrados no *site*: <http://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos%20de%20Refer%C3%AAsncias> .

E4-H-CE	Rodrigo Nogueira Machado (link)	Ceará	33min17s	12/01/2018 (id 1112)
E5-H-DF	Messias Ramos Costa (link)	Distrito Federal	29min19s	18/11/2014 (id 1109)
E6-M-MS	Shirley Villalva (link)	Mato Grosso do Sul	37min31s	05/10/2017 (id 985)
E7-M-MG	Flaviane Reis (link)	Minas Gerais	37min30s	12/05/2017 (id 1015)
E8-H-PA	Raimundo Cleber Teixeira Couto (link)	Pará	37min21s	12/05/2017 (id 1048)
E9-H-PE	Thiago Ramos de Albuquerque (link)	Pernambuco	36min	05/05/2017 (id 1039)
E10-M-PI	Kelly Samara Pereira Lemos (link)	Piauí	37min06s	12/05/2017 (id 1012)
E11-M-RJ	Ana Regina e Souza Campello (link)	Rio de Janeiro	42min09s	05/10/2017 (id 944)
E12-H-RN	José Arnor de Lima Junior ²⁸ (link)	Rio Grande do Norte	32min50s	12/05/2017 (id 1045)
E13-H-RS	Tibiriçá Vianna Maineri (link)	Rio Grande do Sul	20min34s	05/05/2017 (id 1033)
E14-M-SC	Karin Lilian Strobel (link)	Santa Catarina	30min28s	12/05/2017 (id 1006)
E15-H-SP	Paulo Roberto Amaral Vieira (link)	São Paulo	29min50s	12/05/2017 (id 1051)
E16-M-SE	Larissa Rebouças (link)	Sergipe	23min34s	05/05/2017 (id 1000)
Tempo total			497min06s	

²⁸ No site do Corpus em Libras da UFSC, o participante aparece com os 2 nomes, um é o nome dele conforme no quadro, e o outro nome, Joseane Fortunato de Lima, pertence a mãe dele. C.P.

Essas entrevistas foram feitas com surdos e surdas adultos fluentes em Libras, e considerados referência em nosso país, assim definidos:

Os surdos de referência foram identificados pela comunidade surda por meio da indicação da FENEIS. São pessoas identificadas como representantes da comunidade surda nacionalmente ou localmente, em seus respectivos estados. Esses surdos desempenham funções sociais liderando uma série de ações e atividades em diferentes níveis sociais, tais como, nos níveis políticos, sociais, intelectuais e comunitários. [...] Gostaríamos de salientar que estes representam um grupo de surdos de referências que não necessariamente representam todos os surdos de referência do país. Os surdos identificados integraram este inventário e representam várias lideranças importantes da comunidade (Quadros *et al.*, 2018, p. 72).

Esses surdos e surdas são de várias partes do Brasil, a saber:

- a) Região Norte: AP, AM, PA
- b) Região Nordeste: BA, CE, PE, PI, RN, SE
- c) Região Centro-Oeste: DF, MS,
- d) Região Sudeste: MG, RJ, SP
- e) Região Sul: RS, SC

No total, são 26 surdos(as), sendo 15 mulheres e 11 homens, o que nos possibilitou analisar dados linguísticos de ambos os sexos. Mais detalhes sobre a análise produzida sobre esses dados serão dados no capítulo 7.

A seguir, trataremos da ferramenta que nos permitiu lidar com os vídeos que compõem esta pesquisa, o ELAN.

5.3. ELAN

O ELAN (*EUDICO Language Annotador*) foi criado por pesquisadores do Instituto Max Planck, no departamento de psicolinguística, na década de 1970, tendo como objetivo dar suporte aos pesquisadores em suas análises linguísticas. É uma ferramenta que serve para realizar anotações detalhadas a respeito de áudio e de vídeo. Essas anotações na ferramenta podem ser em glossário, tradução, frase, descrição linguística e outros, alinhadas de acordo com o tempo de transmissão do áudio e/ou do vídeo. Pode-se inserir, na mesma página de ferramenta, até quatro vídeos para realizar a anotação, algo muito vantajoso ao, por exemplo, fazer comparação entre vídeos. Essa

ferramenta é uma das mais utilizadas pelos pesquisadores de todo o mundo para realizar pesquisas sobre línguas de sinais.

De acordo com McCleary, Viotti e Leite (2010), a predileção ao uso do ELAN se justifica por:

i) ser especificamente desenvolvido para descrição e análise linguísticas **multimodais**; ii) estar sendo amplamente utilizado por pesquisadores de várias línguas, **em particular de línguas de sinais**; iii) estar sendo constantemente atualizado por meio de novas versões que corrigem problemas e introduzem novos recursos; iv) ser disponibilizado gratuitamente; v) ser compatível com PC; vi) possibilitar o uso de arquivos de vídeo e áudio, o que é importante para **transcrição e análise de interação bimodal surdo-ouvinte**, bem como para os estudos da gestualidade (McCleary; Viotti; Leite, 2010, p. 276, grifos nossos).

Esses pesquisadores fizeram um trabalho muito interessante com o ELAN para analisar a Libras, fruto de parceria entre a Universidade de São Paulo e a Universidade Federal de Santa Catarina, iniciada em 2002. Eles analisaram detalhadamente os movimentos dos sinais das mãos, dos braços, dos ombros, da cabeça, das sobrancelhas e dos olhos. Assim, eles criaram

linhas paralelas à língua da glosa [as quais chamaram de trilhas], para registrar as marcações não-manuais e seu escopo. Inicialmente, acima da trilha da glosa, criamos uma trilha para os olhos em que registramos as piscadas ([p]) e a direção do olhar com a seguinte marcação: setas para a direita (>), para a esquerda (<), para cima (^) e para baixo (v). Mais para frente, criamos uma trilha acima da trilha dos olhos para registrar o movimento das sobrancelhas, em que registramos sobrancelhas levantadas (^), sobrancelhas levantadas acompanhadas do cenho franzido (/*\), e cenho franzido (\v) (McCleary; Viotti; Leite, 2010, p. 271).

Além da trilha da glosa, dos olhos e das sobrancelhas, McCleary, Viotti e Leite (2010, p. 271-272) criaram uma quarta. Nela, registraram o movimento das mãos: duas mãos (**2m**), movimento da mão direita (**md**) e o movimento da mão esquerda (**me**). Nessa mesma trilha, registram o número de repetições dos sinais (**1x, 2x**, etc.), “[...] bem como a posição da formação do sinal em relação ao espaço neutro, que é o espaço que fica bem à frente do sinalizador. Usamos setas à direita (>) e à esquerda (<) para marcar esses deslocamentos e nenhuma marcação quando o sinal foi feito no espaço neutro”.

Depois acrescentaram uma outra trilha para registrar a realização simultânea dos sinais manuais, que “[...] ocorre quando cada mão produz um sinal manual diferente ao mesmo tempo ou quando uma mão permanece em sua posição, enquanto a outra mão dá início à formação de outros sinais” (McCleary, Viotti; Leite, 2010, p. 271), porém, não fica claro como seria essa inclusão na trilha, se esses pesquisadores incluíram algum código.

A última trilha é a tradução da Libras para o Português:

Essa trilha é a última de baixo em cada pauta. Entre colchetes, colocamos as palavras em português que não têm correspondentes entre os sinais manuais realizados, mas que são necessárias à boa formação do texto em português. Às vezes, as informações entre colchetes são exigidas pela gramática do português; às vezes, são informações inferidas a partir dos sinais não manuais ou do contexto (McCleary, Viotti; e Leite, 2010, p. 272).

A imagem a seguir apresenta o exemplo de pauta de transcrição usado na experiência piloto:

Figura 4 – Exemplo de pauta de transcrição de McCleary, Viotti e Leite (2010)

...../\.....					
< < < < <					
19.	<i>AGORA</i> ₂	<i>FALTAR</i> ₁	<i>OBJETO-REDONDO</i> ₁	<i>RESTAR</i>	<i>VAZI</i> @
	2m(2x)	2m(2x)	<2m(1x)<	md(1x)	<2m(1x)<
	<me BASE-OBJETO.....<				
	agora, falta [o] resto [das peras] [na] cesta vazia [à esquerda]				

(McCleary, Viotti; Leite, 2010, p. 272)

De acordo com os autores, nesse exemplo:

1. a trilha numerada da glosa está no centro da pauta;
2. os sinais estão grafados em itálico porque são dicionarizados (exceto OBJETO-REDONDO);
3. números subscritos são usados pelo dicionário quando há mais de um verbete com o mesmo nome;
4. o nome “OBJETO-REDONDO₁” foi dado pelos autores e não está dicionarizado; o subscrito associado a ele indica que esse é o primeiro (e não o único) sinal associado ao conceito na narrativa;
5. o sinalizador olhava para a esquerda durante a sinalização, o que pode ser observado na trilha acima da trilha da glosa;
6. não há marca de piscadas [p];
7. acima da trilha dos olhos está a trilha da marcação do movimento das sobrancelhas; quando sinaliza *AGORA*, ele as mantém levantadas até o fim do enunciado, o que foi indicado pelos pontinhos ao longo de toda a trilha;

8. com relação às mãos, abaixo da glosa informa-se que os sinais foram realizados com as duas mãos, exceto *RESTAR*. *OBJETO-REDONDO* e *VAZI@* foram realizados à esquerda do espaço neutro, e as marcações entre parênteses indicam o número de vezes que cada sinal foi realizado;
9. na trilha abaixo da trilha das mãos, registra-se que “[...] o sinalizador manteve a mão esquerda aberta, abaixando-a ligeiramente para representar o fundo da cesta, enquanto sinalizava *RESTAR VAZI@* com a mão direita. Os pontinhos indicam até quando a mão esquerda se manteve na mesma posição” (p. 273);
10. na última linha, tem-se a tradução para o português. Entre colchetes, foram acrescentados elementos linguísticos e informações do contexto.

Nesta tese, usamos o ELAN para fazer as anotações linguísticas nos enunciados sob análise. Em grande medida, usamos esse modelo de McCleary, Viotti e Leite (2010). Não analisaremos, contudo, o conteúdo de todos os vídeos, mas apenas os trechos em que ocorram os fenômenos linguísticos sob nossa análise. No capítulo 7, apresentaremos nosso próprio modelo de análise.

Ainda com relação ao sistema de notações linguísticas a serem usadas, a seguir discutiremos os principais sistemas de glosas usados no Brasil e apresentaremos nossas próprias escolhas.

5.4. O sistema de notação de glosas para Libras

Embora haja críticas bem fundamentadas sobre o sistema de glosas (ver Slobin, 2015²⁹, por exemplo), nos últimos anos, os pesquisadores vêm desenvolvendo análises relacionadas à descrição linguística da Libras com o uso desse sistema. Imagens dos sinais também são utilizadas. E alguns pesquisadores utilizam a Escrita de Sinais criada pela pesquisadora Valerie Sutton (2000) em 1974): *SignWriting* (SW). Além dessa escrita de sinais, há outros pesquisadores que criaram, no Brasil, outra forma de escrita de sinais, como a Elis – Escrita das Línguas de Sinais, de Barros (2008); o SEL – Sistema de Escrita para Línguas de Sinais, de Lessa de Oliveira (2012); e a VisoGrafia, de Benassi (2017). O SW é relativamente bem difundido no Brasil devido ao curso de Licenciatura em Letras

²⁹ Tradução do artigo “Breaking the molds: signed languages and the nature of human language”, de Dan Isaac Slobin, publicado em **Sign Language Studies**, v. 8, n. 2, p. 114-132, 2008. Tradutores: Pedro Perini-Santos e Luciana Beatriz Ávila.

Libras iniciado em 2006, pois existe em sua matriz curricular a disciplina “Escrita de Sinais”. Esse curso surgiu na Universidade Federal de Santa Catarina, que o ofereceu a distância para 16 estados brasileiros.

Porém, boa parte da comunidade surda desconhece esse tipo de escrita porque esse conhecimento ainda não chegou à comunidade escolar, provavelmente porque “A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa” (Brasil, art. 4º, parágrafo único, 2002, Lei n.º 10.436). Um exemplo disso é a *Escola Bilíngue Libras e Português Escrito de Taguatinga*, no Distrito Federal, criada em 2013, na qual não existe disciplina com foco voltado para o ensino da escrita de sinais aos alunos surdos. O nome da escola já deixa claro qual sistema escrito será ensinado nela: o português escrito. Vejamos a comparação entre os pontos positivos e os pontos negativos das glosas e da escrita de sinais de acordo com Santos (2018).

Para glosas, o ponto positivo é que elas são a ferramenta mais utilizada para dar os exemplos de sinais do Brasil e também pelos pesquisadores. Facilita para alguns leitores, mesmo com algumas dificuldades, pois eles conseguem captar os símbolos das glosas e, além disso, elas são utilizadas em português. Por outro lado, o ponto negativo é que cada pesquisador de Libras utiliza os símbolos das glosas de acordo com a sua especificidade, ou melhor, o pesquisador escreve uma glosa criada por ele e pode ficar diferente da glosa de outro pesquisador, dificultando, assim, a análise comparativa de dados.

Para a Escrita de Sinais, o ponto positivo é que esse sistema apresenta os itens lexicais em detalhe e também as particularidades das marcações não manuais, que são fundamentais para descrever a análise linguística de quaisquer línguas de sinais. Por outro lado, o ponto negativo é que esse sistema é complexo e precisa de estudo de longo prazo, com aprofundamento para que possa ser lido com maior facilidade, e os leitores ainda não estão familiarizados com esse sistema. Além disso, para que haja a aceitação por parte da comunidade científica, é preciso que existam publicações em diversos eventos e meios. Assim, ainda há pouca aceitação de pesquisadores da linguística.

Diante dessa complexidade a respeito da escrita de sinais, utilizamos glosas para o presente trabalho.

Não se sabe ao certo quando se começou a usar palavras para representar sinais manuais. Contudo, há uma pista no trabalho de Stokoe (1960). O autor relata que em *Études sur la lexicologie et la grammaire du langage naturel des signes* (Paris, 1854), Y-L. Remi Valade rejeitou o sistema de transcrição utilizado na época, por conter uma

grande quantidade de símbolos. Conforme Paiva *et al.* (2016, p. 13) “sua proposta era padronizar um dicionário francês/ língua de sinais francesa, em que cada palavra em francês seria descrita por um sinal manual através de uma palavra com tradução mais próxima”.

Para conceituar glosas ao se tratar de línguas de sinais, vejamos o termo na perspectiva de Paiva *et al.* (2016, p. 13):

Glosas são palavras de uma determinada língua oral grafadas com letras maiúsculas que representam sinais manuais de sentido próximo. Wilcox, S. e Wilcox, P. P. (1997) definem glosa como sendo uma tradução simplificada de morfemas da língua sinalizada para morfemas de uma língua oral.

Assim, a presente tese utiliza as glosas para facilitar a leitura. Também optaram pela utilização de glosas vários pesquisadores no Brasil com diferentes publicações, como por exemplo Felipe e Monteiro (2001), Ferreira Brito (2010), Quadros e Karnopp (2004), Olizaroski (2017). Vejamos a seguir como esses autores trataram das glosas em suas pesquisas e qual sistema adotaremos.

5.4.1. As glosas em Felipe e Monteiro (2001)

Felipe e Monteiro (2001, p. 21) chamam as glosas de “Sistema de notação em palavras”, pois “as palavras de uma língua oral-auditiva são utilizadas para representar aproximadamente os sinais”. Elas dividiram em 11 convenções, que apresentamos a seguir. Os exemplos são das autoras e elas **não** usam imagens:

1. As palavras serão apresentadas em “letra de forma” para cada sinal. Por exemplo:

CASA, ESTUDAR, CRIANÇA.

2. Para um sinal único cujo correspondente no português precisa de duas ou mais palavras, essas palavras serão separadas por hífen. Por exemplo:

CORTAR-COM-FACA, QUERER-NÃO, MEIO-DIA, AINDA-NÃO.

3. Sinal composto por dois ou mais sinais são separados pelo símbolo “^”. Por exemplo:

CAVALO^LISTRA (zebra)

4. O alfabeto manual, que é utilizado para sinalizar nomes, siglas e outros que não possuem o sinal, deve ser representado separando cada letra com hífen. Por exemplo:

J-O-Ã-O, A-N-E-S-T-E-S-I-A.

5. O chamado sinal soletrado, que é uma adaptação da palavra em português por meio do alfabeto manual para o sinal em Libras, deve ser escrito em itálico. Por exemplo:

R-S (reais).

6. Em Libras, não há afixo para marcar o gênero masculino e feminino; por isso, se propõe o uso do símbolo “@” (arroba) que substitui esse afixo. Por exemplo:

AMIG@ (amigo ou amiga), FRI@ (frio ou fria), MUIT@ (muito ou muita),
TOD@ (todo ou toda), EL@ (ele ou ela), ME@ (minha ou meu).

7. As expressões não-manuais são apresentadas simultaneamente com o sinal e são inseridas em cima do sinal (sobrescrito):

a) Tipo de frase. Por exemplo:

_ interrogativa ou ...i...; negativa ou ...neg...

b) Advérbio de modo ou um intensificador. Por exemplo:

_ muito rapidamente exp. F “espantado”

Outros exemplos:

interrogativa	exclamativa	muito
NOME	ADMIRAR	LONGE

8. Os chamados “verbos classificadores” são acrescentados com o tipo de “classificador” subscrito. Por exemplo:

peessoaMOVER, veículoMOVER, coisa-arredondadaCOLOCAR

9. Os chamados verbos com concordância de lugar ou número-pessoal com movimento direcional possuem uma letra subscrita, que significa:

a) para variável de lugar:

i = ponto próximo à primeira pessoa

j = ponto próximo à segunda pessoa

K e **K'** = pontos próximos à terceira pessoa

e = esquerda

d = direita

b) para pessoas gramaticais:

1s, 2s, 3s = primeira, segunda e terceira pessoa do singular;

1d, 2d, 3d = primeira, segunda e terceira pessoa do dual;

1p, 2p, 3p = primeira, segunda e terceira pessoa do plural;

Exemplos: **1sDAR_{2s}** “eu dou a você”,

$_{2s}$ PERGUNTAR $_{3S}$ “você pergunta para eles/elas”,
 $_{kd}$ ANDAR $_{k'e}$ “andar da direita (d) para à esquerda (e).

10. Em Libras, não há desinência de plural como em português; o plural é indicado com o símbolo de “+” para representar repetição do sinal ou alongamento do movimento. Por exemplo:

GAROT@+ “muitas garotas”; ÁRVORE+ “muitas árvores”

11. Em relação ao sinal realizado por 1 ou 2 mãos, simultaneamente ou não, devem ser acrescentadas as seguintes letras: “md” para a mão direita e “me” para a mão esquerda ao lado do sinal. Por exemplo:

IGUAL (md) $_{pesso@}$ - $_{muit@}$ ANDAR (me)
IGUAL (me) $_{pessoa}$ EM-PÉ (md)

5.4.2. As glosas em Quadros e Karnopp (2004)

Quadros e Karnopp (2004, p. 38-46) registram um sistema de transcrição de sinais parecido com o de Felipe e Monteiro (2001), acrescentando algumas formas, com o objetivo de ampliar a análise e melhor explicitar a transcrição. A seguir, fazemos uma síntese desse sistema. Os exemplos são todos de Quadros e Karnopp (2004, p. 38-46). Além da transcrição, as pesquisadoras inseriram imagens com exemplos em Libras.

1. Usam o asterisco (*) para mostrar que a frase é agramatical. Por exemplo:

*JOÃO MARIA GOSTAR (frases agramaticais em Libras não apresentam imagens).

2. Usaram palavras do português em letras maiúsculas para representar os sinais.

3. Usaram hífen para juntar palavras em português que representavam um único sinal.

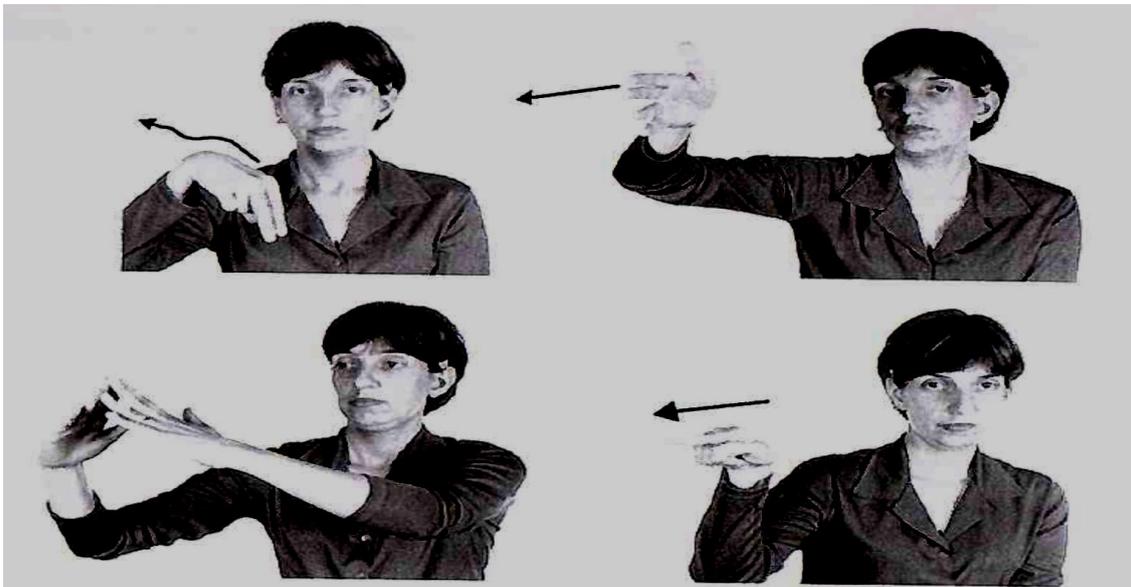
Por exemplo:

PASSAR-UM-PELO-OUTRO.

4. As letras do alfabeto separadas por hífen foram usadas para palavras expressas por meio do alfabeto manual. Por exemplo: C-A-N-C-U-N. Em nota de rodapé, afirmaram: “O alfabeto manual representa as letras do alfabeto das línguas orais. É usado por surdos para identificar nomes próprios e palavras da língua portuguesa, quando necessário” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 39).

5. As transcrições em português, mesmo que não haja algumas palavras em Libras, são

mostradas entre parênteses. E, no caso de “pessoas do discurso marcadas através da incorporação no sinal”, essas pessoas do discurso são indicadas por letras subscritas. Por exemplo:



NUNCA_a IR_b CASA DELE.

(Eu) nunca vou (à) casa dele.

(Quadros; Karnopp, 2004, p. 40)

6. Utilizam pronomes do português para formas pronominais em Libras, com o gênero identificado no contexto, pois “não há marcação morfológica de gênero” (p. 40). Usam IX para apontação. Por exemplo:



IX_k kCOMPRAR CARRO.

El@ comprou um carro.

7. Como vários outros pesquisadores de Libras, Quadros e Karnopp (2004) usam o termo “classificador” e o indicam por “< >cl”. Por exemplo:



8. As marcas de expressões não-manuais agregadas aos sinais manuais são expressas por letras iniciais do tipo de marcação não-manual (‘mc’ para movimento da cabeça, por exemplo) e aparecem entre < >. Vejamos os tipos de marcação não-manual destacados pelas autoras.

8.1. Intensidade do sinal: +, ++. Por exemplo:



8.2. Direção do olhar: “< >do” é associação do “verbo de concordância” com a direção do olhar. Por exemplo:



< ENTREGAR-PARA-ALGUÉM >do

(Quadros e Karnopp, 2004, p. 42)

8.3. Em relação às expressões não-manuais de interrogação, as autoras apresentam quatro formas:

8.3.1. Interrogação tipo 1: O QUE, COMO, ONDE, POR QUE e QUEM:

“< >qu”. Por exemplo:



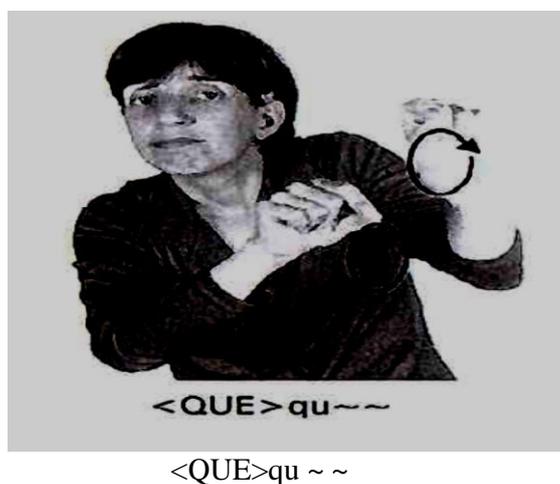
(Quadros e Karnopp, 2004, p. 42)

8.3.2. Perguntas com respostas sim ou não: “< >sn”. Por exemplo:



(Quadros e Karnopp, 2004, p. 43)

8.3.3. Para as perguntas que expressam dúvida, desconfiança: “< >?”. Por exemplo:



(Quadros e Karnopp, 2004, p. 42)

Não ficou claro se deve ser usado “?”, como na explicação, ou “qu~~” como no exemplo.

8.3.4. Para perguntas que aparecem nas orações subordinadas com “expressão facial diferenciada”, usa-se o símbolo “< >qu ~”. Por exemplo:



<QUE> qu~

(Quadros e Karnopp, 2004, p. 43)

9. Para indicar topicalização, os símbolos são representados por “< > t”. Por exemplo:



<FUTEBOL>t <JOÃO GOSTAR>mc³⁰

De futebol, João gosta.

(Quadros e Karnopp, 2004, p. 43)

10. “Construções com foco – são aquelas que apresentam elementos duplicados com ênfase, associados com um movimento da cabeça, entre eles, afirmativo, negativo, interrogativo, respectivamente assinalados das seguintes formas: < >mc, < >n e < >qu (Quadros e Karnopp, 2004, p. 44). Por exemplo:

³⁰ O símbolo “mc” significa movimento de cabeça.



EU PERDER LIVRO < PERDER >mc
Eu **perdi** o livro.

(Quadros e Karnopp, 2004, p. 44)

11. “O escopo da negação pode estar associado apenas com a expressão facial de negação ou incluir o movimento da cabeça <>n” (Quadros e Karnopp, 2004, p. 44). Por exemplo:



< FUTEBOL > t JOÃO <GOSTAR NÃO>n
De futebol, o João não gosta.

(Quadros e Karnopp, 2004, p. 44)

12. Para a transcrição das chamadas “orações relativas”, são usadas orações encaixadas na outra oração com a marca não manual através do símbolo “< >r”. Por exemplo:



MULHER <BICICLETA CAIR>r ESTAR HOSPITAL
A mulher que caiu da bicicleta está no hospital.

(Quadros e Karnopp, 2004, p. 45)

Por fim, vale registrar e valorizar que Quadros e Karnopp (2004) usaram fotos em seus exemplos, com transcrição e tradução para o português. Tiveram o cuidado de incluir os movimentos inerentes aos sinais como no exemplo imediatamente anterior, o que facilita na compreensão do sinal e torna a transcrição bem próxima da maneira como a sinalização ocorre. E ainda informam que os exemplos foram baseados na variante da Libras usada no Rio Grande do Sul, fato relevante para compreender possíveis diferenças para outras variantes faladas no Brasil. A seguir, vamos apresentar o sistema de transcrição usado por Brito (2010).

5.4.3. As glosas em Brito (1995, 2010)

É sabido que Brito é precursora nas pesquisas sobre a Língua Brasileira de Sinais. Ela elaborou um sistema chamado “Sistema de Transcrição de Enunciados e Textos em Línguas de Sinais”, que se encontra no livro *Por uma gramática de línguas de sinais* (2010, p. 207-209).

Entre as formas de transcrever os sinais da Libras, alguns pontos foram seguidos por Felipe e Monteiro (2001). Por isso, não há necessidade de repetir alguns tipos de transcrição. Entretanto, algumas transcrições são importantes de serem destacadas. A

seguir, uma síntese do seu sistema. Os exemplos são de Brito, e ela não incluiu imagens neles.

1. Os pronomes em Libras são exibidos no seguinte formato:

pro3NÃO-GOSTARpro1

Ela/ele não gosta de mim

2. Brito (2010, p. 208) afirma que, na Libras, não há marcação de gênero, nem nos verbos flexionais ou direcionais, nem nos pronomes. Se o exemplo em Libras for dado no sexo feminino, ele deverá ser compreendido no contexto e, em caso de ambiguidade, deverá ser apresentado o sinal de feminino para representar ‘ela’, e o sinal de masculino para representar ‘ele’ antes ou depois do pronome.

3. Os pronomes demonstrativos e advérbios de lugar são representados pelo símbolo “**Loc**”, que significa o locativo; portanto, **Loc i** constitui o “este” ou “aqui”, **Loc j** constitui o “esse” ou “aí” e **Loc k**, “ali” ou “lá”.

4. As expressões não-manuais são representadas pelo símbolos “—?—” para representar a interrogação; “—!—” para representar a exclamação; “—t—” para representar a topicalização; “—ñ—” indica a negação; “—int—” para a intensidade; “—EFp—” para a força ilocucionária de pedido e “—EFo—” para força ilocucionária de ordem, entre outros. Estes símbolos são utilizados em cima do enunciado da palavra transcrita. Por exemplo:

—t—

CARRO, EU COMPRAR NOVO

Eu comprei um carro novo

—?—

NOME, pro2

Qual é o seu nome?

—!—

BONITO Loc i

Que bonito isto aí!

—ñ—

ACREDITAR VOCÊ

Não acredito em você.

5. Para expressar passado, acrescenta-se a abreviatura “pass” abaixo da frase. Por exemplo:

ANTES ₁VER₂ ₂DAR₃ LIVRO EU.

pass

Eu vi você lhe dar o livro, eu.

6. O uso das mãos esquerda e direita na sinalização. Por exemplo:

CACHORRO GATO BRIGAR RAIVA Ó-D-I-O SE (dir.)

RAIVA Ó-D-I-O SE (esq.)

MARIA (dir.) CONVERSAR JOÃO (esq.) ELA (dir.) BRAVA ELE (esq.)

7. Quanto às trocas das duas mãos para fazer o cruzamento entre estas duas mãos, emprega-se o uso do símbolo \ddot{V} . Por exemplo:

CI: \ddot{V} (ouvinte, esq.) + CI: \ddot{V} (surdo, dir.)

os dois trocam de lugar

8. Para expressar pronomes, usam-se números e as letras i e j para compreender a mudança de posição. Por exemplo:

{3i}CONTAR{3j}

Ele contou a ela.

PAULO_{3i} CONTAR_{3j} MULHER DELE_{3i} CAIR.

Paulo contou a João que a mulher dele (Paulo) caiu).

A seguir, apresentamos o sistema de transcrição usado por Olizaroski (2017).

5.4.4. As glosas em Olizaroski (2017): nossa escolha com adaptações

Olizaroski (2017, p. 79) seguiu um “[...] protocolo de transcrição convencionalizado por Quadros e Karnopp (2004) e Ferreira Brito (2010)”. Mas fez acréscimos a ele para atender às necessidades de sua pesquisa. A seguir, reproduzimos esse sistema, chamado de “notação das glosas-Libras”:

PESSOA	As letras maiúsculas indicam os sinais (itens lexicais) da Libras.
@	Marcação da inexistência de gênero.
'<A-T-M-O-S-F-E-R-A>'	Datilologia (soletração manual) como empréstimo linguístico da LP pela ausência de sinal na Libras.
<P-A-I> _{sr}	Sinal rítmico.
*	O asterisco indica que a sentença é agramatical.
NÃO-GOSTAR	Mais de uma palavra formando um só sinal.
CASA^ESCOLA	Mais de um sinal formando uma só palavra.
<PESSOA> _{ms}	Indica a marcação do sujeito no espaço por meio do sinal PESSOA
<PRÓPRIO> _{pp}	Indica a marcação do pronome possessivo por meio do sinal PRÓPRIO.
< “ ” > _{pa}	Preposição de assunto conforme classificação semântica por meio do sinal ASPAS.
< / > _{as}	Indica sinal ambíguo usado de forma contextualizada.
+	Indica a repetição do sinal.
+++	Indica intensidade do verbo.
< +>	Marcação de aspecto do verbo.
< >+	Marcação de plural de um substantivo ou adjetivo.
vo	Indica verbos que incorporam o objeto.
vi	Indica verbos instrumentais.
<IX>	Indicação de dêiticos anafóricos.
md me mde med	Indicação do referente por meio de apontação para a direita ou esquerda ou por meio do movimento da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita, respectivamente.
od oe oc oo of	Marcação de concordância gramatical por meio da direção do olhar para a direita, esquerda, para cima, direto para o objeto ou, ainda, olhos fechados, respectivamente.

<PASSADO> _{mt} <FUTURO> _{mt}	Indica marcação de tempo passado ou futuro, respectivamente por meio do sinal.
< > _t	Marcação de tópico a qual geralmente está associada ao franzimento da sobrancelha.
< > _n	Marcação de sentenças negativas .
< > _{qu} sn	Marcação de sentenças interrogativas [qu], [sn] ou interrogativas indiretas, respectivamente.
< > _{ic}	Interrogativas manipulativas/de confirmação (<i>tag question</i>).
----- ^{ei} -----	Expressão facial interrogativa.
----- ⁿ -----	Indica movimento negativo durante a realização de um sinal.
< > _{em}	Expressão não-manual [facial] de negação.
<QUANDO> _{ip} if	Indica marcação de tempo passado ou futuro, respectivamente, em interrogativas [qu] ou [sn] por meio do sinal.
₁ DAR ₂ ₁ DAR ₃ ₂ DAR ₁ ₂ DAR ₃ ₃ DAR ₁ ₃ DAR ₂	Indicação de verbos direcionais irreversíveis os quais marcam o Sujeito [1ª, 2ª ou 3ª pessoa do singular ou plural] como ponto inicial concluindo-se na posição do Objeto [1ª, 2ª ou 3ª pessoa do singular ou plural].
_b CONVIDAR _a	Indicação de verbos direcionais reversíveis os quais marcam o Objeto [b] como ponto inicial concluindo-se na posição do Sujeito [a].
<CL (carro)-bater- poste> _{cl}	Classificadores que indicam movimento, localização etc. de seres animados ou inanimados.

Fonte: Adaptado e ampliado de Quadros e Karnopp (2004) e Ferreira Brito (2010)

(Olizaroski, 2017, p. 79-81)

Nesta tese, vamos adotar esse sistema de glosas de Olizaroski (2017), fazendo as seguintes modificações, dadas as posições teóricas que defendemos nos capítulos anteriores:

1. Em lugar de “vo - verbo que incorpora o objeto”, usaremos apenas “v”, pois discordamos do conceito de “incorporação” usado frequentemente para Libras.

2. Não faremos discriminação de “verbos instrumentais” ou “verbos que incorporam o instrumento ou objeto” por discordarmos igualmente dessa terminologia. E, por isso, não usaremos a sigla “vi”; em seu lugar, usaremos apenas “v” também.
3. Vamos indicar a **topicalização** por meio do sinal “< >t”, mas indicaremos igualmente se houve ou não elevação das sobrelhas (/\), sobrelhas levantadas acompanhadas do cenho franzido (/*\) ou cenho franzido (\/), nos moldes do proposto por McCleary, Viotti e Leite (2010, p. 271), **sem pressupor que isso seja obrigatório**.
4. Vamos usar números, como Olizaroski (2017, p. 81), para indicar os participantes de “verbos direcionais irreversíveis”, como DAR.
5. Em relação aos chamados “verbos direcionais reversíveis”, seguiremos o mesmo princípio acima. Logo, não vamos usar letras e rótulos sintáticos, como propõe Olizaroski (2017, 81). Assim, não pretendemos discriminar tipos verbais *a priori*, como se faz rotineiramente na literatura conforme mostramos no capítulo 3. Uma análise dos tipos verbais em Libras ainda precisará ser feita em outras pesquisas.

Nos próximos dois capítulos, apresentaremos os dados gerados, suas análises e principais constatações.

Capítulo 6 – Testes de constituência, ordem de constituintes e topicalização com surdos fluentes em Libras

Neste capítulo, apresentamos os resultados de um conjunto de testes que elaboramos para verificar a constituência, a ordem de constituintes e a topicalização em Libras. Esses testes procuraram verificar as principais hipóteses discutidas nesta tese e presentes na literatura linguística a respeito desses temas em Libras. Como mostraremos, para esse conjunto de testes foi criado por nós um questionário no *GoogleForms*, o qual foi respondido por 10 surdos fluentes em Libras. O perfil desses surdos já foi apresentado no capítulo 5, na seção 5.1.1.

Antes de aplicar os testes a esses 10 participantes, fizemos uma aplicação-piloto com 3 deles. Sobre essa aplicação-piloto, falaremos na seção 6.1. Na seção 6.2, vamos apresentar o questionário/conjunto de testes aplicado e os resultados básicos alcançados em forma de gráfico. E, na seção 6.3, faremos uma análise das respostas, o cruzamento com as hipóteses discutidas ao longo da tese e uma síntese conclusiva do capítulo.

6.1. Aplicação-piloto do questionário sobre constituência, ordem de constituintes e topicalização

A fim de verificar se o questionário/conjunto de testes elaborado por nós estava mesmo adequado e se não geraríamos falsos positivos ou negativos, fizemos uma aplicação-piloto desse questionário. O principal objetivo dessa aplicação-piloto foi averiguar, junto aos surdos fluentes em Libras, possíveis problemas alheios às questões linguísticas propriamente ditas, como falta de clareza nos comandos, eventuais problemas nos vídeos gravados, o tempo gasto para responder ao questionário, etc. Para essa etapa, contamos com a participação presencial de dois surdos convidados e a participação remota de uma surda convidada de outro estado, via *Teams*. Para preservar a identidade dos participantes, vamos chamá-los de “colaborador 1”, “colaborador 2” e “colaboradora 3”.

Essa aplicação-piloto foi realizada presencialmente em 22 de abril de 2022, às 14 horas, com duração de 3 horas, e virtualmente no dia 23 de maio de 2022. O teste presencial foi realizado pelo pesquisador desta tese, João Paulo Vitorio Miranda, com a presença do orientador da pesquisa, Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes, e de uma colaboradora ouvinte, Alliny de Matos Ferraz Andrade, que auxiliou na interpretação Libras-Língua Portuguesa.

Os procedimentos adotados na aplicação-piloto presencial foram os seguintes:

- i. Cada surdo foi posto em uma sala separada com um computador disponível;
- ii. O formulário do Google com a aplicação-piloto foi enviado ao *e-mail* deles;
- iii. Após abrirem o formulário, iniciamos a cronometragem a fim de mensurar o tempo gasto por cada um para responder ao formulário. Essa informação foi importante, pois foi repassada aos demais surdos que vieram a responder ao formulário, deixando claro o tempo médio que poderiam gastar para respondê-lo;
- iv. Os participantes foram deixados sozinhos em suas respectivas salas para ficarem à vontade durante o teste.

Ao terminarem o teste, finalizamos a cronometragem, registramos o tempo gasto e iniciamos um diálogo/entrevista semiaberta com cada um deles em separado a fim de coletar suas impressões, sugestões e críticas sobre o formulário. Então, fizemos as seguintes perguntas em Libras:

1. *Qual é sua opinião geral sobre o formulário?*
2. *O formulário é claro, fácil de responder ou você teve alguma dificuldade?*
3. *Você tem alguma sugestão para melhorar o formulário?*
4. *Quais problemas havia nas respostas consideradas **erradas** ou **mais ou menos**?*
5. *O que te levou a escolher uma dada resposta como sendo a **melhor** de cada bloco, para cada verbo usado?*

As três primeiras questões são mais gerais e buscam levantar informações sobre o questionário como um todo. Já nosso objetivo na questão 04 foi verificar se eles tinham optado por considerar a resposta **errada** ou **mais ou menos** devido à configuração estrutural da sentença por causa das relações de constituição e/ou topicalização, ou por alguma outra razão que não previmos, como filmagem ruim, problema no enunciado, desconhecimento de algum sinal, ou seja, um possível “falso erro” ou “falso negativo”. Então, fomos checando essas respostas para cada verbo usado no teste, a saber:

- i. AJUDAR
- ii. COMPRAR
- iii. BEBER
- iv. GOSTAR
- v. DAR
- vi. PINTAR-COM-ROLO

Nosso objetivo na questão 05 foi analisar com eles as respostas consideradas **melhores** para verificar se a justificativa por escrito dada por eles coincidia com a

justificativa dada em Libras durante a entrevista após responder ao formulário. Isso iria nos ajudar a entender o que motivou a escolha das melhores respostas e também a decidir se pediríamos um vídeo aos participantes para justificar a resposta dada à última questão de cada verbo; e ainda poderia ser útil para ver “falsos positivos”.

A seguir, apresentaremos o resultado da entrevista após a aplicação-piloto com cada um dos três colaboradores. Traremos as respostas às questões 1, 2 e 3 do questionário acima. Como praticamente não encontramos problemas alheios às questões linguísticas nas respostas às questões 4 e 5, optamos por apresentar o resultado dessa parte da entrevista na seção em que discutimos os resultados da aplicação do questionário com todos os 10 surdos participantes (seção 6.3).

6.1.1. Entrevista após a aplicação-piloto com o colaborador 1

O colaborador 1 tem 45 anos, é licenciado em Letras Libras, bacharel em ciências contábeis, especialista em Libras e, atualmente, é mestrando em Estudos de Tradução. Usa Libras há 42 anos. O tempo gasto por ele na realização da aplicação-piloto foi de 45 minutos. Vejamos suas respostas para cada pergunta feita:

1. Qual sua opinião geral sobre o formulário?

Ele afirmou que ficou admirado com as perguntas, teve de lê-las mais de uma vez para rever as opções, pois são muito parecidas. Segundo ele, escolheu a opção que seria típica do surdo, pensou em qual seria a melhor, mas ficou bem em dúvida. No fim, escolheu de acordo com o que costuma ver e usar no seu dia a dia.

2. O formulário é claro, fácil de responder ou você teve alguma dificuldade?

Ele afirmou que: “Dá pra entender bem; não tive dificuldade nenhuma; depende do surdo; já tenho experiência com formulário; achei bem fácil e acessível; o vídeo é fácil; as perguntas são acessíveis para surdos”.

3. Você tem alguma sugestão para melhorar o formulário?

O colaborador 1 afirmou não ter muitas sugestões e sugeriu que o TCLE precisaria vir em Libras, ou seja, vir também em vídeo. Justificou suas escolhas com base na experiência dele e de outros surdos.

6.1.2. Entrevista após a aplicação-piloto com o colaborador 2

O colaborador 2 tem 26 anos, é licenciado em Língua de Sinais Brasileira-Português como Segunda Língua (LSB-PSL) e usa Libras há 23 anos. O tempo gasto na

realização da aplicação-piloto foi de 48 minutos. Vejamos suas respostas à entrevista.

1. Qual sua opinião geral sobre o formulário?

Disse que sentiu dificuldade com respostas que não combinavam muito com as perguntas. A questão 4 do questionário foi a mais problemática em todos os seis blocos e a maioria dessas questões do tipo 4 ele afirma não ter entendido. Essa questão, conforme mostraremos mais à frente, trazia uma quebra muito forte de constituência entre um núcleo nominal e seu modificador. Isso gerou rejeição não só por parte do colaborador 2, mas por parte de praticamente todos os 10 participantes da pesquisa como veremos posteriormente na discussão dos resultados.

2. O formulário é claro, fácil de responder ou você teve alguma dificuldade?

Respondeu que sim e que não teve dificuldades.

3. Você tem alguma sugestão para melhorar o formulário?

O colaborador 2 afirmou que achou o questionário bom, mas as expressões não manuais ficaram a desejar. Achou que deveria ter uma luz melhor. E a língua parecia meio morta. Essa crítica sobre a luz do vídeo foi isolada, não tendo sido identificada nos dois outros participantes da aplicação-piloto. A falta de expressão em geral nos vídeos foi proposital, mantendo-se a expressão facial de elevação das sobrancelhas apenas em parte do questionário, justamente para verificar se isso seria levado em conta durante a análise dos vídeos-resposta pelos surdos participantes da pesquisa. Logo, essa crítica do colaborador 2 não foi levada em consideração. Ao contrário, nos mostrou que tínhamos atingido a meta de não fazer expressões faciais que pudessem induzir os surdos a escolher respostas por causa delas e não das demais questões estruturais que estávamos analisando a cada parte do teste aplicada. Ressaltamos que fizemos elevação das sobrancelhas apenas em parte das questões.

6.1.3. Entrevista após a aplicação-piloto com a colaboradora 3

A colaboradora 3 tem 42 anos, é licenciada em Pedagogia e em Letras Libras. Usa Libras há 39 anos. Participei de uma entrevista com a colaboradora após ela responder ao questionário do *Google Forms* em uma reunião do Teams. A entrevista foi conduzida em Libras, sem a presença de intérprete, de forma remota e com duração de 1 hora e 24 minutos, sendo a reunião gravada com o consentimento da participante.

Sobre o tempo gasto na realização da aplicação-piloto, ela se esqueceu de cronometrar, mas, segundo ela, durou de 30 a 50 minutos. Falou que foi cansativo analisar

os vídeos e exigiu paciência. Conseguiu visualizar os vídeos no *Youtube* para aumentar o tamanho deles. Vejamos sua avaliação sobre o formulário.

1. Qual sua opinião geral sobre o formulário?

Disse que o formulário foi claro e muito visual. Conseguiu entender o termo de compromisso em português.

2. O formulário é claro, fácil de responder ou você teve alguma dificuldade?

Respondeu que foi claro e fácil. E percebeu que, nos vídeos presentes nas questões, houve troca da ordem de constituintes. Ou seja, ela tinha certa noção metalinguística do que estávamos propondo.

3. Você tem alguma sugestão para melhorar o formulário?

A colaboradora 3 sugeriu que o TCLE fosse apresentado em Libras. Também pediu a tradução do *e-mail*, ou seja, gravar o sinal E-MAIL. Também sugeriu traduzir as perguntas da entrevista sobre os dados pessoais em Libras. Sugeriu que aumentasse o tamanho do vídeo, pois precisou ver os vídeos no *Youtube*. Sobre isso, explicamos que, no *google* formulário, há limitações. Disse que o formulário parece cansativo e precisa paciência, porém não é muito tempo. Ela afirmou ainda que a resposta da questão sobre qual seria a melhor opção entre todas de cada bloco poderia ser gravada em Libras para os surdos explicarem com mais facilidade. Entende que, se for para escreverem em português, os surdos não teriam vontade de responder à pergunta.

6.1.4. Síntese da aplicação da aplicação-piloto

Considerando o tempo de 45, 48 e 30-50 minutos, entendemos que o tempo médio para responder ao questionário ficaria entre 35 e 45 minutos. Optamos por informar que o tempo mínimo seria de 35 minutos. A seguir, trazemos a síntese das respostas às questões 1, 2 e 3, que tratam da opinião e das sugestões dos entrevistados.

A opinião geral sobre o questionário foi positiva. O colaborador 1 afirmou ter ficado admirado com as perguntas e teve de rever as opções, pois eram muito parecidas. O colaborador 2 disse que sentiu dificuldade com respostas que não combinavam muito com as perguntas e reclamou da questão 4. Entendemos que sua reclamação se deveu à estrutura proposta na questão 4, que quebrava um constituinte NÚCLEO NOMINAL + MODIFICADOR. A reprovação dessa resposta foi praticamente unânime entre os dez surdos que responderam ao questionário, incluindo os três da aplicação-piloto. A colaboradora 3 disse que o formulário foi claro e muito visual, mas já chamou a atenção

para o TCLE que estava só na versão em português.

A questão 2 da entrevista era mais objetiva e perguntava se o formulário tinha ficado claro, fácil de responder ou se o surdo teve alguma dificuldade. O colaborador 1 respondeu que dava para entender bem, que não tinha tido nenhuma dificuldade, achou bem fácil e acessível; os vídeos eram fáceis e as perguntas acessíveis para surdos. O colaborador 2 e a colaboradora 3 também disseram que foi claro e fácil. Essa última percebeu que, nos vídeos, houve trocas das ordens de constituintes e comentou isso.

A questão 3 pedia sugestões aos entrevistados da aplicação-piloto. O colaborador 1 sugeriu que o TCLE precisaria vir em Libras, ou seja, vir também em vídeo. Isso também foi sugerido pela colaboradora 3, que também sugeriu a tradução do *e-mail*, ou seja, gravar o sinal E-MAIL. Atendemos por completo essas sugestões, produzindo a versão em Libras do TCLE e do e-mail enviado aos surdos, com o convite. A colaboradora 3 também sugeriu que aumentássemos o tamanho do vídeo, mas não foi possível por limitações do *google* formulário. De todo modo, era possível ver o vídeo no *youtube*, em tamanho maior. Essa mesma colaboradora sugeriu que a resposta para a pergunta sobre o melhor vídeo de cada bloco poderia ser gravada em Libras e não dada em português apenas. Atendemos a essa sugestão, colocando no final do questionário essa sugestão, na questão 10. Fizemos a versão em Libras e em português:

“Obrigado por responder a este questionário. É importante saber a tua opinião sobre as melhores respostas que você escolheu para cada verbo. Como a Libras é tua língua principal, você quer gravar um vídeo curto sobre a questão 8 dos verbos AJUDAR, COMPRAR, BEBER e PINTAR-COM-ROLO; e sobre a questão 6 do verbo GOSTAR; e sobre a questão 7 do verbo DAR? Se tua resposta for sim, por favor envie teu vídeo para: jpv3@yahoo.com.br.”

Também passamos para Libras o questionário cujo objetivo era detalhar o perfil de cada surdo participante (cf. seção 5.1.1).

O colaborador 2 achou que as expressões não manuais ficaram a desejar, mas isso não poderíamos mudar, pois era algo feito de propósito para ressaltar o uso das expressões faciais justamente nas opções com topicalização, para que elas se destacassem em relação às demais.

Esse piloto nos fez constatar a importância de também entrevistar surdos que não tenham estudado no curso de Letras ou feito pós-graduação em Linguística. Dois dos três surdos do piloto são formados em Letras Libras e português. Decidimos então escolher cinco surdos com formação em Letras (colaboradores de 1 a 5, quadro 2) e cinco surdos

sem essa formação (colaboradores de 6 a 10, quadro 3). Foram cinco homens e cinco mulheres.

Quadro 2 – Colaboradores surdos com formação em Letras e/ou pós-graduação em Linguística e afins

Nome	Formação	Idade (anos)	Tempo de uso de Libras (anos)
Colaborador 1	Licenciado em Letras Libras e Bacharel em Contabilidade. Especialista em Libras e, atualmente, é mestrando em Estudos de Tradução.	45	42
Colaborador 2	Licenciado em Língua de Sinais Brasileira e Português como Segunda Língua.	26	23
Colaboradora 3	Licenciada em Pedagogia e em Letras Libras.	42	39
Colaborador 4	Licenciado em Pedagogia e em Letras Libras, e mestre em Linguística.	42	14
Colaboradora 5	Licenciada em Língua de Sinais Brasileira e Português como Segunda Língua.	26	15

Quadro 3 – Colaboradores surdos **sem** formação em Letras e/ou **sem** pós-graduação em Linguística

Nome	Formação	Idade (anos)	Tempo de uso de Libras (anos)
Colaboradora 6	Licenciada em Pedagogia, mestre e doutora em Educação.	45	30
Colaboradora 7 ³¹	Licenciada em Pedagogia.	32	-
Colaborador 8	Licenciado e bacharel em Educação Física.	36	26
Colaborador 9	Graduado em Teatro e mestre em Estudos da Tradução. ³²	38	23
Colaboradora 10 ³³	Graduada em Fisioterapia.	28	-

³¹ Segundo a colaboradora surda, ela não se recorda desde quando se comunica em Libras, mas afirma que utiliza a língua desde a infância.

³² Ao escolher esse colaborador, observamos que sua graduação não era em Letras e, por isso, o escolhemos. Posteriormente, é que descobrimos que ele havia feito mestrado em Tradução. Por causa da graduação fora da área de Letras, o mantivemos neste grupo.

³³ Assim como a colaboradora 7, ela se lembra apenas de que utilizava a Libras desde a infância, mas não especificou a idade.

A seguir, apresentamos a composição do questionário com os testes sobre constituição, ordem de constituintes e topicalização em Libras.

6.2. Questionário sobre constituição, ordem de constituintes e topicalização em Libras

Nosso questionário abordou seis verbos em Libras: AJUDAR, COMPRAR, BEBER, GOSTAR, DAR e PINTAR-COM-ROLO. Esses verbos recobrem os tipos verbais em Libras discutidos no capítulo 4.

AJUDAR e DAR são exemplos de verbos direcionais ou com concordância (cf. Quadros e Karnopp, 2004, p. 117; Brito, 2010, p. 63).

COMPRAR e BEBER são classificados como verbos não direcionais, simples ou sem concordância (cf. Brito, 2010; Quadros e Karnopp, 2004).

GOSTAR também é um verbo não direcional, mas ancorado no corpo (cf. Brito, 2010; Quadros e Karnopp, 2004, p. 117 e 201).

E o verbo PINTAR-COM-ROLO é classificado como verbo manual ou com classificador (Quadros e Karnopp, 2004, p. 204-205).

Para cada um desses verbos, criamos diálogos com perguntas e respostas em Libras. Assim, cada verbo encabeçou um bloco com uma mesma pergunta, mas com diferentes respostas. E, a cada resposta diferente, o participante convidado da pesquisa deveria avaliar se a resposta estava bem construída em Libras, classificando-a como CERTA, ERRADA ou MAIS OU MENOS. Cada resposta que criamos buscava recobrir traços de ordem de constituintes, relações de constituição e/ou processos de topicalização em Libras.

Assim, em cada diálogo criado sobre cada um dos verbos citados acima, havia uma pergunta, que foi a mesma para todos os vídeos de cada bloco/ seção. O que mudou foi a resposta. Logo, o vídeo da pergunta da seção foi repetido nos vídeos do diálogo, ou seja, a pergunta foi gravada uma única vez e repetida em cada diálogo para não haver diferença na pergunta, a qual não seria alvo de avaliação.

Cada seção trouxe os respectivos vídeos-respostas em posições diferentes: 1. alinhado à esquerda; 2. centralizado; 3. alinhado à direita, repetindo a mesma ordem inicial de alinhamentos sucessivamente. Inserimos só os vídeos e as opções de avaliação das respostas, sem a parte do diálogo em Português. Assim, a tradução em português de

cada pergunta e de cada resposta aparecerá nesta tese apenas para mostrar o que foi perguntado e respondido em Libras, mas essa tradução em português não apareceu nos vídeos em Libras gravados e mostrados aos participantes. A seguir, vamos falar sobre os vídeos-respostas, os quais deveriam ser avaliados pelos participantes da pesquisa.

No vídeo-resposta 1 de cada seção ou bloco por verbo, apresentamos uma frase em Libras do tipo SVO. O objetivo principal era medir o grau de aceitação dessa ordem de constituintes, a qual é muito recorrentemente citada como ordem básica em Libras. Por exemplo, com o verbo AJUDAR, criamos o seguinte diálogo em Libras:

Alliny: — *O que você fez com o teu pai ontem?*

João Paulo: — *Eu ajudei meu pai na casa dele.*

(Traço estrutural em análise: ordem SVO)

[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



Sobre essa resposta dada por João Paulo em Libras no vídeo, o participante convidado deveria escolher uma das seguintes opções:

- a) *Resposta CERTA em Libras*
- b) *Resposta ERRADA em Libras*
- c) *Resposta MAIS OU MENOS em Libras*

Apenas as respostas deveriam ser avaliadas e não a pergunta. Esse procedimento foi repetido ao longo de todo o questionário.

No vídeo-resposta 2 de cada seção ou bloco por verbo, apresentamos uma frase em Libras com o objeto topicalizado à esquerda, OSV, mas **sem** elevação das sobrancelhas. O objetivo era verificar se os participantes aceitariam essa topicalização sem o traço não manual na frase. Vejamos o verbo AJUDAR novamente para exemplificar:

Alliny: — *O que você fez com o teu pai ontem?*

João Paulo: — *Meu pai*, eu ajudei na casa dele.

(Traço estrutural em análise: objeto topicalizado **sem** elevação das sobrancelhas)

[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



No vídeo-resposta 3 de cada seção ou bloco por verbo, apresentamos uma frase em Libras também com o objeto topicalizado à esquerda, mas **com** elevação das sobrancelhas. Aqui, o objetivo era também verificar se essa topicalização seria aceita e se haveria maior aceitação dessa frase com a presença do traço não manual em comparação com a questão imediatamente anterior, que não traz esse traço. Esse traço não manual — a elevação da sobrancelha — é muito recorrentemente citado na literatura sobre o tema como um traço presente nesse tipo de topicalização. Vamos revisitar o verbo AJUDAR para demonstrar seu uso prático:

Alliny: — *O que você fez com o teu pai ontem?*

João Paulo: — *Meu pai, eu ajudei na casa dele.*

(Traço estrutural em análise: objeto topicalizado **com** elevação das sobrancelhas)

[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



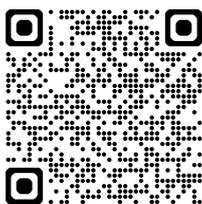
No vídeo-resposta 4 de cada seção ou bloco por verbo, apresentamos uma frase com apenas parte do objeto topicalizado, fazendo a separação entre o núcleo (um substantivo) e seu modificador. No caso, apenas o núcleo do objeto foi topicalizado à esquerda, enquanto seu modificador ficou no lugar de origem e, por isso, o chamamos de modificador *in situ*. A intenção foi verificar se essa separação seria aceita ou não, o que nos permitiria discutir a relação de constituição entre núcleo e modificador e também testar hipóteses e explicações sobre o tema presentes na literatura. Mostramos a seguir o diálogo criado com cada verbo, para ilustrar o tipo de modificador que usamos em cada bloco:

AJUDAR:

Alliny: — *O que você fez com o teu pai ontem?*

João Paulo: — Pai, eu ajudei meu na casa dele.

(Traço estrutural em análise: núcleo do objeto topicalizado com modificador do objeto *in situ*)



[[link](#) e QR Code para o diálogo em Libras]

COMPRAR:

Alliny: — Você tem carro?

João Paulo: — Sim. Carro, eu comprei novu ontem.

(Traço estrutural em análise: núcleo do objeto topicalizado com modificador do objeto *in situ*)

[[link](#) e QR Code para o diálogo em Libras]



BEBER:

Alliny: — Você já bebeu leite de cabra?

João Paulo: — Sim. Leite, eu já bebi de cabra algumas vezes.

(Traço estrutural em análise: núcleo do objeto topicalizado com modificador do objeto *in situ*)

[[link](#) e QR Code para o diálogo em Libras]



GOSTAR:

Alliny: — Teu pai gosta de animais grandes?

João Paulo: — Sim. De animais, meu pai gosta grandes.

(Traço estrutural em análise: núcleo do objeto topicalizado com modificador do objeto *in situ*)

[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



PINTAR-COM-ROLO:

Alliny: — *O que você fez na casa do teu pai ontem?*

João Paulo: — *A casa, eu pintei-com-rolo do meu pai ontem.*

(Traço estrutural em análise: núcleo do objeto topicalizado com modificador do objeto *in situ*)

[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



Uma variante do vídeo-resposta 4 foi introduzida no bloco do verbo GOSTAR.

Trata-se do vídeo-resposta 5 desse bloco, cujo diálogo reproduzimos a seguir:

Alliny: — *Teu pai gosta de animais grandes?*

João Paulo: — *Sim. De animais grandes, meu pai gosta de cavalo.*

(Traço estrutural em análise: núcleo do objeto e modificador topicalizados e inserção, na posição de objeto, de um novo objeto correferente com o constituinte topicalizado)

[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



Nesse caso, fizemos a topicalização do núcleo do objeto e de seu modificador (“de animais grandes”) à esquerda, mas inserimos um novo objeto correferente a ele na posição original do objeto topicalizado (“cavalo”). O objetivo foi testar uma hipótese da literatura que afirma que isso seria possível em Libras.

Com o verbo DAR, construímos um vídeo-resposta 4 diferente, optando por testar a possibilidade de topicalizar o argumento destinatário. Vejamos como ficou o diálogo:

Alliny: — *Teu pai deu um livro para Maria?*

João Paulo: — *Sim. Para Maria, meu pai deu um livro.*

(Traço estrutural em análise: objeto destinatário topicalizado)

[[link](#) e QR Code para o diálogo em Libras]



O vídeo-resposta 5 dos demais verbos explorou a topicalização de advérbios de tempo ou espaço ao lado da topicalização dos objetos, ambos colocados à esquerda. A intenção foi verificar se essa dupla topicalização seria aceitável. Vejamos os diálogos:

AJUDAR:

Alliny: — *O que você fez com o teu pai ontem?*

João Paulo: — *Meu pai, na casa dele, eu ajudei.*

(Traço estrutural em análise: objeto e advérbio espacial topicalizados)

[[link](#) e QR Code para o diálogo em Libras]



COMPRAR:

Alliny: — *Você tem carro?*

João Paulo: — *Sim. Carro novo, ontem, eu comprei.*

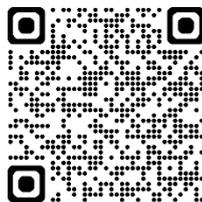
(Traço estrutural em análise: objeto e advérbio temporal topicalizados)

[[link](#) e QR Code para o diálogo em Libras]



BEBER:

Alliny: — *Você já bebeu leite de cabra?*
João Paulo: — *Sim. Leite de cabra, algumas vezes, eu já bebi.*
(Traço estrutural em análise: objeto e advérbio temporal topicalizados)
[[link](#) e QR Code para o diálogo em Libras]



PINTAR-COM-ROLO:

Alliny: — *O que você fez na casa do teu pai ontem?*
João Paulo: — *A casa do meu pai, ontem, eu pinteí-com-rolo.*
(Traço estrutural em análise: objeto e advérbio temporal topicalizados)
[[link](#) e QR Code para o diálogo em Libras]



Com o verbo DAR, fizemos uma dupla topicalização também, mas optamos por testar o grau de aceitação da topicalização do argumento tema seguido do argumento destinatário (vídeo-resposta 5) e do argumento destinatário seguido do argumento tema (vídeo-resposta 6). Vejamos a seguir os respectivos diálogos:

DAR:

Alliny: — *Teu pai deu um livro para Maria?*
João Paulo: — *Sim. Um livro, para Maria, meu pai deu.*
(Traço estrutural em análise: objeto tema e objeto destinatário topicalizados)
[[link](#) e QR Code para o diálogo em Libras]



DAR:

Alliny: — *Teu pai deu um livro para Maria?*
João Paulo: — *Sim. Para Maria, um livro, meu pai deu.*
(Traço estrutural em análise: objeto destinatário e objeto tema topicalizados)
[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



No vídeo-resposta 6 dos demais verbos, testamos a inserção do advérbio entre o verbo e o objeto, quebrando a ordem VO, a fim de testar hipóteses sobre essa temática também. Vejamos os dados desse tipo:

AJUDAR:

Alliny: — *O que você fez com o teu pai ontem?*
João Paulo: — *Eu ajudei, na casa dele, meu pai.*
(Traço estrutural em análise: advérbio espacial entre V e O)
[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



COMPRAR:

Alliny: — *Você tem carro?*
João Paulo: — *Sim. Eu comprei, ontem, carro novo.*
(Traço estrutural em análise: advérbio temporal entre V e O)
[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



BEBER:

Alliny: — *Você já bebeu leite de cabra?*
João Paulo: — *Sim. Eu já bebi, algumas vezes, leite de cabra.*
(Traço estrutural em análise: advérbio temporal entre V e O)

[[link](#) e QR Code para o diálogo em Libras]



PINTAR-COM-ROLO:

Alliny: — *O que você fez na casa do teu pai ontem?*

João Paulo: — *Eu pinteí-com-roló, ontem, a casa do meu pai.*

(Traço estrutural em análise: advérbio temporal entre V e O.)

[[link](#) e QR Code para o diálogo em Libras]



No vídeo-resposta 7, optamos por topicalizar à esquerda apenas o advérbio presente no diálogo, fosse ele temporal ou espacial. Foi o que fizemos com os verbos AJUDAR, COMPRAR, BEBER e PINTAR-COM-ROLO. Por exemplo:

AJUDAR:

Alliny: — *O que você fez com o teu pai ontem?*

João Paulo: — *Na casa dele, eu ajudei meu pai.*

(Traço estrutural em análise: apenas advérbio espacial topicalizado)

[[link](#) e QR Code para o diálogo em Libras]



A penúltima questão de cada bloco de verbos foi destinada a saber qual dos vídeos-respostas do bloco era considerado a melhor resposta para a pergunta feita nele.

E a última questão de cada bloco de verbo era uma pergunta aberta, na qual os participantes eram convidados a explicar, usando português ou Libras, o que motivou a escolha da melhor resposta feita na questão imediatamente anterior.

E, por fim, deixamos uma última questão no questionário, explicando em Libras que os participantes poderiam enviar um vídeo em Libras com sua opinião sobre a penúltima questão de cada bloco. Porém, não recebemos nenhum vídeo, e todos optaram por dar sua resposta em português por escrito apenas.

Nas próximas subseções, apresentamos o questionário na íntegra, já acrescido de gráficos com as respostas dadas para cada verbo, a saber: AJUDAR, COMPRAR, BEBER, GOSTAR, DAR e PINTAR-COM-ROLO. Deixaremos para a seção seguinte (6.3) as respostas das duas últimas questões de cada bloco, ou seja, a pergunta sobre o melhor vídeo-resposta e a explicação para essa escolha.

6.2.1. Verbo AJUDAR

O verbo AJUDAR é considerado um verbo direcional ou verbo com concordância (cf. Quadros e Karnopp, 2004, p. 130; Brito, 2010, p. 63). A seguir, apresentamos todos os diálogos que compõem os testes sobre esse verbo. Reproduziremos esses diálogos como apareceu para os dez surdos participantes desta etapa da pesquisa. Acrescentamos aqui, porém, informações sobre o traço estrutural em análise e o *link e QR Code* para o vídeo, informações que não apareceram para os surdos. Lembramos também que o diálogo foi apresentado aos surdos apenas na versão em Libras, ou seja, na versão que aparece no vídeo.

Quadro 4 – Questionário sobre o verbo AJUDAR – vídeo 01

AJUDAR	
Por favor, assista ao diálogo nos vídeos a seguir e julgue só a RESPOSTA dada à pergunta feita nos vídeos.	
Vídeo 01 – AJUDAR - Diálogo em Libras	
Alliny:	— <i>O que você fez com o teu pai ontem?</i>
João Paulo:	— <i>Eu ajudei meu pai na casa dele.</i>
(Traço estrutural em análise: ordem SVO)	
[link e QR Code para o diálogo em Libras]	



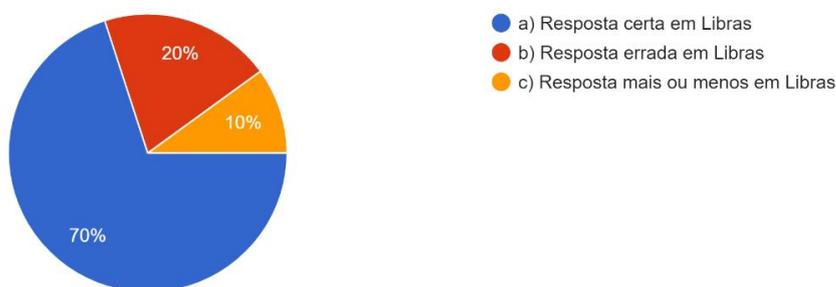
1. Após assistir ao vídeo 1, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 5 – Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – vídeo 01

1. Após assistir ao vídeo 1, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Esses resultados serão devidamente discutidos na seção 6.3 desta tese. Citaremos a seguir as demais questões feitas sobre o verbo AJUDAR.

Quadro 5 – Questionário sobre o verbo AJUDAR – vídeo 02

Vídeo 02 – AJUDAR - Diálogo em Libras

Alliny: — O que você fez com o teu pai ontem?

João Paulo: — Meu pai, eu ajudei na casa dele.

(Traço estrutural em análise: objeto topicalizado **sem** elevação das sobrancelhas)
[link e QR Code para o diálogo em Libras]



2. Após assistir ao vídeo 2, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

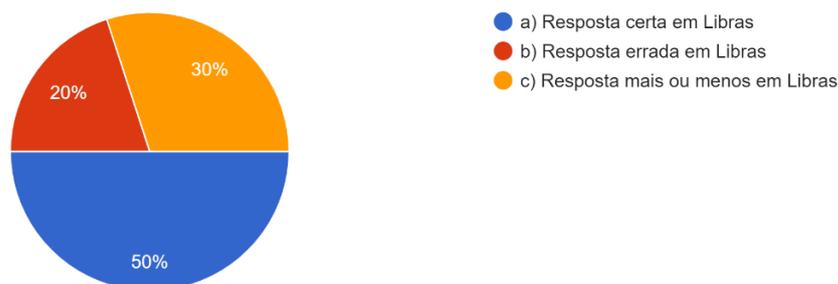
- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 6 – Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – vídeo 02

2. Após assistir ao vídeo 2, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

10 respostas



Quadro 6 – Questionário sobre o verbo AJUDAR – vídeo 03

Vídeo 03 – AJUDAR - Diálogo em Libras

Alliny: — O que você fez com o teu pai ontem?

João Paulo: — Meu pai, eu ajudei na casa dele.

(Traço estrutural em análise: objeto topicalizado **com** elevação das sobrancelhas)

[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



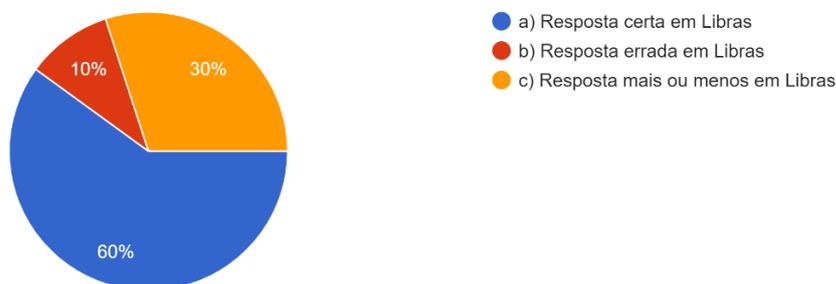
3. Após assistir ao vídeo 3, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 7 – Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – vídeo 03

3. Após assistir ao vídeo 3, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Quadro 7 – Questionário sobre o verbo AJUDAR – vídeo 04

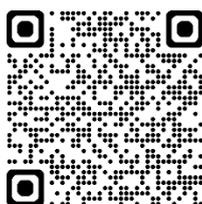
Vídeo 04 – AJUDAR - Diálogo em Libras

Alliny: — O que você fez com o teu pai ontem?

João Paulo: — Pai, eu ajudei meu na casa dele.

(Traço estrutural em análise: núcleo do objeto topicalizado com modificador do objeto *in situ*)

[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



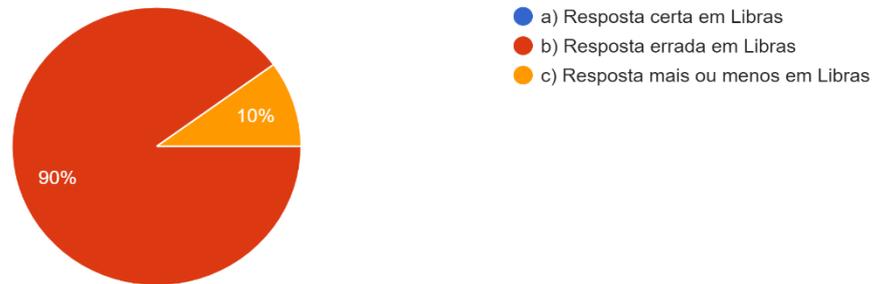
4. Após assistir ao vídeo 4, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 8 – Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – vídeo 04

4. Após assistir ao vídeo 4, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Quadro 8 – Questionário sobre o verbo AJUDAR – vídeo 05

Vídeo 05 – AJUDAR - Diálogo em Libras

Alliny: — O que você fez com o teu pai ontem?

João Paulo: — Meu pai, na casa dele, eu ajudei.

(Traço estrutural em análise: objeto e advérbio espacial topicalizados)

[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



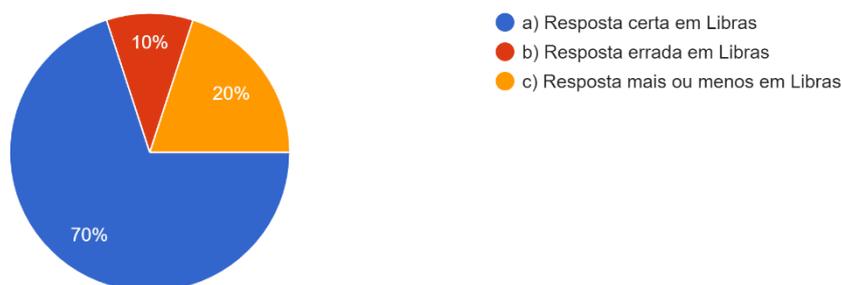
5. Após assistir ao vídeo 5, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 9 – Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – vídeo 05

5. Após assistir ao vídeo 5, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Quadro 9 – Questionário sobre o verbo AJUDAR – vídeo 06

Vídeo 06 – AJUDAR - Diálogo em Libras

Alliny: — **O que você fez com o teu pai ontem?**

João Paulo: — **Eu ajudei, na casa dele, meu pai.**

(Traço estrutural em análise: advérbio espacial entre V e O)

[[link](#) e *QR Code* para o diálogo em Libras]



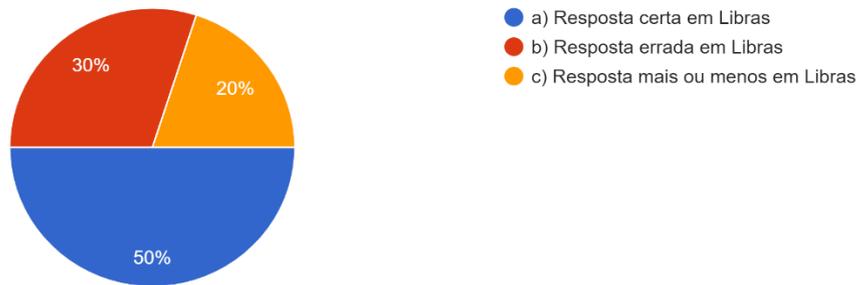
6. Após assistir ao vídeo 6, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 10 – Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – vídeo 06

7. Após assistir ao vídeo 7, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Quadro 10 – Questionário sobre o verbo AJUDAR – vídeo 07

Vídeo 07 – AJUDAR - Diálogo em Libras

Alliny: — **O que você fez com o teu pai ontem?**

João Paulo: — **Na casa dele, eu ajudei meu pai.**

(Traço estrutural em análise: apenas advérbio espacial topicalizado)

[[link](#) e *QR Code* para o diálogo em Libras]



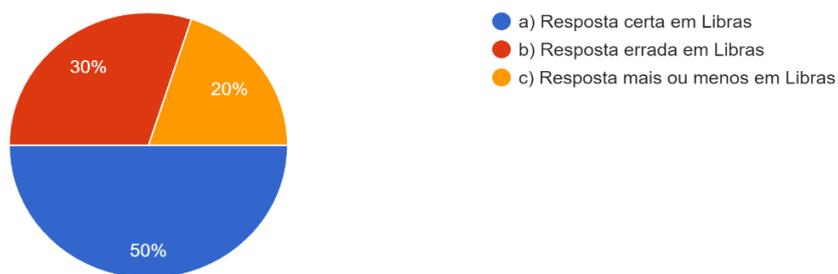
7. Após assistir ao vídeo 7, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 11 – Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – vídeo 07

7. Após assistir ao vídeo 7, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Quadro 11 – Questionário sobre o verbo AJUDAR – MELHOR RESPOSTA

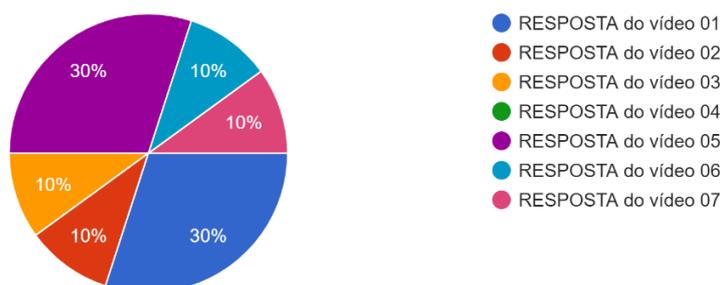
8. Por favor, assista novamente aos 7 vídeos com o verbo AJUDAR e responda: Qual vídeo traz a MELHOR RESPOSTA para a pergunta feita no diálogo: vídeo 1, 2, 3, 4, 5, 6 ou 7?

- a) RESPOSTA do vídeo 01
- b) RESPOSTA do vídeo 02
- c) RESPOSTA do vídeo 03
- d) RESPOSTA do vídeo 04
- e) RESPOSTA do vídeo 05
- f) RESPOSTA do vídeo 06
- g) RESPOSTA do vídeo 07

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 12 – Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – MELHOR RESPOSTA

8. Por favor, assista novamente aos 7 vídeos com o verbo AJUDAR e responda: Qual vídeo traz a MELHOR RESPOSTA para a pergunta feita no diálogo: vídeo 1, 2, 3, 4, 5, 6 ou 7?
10 respostas



9. Explique o porquê da tua escolha na questão 8 (resposta obrigatória). Se preferir, você pode também gravar um vídeo explicando a tua resposta e me enviar por e-mail.

Deixamos para a seção 6.3 a apresentação das justificativas dadas pelos surdos para essas escolhas e nossa avaliação sobre elas. Passamos a seguir para o próximo bloco de questões, agora envolvendo o verbo COMPRAR.

6.2.2. Verbo COMPRAR

O verbo COMPRAR em Libras é classificado como verbo não direcional, simples ou sem concordância (cf. Brito, 2010; Quadros e Karnopp, 2004). Vejamos seu comportamento nos testes propostos.

Quadro 12 – Questionário sobre o verbo COMPRAR – vídeo 01

Vídeo 01 – COMPRAR - Diálogo em Libras

Alliny: — **Você tem carro?**

João Paulo: — **Sim. Eu comprei carro novo ontem.**

(Traço estrutural em análise: ordem SVO)

[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



1. Após assistir ao vídeo 1, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

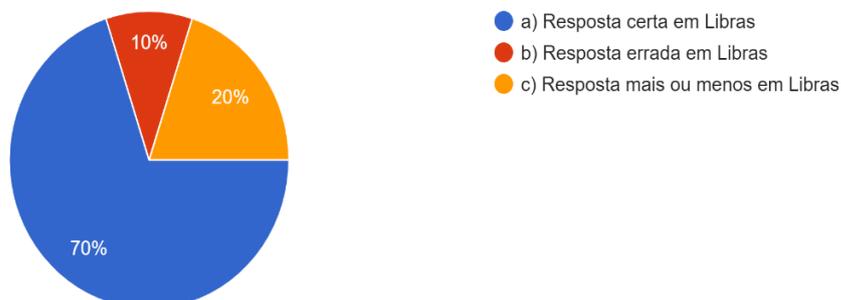
- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 13 – Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – vídeo 01

1. Após assistir ao vídeo 1, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

10 respostas



Quadro 13 – Questionário sobre o verbo COMPRAR – vídeo 02

Vídeo 02 – COMPRAR - Diálogo em Libras

Alliny: — **Você tem carro?**

João Paulo: — **Sim. Carro novo, eu comprei ontem.**

(Traço estrutural em análise: objeto topicalizado **sem** elevação das sobrancelhas)

[[link](#) e *QR Code* para o diálogo em Libras]



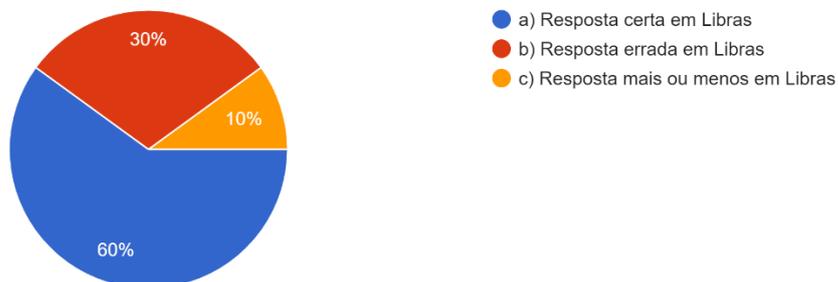
2. Após assistir ao vídeo 2, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 14 – Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – vídeo 02

2. Após assistir ao vídeo 2, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Quadro 14 – Questionário sobre o verbo COMPRAR – vídeo 03

Vídeo 03 – COMPRAR - Diálogo em Libras

Alliny: — **Você tem carro?**

João Paulo: — **Sim. Carro novo, eu comprei ontem.**

(Traço estrutural em análise: objeto topicalizado **com** elevação das sobrancelhas)

[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



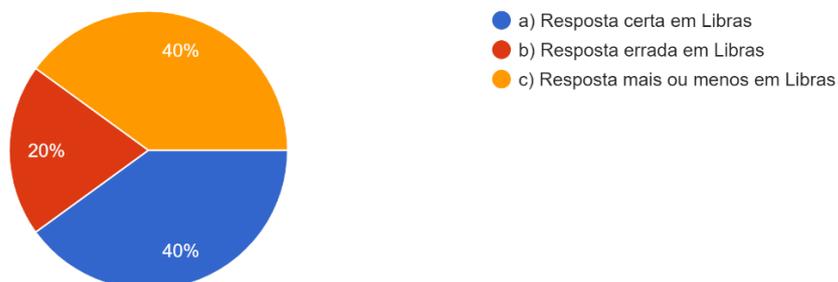
3. Após assistir ao vídeo 3, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 15 – Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – vídeo 03

3. Após assistir ao vídeo 3, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Quadro 15 – Questionário sobre o verbo COMPRAR – vídeo 04

Vídeo 04 – COMPRAR - Diálogo em Libras

Alliny: — **Você tem carro?**

João Paulo: — **Sim. Carro, eu comprei novo ontem.** (Traço estrutural em análise: núcleo do objeto topicalizado com modificador do objeto *in situ*)

[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



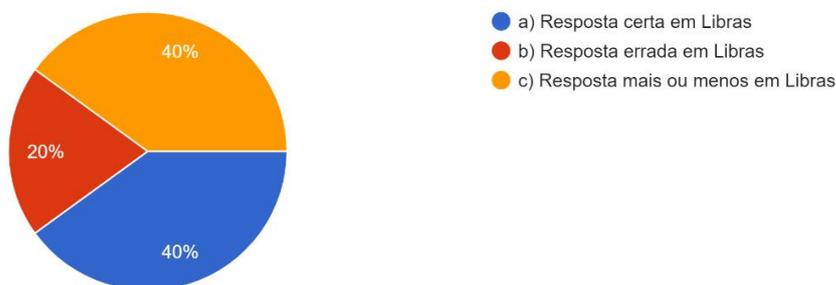
4. Após assistir ao vídeo 4, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 16 – Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – vídeo 04

4. Após assistir ao vídeo 4, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Quadro 16 – Questionário sobre o verbo COMPRAR – vídeo 05

Vídeo 05 – COMPRAR - Diálogo em Libras

Alliny: — **Você tem carro?**

João Paulo: — **Sim. Carro novo, ontem, eu comprei.**

(Traço estrutural em análise: objeto e advérbio temporal topicalizados)

[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



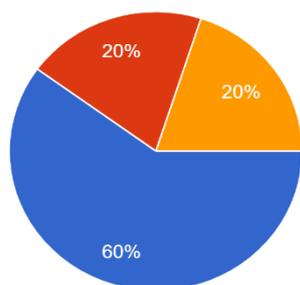
5. Após assistir ao vídeo 5, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 17 – Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – vídeo 05

5. Após assistir ao vídeo 5, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



- a) Resposta certa em Libras
- b) Resposta errada em Libras
- c) Resposta mais ou menos em Libras

Quadro 17 – Questionário sobre o verbo COMPRAR – vídeo 06

Vídeo 06 – COMPRAR - Diálogo em Libras

Alliny: — Você tem carro?

João Paulo: — Sim. Eu comprei, ontem, carro novo.

(Traço estrutural em análise: advérbio temporal entre V e O)

[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



6. Após assistir ao vídeo 6, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

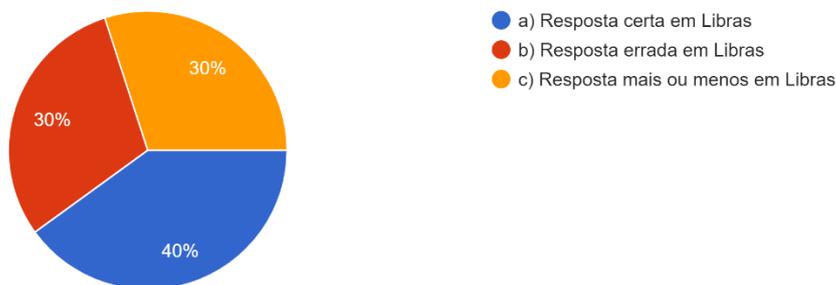
- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 18 – Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – vídeo 06

6. Após assistir ao vídeo 6, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

10 respostas



Quadro 18 – Questionário sobre o verbo COMPRAR – vídeo 07

Vídeo 07 – COMPRAR - Diálogo em Libras

Alliny: — **Você tem carro?**

João Paulo: — **Sim. Ontem, eu comprei carro novo.**

(Traço estrutural em análise: apenas advérbio temporal topicalizado)

[[link e QR Code](#) para o diálogo em Libras]



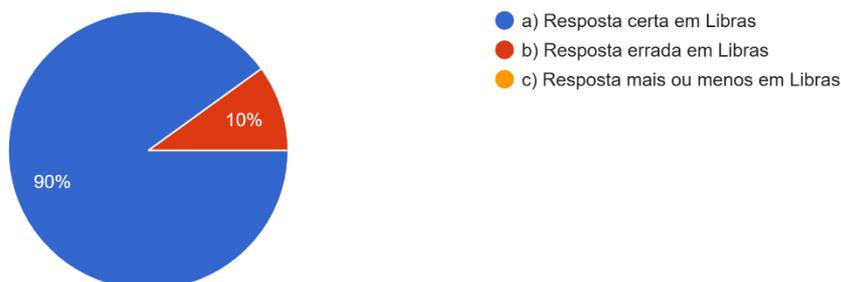
7. Após assistir ao vídeo 7, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 19 – Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – vídeo 07

7. Após assistir ao vídeo 7, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Quadro 19 – Questionário sobre o verbo COMPRAR – MELHOR RESPOSTA

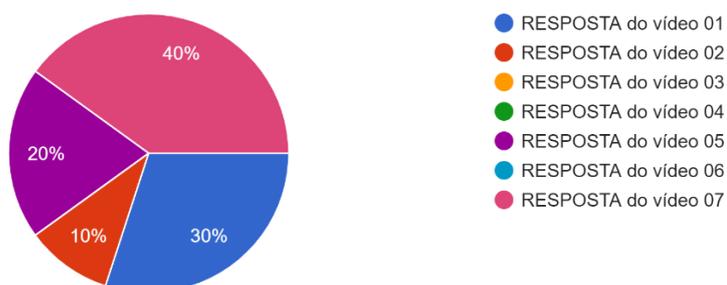
8. Por favor, assista novamente aos 7 vídeos com o verbo COMPRAR e responda: Qual vídeo traz a MELHOR RESPOSTA para a pergunta feita no diálogo: vídeo 1, 2, 3, 4, 5, 6 ou 7?

- a) RESPOSTA do vídeo 01
- b) RESPOSTA do vídeo 02
- c) RESPOSTA do vídeo 03
- d) RESPOSTA do vídeo 04
- e) RESPOSTA do vídeo 05
- f) RESPOSTA do vídeo 06
- g) RESPOSTA do vídeo 07

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 20 – Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – MELHOR RESPOSTA

8. Por favor, assista novamente aos 7 vídeos com o verbo COMPRAR e responda: Qual vídeo traz a MELHOR RESPOSTA para a pergunta feita no diálogo: vídeo 1, 2, 3, 4, 5, 6 ou 7?
10 respostas



9. Explique o porquê da tua escolha na questão 8 (resposta obrigatória). Se preferir,

you can também record a video explaining your answer and send it by e-mail.

We leave for section 6.3 the presentation of the justifications given by the deaf for these choices and our evaluation of them. Next, we treat the block of questions about the verb BEBER.

6.2.3. verbo BEBER

The verb BEBER in Libras is also classified as a non-directional, simple or without agreement (cf. Brito, 2010; Quadros and Karnopp, 2004). Let's see its behavior in the proposed tests.

Quadro 20 – Questionário sobre o verbo BEBER – vídeo 01

Vídeo 01 – BEBER - Diálogo em Libras

Alliny: — **Você já bebeu leite de cabra?**

João Paulo: — **Sim. Eu já bebi leite de cabra algumas vezes.**

(Traço estrutural em análise: ordem SVO)

[[link](#) e *QR Code* para o diálogo em Libras]



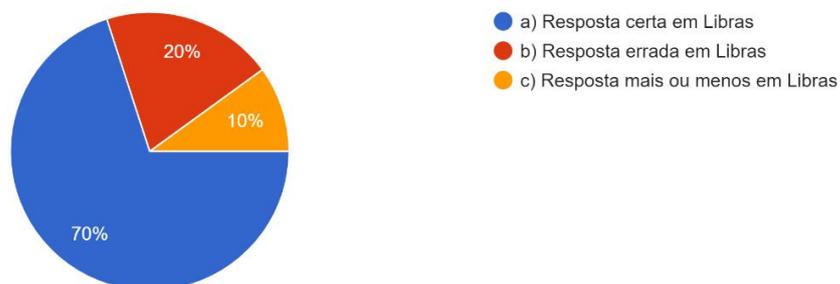
1. After watching video 1, choose an option below about the **RESPOSTA** that appears in the dialogue:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Below, we present the results of this question:

Figura 21 – Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – vídeo 01

1. Após assistir ao vídeo 1, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Quadro 21 – Questionário sobre o verbo BEBER – vídeo 02

Vídeo 02 – BEBER - Diálogo em Libras

Alliny: — **Você já bebeu leite de cabra?**

João Paulo: — **Sim. Leite de cabra, eu já bebi algumas vezes.**

(Traço estrutural em análise: objeto topicalizado **sem** elevação das sobrancelhas)
[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



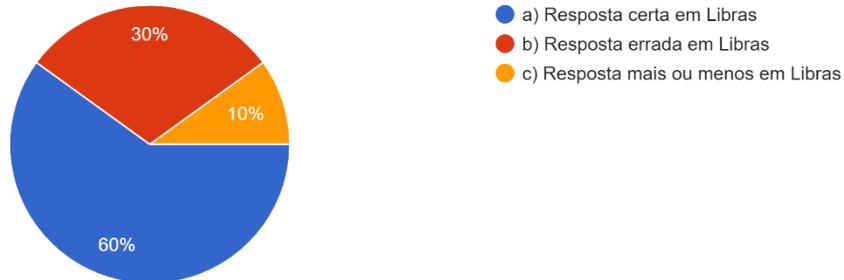
2. Após assistir ao vídeo 2, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 22 – Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – vídeo 02

2. Após assistir ao vídeo 2, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Quadro 22 – Questionário sobre o verbo BEBER – vídeo 03

Vídeo 03 – BEBER - Diálogo em Libras

Alliny: — **Você já bebeu leite de cabra?**

João Paulo: — **Sim. Leite de cabra, eu já bebi algumas vezes.**

(Traço estrutural em análise: objeto topicalizado **com** elevação das sobrancelhas)
[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



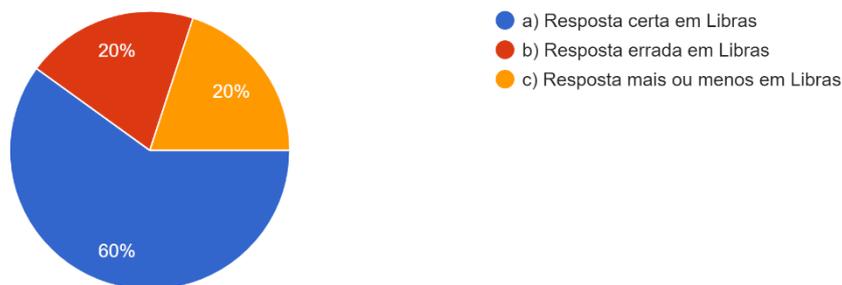
3. Após assistir ao vídeo 3, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 23 – Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – vídeo 03

3. Após assistir ao vídeo 3, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Quadro 23 – Questionário sobre o verbo BEBER – vídeo 04

Vídeo 04 – BEBER - Diálogo em Libras

Alliny: — Você já bebeu leite de cabra?

João Paulo: — Sim. Leite, eu já bebi de cabra algumas vezes.

(Traço estrutural em análise: núcleo do objeto topicalizado com modificador do objeto *in situ*)

[[link](#) e *QR Code* para o diálogo em Libras]



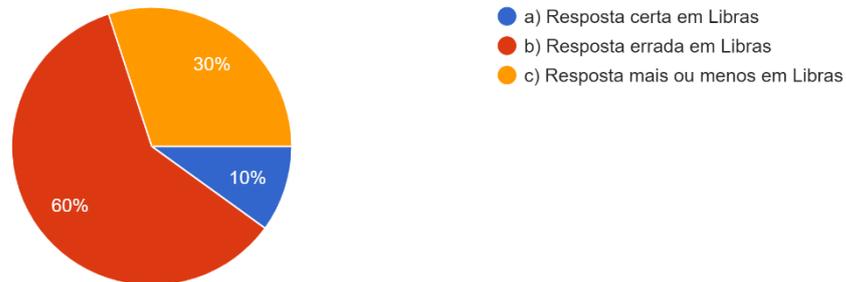
4. Após assistir ao vídeo 4, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 24 – Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – vídeo 04

4. Após assistir ao vídeo 4, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



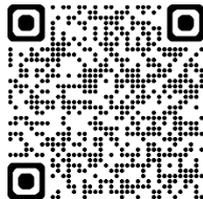
Quadro 24 – Questionário sobre o verbo BEBER – vídeo 05

Vídeo 05 – BEBER - Diálogo em Libras

Alliny: — **Você já bebeu leite de cabra?**

João Paulo: — **Sim. Leite de cabra, algumas vezes, eu já bebi.**

(Traço estrutural em análise: objeto e advérbio temporal topicalizados)
[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



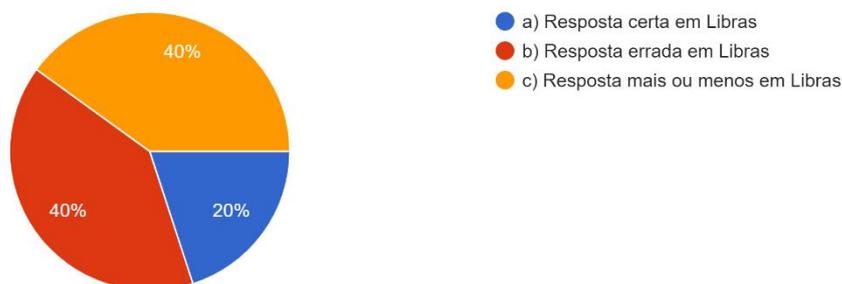
5. Após assistir ao vídeo 5, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 25 – Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – vídeo 05

5. Após assistir ao vídeo 5, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Quadro 25 – Questionário sobre o verbo BEBER – vídeo 06

Vídeo 06 - BEBER - Diálogo em Libras

Alliny: — **Você já bebeu leite de cabra?**

João Paulo: — **Sim. Eu já bebi, algumas vezes, leite de cabra. (advérbio temporal entre V e O)**

(Traço estrutural em análise: advérbio temporal entre V e O)

[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



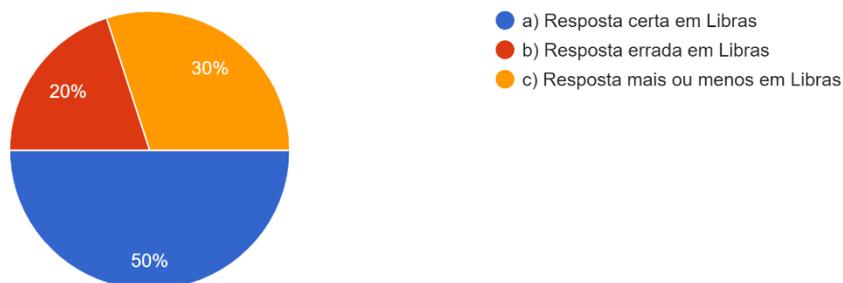
6. Após assistir ao vídeo 6, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 26 – Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – vídeo 06

6. Após assistir ao vídeo 6, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Quadro 26 – Questionário sobre o verbo BEBER – vídeo 07

Vídeo 07 – BEBER - Diálogo em Libras

Alliny: — **Você já bebeu leite de cabra?**

João Paulo: — **Sim. Algumas vezes, eu já bebi leite de cabra. (apenas o advérbio temporal topicalizado)**

(Traço estrutural em análise: apenas advérbio temporal topicalizado)
[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



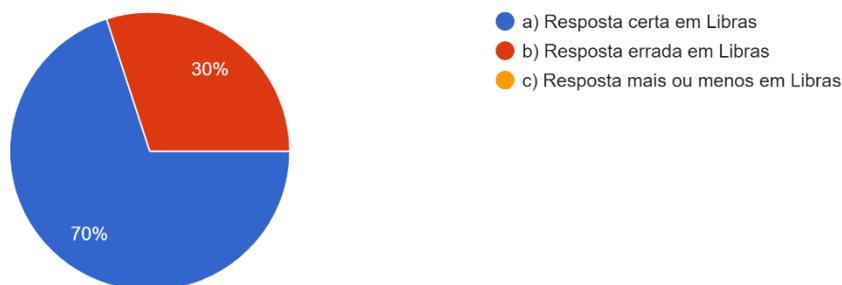
7. Após assistir ao vídeo 7, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 27 – Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – vídeo 07

7. Após assistir ao vídeo 7, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Quadro 27 – Questionário sobre o verbo BEBER – MELHOR RESPOSTA

8. Por favor, assista novamente aos 7 vídeos com o verbo BEBER e responda: Qual vídeo traz a MELHOR RESPOSTA para a pergunta feita no diálogo: vídeo 1, 2, 3, 4, 5, 6 ou 7?

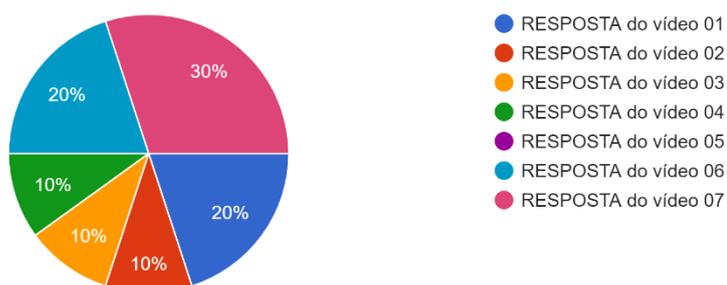
- a) RESPOSTA do vídeo 01
- b) RESPOSTA do vídeo 02
- c) RESPOSTA do vídeo 03
- d) RESPOSTA do vídeo 04
- e) RESPOSTA do vídeo 05
- f) RESPOSTA do vídeo 06
- g) RESPOSTA do vídeo 07

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 28 – Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – MELHOR RESPOSTA

8. Por favor, assista novamente aos 7 vídeos com o verbo BEBER e responda: Qual vídeo traz a MELHOR RESPOSTA para a pergunta feita no diálogo: vídeo 1, 2, 3, 4, 5, 6 ou 7?

10 respostas



9. Explique o porquê da tua escolha na questão 8 (resposta obrigatória). Se preferir, você pode também gravar um vídeo explicando a tua resposta e me enviar por e-mail.

Deixamos para a seção 6.3 a apresentação das justificativas dadas pelos surdos para essas escolhas e nossa avaliação sobre elas. A seguir, tratamos do bloco de questões relativas ao verbo GOSTAR.

6.2.4. verbo GOSTAR

O verbo GOSTAR, assim como COMPRAR e BEBER, também é um verbo não direcional, mas ancorado no corpo (cf. Brito, 2010; Quadros e Karnopp, 2004, p. 117 e 201). Vejamos como se comportou em nossos testes.

Quadro 28 – Questionário sobre o verbo GOSTAR – vídeo 01

Vídeo 01 – GOSTAR - Diálogo em Libras

Alliny: — **Teu pai gosta de animais grandes?**

João Paulo: — **Sim. Meu pai gosta de animais grandes.**

(Traço estrutural em análise: ordem SVO)

[[link](#) e *QR Code* para o diálogo em Libras]



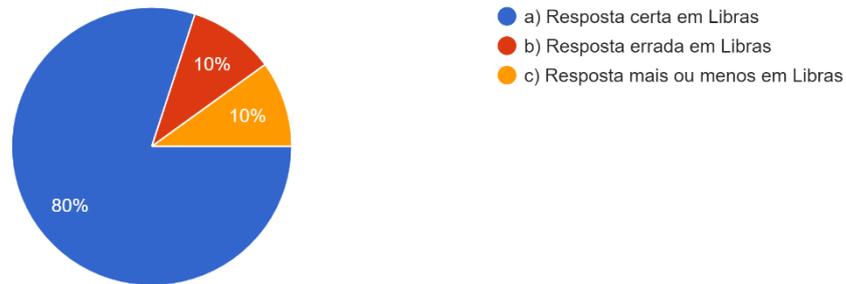
1. Após assistir ao vídeo 1, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 29 – Resultado quantitativo sobre o verbo GOSTAR – vídeo 01

1. Após assistir ao vídeo 1, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Quadro 29 – Questionário sobre o verbo GOSTAR – vídeo 02

Vídeo 02 – GOSTAR - Diálogo em Libras

Alliny: — **Teu pai gosta de animais grandes?**

João Paulo: — **Sim. De animais grandes, meu pai gosta.**

(Traço estrutural em análise: objeto topicalizado **sem** elevação das sobrancelhas)
[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



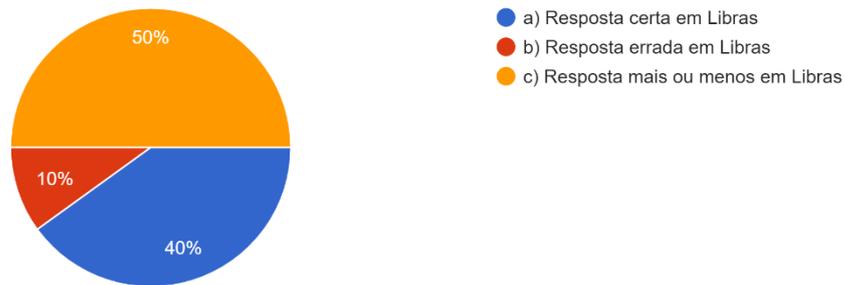
2. Após assistir ao vídeo 2, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 30 – Resultado quantitativo sobre o verbo GOSTAR – vídeo 02

3. Após assistir ao vídeo 3, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Quadro 30 – Questionário sobre o verbo GOSTAR – vídeo 03

Vídeo 03 – GOSTAR - Diálogo em Libras

Alliny: — **Teu pai gosta de animais grandes?**

João Paulo: — **Sim. De animais grandes, meu pai gosta.**

(Traço estrutural em análise: objeto topicalizado **com** elevação das sobrancelhas)
[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



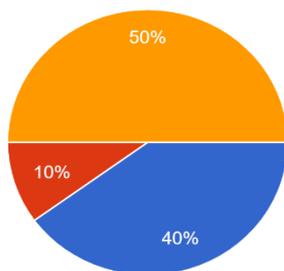
3. Após assistir ao vídeo 3, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 31 – Resultado quantitativo sobre o verbo GOSTAR – vídeo 03

3. Após assistir ao vídeo 3, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



- a) Resposta certa em Libras
- b) Resposta errada em Libras
- c) Resposta mais ou menos em Libras

Quadro 31 – Questionário sobre o verbo GOSTAR – vídeo 04

Vídeo 04 – GOSTAR - Diálogo em Libras

Alliny: — **Teu pai gosta de animais grandes?**

João Paulo: — **Sim. De animais, meu pai gosta grandes.**

(Traço estrutural em análise: núcleo do objeto topicalizado com modificador do objeto *in situ*)

[[link](#) e *QR Code* para o diálogo em Libras]



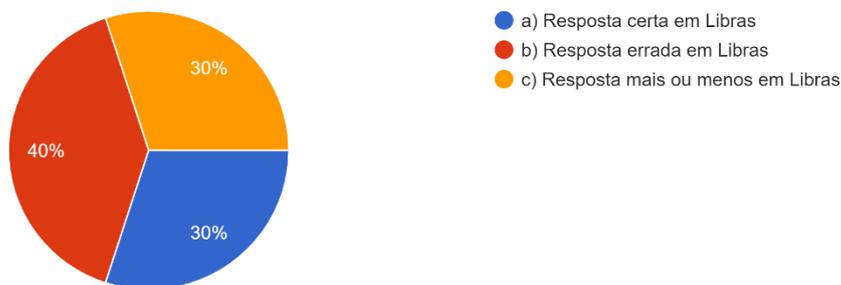
4. Após assistir ao vídeo 4, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 32 – Resultado quantitativo sobre o verbo GOSTAR – vídeo 04

4. Após assistir ao vídeo 4, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Quadro 32 – Questionário sobre o verbo GOSTAR – vídeo 05

Vídeo 05 – GOSTAR - Diálogo em Libras

Alliny: — **Teu pai gosta de animais grandes?**

João Paulo: — **Sim. De animais grandes, meu pai gosta de cavalo.**

(Traço estrutural em análise: núcleo do objeto e modificador topicalizados e inserção, na posição de objeto, de um novo objeto correferente com o constituinte topicalizado)

[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



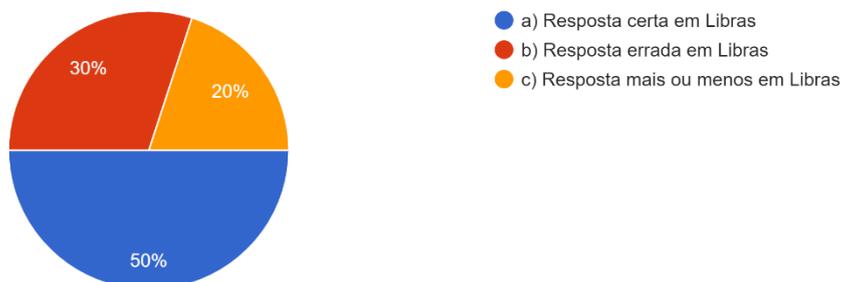
5. Após assistir ao vídeo 5, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 33 – Resultado quantitativo sobre o verbo GOSTAR – vídeo 05

5. Após assistir ao vídeo 5, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Quadro 33 – Questionário sobre o verbo GOSTAR – MELHOR RESPOSTA

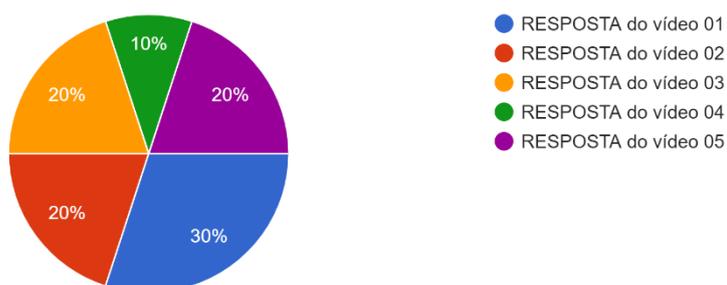
6. Por favor, assista novamente aos 5 vídeos com o verbo GOSTAR e responda: Qual vídeo traz a MELHOR RESPOSTA para a pergunta feita no diálogo: vídeo 1, 2, 3, 4 ou 5?

- a) RESPOSTA do vídeo 01
- b) RESPOSTA do vídeo 02
- c) RESPOSTA do vídeo 03
- d) RESPOSTA do vídeo 04
- e) RESPOSTA do vídeo 05

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 34 – Resultado quantitativo sobre o verbo GOSTAR – MELHOR RESPOSTA

6. Por favor, assista novamente aos 5 vídeos com o verbo GOSTAR e responda: Qual vídeo traz a MELHOR RESPOSTA para a pergunta feita no diálogo: vídeo 1, 2, 3, 4 ou 5?
10 respostas



7. Explique o porquê da tua escolha na questão 6 (resposta obrigatória). Se preferir, você pode também gravar um vídeo explicando a tua resposta e me enviar por e-mail.

Deixamos para a seção 6.3 a apresentação das justificativas dadas pelos surdos para essas escolhas e nossa avaliação sobre elas. A seguir, tratamos do bloco de questões relativas ao verbo DAR.

6.2.5. verbo DAR

Como o verbo AJUDAR, o verbo DAR é classificado na literatura como pertencente à classe de verbos direcionais ou com concordância (cf. Quadros e Karnopp, 2004, p. 117; Brito, 2010, p. 63). Como ocorre habitualmente com dois outros argumentos além do sujeito, decidimos colocá-lo sob análise para verificar justamente processos de topicalização envolvendo esses dois argumentos. Vejamos como ele se comportou em nossos testes.

Quadro 34 – Questionário sobre o verbo DAR – vídeo 01

Vídeo 01 – DAR - Diálogo em Libras

Alliny: — **Teu pai deu um livro para Maria?**

João Paulo: — **Sim. Meu pai deu um livro para Maria.**

(Traço estrutural em análise: ordem SVOtema Odestinatário)

[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



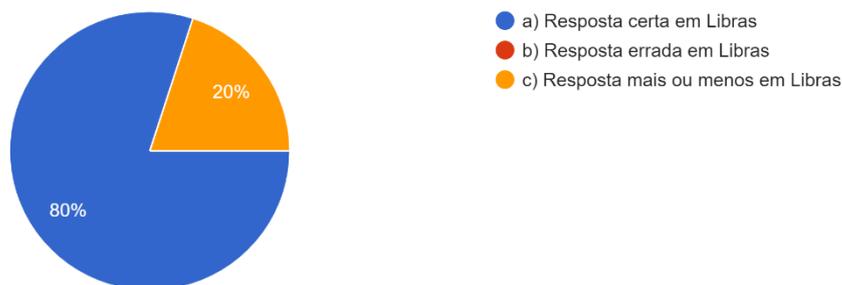
1. Após assistir ao vídeo 1, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 35 – Resultado quantitativo sobre o verbo DAR – vídeo 01

1. Após assistir ao vídeo 1, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Quadro 35 – Questionário sobre o verbo DAR – vídeo 02

Vídeo 02 – DAR - Diálogo em Libras

Alliny: — **Teu pai deu um livro para Maria?**

João Paulo: — **Sim. Um livro, meu pai deu para Maria.**

(Traço estrutural em análise: objeto tema topicalizado **sem** elevação das sobrancelhas)
[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



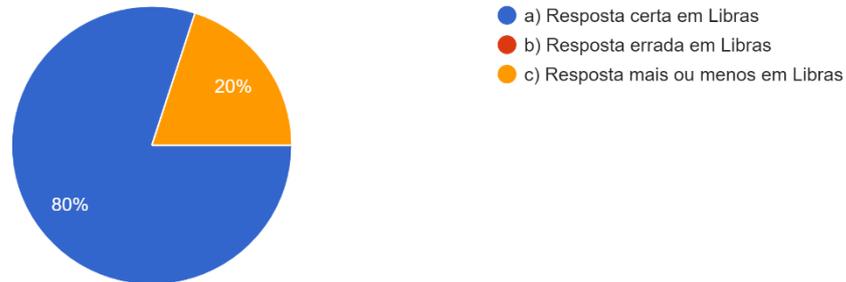
2. Após assistir ao vídeo 2, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 36 – Resultado quantitativo sobre o verbo DAR – vídeo 02

2. Após assistir ao vídeo 2, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Quadro 36 – Questionário sobre o verbo DAR – vídeo 03

Vídeo 03 – DAR - Diálogo em Libras

Alliny: — **Teu pai deu um livro para Maria?**

João Paulo: — **Sim. Um livro, meu pai deu para Maria.**

(Traço estrutural em análise: objeto tema topicalizado **com** elevação das sobrancelhas)
[[link e QR Code](#) para o diálogo em Libras]



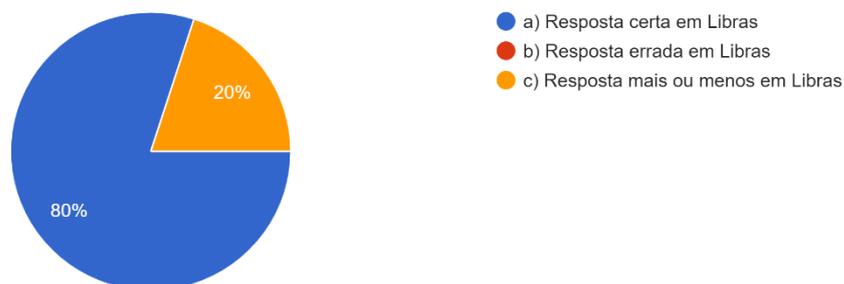
3. Após assistir ao vídeo 3, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 37 – Resultado quantitativo sobre o verbo DAR – vídeo 03

3. Após assistir ao vídeo 3, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Quadro 37 – Questionário sobre o verbo DAR – vídeo 04

Vídeo 04 – DAR - Diálogo em Libras

Alliny: — **Teu pai deu um livro para Maria?**

João Paulo: — **Sim. Para Maria, meu pai deu um livro. (objeto destinatário topicalizado)**

(Traço estrutural em análise: objeto destinatário topicalizado)
[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



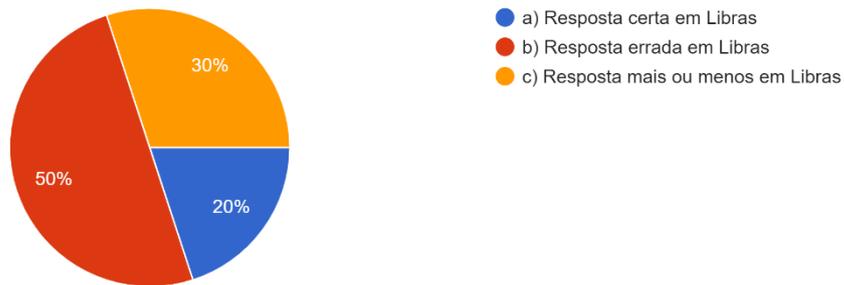
4. Após assistir ao vídeo 4, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 38 – Resultado quantitativo sobre o verbo DAR – vídeo 04

4. Após assistir ao vídeo 4, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Quadro 38 – Questionário sobre o verbo DAR – vídeo 05

Vídeo 05 – DAR - Diálogo em Libras

Alliny: — **Teu pai deu um livro para Maria?**

João Paulo: — **Sim. Um livro, para Maria, meu pai deu.**

(Traço estrutural em análise: objeto tema e objeto destinatário topicalizados)

[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



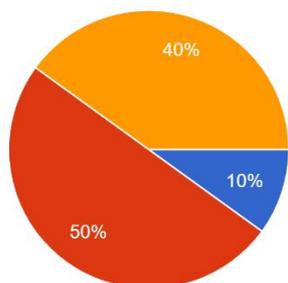
5. Após assistir ao vídeo 5, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 39 – Resultado quantitativo sobre o verbo DAR – vídeo 05

5. Após assistir ao vídeo 5, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



- a) Resposta certa em Libras
- b) Resposta errada em Libras
- c) Resposta mais ou menos em Libras

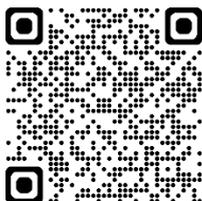
Quadro 39 – Questionário sobre o verbo DAR – vídeo 06

Vídeo 06 – DAR - Diálogo em Libras

Alliny: — **Teu pai deu um livro para Maria?**

João Paulo: — **Sim. Para Maria, um livro, meu pai deu.**

(Traço estrutural em análise: objeto destinatário e objeto tema topicalizados)
[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



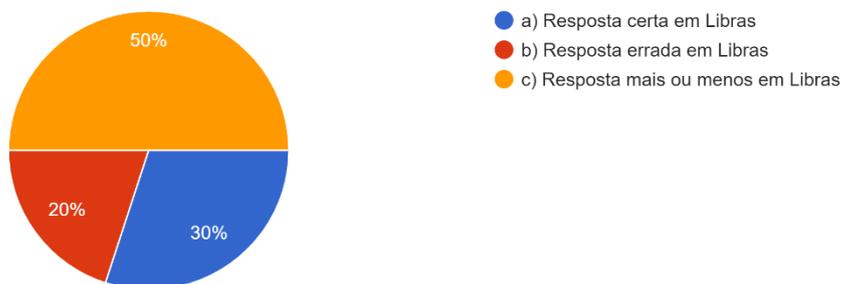
6. Após assistir ao vídeo 6, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 40 – Resultado quantitativo sobre o verbo DAR – vídeo 06

6. Após assistir ao vídeo 6, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Quadro 40 – Questionário sobre o verbo DAR – MELHOR RESPOSTA

7. Por favor, assista novamente aos 6 vídeos com o verbo DAR e responda: Qual vídeo traz a MELHOR RESPOSTA para a pergunta feita no diálogo: vídeo 1, 2, 3, 4, 5 ou 6?

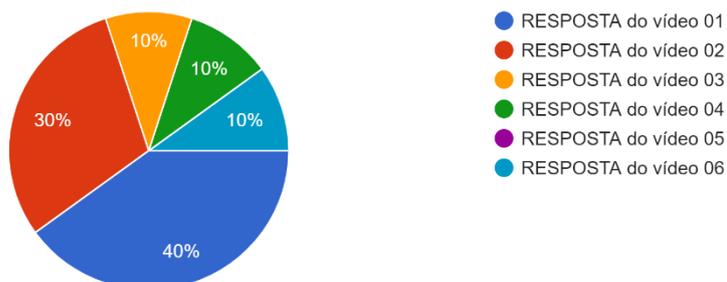
- a) RESPOSTA do vídeo 01
- b) RESPOSTA do vídeo 02
- c) RESPOSTA do vídeo 03
- d) RESPOSTA do vídeo 04
- e) RESPOSTA do vídeo 05
- f) RESPOSTA do vídeo 06

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 41 – Resultado quantitativo sobre o verbo DAR – MELHOR RESPOSTA

7. Por favor, assista novamente aos 6 vídeos com o verbo DAR e responda: Qual vídeo traz a MELHOR RESPOSTA para a pergunta feita no diálogo: vídeo 1, 2, 3, 4, 5 ou 6?

10 respostas



8. Explique o porquê da tua escolha na questão 7 (resposta obrigatória). Se preferir,

you can também record a video explaining your answer and send it by e-mail.

We leave for section 6.3 the presentation of the justifications given by the deaf for these choices and our evaluation of them. Next, we treat the block of questions related to the verb PINTAR-COM-ROLO.

6.2.6. verbo PINTAR-COM-ROLO

The verb PINTAR-COM-ROLO is classified as a manual verb or with classifier (Quadros e Karnopp, 2004, p. 204-205). Let's see how it behaved in the tests.

Quadro 41 – Questionário sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 01

Please, watch the dialog in the videos to follow and judge only the RESPOSTA given to the question made in the videos.

Vídeo 01 – PINTAR COM ROLO - Diálogo em Libras

Alliny: — O que você fez na casa do teu pai ontem?

João Paulo: — Eu pintei-com-rolo a casa do meu pai ontem.

(Traço estrutural em análise: ordem SVO)

[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



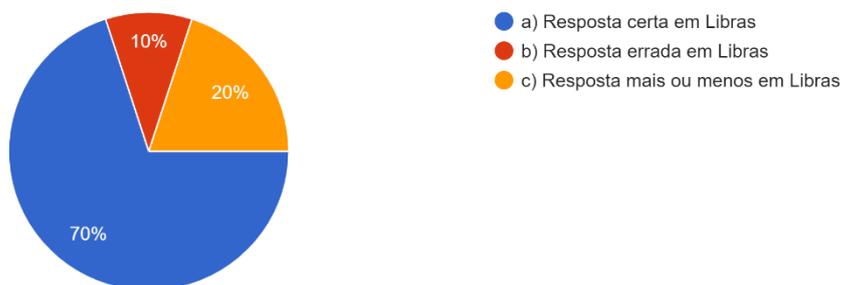
1. After watching video 1, choose an option below about the RESPOSTA that appears in the dialog:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Below, we present the results of this question:

Figura 42 – Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 01

1. Após assistir ao vídeo 1, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Quadro 42 – Questionário sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 02

Vídeo 02 – PINTAR COM ROLO - Diálogo em Libras

Alliny: — O que você fez na casa do teu pai ontem?

João Paulo: — A casa do meu pai, eu pinteicom-rolom ontem.

(Traço estrutural em análise: objeto topicalizado **sem** elevação das sobrancelhas)
[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



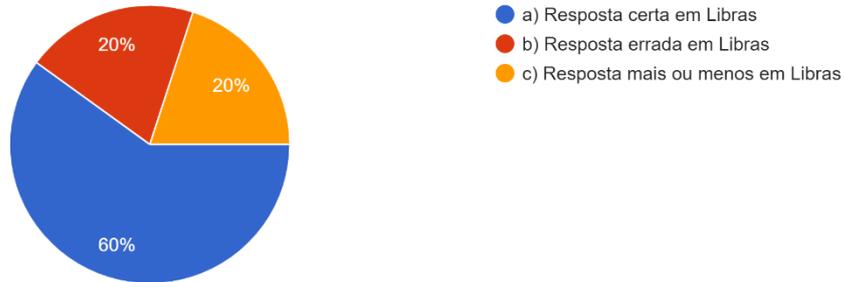
2. Após assistir ao vídeo 2, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 43 – Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 02

2. Após assistir ao vídeo 2, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Quadro 43 – Questionário sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 03

Vídeo 03 – PINTAR COM ROLO - Diálogo em Libras

Alliny: — **O que você fez na casa do teu pai ontem?**

João Paulo: — **A casa do meu pai, eu pinte-com-rolo ontem.**

(Traço estrutural em análise: objeto topicalizado **com** elevação das sobrelanceiras)
[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



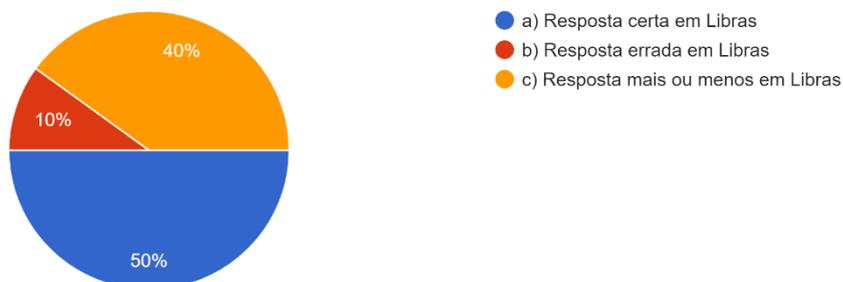
3. Após assistir ao vídeo 3, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 44 – Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 03

3. Após assistir ao vídeo 3, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Quadro 44 – Questionário sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 04

Vídeo 04 – PINTAR COM ROLO - Diálogo em Libras

Alliny: — O que você fez na casa do teu pai ontem?

João Paulo: — A casa, eu pinte-i-com-rolo do meu pai ontem.

(Traço estrutural em análise: núcleo do objeto topicalizado com modificador do objeto *in situ*)

[[link](#) e *QR Code* para o diálogo em Libras]



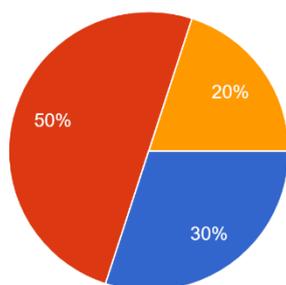
4. Após assistir ao vídeo 4, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 45 – Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 04

4. Após assistir ao vídeo 4, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



- a) Resposta certa em Libras
- b) Resposta errada em Libras
- c) Resposta mais ou menos em Libras

Quadro 45 – Questionário sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 05

Vídeo 05 – PINTAR COM ROLO - Diálogo em Libras

Alliny: — **O que você fez na casa do teu pai ontem?**

João Paulo: — **A casa do meu pai, ontem, eu pinteicom-rolô.**

(Traço estrutural em análise: objeto e advérbio temporal topicalizados)

[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



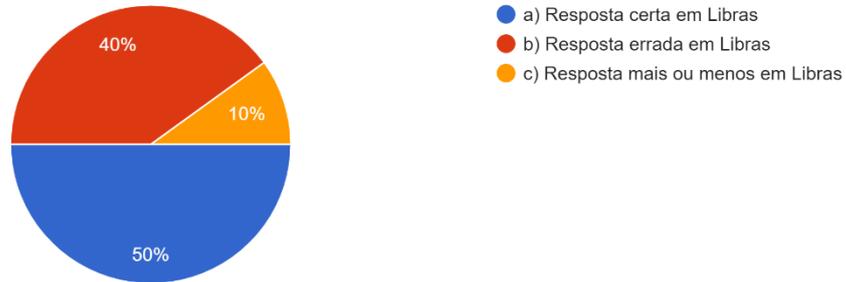
5. Após assistir ao vídeo 5, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 46 – Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 05

5. Após assistir ao vídeo 5, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Quadro 46 – Questionário sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 06

Vídeo 06 – PINTAR COM ROLO - Diálogo em Libras

Alliny: — O que você fez na casa do teu pai ontem?

João Paulo: — Eu pintei-com-rolo, ontem, a casa do meu pai.

(Traço estrutural em análise: advérbio temporal entre V e O)

[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



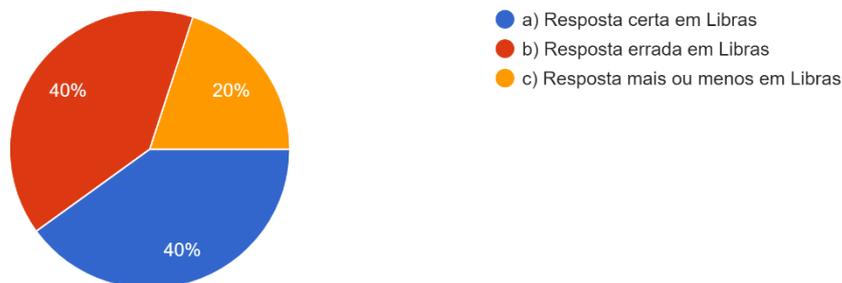
6. Após assistir ao vídeo 6, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 47 – Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 06

6. Após assistir ao vídeo 6, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Quadro 47 – Questionário sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 07

Vídeo 07 – PINTAR COM ROLO - Diálogo em Libras

Alliny: — O que você fez na casa do teu pai ontem?

João Paulo: — Ontem, eu pinteicom-rolo a casa do meu pai.

(Traço estrutural em análise: apenas advérbio temporal topicalizado)

[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



7. Após assistir ao vídeo 7, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

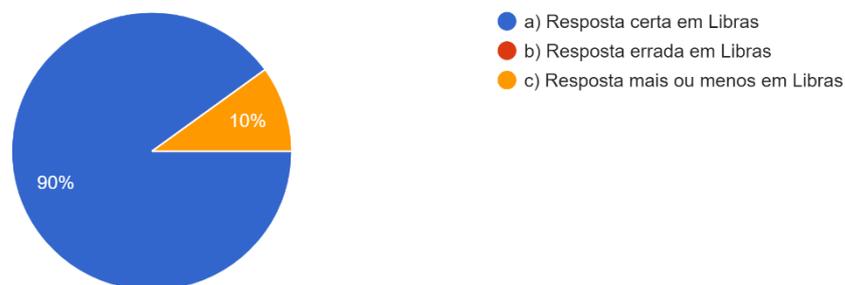
- a) Resposta CERTA em Libras
- b) Resposta ERRADA em Libras
- c) Resposta MAIS OU MENOS em Libras

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 48 – Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 07

7. Após assistir ao vídeo 7, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

10 respostas



Quadro 48 – Questionário sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – MELHOR RESPOSTA

8. Por favor, assista novamente aos 7 vídeos com o verbo PINTAR-COM-ROLO e responda: Qual vídeo traz a MELHOR RESPOSTA para a pergunta feita no diálogo: vídeo 1, 2, 3, 4, 5, 6 ou 7?

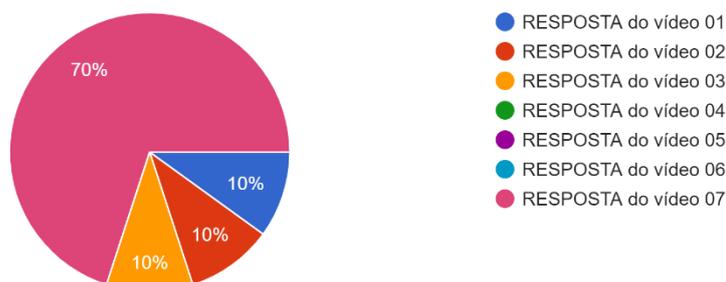
- a) RESPOSTA do vídeo 01
- b) RESPOSTA do vídeo 02
- c) RESPOSTA do vídeo 03
- d) RESPOSTA do vídeo 04
- e) RESPOSTA do vídeo 05
- f) RESPOSTA do vídeo 06
- g) RESPOSTA do vídeo 07

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 49 – Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – MELHOR RESPOSTA

8. Por favor, assista novamente aos 7 vídeos com o verbo PINTAR-COM-ROLO e responda: Qual vídeo traz a MELHOR RESPOSTA para a pergunta feita no diálogo: vídeo 1, 2, 3, 4, 5, 6 ou 7?

10 respostas



9. Explique o porquê da tua escolha na questão 8 (resposta obrigatória). Se preferir, você pode também gravar um vídeo explicando a tua resposta e me enviar por e-mail.

Deixamos para a seção 6.3 a apresentação das justificativas dadas pelos surdos para essas escolhas e nossa avaliação sobre elas. A seguir, apresentamos a última questão do questionário:

10. Obrigado por responder a este questionário. É importante saber a tua opinião sobre as melhores respostas que você escolheu para cada verbo. Como a Libras é tua língua principal, você quer gravar um pequeno vídeo sobre a questão 8 dos verbos AJUDAR, COMPRAR, BEBER e PINTAR-COM-ROLO; e sobre a questão 6 do verbo GOSTAR, e sobre a questão 7 do verbo DAR?" () sim () não. Se tua resposta for sim, por favor envie teu vídeo para: jpvm3@yahoo.com.br."

Na próxima seção, analisamos os resultados obtidos à luz das explicações/ hipóteses presentes na literatura sobre Libras e à luz de nossas próprias percepções linguísticas sobre os fenômenos em análise.

6.3. Análise dos resultados oriundos dos testes de constituência, ordem de constituintes e topicalização

Nesta seção, analisamos os resultados obtidos nos testes de constituência, ordem de constituintes e topicalização apresentados na seção anterior. Em cada subseção a seguir, vamos abordar cada traço estrutural sobre esses temas presente nos testes por nós aplicados, cruzando os resultados obtidos para cada verbo e também dialogando com as

explicações e/ou hipóteses presentes na literatura sobre Libras.

6.3.1. Traço estrutural em análise: ordem SVO

Nesta seção, consolidamos as respostas sobre a ordem SVO apresentadas na seção anterior, trazendo o nível de aceitação por parte dos dez surdos participantes da pesquisa.

Figura 50 – Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – vídeo 01

1. Após assistir ao vídeo 1, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas

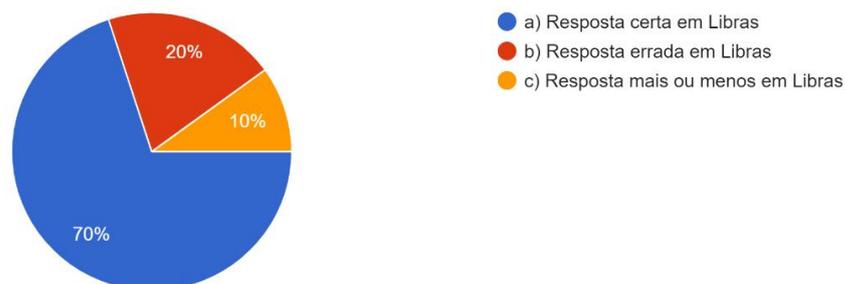


Figura 51 – Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – vídeo 01

1. Após assistir ao vídeo 1, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas

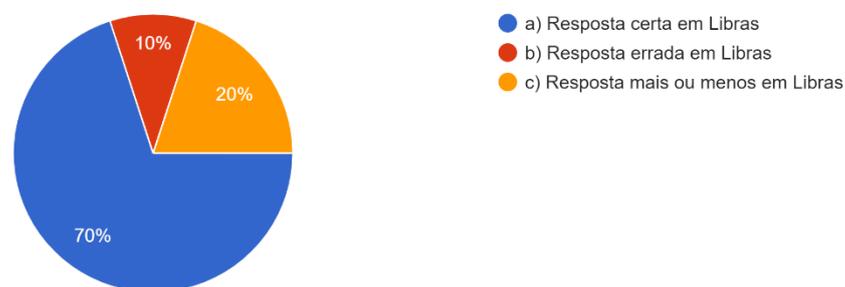


Figura 52 – Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – vídeo 01

1. Após assistir ao vídeo 1, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas

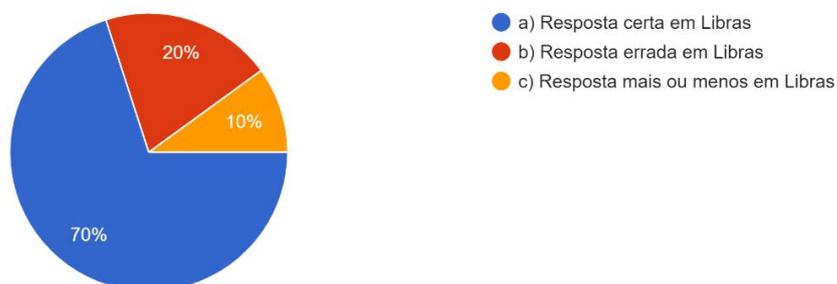


Figura 53 – Resultado quantitativo sobre o verbo GOSTAR – vídeo 01

1. Após assistir ao vídeo 1, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas

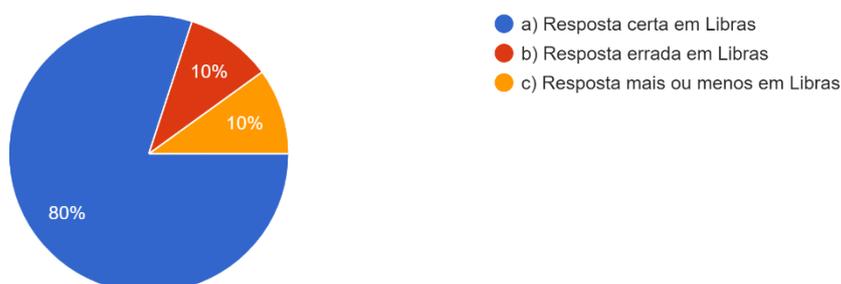
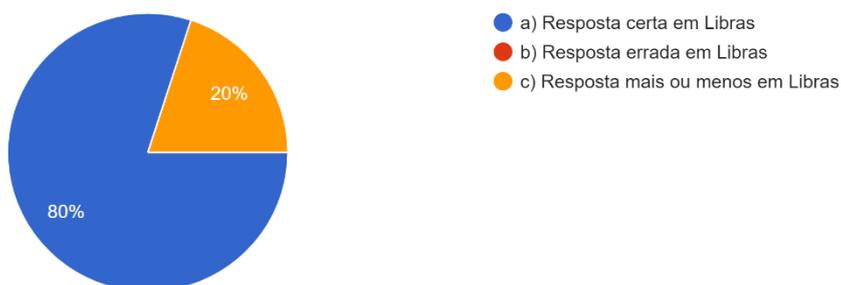


Figura 54 – Resultado quantitativo sobre o verbo DAR – vídeo 01

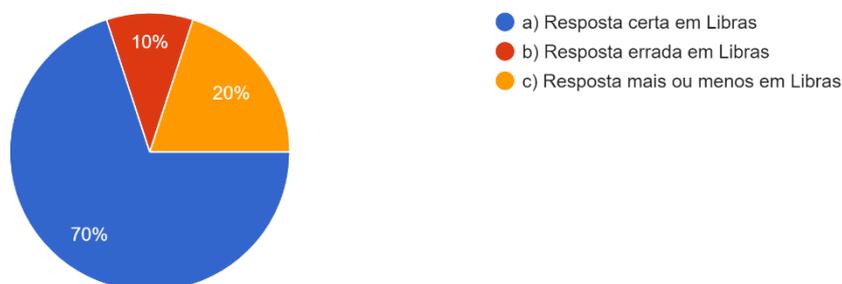
1. Após assistir ao vídeo 1, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



(SVOobjetoTema-ObjetoDestinatário)

Figura 55 – Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 01

1. Após assistir ao vídeo 1, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Como mostram os resultados, há um elevado índice de aceitação total (“resposta certa”) da ordem SVO, variando entre 70% e 80% das respostas (média de 73,33%). O índice de rejeição total (“resposta errada”) variou entre 0% e 20% (média de 11,66%). E o índice de aceitação ou rejeição parcial (“resposta mais ou menos”) variou entre 10% e 20% (média de 15%). Logo, pode-se afirmar que, entre os dez surdos participantes da pesquisa, há um alto índice de aceitação da ordem SVO em Libras. Em relação ao verbo DAR, deve-se destacar que não houve rejeição total da ordem SVOobjeto-tema Objeto-destinatário. Sua aceitação total foi de 80% com 20% de aceitação ou rejeição parcial.

De acordo com a literatura corrente sobre Libras, a ordem SVO é considerada uma “ordenação mais básica” e “todas as frases com ordem SVO são gramaticais” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 139). Segundo Olizaroski (2017, p. 69), SVO é uma “ordem bastante natural”. Dias (2015, p. 107) também afirma isso: “a ordem SVO tem sido reconhecida como a ordem mais básica da estrutura frasal, uma vez que dispensa qualquer marcação especial e exemplos com essa ordem são considerados sempre gramaticais”. Portanto, nossa pesquisa atesta essas explicações presentes na literatura sobre a ordem SVO.

6.3.2. Traço estrutural em análise: objeto topicalizado sem elevação das sobrance-lhas

Essa parte do questionário visou verificar o grau de aceitação da ordem OSV, em que o objeto estaria em posição de tópico, análise amplamente defendida nos estudos

sobre topicalização em Libras. Mas, diferentemente do que se defende nesses estudos, não fizemos a elevação das sobrelinhas para indicar também essa topicalização do objeto. Nossa intenção foi verificar se a ausência desse traço não manual afetaria o grau de aceitação da topicalização em Libras. A seguir, apresentamos os resultados para todos os verbos de nossa pesquisa.

Figura 56 – Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – vídeo 02

2. Após assistir ao vídeo 2, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas

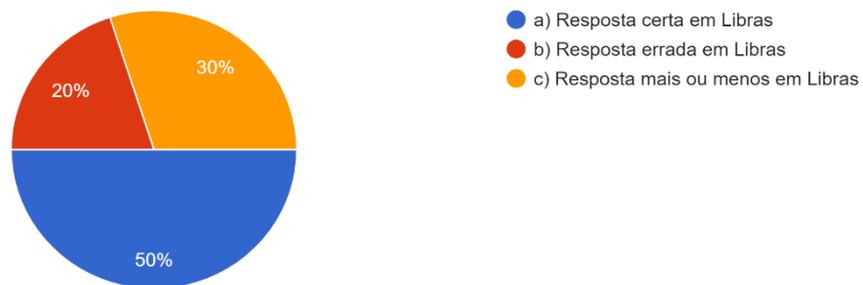


Figura 57 – Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – vídeo 02

2. Após assistir ao vídeo 2, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas

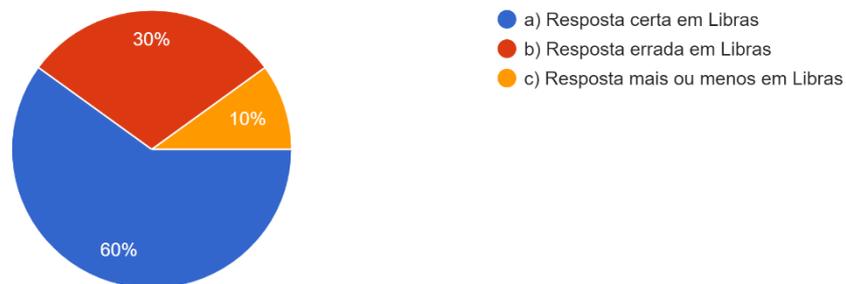


Figura 58 – Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – vídeo 02

2. Após assistir ao vídeo 2, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas

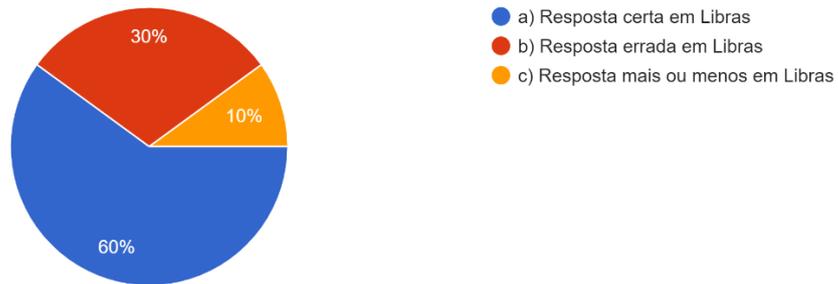


Figura 59 – Resultado quantitativo sobre o verbo GOSTAR – vídeo 02

2. Após assistir ao vídeo 2, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas

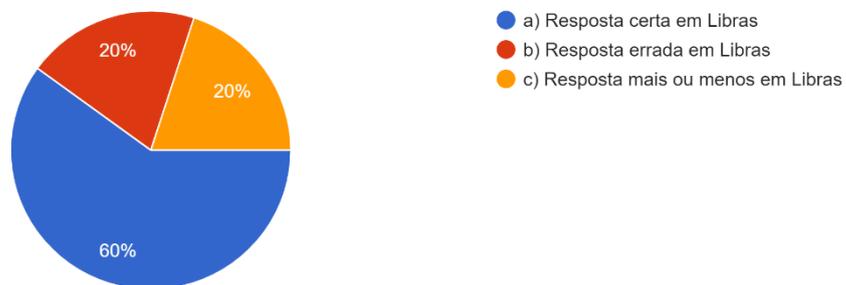


Figura 60 – Resultado quantitativo sobre o verbo DAR – vídeo 02

2. Após assistir ao vídeo 2, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas

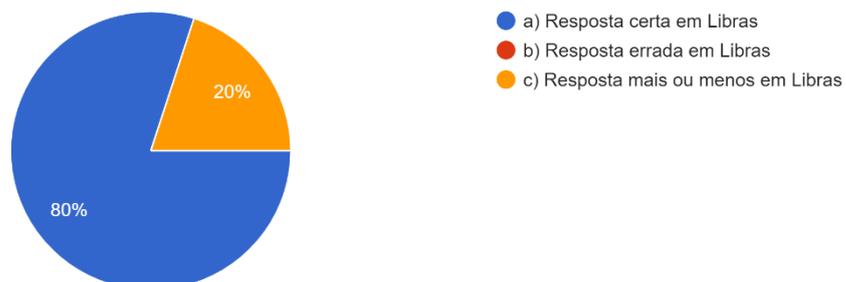
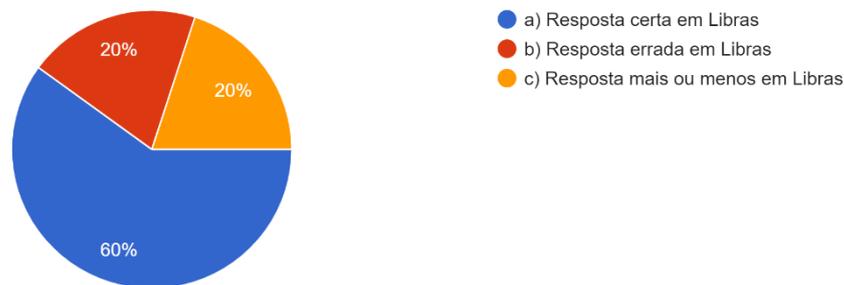


Figura 61 – Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 02

2. Após assistir ao vídeo 2, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Esses dados permitem afirmar que há uma tendência de aceitação da ordem OSV, mesmo não ocorrendo elevação de sobranças. Exceto com o verbo DAR, que teve uma aceitação total de 80% e 20% de aceitação ou rejeição parcial, nos demais exemplos houve uma oscilação entre 50% e 60% de aceitação total, sendo a média geral de 61,66% (incluindo o verbo DAR). Já a aceitação ou rejeição parcial ficou entre 10% e 30%, com média geral de 18,33%, e a rejeição total ficou entre 10% e 30%, com média de 20%. Sobre o verbo DAR e seus dois objetos, voltaremos a falar mais à frente.

Esses resultados permitem contestar a explicação de Quadros e Karnopp (2004, p. 140) para quem: “(ii) as ordens OSV e SOV ocorrem somente quando há alguma coisa a mais na sentença, como a concordância e as marcas não-manuais”. Portanto, ao contrário do que afirmam essas autoras, é possível a ocorrência de construções em Libras de tipo OSV sem a presença de marcas não manuais ou mesmo concordância, uma vez que nesse conjunto de testes não usamos a elevação de sobranças e, também, atestamos aceitação da ordem OSV com verbos sem concordância, como COMPRAR, BEBER, GOSTAR e PINTAR-COM-ROLO.

Uma outra explicação sobre a correlação entre tipo verbal e topicalização é feita por Olizaroski (2017, p. 66, grifos nossos):

A maior flexibilidade [da ordem] aconteceria com verbos que apresentam concordância, pois eles proporcionam a **possibilidade de mover o objeto para uma posição mais alta,** diferentemente dos verbos sem concordância os quais apresentam um afixo virtual que exige adjacência a eles, impossibilitando, desta forma, **a topicalização do objeto.**

A parte final dessa citação, que defende que haveria impossibilidade de topicalização de objeto com verbos sem concordância, não encontra respaldo em nossos resultados, uma vez que houve sim topicalização do objeto com os verbos sem

concordância em nossa pesquisa com os surdos participantes dela. Resta examinar se houve maior flexibilidade da ordem com verbos com concordância, como afirma a autora. Faremos a seguir um comparativo:

Quadro 49 - Comparativo sobre o nível de aceitação ou rejeição com ordem OSV **sem** elevação das sobrancelhas entre verbos com concordância e sem concordância

Tipo verbal	Verbo	Aceitação total	Rejeição total	Aceitação ou rejeição parcial
Com concordância	AJUDAR	50%	20%	30%
	DAR	80%	0%	20%
Sem concordância	COMPRAR	60%	30%	10%
	BEBER	60%	30%	10%
	GOSTAR	60%	20%	20%
	PINTAR-COM-ROLO	60%	20%	20%

Em comparação com os verbos sem concordância, o nível de aceitação da ordem OSV com o verbo DAR (verbo com concordância) foi bem elevado com objeto tema topicalizado, o que confirma tendência apontada na literatura. Mas, por outro lado, ao contrário do que foi previsto por Olizaroski (2017, p. 66), os verbos sem concordância tiveram desempenho superior ao verbo com concordância AJUDAR (50%), apresentando eles também a aceitação total da ordem OSV (60%). Logo, contrariando a literatura sobre o tema, verbos sem concordância, além de possibilitarem também a mudança da ordem do objeto para posição de tópico, não parecem estar menos acessíveis a esse tipo de topicalização.

Como apresentamos na seção 4.1, Pizzio (2011, p. 46 *apud* OLIZAROSKI, 2017, p. 68-69, grifos nossos), defende que “[...] as marcações não manuais são obrigatórias nos verbos com concordância e opcionais nos verbos sem concordância”. Os resultados desta seção, em que fizemos topicalização **sem** uso de marca não manual, permitem contestar essa afirmação.

A seguir, a fim de tornar mais concreta a maior ou menor aceitação de topicalização com ou sem elevação das sobrancelhas, apresentamos os resultados das respostas dadas pelos surdos à questão 03, que trazia a mesma frase analisada nesta seção, mas com as sobrancelhas elevadas, traço não manual constantemente associado à topicalização nos estudos sobre Libras.

6.3.3. Traço estrutural em análise: objeto topicalizado com elevação das sobrance-lhas

Como já afirmado antes, um traço bastante difundido na literatura sobre topicalização em Libras seria a presença do traço não manual elevação das sobrance-lhas no objeto deslocado para posição inicial da sentença, resultando na ordem OSV com sobrance-lhas elevadas. Então, na questão 03 do questionário, repetimos a resposta/construção dada na questão 02, mas com esse traço não manual presente. A seguir, trazemos os resultados com todos os verbos.

Figura 62 – Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – vídeo 03

3. Após assistir ao vídeo 3, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas

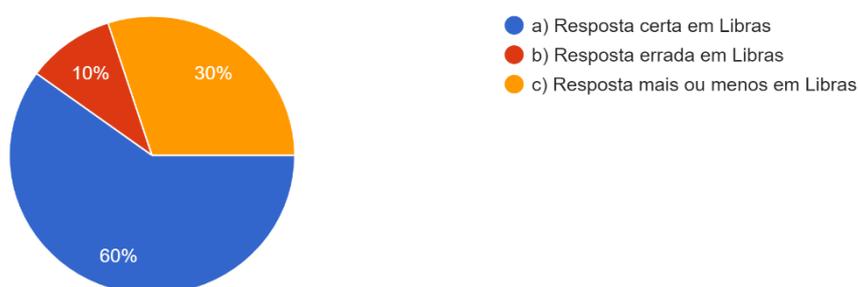


Figura 63 – Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – vídeo 03

3. Após assistir ao vídeo 3, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas

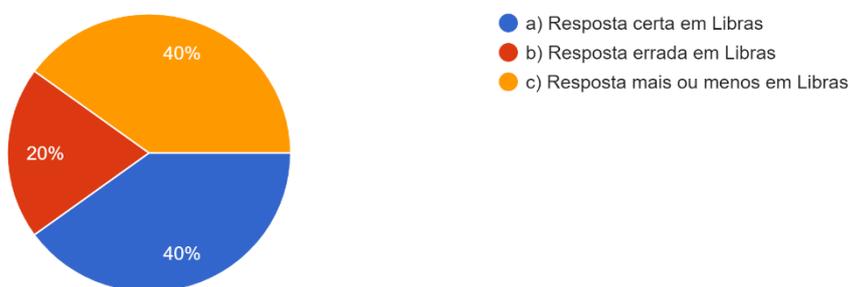


Figura 64 – Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – vídeo 03

3. Após assistir ao vídeo 3, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas

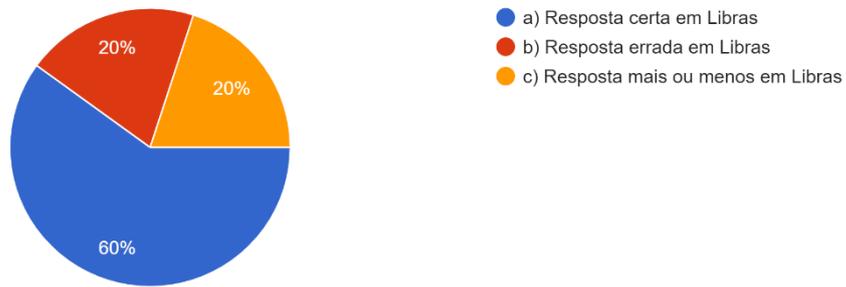


Figura 65 – Resultado quantitativo sobre o verbo GOSTAR – vídeo 03

3. Após assistir ao vídeo 3, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas

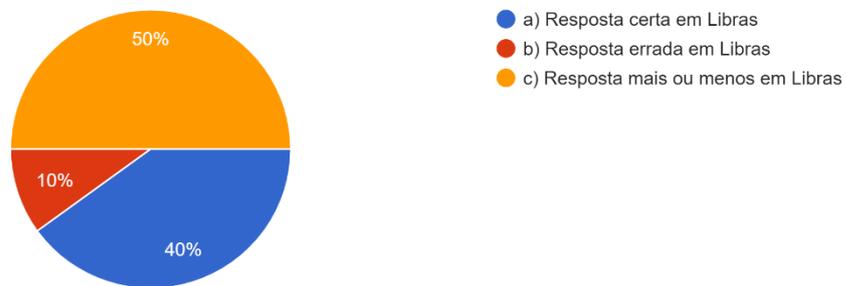


Figura 66 – Resultado quantitativo sobre o verbo DAR – vídeo 03

3. Após assistir ao vídeo 3, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas

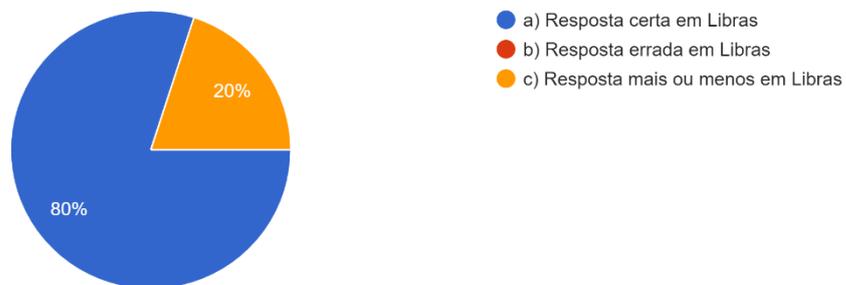
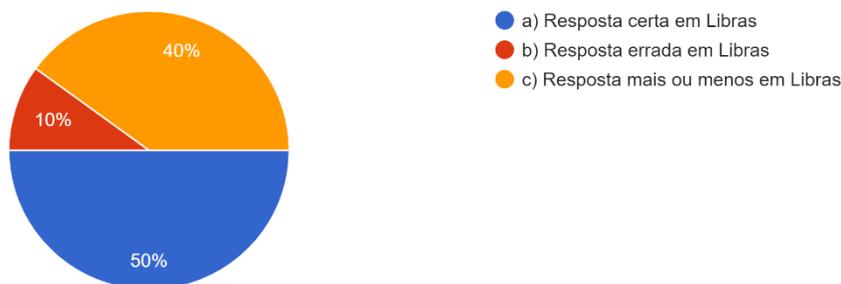


Figura 67 – Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 03

3. Após assistir ao vídeo 3, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Com exceção do verbo DAR, que novamente atingiu 80% de aceitação total e 20% de aceitação ou rejeição parcial (sem rejeição total portanto), a aceitação total da ordem OSV com elevação de sobranças ficou entre 40% e 60%, com uma média geral de 55% (incluindo o verbo DAR). A aceitação ou rejeição parcial, por sua vez, ficou entre 20% e 50%, com média geral de 33,33%. E a rejeição total ficou entre 10% e 20%, com média geral de 11,66%.

Logo, houve uma diminuição no grau de aceitação total da ordem OSV com elevação de sobranças quando comparamos esses resultados com os apresentados na seção anterior quando não houve a presença desse traço não manual. Assim, sem elevação das sobranças, a aceitação total foi de 61,66%, enquanto aqui, com a elevação das sobranças, foi de apenas 55%. Por outro lado, a aceitação ou rejeição parcial passou de 18,33% (sem elevação) para 33,33% (com elevação), e rejeição total diminuiu de 20% (sem elevação) para 11,66% (com elevação).

Esperávamos um aumento grande na porcentagem de aceitação total, tendo em vista a presença do traço não manual elevação das sobranças, conforme se defende na literatura sobre topicalização de objeto em Libras (cf. Quadros e Karnopp, 2004, p. 139-155). Mas ocorreu uma leve diminuição da aceitação total. Em contrapartida, o grau de rejeição total da frase com elevação da sobrança foi menor que o presente na mesma frase sem esse traço. E o grau de incerteza sobre a validade ou não da frase com elevação das sobranças mostrou um aumento significativo, tendo quase dobrado em comparação com o resultado da frase sem elevação.

Em suma, o acréscimo da elevação das sobranças ao objeto topicalizado não trouxe uma esperada elevação no grau de aceitação total da frase, tendo ocorrido o

contrário. Por outro lado, a ausência da elevação das sobranças não invalidou a topicalização do objeto conforme vimos na seção anterior. Logo, não parece ser realmente obrigatória a presença da elevação das sobranças em processos de topicalização do objeto à esquerda da sentença em Libras, contrariando as explicações correntes sobre esse tema.

Façamos aqui a mesma discussão sobre a correlação entre tipo verbal e topicalização apresentada na seção anterior:

Quadro 50 - Comparativo sobre o nível de aceitação ou rejeição da ordem OSV com elevação das sobranças entre verbos com concordância e sem concordância

Tipo verbal	Verbo	Aceitação total	Rejeição total	Aceitação ou rejeição parcial
Com concordância	AJUDAR	60%	10%	30%
	DAR	80%	0	20%
Sem concordância	COMPRAR	40%	20%	40%
	BEBER	60%	20%	20%
	GOSTAR	40%	10%	50%
	PINTAR-COM-ROLO	50%	10%	40%

Afora o verbo DAR, cuja aceitação total da ordem OSV com elevação de sobranças é novamente de 80% com 0% de rejeição total, o verbo AJUDAR (de tipo com concordância) não se destaca tanto em relação aos demais verbos sem concordância, havendo entre estes últimos um índice de aceitação total da ordem OSV de 40% a 60%. Embora os dados tenham mostrado ligeira queda na aceitação dessa ordem quando comparamos esse quadro ao anterior (sem elevação das sobranças), **não** há razão para se afirmar que:

- i) a ordem OSV não ocorre com verbos sem concordância;
- ii) há significativa maior flexibilidade entre verbos com concordância e verbos sem concordância.

O verbo DAR, por seu turno, mostra-se um exemplar de verbos com concordância bastante propenso à mudança para ordem OSV, com objeto de tipo tema apenas, como veremos mais à frente.

Por fim, fazendo uma comparação entre os resultados da questão 1, que traz a ordem SVO, e os resultados das questões 2 e 3, que trazem a ordem OSV (sem e com elevação das sobranças, respectivamente), os dados nos mostram que a porcentagem de aceitação total da ordem SVO teve a média de 73,33%, em contraste com 61,66% e

55% da ordem OSV. Já o índice de rejeição total da ordem SVO teve média de 11,66% em contraste com a ordem OSV, cuja rejeição total foi de 20% (sem elevação das sobranças) e 11,66% (com elevação das sobranças). Logo, ocorreu tanto maior aceitação da ordem SVO frente à ordem OSV quanto igual ou menor rejeição daquela sobre esta.

Ainda sobre a ordem OSV, precisamos analisar o que ocorreu com o verbo DAR. É o que faremos a seguir.

6.3.4. Traço estrutural em análise: objetos do verbo DAR topicalizados

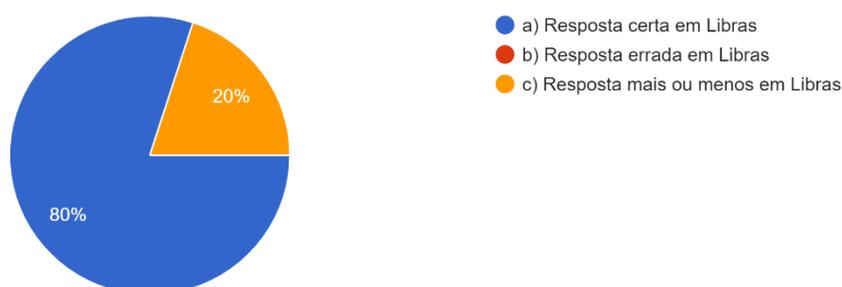
Além do que se costuma chamar de “sujeito”, o verbo DAR em Libras apresenta recorrentemente um “objeto-tema” e um “objeto-destinatário”. Aqui optamos por usar uma terminologia que mescla sintaxe e semântica, para evitar os rótulos “objeto direto” e “objeto indireto”, tendo em vista que não há preposições ou posposições em Libras ocorrendo com esse verbo. Além disso, sabemos que ainda precisará ser feito um estudo para determinar a presença ou não de argumentos desse tipo em Libras. A seguir, então, mostraremos os resultados alcançados com a topicalização desses objetos com o verbo DAR.

6.3.4.1. Traço estrutural: objeto tema topicalizado com o verbo DAR

Frase em Libras no vídeo 02: *Um livro, meu pai deu para Maria.*

Figura 68 – Resultado quantitativo sobre o verbo DAR – vídeo 02

2. Após assistir ao vídeo 2, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas

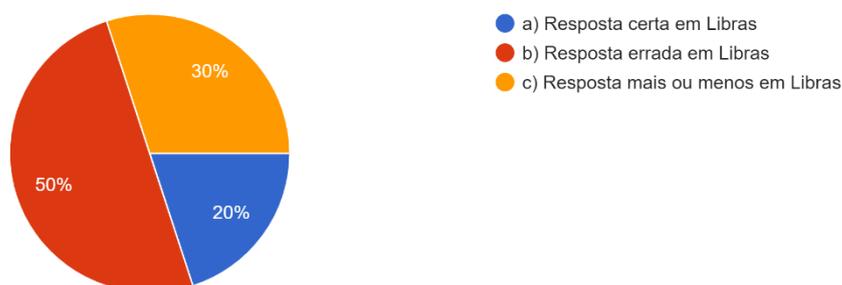


6.3.4.2. Traço estrutural: objeto destinatário topicalizado com o verbo DAR

Frase em Libras no vídeo 04: *Para Maria, meu pai deu um livro.*

Figura 69 – Resultado quantitativo sobre o verbo DAR – vídeo 04

4. Após assistir ao vídeo 4, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas

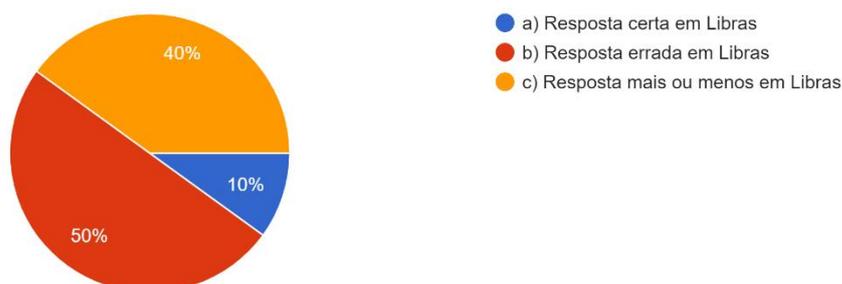


6.3.4.3. Traço estrutural em análise: objeto tema e objeto destinatário topicalizados com o verbo DAR

Frase em Libras no vídeo 05: *Um livro, para Maria, meu pai deu.*

Figura 70 – Resultado quantitativo sobre o verbo DAR – vídeo 05

5. Após assistir ao vídeo 5, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas

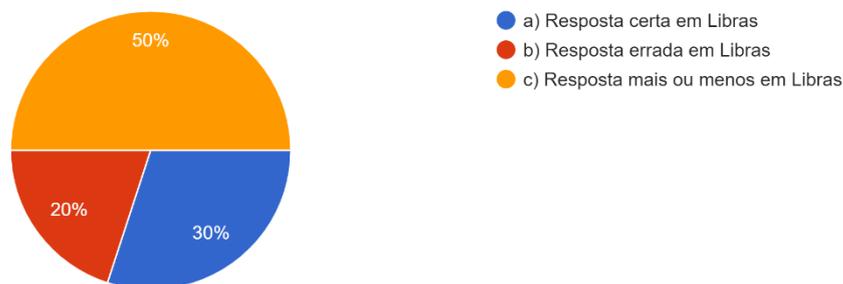


6.3.4.4. Traço estrutural em análise: objeto destinatário e objeto tema topicalizados com o verbo DAR

Frase em Libras no vídeo 06: *Para Maria, um livro, meu pai deu.*

Figura 71 – Resultado quantitativo sobre o verbo DAR – vídeo 06

6. Após assistir ao vídeo 6, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



6.3.4.5. Análise do comportamento dos objetos do verbo DAR quando topicalizados

Esses quatro resultados imediatamente apresentados acima nos permitiram identificar algumas tendências sobre o comportamento da topicalização dos objetos com o verbo DAR.

Quando o objeto tema veio deslocado para o início da sentença (**Otema-SVO**destinatário) (seção 6.3.4.1), a aceitação total dos 10 participantes surdos da pesquisa foi de 80% com índice 0% de rejeição total dessa ordem. É relevante informar que não houve elevação de sobrancelhas nessa topicalização e, mesmo assim, seu índice de aceitação foi muito elevado.

Em contrapartida, no exemplo que trazia o objeto destinatário para o início da sentença (**O**destinatário-SV**O**tema) (seção 6.3.4.2), a aceitação total foi de apenas 20%, enquanto a rejeição total foi de 50%. Logo, houve claramente uma preferência muito maior pela presença do objeto tema na posição de tópico frente à presença do objeto destinatário, que ao contrário foi fortemente rejeitado nessa posição de tópico.

Em um segundo momento, apresentamos aos surdos duas outras opções de topicalização, envolvendo dessa vez a topicalização simultânea de ambos os objetos do verbo DAR. Na questão em que apresentamos a ordem **Otema-O**destinatário-SV (seção 6.3.4.3), a aceitação total foi de apenas 10%, a rejeição total de 50% e a aceitação ou rejeição parcial de 40%. Já na questão em que a ordem foi **O**destinatário-**O**tema-SV (seção 6.3.4.4), a aceitação total foi de 30%, a rejeição total de 20%, e a aceitação ou rejeição parcial de 50%.

Em suma, podemos concluir o seguinte sobre o verbo DAR e seus objetos:

- i) deslocar ambos os objetos tema e destinatário para a posição de tópico à esquerda do sujeito gerou baixa aceitação dos surdos participantes da pesquisa; e
- ii) a ordem **Odestinatário-Otema-SV** foi preferida frente à ordem **Otema-Odestinatário-SV**, tendo sido aquela mais aceita (30% x 10%) e menos rejeitada (20% x 50%) que esta.

Postulamos que uma possível explicação para essa preferência seja o fato de que a colocação do objeto destinatário (um ser humano) ao lado do sujeito (também um ser humano) pode vir a gerar ambiguidade sobre quem está praticando a ação e a quem ela se destina, uma vez que não há marcas nos argumentos que possam fazer essa diferenciação. Ou seja, em Libras temos algo traduzível por “Um livro, Maria, meu pai deu”.

Essa explicação ganha força quando voltamos ao dado em Libras “(Para) Maria, meu pai deu um livro”, com apenas o objeto destinatário deslocado para a esquerda ao lado do sujeito. Como os resultados mostraram, essa construção também foi rejeitada totalmente por 50% dos participantes, tendo sido aceita totalmente por apenas 20% dos participantes. Passemos a seguir à análise de outro traço estrutural.

6.3.5. Traço estrutural em análise: núcleo do objeto topicalizado com modificador do objeto *in situ*

Aqui buscamos testar um tipo de construção topicalizada presente em Brito (2010, p. 208), em que haveria, segundo essa autora, a possibilidade de deslocar para o início da sentença (topicalização) apenas o núcleo do objeto, deixando em seu lugar de origem um modificador. Vejamos os resultados obtidos com cada verbo a seguir.

AJUDAR:

Alliny: — *O que você fez com o teu pai ontem?*

João Paulo: — *Pai, eu ajudei meu na casa dele.*

(Traço estrutural em análise: núcleo do objeto topicalizado com modificador do objeto *in situ*)

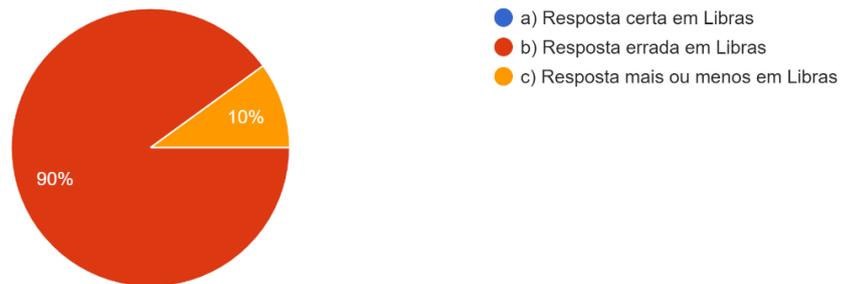
[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



Figura 72 – Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – vídeo 04

4. Após assistir ao vídeo 4, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

10 respostas



COMPRAR:

Alliny: — *Você tem carro?*

João Paulo: — *Sim. Carro, eu comprei novo ontem.*

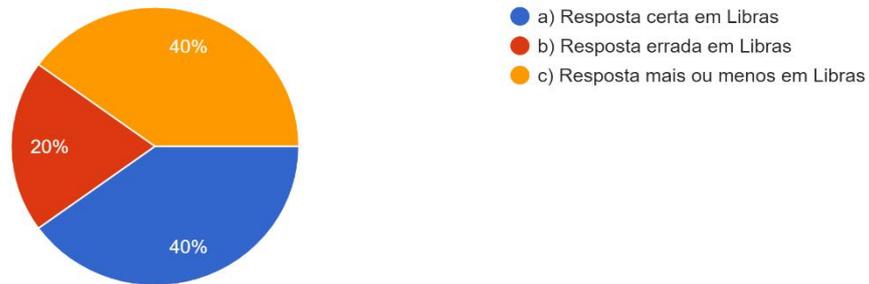
(Traço estrutural em análise: núcleo do objeto topicalizado com modificador do objeto *in situ*)

[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



Figura 73 – Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – vídeo 04

4. Após assistir ao vídeo 4, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



BEBER:

Alliny: — *Você já bebeu leite de cabra?*

João Paulo: — *Sim. Leite, eu já bebi de cabra algumas vezes.*

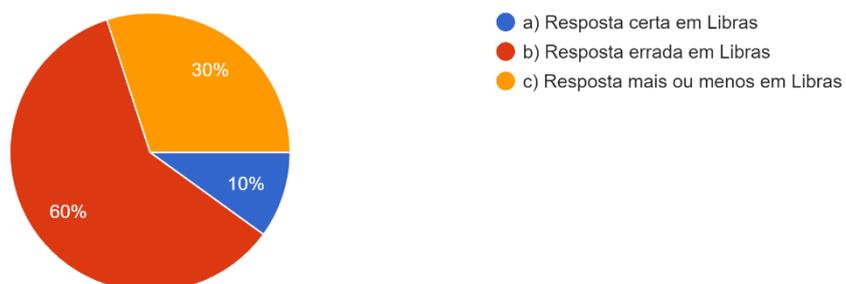
(Traço estrutural em análise: núcleo do objeto topicalizado com modificador do objeto *in situ*)

[[link](#) e QR Code para o diálogo em Libras]



Figura 74 – Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – vídeo 04

4. Após assistir ao vídeo 4, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



GOSTAR:

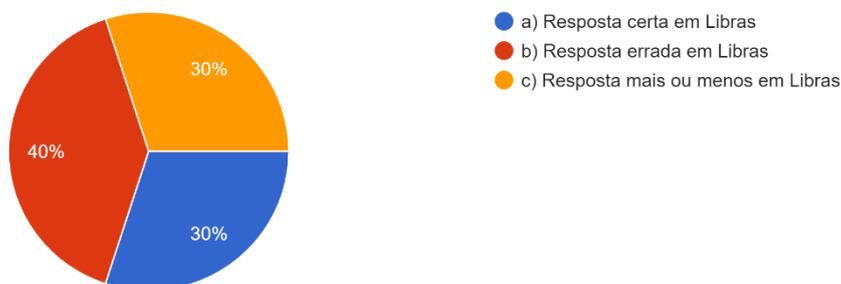
Alliny: — *Teu pai gosta de animais grandes?*

João Paulo: — Sim. De animais, meu pai gosta grandes.
(Traço estrutural em análise: núcleo do objeto topicalizado com modificador do objeto *in situ*)
[[link](#) e QR Code para o diálogo em Libras]



Figura 75 – Resultado quantitativo sobre o verbo GOSTAR – vídeo 04

4. Após assistir ao vídeo 4, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



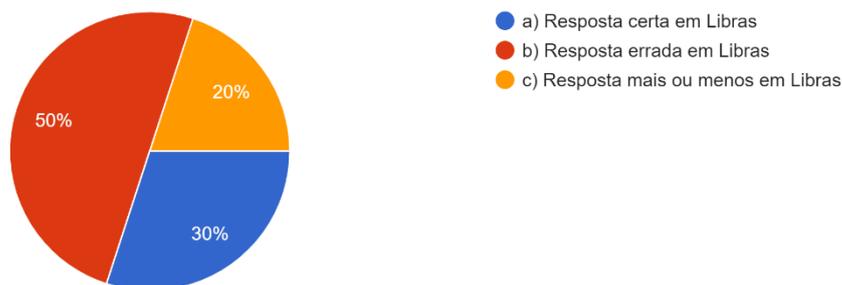
PINTAR-COM-ROLO:

Alliny: — *O que você fez na casa do teu pai ontem?*
João Paulo: — A casa, eu pintei-com-rolo do meu pai ontem.
(Traço estrutural em análise: núcleo do objeto topicalizado com modificador do objeto *in situ*)
[[link](#) e QR Code para o diálogo em Libras]



Figura 76 – Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 04

4. Após assistir ao vídeo 4, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Esses dados nos mostram que a separação entre o núcleo do objeto e seu modificador gerou, na média, rejeição total de 52%, aceitação total de 22% e aceitação ou rejeição parcial de 26%. A rejeição total variou de 20% a 90%, enquanto a aceitação total variou de 0 a 40%. Logo, o índice de rejeição foi bastante elevado. Isso indica fortemente que núcleo de objeto e modificador formam um constituinte em Libras. Vejamos como se comportou cada verbo e cada tipo de modificador nesse contexto.

Com o verbo AJUDAR, a topicalização de PAI com a manutenção *in situ* do modificador MEU não foi aceita, tendo um índice de rejeição total de 90% e 0% de aceitação total. Um constituinte formado por nome + marca de posse é em geral muito mais coeso do que um formado por nome + modificador descritivo.

Em contraponto, com o verbo COMPRAR, a topicalização de CARRO com a manutenção *in situ* do modificador NOVO foi aceita totalmente por 40% dos participantes, tendo rejeição total de 20% e um índice de 40% de aceitação ou rejeição parcial. Foi o único exemplo em que o índice de aceitação total foi maior que o de rejeição total. Nossa construção em Libras é praticamente idêntica à apresentada por Brito (2010, p. 208):

“—t—
CARRO, EU COMPRAR NOVO (Eu comprei um carro novo).”

Nesse exemplo da autora, o sinal CARRO está em posição de tópico, o que é indicado pela glosa “—t—” acima dele. Na posição de objeto após o verbo COMPRAR ocorre o modificador NOVO. Justamente, essa construção foi a menos rejeitada em nossos dados, mas não atingiu mesmo assim índices altos de aceitação, ficando em torno

de 40% apenas. Esse resultado atesta apenas em parte o proposto por Brito (2010), embora ainda fique evidente que não é uma construção realmente bem aceita pelos surdos que participaram da pesquisa.

Com o verbo **BEBER**, obtivemos a segunda maior rejeição total à separação entre o núcleo do objeto topicalizado — **LEITE** — e seu modificador *in situ* — **DE CABRA** —: 60%. Além disso, foi a menor aceitação total, tendo apenas um surdo dos dez participantes aceitado totalmente essa possibilidade: 10%.

Já o verbo **GOSTAR** trouxe um certo equilíbrio nas respostas. A separação entre o núcleo do objeto topicalizado **DE ANIMAIS** e seu modificador **GRANDES** teve 40% de rejeição total, 30% de aceitação total e 30% de aceitação ou rejeição parcial.

Com o verbo **PINTAR-COM-ROLO**, a separação entre o núcleo do objeto topicalizado **A CASA** e seu modificador **DE MEU PAI** teve rejeição total de 50% e aceitação total de 30%.

Em suma, identificamos maior aceitação e menor rejeição da separação entre o núcleo do objeto topicalizado e seu modificador nas construções em que o modificador era de tipo adjetivo: **NOVO** (40% e 20%) e **GRANDES** (30% e 40%). A maior rejeição total e menor aceitação total ocorreram na construção envolvendo um pronome possessivo: **MEU PAI** (90% e 0%). A construção em que o possuidor era um pronome mais um nome (**CASA DE MEU PAI**) também teve alto índice de rejeição: 50%. Em **LEITE DE CABRA**, em que o modificador pode ser interpretado como adjetivo (tipo de leite) ou possuidor (o ser que possui o leite), o índice de rejeição foi bem elevado também — 60% — com um baixo índice de aceitação total: 10%.

Logo, concluímos que:

- i) há uma forte rejeição à separação entre o núcleo do objeto e o seu modificador, quando o objeto é levado à posição de tópico e o modificador deixado *in situ* no lugar de origem do objeto; isso é uma evidência de que formam um constituinte em Libras;
- ii) adjetivos têm certa tendência de aceitar essa separação; e
- iii) possessivos têm forte tendência a não serem separados de seus possuidores.

Essas conclusões são corroboradas pelos seguintes fatos:

1) na aplicação-piloto, o colaborador 2 (cf. seção 6.1.2) condenou fortemente essas questões que envolviam a separação entre o núcleo do objeto e seu modificador,

indicando tratar-se de erro, afirmando que: “senti dificuldade com as respostas que não combinavam muito com as perguntas”;

2) na penúltima pergunta de cada bloco de questões de cada verbo, pedimos que os dez surdos participantes da pesquisa assistissem novamente aos vídeos-respostas sobre cada verbo e respondessem qual vídeo trazia a MELHOR RESPOSTA para a pergunta feita no diálogo. A questão 4 em discussão aqui não foi escolhida por nenhum surdo em três verbos (AJUDAR, COMPRAR, PINTAR-COM-ROLO) e escolhida por apenas 1 (10%) em outros dois (BEBER, GOSTAR).

Logo, a separação entre núcleo do objeto e seu modificador foi considerada a pior resposta dentre as opções de construções disponíveis para cada verbo. Entendemos, portanto, que esses resultados indicam forte tendência de formação de constituinte quando um núcleo de objeto é acompanhado por um modificador.

6.3.6. Traço estrutural em análise: núcleo do objeto e modificador topicalizados e inserção, na posição de objeto, de um novo objeto correferente com o constituinte topicalizado

Uma variante do vídeo-resposta 4 da seção anterior foi introduzida no bloco do verbo GOSTAR. Trata-se do vídeo-resposta 5 desse bloco, cujo diálogo reproduzimos a seguir:

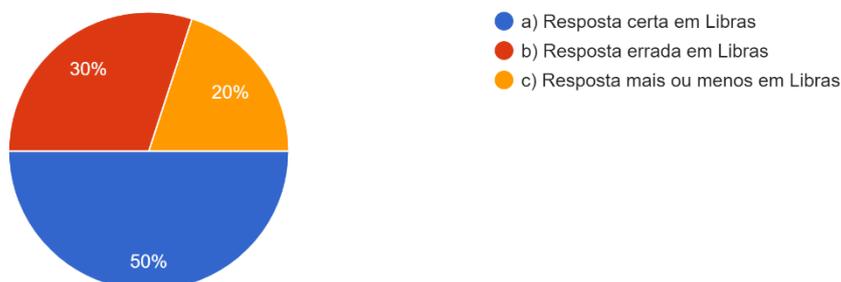
Alliny: — *Teu pai gosta de animais grandes?*
João Paulo: — *Sim. De animais grandes, meu pai gosta de cavalo.*
[link e QR Code para o diálogo em Libras]



Nesse caso, fizemos a topicalização do núcleo do objeto e de seu modificador (DE ANIMAIS GRANDES) à esquerda, mas inserimos um novo objeto correferente a ele na posição original do objeto topicalizado (CAVALO). O objetivo foi verificar a validade da explicação de Quadros e Karnopp (2004, p. 150) que afirmam que isso seria possível em Libras: “[...] há uma relação semântica entre o tópico e o argumento dentro da oração (IP)”. Vejamos os resultados de nossa pesquisa:

Figura 77 – Resultado quantitativo sobre o verbo GOSTAR – vídeo 05

5. Após assistir ao vídeo 5, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



O deslocamento em bloco do objeto (núcleo mais modificador) e a inserção de um novo objeto correferente a ele tiveram uma aceitação total de apenas 50% e uma rejeição total de 30%, ficando 20% para aceitação ou rejeição parcial. Apesar de ter tido mais aceitação que rejeição, não se deve menosprezar que metade dos participantes não aprovou plena ou parcialmente essa construção. Logo, a proposta de Quadros e Karnopp (2010, p. 150, grifo nosso) sobre isso precisa ser, no mínimo, modalizada para “há uma **tendência a**” em lugar de “[...] construções **sempre** podem ter além do tópico uma cópia desse tópico ou um pronome co-referencial”.

Ainda sobre esse tema, destacamos a proposta de Dias (2015, p. 122):

(d) *Duplo Sujeito*: construções semelhantes ao que foi denominado duplo sujeito por Li e Thompson também são descritas na literatura, como se pode observar no exemplo (12) [aqui recuperado e renumerado para 21]. Fato que oferece evidências de que o tópico pode estar ou não vinculado a uma posição argumental.

(21)

[ANIMAIS]_{Tópico} [EU GOSTAR GATO]_{Comentário}
'Quanto a animais, eu gosto de gato'.

Esse exemplo, idêntico ao de Quadros e Karnopp (2010, p. 150), é para Dias (2015) uma evidência a favor da hipótese de Libras ser uma língua de tipo tópico-comentário, com proeminência de tópico e não de sujeito. A análise desse autor corrobora nossa hipótese de que existe em Libras uma tendência à apresentação de um tópico em posição inicial em uma predicação não verbal, seguida de uma construção completa, com o preenchimento das vagas argumentais do verbo em questão.

6.3.7. Traço estrutural em análise: objeto e advérbio espacial ou temporal topicalizados

Nesta seção, apresentamos e discutimos os resultados obtidos com o deslocamento simultâneo à esquerda do objeto e de um advérbio espacial ou temporal para posição de tópico. A seguir, trazemos os resultados com cada verbo.

AJUDAR:

Alliny: — *O que você fez com o teu pai ontem?*

João Paulo: — Meu pai, na casa dele, eu ajudei.

(Traço estrutural em análise: objeto e advérbio espacial topicalizados)

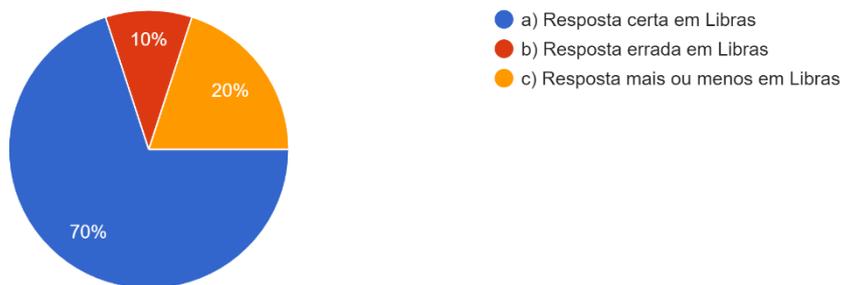
[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



Figura 78 – Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – vídeo 05

5. Após assistir ao vídeo 5, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

10 respostas



COMPRAR:

Alliny: — *Você tem carro?*

João Paulo: — *Sim. Carro novo, ontem, eu comprei.*

(Traço estrutural em análise: objeto e advérbio temporal topicalizados)

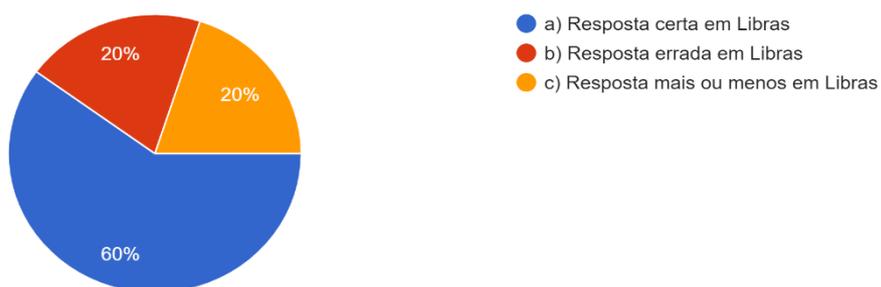
[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



Figura 79 – Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – vídeo 05

5. Após assistir ao vídeo 5, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

10 respostas



BEBER:

Alliny: — *Você já bebeu leite de cabra?*

João Paulo: — *Sim. Leite de cabra, algumas vezes, eu já bebi.*

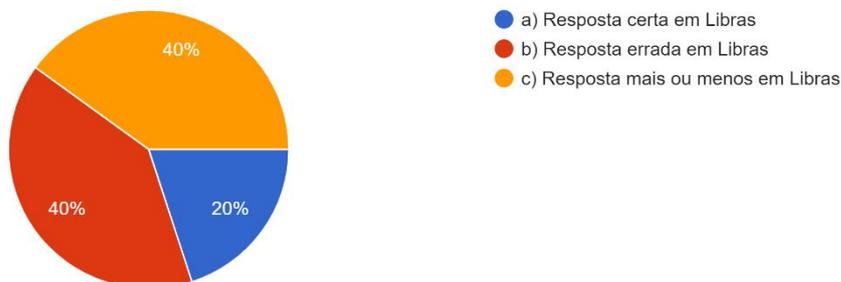
(Traço estrutural em análise: objeto e advérbio temporal topicalizados)

[[link](#) e QR Code para o diálogo em Libras]



Figura 80 – Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – vídeo 05

5. Após assistir ao vídeo 5, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



PINTAR-COM-ROLO:

Alliny: — *O que você fez na casa do teu pai ontem?*

João Paulo: — *A casa do meu pai, ontem, eu pintei-com-rolô.*

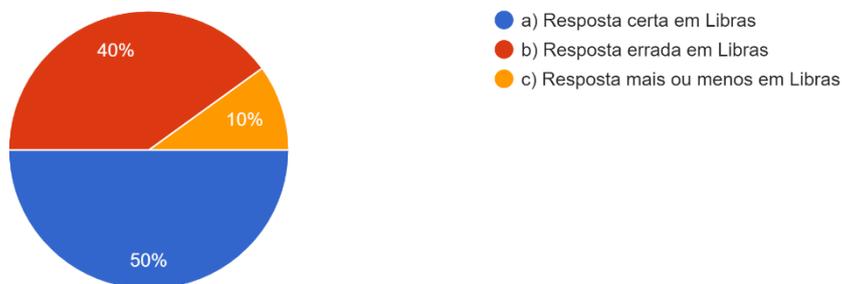
(Traço estrutural em análise: objeto e advérbio temporal topicalizados)

[[link](#) e [QR Code](#) para o diálogo em Libras]



Figura 81 – Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 05

5. Após assistir ao vídeo 5, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



O deslocamento simultâneo de objeto e advérbio temporal ou espacial para a esquerda teve:

- i) aceitação total entre 20% e 70%, com média de 50%;
- ii) rejeição total entre 10% e 40%, com média de 27,5%; e

iii) aceitação ou rejeição parcial entre 10% e 40%, com média de 22,5%.

Das quatro construções, a construção com o verbo BEBER foi a única cujo índice de rejeição total foi maior (40%) que o índice de aceitação total (20%), embora o índice de aceitação ou rejeição parcial tenha também sido alto (40%). No geral, o índice de aceitação desse tipo de deslocamento ficou em 50%, sendo quase o dobro do índice de rejeição total (27,5%). Não encontramos informações na literatura sobre esse tipo de deslocamento simultâneo de objeto e advérbio temporal.

Ao nosso ver, a aceitação desse tipo de construção vai ao encontro de uma tendência em Libras de fazer uma contextualização temporal ou espacial e introduzir o tópico sobre o que se vai falar a seguir. A seguir, tratamos do deslocamento à esquerda apenas do advérbio espacial ou temporal, que acaba por cumprir essa função também.

6.3.8. Traço estrutural em análise: apenas advérbio espacial ou temporal topicalizado

Nesta seção, trazemos os resultados e a análise do deslocamento do advérbio espacial ou temporal à esquerda, para posição de tópico.

Figura 82 – Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – vídeo 07

7. Após assistir ao vídeo 7, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas

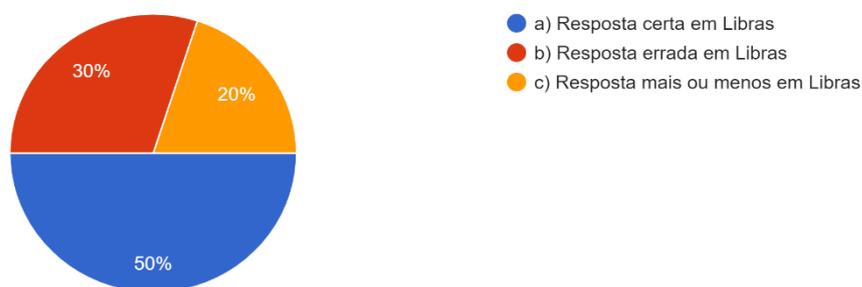


Figura 83 – Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – vídeo 07

7. Após assistir ao vídeo 7, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas

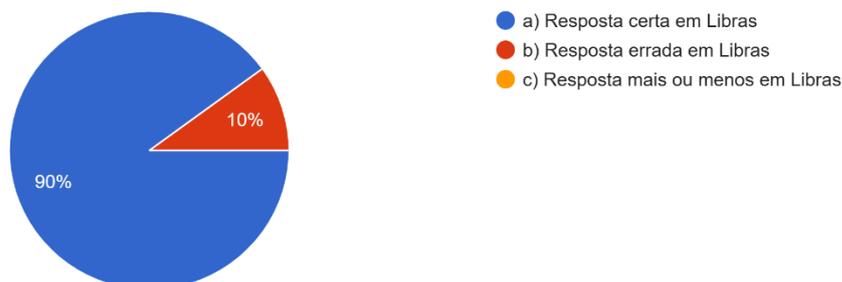


Figura 84 – Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – vídeo 07

7. Após assistir ao vídeo 7, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas

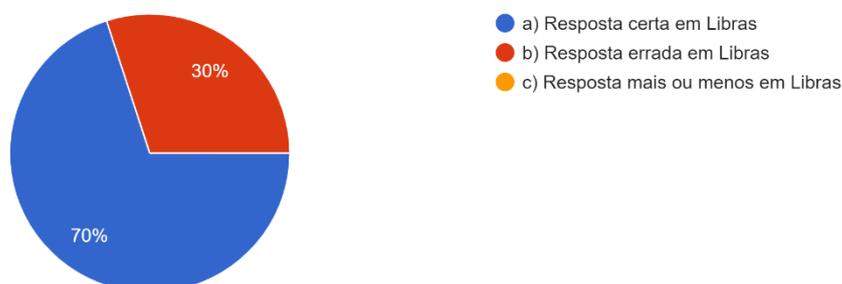
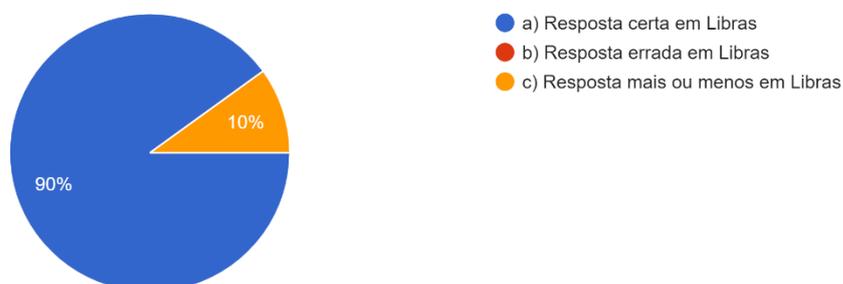


Figura 85 – Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 07

7. Após assistir ao vídeo 7, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



O deslocamento à esquerda do advérbio espacial ou temporal gerou os seguintes resultados:

- i) a aceitação total ficou entre 50% e 90%, com média de 75%;

- ii) a rejeição total ficou entre 0% e 30%, com média de 17,5%; e
- iii) a aceitação ou rejeição parcial ficou entre 0% e 20%, com média de 7,5%.

Como se vê, houve uma aceitação muito alta desse tipo de topicalização. Destacamos o alto índice de aceitação total ocorrido com as construções “Ontem, eu comprei carro novo” e “Ontem, eu pinteí com rolo a casa do meu pai”, ambas com 90% de aceitação total. Creditamos esse alto índice de aceitação ao fato de que o advérbio de tempo “ontem” no começo da construção acaba por informar o tempo da ação, situando o interlocutor em relação ao momento a que se refere o que está sendo expresso pelo verbo. O verbo em Libras não tem morfologia temporal. Logo, o advérbio de tempo em posição inicial cumpre uma função essencial nesse sentido.

Já o advérbio espacial presente em “Na casa dele, eu ajudei meu pai” contou apenas com 50% de aceitação total, um índice menor quando comparado aos índices de aceitação das três construções em que o advérbio era temporal (90%, 90% e 70%). Ao nosso ver, isso reforça a hipótese explicativa de que o advérbio temporal cumpre um papel essencial na construção das frases em Libras.

6.3.9. Traço estrutural em análise: advérbio espacial ou temporal entre V e O

O último traço estrutural em análise traz os resultados do posicionamento do advérbio entre o verbo e o objeto. A literatura sobre o tema afirma que isso seria agramatical:

(iv) os advérbios temporais e de frequência **não** podem interromper uma relação entre o verbo e o objeto: [VP[V NP]]. Isso é considerado mais um argumento para conceber a ordem SVO como básica na língua de sinais brasileira.

*JOÃO COMPRAR ONTEM CARRO

Ontem João comprou um carro

*EU BEBER ALGUMAS-VEZES LEITE

Algumas vezes eu bebo leite

(Quadros; Karnopp, 2004, p. 143)

Vejamos os nossos resultados sobre esse tema com cada verbo sob análise.

AJUDAR:

Alliny: — *O que você fez com o teu pai ontem?*

João Paulo: — *Eu ajudei, na casa dele, meu pai.*

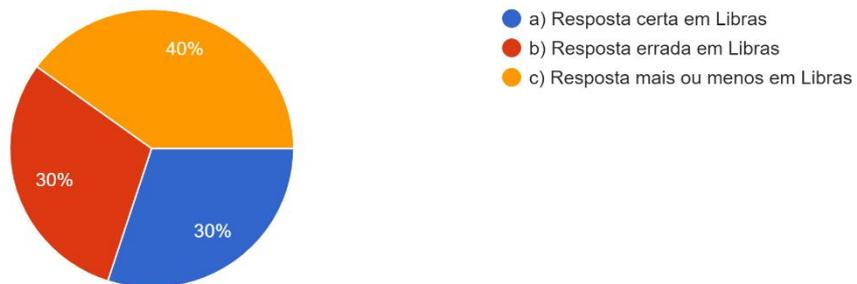
[[link](#) e QR Code para o diálogo em Libras]



Figura 86 – Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – vídeo 06

6. Após assistir ao vídeo 6, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:

10 respostas



COMPRAR:

Alliny: — *Você tem carro?*

João Paulo: — *Sim. Eu comprei, ontem, carro novo.*

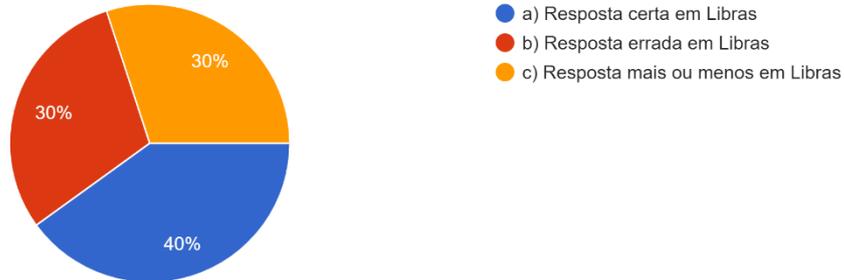
(Traço estrutural em análise: advérbio temporal entre V e O)

[[link](#) e QR Code para o diálogo em Libras]



Figura 87 – Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – vídeo 06

6. Após assistir ao vídeo 6, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



BEBER:

Alliny: — *Você já bebeu leite de cabra?*

João Paulo: — *Sim. Eu já bebi, algumas vezes, leite de cabra.*

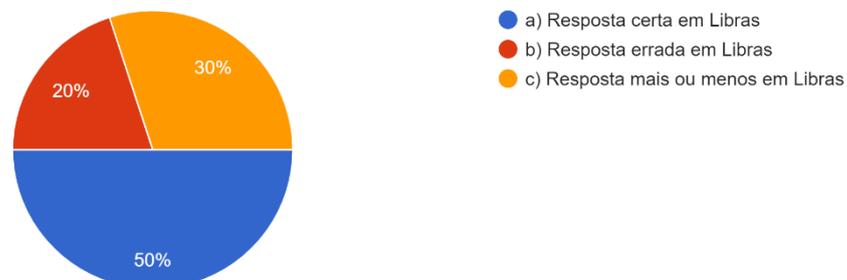
(Traço estrutural em análise: advérbio temporal entre V e O)

[[link](#) e QR Code para o diálogo em Libras]



Figura 88 – Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – vídeo 06

6. Após assistir ao vídeo 6, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



PINTAR-COM-ROLO:

Alliny: — *O que você fez na casa do teu pai ontem?*

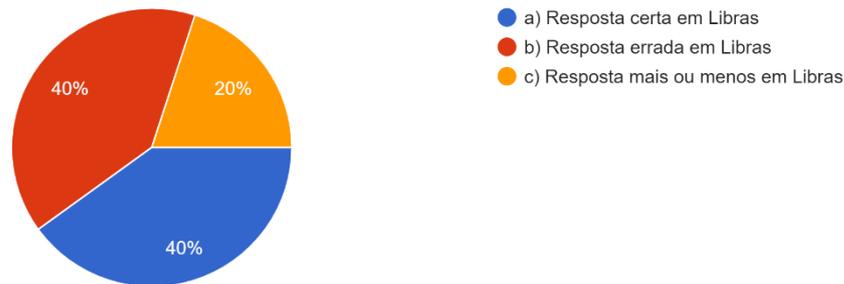
João Paulo: — *Eu pintei-com-rolo, ontem, a casa do meu pai.*

(Traço estrutural em análise: advérbio temporal entre V e O.
[link e QR Code para o diálogo em Libras])



Figura 89 – Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – vídeo 06

6. Após assistir ao vídeo 6, escolha uma opção abaixo sobre a RESPOSTA que aparece no diálogo:
10 respostas



Em relação à colocação de um advérbio espacial ou temporal entre o verbo e o objeto, chegamos aos seguintes resultados:

- i) aceitação total entre 30% e 50%, com média de 40%;
- ii) rejeição total entre 20% e 40%, com média de 30%; e
- iii) aceitação ou rejeição parcial entre 20% e 40%, com média de 30%.

Identificamos um certo equilíbrio entre as avaliações de validade desse tipo de construção, com o índice médio de aceitação total sendo superior aos demais (40% x 30% x 30%). A única construção em que o índice de aceitação total não foi superior aos demais foi a que envolvia um advérbio de lugar (30%). E mesmo ela não trouxe um índice de rejeição total superior aos demais (30%), sendo o índice de aceitação ou rejeição parcial o preponderante (40%).

Logo, embora haja esse equilíbrio de resultado, deve-se destacar que o posicionamento do advérbio entre o verbo e o objeto parece ser uma opção viável de construção em Libras, contrariando a afirmação de que seria totalmente agramatical, como defendido por Quadros e Karnopp (2004, p. 143).

Essa inserção de um advérbio entre o verbo e o objeto é um teste comum para

delimitar os constituintes de uma construção, conforme abordamos no capítulo 1 (seção 1.1.1.2). Logo, nossos resultados sobre esse fenômeno em Libras contribuem para a identificação da fronteira entre constituintes nessa língua.

6.3.10. A melhor resposta para cada bloco de questões de cada verbo

Como já dissemos antes, ao final de cada bloco de questões para cada verbo, perguntávamos qual das respostas dadas à pergunta feita seria a preferida dos participantes surdos de nossa pesquisa. A seguir, apresentamos: i) a melhor resposta/construção escolhida pelos participantes surdos para cada bloco de construções sobre cada verbo; ii) as justificativas dadas por eles para essa escolha.

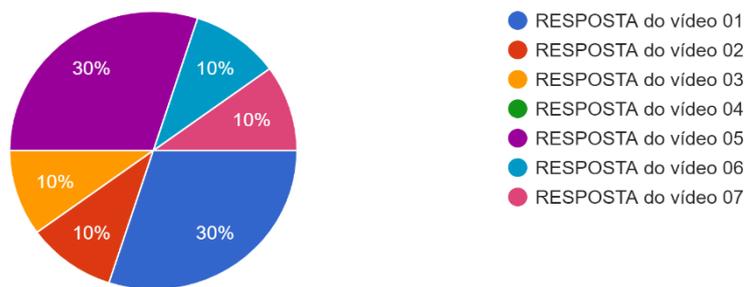
6.3.10.1. Melhor resposta para o verbo AJUDAR

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 90 – Resultado quantitativo sobre o verbo AJUDAR – MELHOR RESPOSTA

8. Por favor, assista novamente aos 7 vídeos com o verbo AJUDAR e responda: Qual vídeo traz a MELHOR RESPOSTA para a pergunta feita no diálogo: vídeo 1, 2, 3, 4, 5, 6 ou 7?

10 respostas



9. Explique o porquê da tua escolha na questão 8 (resposta obrigatória). Se preferir, você pode também gravar um vídeo explicando a tua resposta e me enviar por e-mail.

9.1 Vídeo 3 – “Porque ordem é SVO , para mim é bom .”

9.2 Vídeo 5 – “Já vi alguns surdos faz isso, e eu uso muito esse vídeo numero 5.”

9.3 Vídeo 6 – “Essa frase me esclarece”

9.4 Vídeo 5 – “Por causa da estrutura gramatical que tem sequência correta, mas é livre de usar SOV; OSV; VSO”

9.5 Vídeo 5 – “Mais combinação visualmente natural...”

9.6 Vídeo 1 – “Pq tem contexto pra entender claro”

9.7 Vídeo 1 – “Eu AJUDAR com meu pai na casa dele ”

- 9.8 Vídeo 1 – “O verbo AJUDAR uma frase adapta em Libras que eu entendi.”
9.9 Vídeo 2 – “Primeira pronome é o preduijucado como os surdos primeiro saber quem é direto.”
9.10 Vídeo 7 – “Quase mesmo responder numero 07 ”

De acordo com o último gráfico no item 8, os participantes escolheram a melhor resposta da frase em Libras do verbo AJUDAR. Duas respostas foram mais escolhidas com 30% cada uma. A primeira foi o vídeo 01 em Libras correspondente a “Eu ajudei meu pai na casa dele” (ordem SVO). Seguem as justificativas dos 3 participantes:

- a) participante 06: “Pq tem contexto pra entender claro”;
- b) participante 07: “Eu AJUDAR com meu pai na casa dele”;
- c) participante 08: “O verbo AJUDAR uma frase adapta em Libras que eu entendi”.

Não fica claro, nas respostas dos participantes, o motivo que os levou a escolher o vídeo 1 (30%). Entretanto, esse vídeo traz a ordem de constituintes SVO que, segundo Quadros e Karnopp (2004), seria a ordem básica em Libras. Cruzando este resultado com o índice de aceitação total da ordem SVO identificado nos resultados de todos os verbos, podemos concluir que há uma tendência alta de aceitação da ordem SVO em Libras, uma vez que a aceitação da ordem SVO com o verbo AJUDAR foi de 70%, e a média dessa aceitação com todos os verbos foi de 73,3%.

O vídeo 5 em Libras correspondente a “Meu pai, na casa dele, eu ajudei.” (objeto e advérbio espacial topicalizados) também foi escolhido como melhor resposta com 30% das respostas, entre as quais está o voto do surdo que participou da aplicação-piloto. Seguem as justificativas dos participantes:

- a) participante 02: “Já vi alguns surdos faz isso, e eu uso muito esse vídeo número 5.”;
- b) participante 04: “Por causa da estrutura gramatical que tem sequência correta, mas é livre de usar SOV; OSV; VSO.”;
- c) participante 05: “Mais combinação visualmente natural.... “.

Esse vídeo 5, cuja tradução literal para o português seria “Meu pai, na casa dele, eu ajudei.”, traz objeto e advérbio espacial topicalizados. Para os participantes da pesquisa a frase seria “mais natural”, e a ordem de constituintes da frase é “livre”. Uma das possíveis explicações que traçamos aqui nesta tese é que houve destaque para os constituintes objeto e adjunto, o que contribui para uma contextualização típica em Libras, em que os personagens e o tempo e/ou espaço são apresentados antes de os fatos

serem narrados.

As demais respostas em Libras escolhidas não passaram de 10% cada uma, mas quase todas as construções foram indicadas como melhor por algum dos participantes, entre os quais dois dos três participantes da aplicação-piloto.

A única construção que não aparece entre as melhores foi a construção presente no vídeo 04 equivalente a: “Pai, eu ajudei meu na casa dele, cujo traço estrutural em análise era o núcleo do objeto topicalizado com modificador do objeto *in situ*. Além disso, destacamos que essa construção recebeu 90% de rejeição total dos participantes e 0% de aceitação total. Mais uma vez corroborando a propensão tipológica das línguas de não separarem nome-marca de posse em dois constituintes distintos.

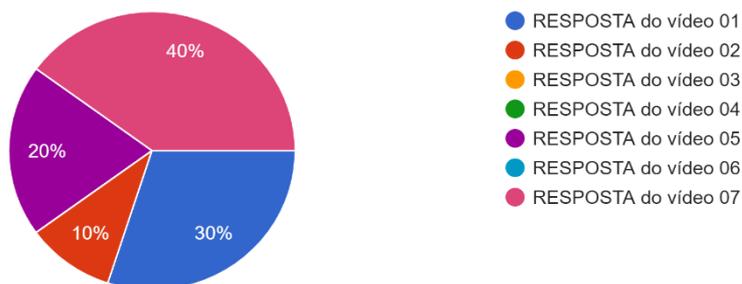
6.3.10.2. Melhor resposta para o verbo COMPRAR

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 91 – Resultado quantitativo sobre o verbo COMPRAR – MELHOR RESPOSTA

8. Por favor, assista novamente aos 7 vídeos com o verbo COMPRAR e responda: Qual vídeo traz a MELHOR RESPOSTA para a pergunta feita no diálogo: vídeo 1, 2, 3, 4, 5, 6 ou 7?

10 respostas



9. Explique o porquê da tua escolha na questão 8 (resposta obrigatória). Se preferir, você pode também gravar um vídeo explicando a tua resposta e me enviar por e-mail.

9.1 Vídeo 7 – “Porque fiquei a clareza .”

9.2 Vídeo 7 – “O vídeo numero 7 combina mais, também já vi surdos usa isso.”

9.3 Vídeo 1 – “Essa frase me esclarece”

9.4 Vídeo 7 – “Com a estrutura mais esclarecido.”

9.5 Vídeo 5 – “Mais usa a sintaxe em Libras...”

9.6 Vídeo 1 – “Eu entendi mais claro número 1.”

9.7 Vídeo 1 – “Sim, eu comprei um carro novo ontem””

9.8 Vídeo 7 – “Próprio português frase do verbo COMPRAR adaptar em libras.””

9.9 Vídeo 2 – “Idem pergunta anterior..”

9.10 Vídeo 5 – “Tem duas numeros 05 e 07 mesmo de Libras”

Conforme o gráfico no item 8, os participantes escolheram a melhor resposta da frase em Libras do verbo COMPRAR. Uma das respostas mais escolhidas com 40% foi o vídeo 07 em Libras correspondente a: “Sim. Ontem, eu comprei carro novo”, ordem SVO com advérbio temporal topicalizado à esquerda. Entre os quatro surdos que escolheram essa construção como a melhor, estão dois surdos que participaram da aplicação-piloto. Um deles justificou sua escolha na entrevista, afirmando que era a “frase mais natural”. E o outro disse que era “muito clara, começando com ONTEM e gerando melhor compreensão”. Seguem as justificativas dos 4 participantes, dadas por escrito no corpo do questionário:

a) participante 01: “Porque fiquei a clareza.”;

b) participante 02: “O vídeo numero 7 combina mais, também já vi surdos usa isso.”;

c) participante 04: “Sim, eu comprei um carro novo ontem”;

d) participante 08: “Com a estrutura mais esclarecido.”.

O vídeo 1 em Libras, correspondente a “Sim. Eu comprei carro novo ontem.” — ordem SVO com advérbio temporal no final da sentença —, foi escolhido como segunda melhor resposta com 30%, ou seja, 3 dos 10 participantes. Entre esses, encontra-se um dos surdos da aplicação-piloto que justificou sua escolha na entrevista, afirmando que sentiu mais conforto com a frase 1, pois é mais clara. Seguem as justificativas dos participantes no questionário:

a) participante 03: “Essa frase me esclarece”;

b) participante 06: “Eu entendi mais claro número.”

c) participante 07: “Sim, eu comprei um carro novo ontem”.

O vídeo 5 em Libras correspondente a “Sim. Carro novo, ontem, eu comprei.” (objeto com modificador e advérbio temporal topicalizados) foi escolhida como terceira melhor resposta com 20% das respostas. As demais respostas em Libras escolhidas não passaram de 10%.

A soma da porcentagem do vídeo 7 (40%) e do vídeo 1 (30%) perfaz 70% da preferência dos surdos participantes da pesquisa. Identificamos aí duas características coerentes com as demais questões já analisadas até aqui. A primeira diz respeito à preferência pela ordem SVO, presente em ambas as respostas mais escolhidas. E a segunda diz respeito à preferência por construções em que o advérbio de tempo está iniciando a frase, contextualizando o tempo da informação a ser trazida pelo verbo. Lembramos que as construções presentes no vídeo 7 (“Ontem, eu comprei um carro

novo”) e no vídeo 1 (“Eu comprei um carro novo ontem”) contaram com aceitação total dos participantes da ordem de 90% e 70% respectivamente, com baixo índice de rejeição total (10%), o que evidencia uma clara preferência por esses dois tipos de construção em Libras.

Por fim, com 20% de preferência entre os participantes, a frase em Libras cuja tradução literal para o português seria “Sim. Carro novo, ontem, eu comprei.” traz objeto e advérbio temporal topicalizados. Não ficaram claras as justificativas dos participantes para essa escolha, mas uma das possíveis explicações que traçamos aqui nesta tese é que o deslocamento do objeto e do advérbio contribui para uma contextualização típica em Libras, em que os personagens e o tempo e/ou espaço são apresentados antes de os fatos serem narrados.

Não apareceram entre as preferências de MELHOR RESPOSTA as seguintes construções do verbo COMPRAR:

Vídeo 03 – *Carro novo, eu comprei ontem* (com elevação das sobrancelhas)

Vídeo 04 – *Carro, eu comprei novo ontem.*

Vídeo 06 - *Eu comprei, ontem, carro novo.*

A ausência do vídeo 04 entre as melhores respostas não surpreende, dado o elevado índice de rejeição que esse tipo de construção teve entre os participantes da pesquisa, como já abordamos. Embora tenha sido a menos rejeitada, essa construção teve apenas 40% de aceitação total com 40% de aceitação ou rejeição parcial. Mesmo assim, não foi escolhida como a melhor resposta por nenhum surdo participante da pesquisa, embora essa mesma construção seja tida como plenamente gramatical em Libras, de acordo com Brito (2010), fato que se torna questionável com os resultados de nossa pesquisa.

Mas, de fato, o que mais nos chama a atenção é a ausência da construção presente no vídeo 03, em que topicalizamos o objeto à esquerda e elevamos as sobrancelhas. Mesmo assim, nenhum surdo escolheu essa construção como melhor resposta entre as construções do verbo COMPRAR. Isso nos leva a questionar a validade da hipótese de que a elevação das sobrancelhas é uma marca da topicalização obrigatória em Libras.

Já a ausência da construção presente no vídeo 06, em que o advérbio foi postado entre o sujeito e o verbo acaba por confirmar, parcialmente, a hipótese da literatura que defende que essa posição não é adequada para a inserção de um advérbio (Quadros; Karnopp, 2004). Essa confirmação é parcial porque, embora não tenha sido escolhida entre as melhores, essa mesma construção teve um índice de aceitação total de 40%

quando foi avaliada individualmente pelos surdos participantes da pesquisa, índice superior à rejeição total (30%), contando ainda com aceitação ou rejeição parcial de 30%.

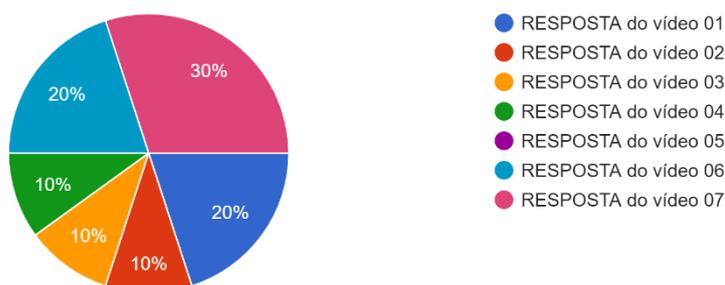
6.3.10.3. Melhor resposta para o verbo BEBER

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 92 – Resultado quantitativo sobre o verbo BEBER – MELHOR RESPOSTA

8. Por favor, assista novamente aos 7 vídeos com o verbo BEBER e responda: Qual vídeo traz a MELHOR RESPOSTA para a pergunta feita no diálogo: vídeo 1, 2, 3, 4, 5, 6 ou 7?

10 respostas



9. Explique o porquê da tua escolha na questão 8 (resposta obrigatória). Se preferir, você pode também gravar um vídeo explicando a tua resposta e me enviar por e-mail.

9.1 Vídeo 4 – “...”

9.2 Vídeo 7 – “Esse vídeo número 7 eu uso, também os surdo usam.”

9.3 Vídeo 1 – Eu entendo, pq essa frase em Libras quase parece com o Português

9.4 Vídeo 7 – “A mesma resposta anterior, com a estrutura com a sequência correta.”

9.5 Vídeo 3 – “Mais sinalizado essa sintaxe e naturalmente...”

9.6 Vídeo 1 – “Pq tem contexto certo”.

9.7 Vídeo 7 – “Sim, as vezes eu bebi o leite de cabra”.

9.8 Vídeo 6 – “Vídeos 1,2,3,6 e 7 são certas, mas o vídeo 6 mais clara entende.”

9.9 Vídeo 2 – “Idem”

9.10 Vídeo 6 – “ok”

A resposta mais escolhida como MELHOR RESPOSTA para o verbo BEBER foi o vídeo 07 em Libras correspondente a “Sim. Algumas vezes, eu bebi leite de cabra.” (ordem SVO com advérbio temporal topicalizado), com 30%. Um dos votos veio do surdo que participou da aplicação-piloto. Durante a entrevista sobre essa escolha, afirmou que escolheu essa como melhor porque começa com “ALGUMAS VEZES”. Seguem as justificativas dos 3 participantes para essa escolha dadas no questionário por escrito:

a) participante 02: “Esse vídeo número 7 eu uso, também os surdo usam.”;

b) participante 04: “A mesma resposta anterior, com a estrutura com a sequência correta.”;

c) participante 07: “Sim, as vezes eu bebi o leite de cabra”

Novamente, a preferência foi uma construção de tipo SVO com um advérbio temporal iniciando a sentença. A segunda opção mais escolhida como MELHOR RESPOSTA também traz essa mesma ordem SVO. Trata-se do vídeo 1 em Libras correspondente a “Sim. Eu bebi leite de cabra algumas vezes” (20%).

Logo, as duas opções mais escolhidas como MELHOR RESPOSTA em Libras trazem a ordem SVO como característica comum. Na média de respostas, as construções 7 e 1 alcançaram 70% de aceitação total.

Ainda sobre a escolha do vídeo 1 (SVO), registramos os comentários da surda participante da aplicação-piloto na entrevista sobre essa escolha. Ela disse que escolheu essa como melhor porque o sinal ALGUMAS-VEZES está no final da frase. Disse que aceita esse sinal no início ou no final da frase. Perguntamos se ela sentiria mais facilidade se a ordem em Libras seguisse a do Português. Disse que sim, por ser influenciada pelo Português, porque consegue ler e escrever em Português. Para ela, alguns surdos, não tendo conhecimento do Português, sinalizam a Libras de forma natural, e ela consegue compreender. Sugeri que fizéssemos uma entrevista com surdos que não sejam influenciados pelo Português. Respondemos que iríamos seguir a sugestão dela e foi o que fizemos.

Também com 20% de preferência, tivemos o vídeo 6 em Libras correspondente a “Sim. Eu bebi, algumas vezes, leite de cabra”. (advérbio temporal entre V e O) foi escolhida como terceira melhor resposta com 20% das respostas.

Seguem as justificativas dos participantes:

a) participante 8: “Vídeos 1,2,3,6 e 7 são certas, mas o vídeo 6 mais clara entende.”

b) participante 10: “ok”.

As demais construções não passaram de 10%, exceto a construção presente no vídeo 05, que não foi escolhida por nenhum surdo como melhor resposta. Essa construção é a seguinte: “Leite de cabra, algumas vezes, eu já bebi”. Nela, temos o objeto e o advérbio de tempo deslocados para a esquerda, em posição de tópico. Quando avaliada individualmente, essa mesma construção contou com um índice de rejeição total de 40% com aceitação total de apenas 20% dos participantes da pesquisa. Há coerência entre a sua avaliação negativa e a sua não escolha como melhor resposta por nenhum dos

participantes.

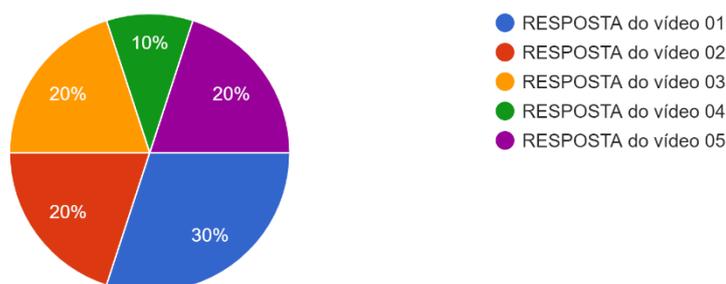
6.3.10.4. Melhor resposta para o verbo GOSTAR

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 93 – Resultado quantitativo sobre o verbo GOSTAR – MELHOR RESPOSTA

6. Por favor, assista novamente aos 5 vídeos com o verbo GOSTAR e responda: Qual vídeo traz a MELHOR RESPOSTA para a pergunta feita no diálogo: vídeo 1, 2, 3, 4 ou 5?

10 respostas



7. Explique o porquê da tua escolha na questão 6 (resposta obrigatória). Se preferir, você pode também gravar um vídeo explicando a tua resposta e me enviar por e-mail.

7.1 Vídeo 2 – “este é muito bom”.

7.2 Vídeo 3 – “Um vídeo número 3 combina.”

7.3 Vídeo 5 – “A frase em Libras eu entendo”.

7.4 Vídeo 1 – “A mesma resposta anterior, estrutura com a sua sequência correta.”

7.5 Vídeo 3 – “Melhor sinalizante....”

7.6 Vídeo 1 – “1 pergunta e resposta certo”.

7.7 Vídeo 1 – “Sim, o meu pai gosta de animal grande”.

7.8 Vídeo 4 – “Português e adapta em Libras entende melhor.”

7.9 Vídeo 2 – “Idem”.

7.10 Vídeo 5 – “mesmo numero 05”

A resposta escolhida como MELHOR RESPOSTA pelos surdos participantes da pesquisa para o verbo GOSTAR, com 30%, foi o vídeo 01 em Libras, correspondente a “Sim. Meu pai gosta de animais grandes”. Seguem as justificativas dos 3 participantes:

a) participante 04: “A mesma resposta anterior, estrutura com a sua sequência correta.”;

b) participante 06: “1 pergunta e resposta certo”;

c) participante 07: “Sim, o meu pai gosta de animal grande”.

Não há clareza nas justificativas dos participantes sobre o que os levou a escolher o vídeo 1 como melhor construção entre as apresentadas para o verbo GOSTAR. Como

trata-se da ordem SVO, entendemos que esse é o fator que os levou a essa escolha, seguindo a mesma tendência já identificada nesta tese de que a ordem básica em Libras é, de fato, SVO. Lembramos que essa mesma construção presente no vídeo 01 teve uma aceitação total de 80% dos participantes da pesquisa, com apenas 10% de rejeição total, conforme apresentamos anteriormente.

Os demais vídeos atingiram 20% de preferência, exceto o vídeo 04, que comentaremos mais abaixo. Os vídeos 2 e 3 estão entre os que tiveram 20%, mas não ficou claro o motivo para sua escolha nas justificativas dos participantes no questionário. Mas um dos surdos que participaram da aplicação-piloto escolheu o vídeo 3 como melhor e disse, na entrevista pós-aplicação, que essa frase soava mais natural, mas não viu a expressão nela. O vídeo 2 também foi a escolha de outro surdo da aplicação-piloto que disse que essa frase era mais clara, porque conseguia compreender a mensagem, mas não soube explicar o porquê da escolha. De todo modo, esses vídeos trazem o objeto deslocado à esquerda em posição de tópico. A diferença entre os vídeos 2 e 3 está na elevação das sobrelhas presente apenas no vídeo 03. Como se vê, não parece ser a elevação das sobrelhas um fator determinante para escolha de melhor construção em Libras. Portanto, não podemos afirmar que a frase topicalizada precisa estar com a marca não manual presente obrigatoriamente, ou seja, o levantamento das sobrelhas.

O outro vídeo escolhido também com 20% de preferência — cuja tradução literal para o português seria “Sim. De animais grandes, meu pai gosta de cavalo.” — traz objeto e modificador topicalizados, com a inserção de um novo objeto correferencial ao tópico na posição de objeto, após o verbo (vídeo 5). Um dos votos veio do surdo participante da aplicação-piloto, que justificou sua escolha, afirmando: “gostei do complemento da frase com o sinal CAVALO, pois teria ficado mais clara a mensagem. ‘Então, o que seriam os animais grandes? Pode ser cavalo ou elefante ou onça’. Daí, com a inclusão de CAVALO na frase, entendi bem”.

Finalmente, destacamos a construção menos escolhida como MELHOR RESPOSTA. Trata-se do vídeo 04, que traz a construção “De animais, meu pai gosta grandes”, em que topicalizamos o núcleo do objeto, deixando seu modificador *in situ*. De fato, esse tipo de construção não aparece entre as preferências dos surdos. Ao contrário, situa-se sempre entre as piores escolhas com alto índice de rejeição.

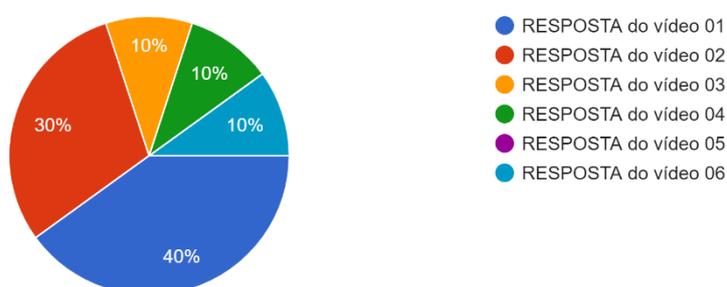
6.3.10.5. Melhor resposta para o verbo DAR

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 94 – Resultado quantitativo sobre o verbo DAR – MELHOR RESPOSTA

7. Por favor, assista novamente aos 6 vídeos com o verbo DAR e responda: Qual vídeo traz a MELHOR RESPOSTA para a pergunta feita no diálogo: vídeo 1, 2, 3, 4, 5 ou 6?

10 respostas



8. Explique o porquê da tua escolha na questão 7 (resposta obrigatória). Se preferir, você pode também gravar um vídeo explicando a tua resposta e me enviar por e-mail.

8.1 Vídeo 1 – “Porque está ótimo”.

8.2 Vídeo 3 – “Número vídeo 3 combina frase de libras”.

8.3 Vídeo 6 – Eu entendo a frase em Libras

8.4 Vídeo 1 – “Com a estrutura mais esclarecido dentro do seu contexto.”

8.5 Vídeo 4 – “Melhor sinalizando...”

8.6 Vídeo 1 – “Pq entende claro e contexto”.

8.7 Vídeo 1 – “Sim, o meu pai deu o livro para Maria”.

8.8 Vídeo 2 – “Vídeos 2 e 3 são parecidos, e escolhi 2 porque entende melhor a diálogo”.

8.9 Vídeo 2 – “Idem”.8.10 Vídeo 2 – “mesmo números 01 e 02”.

Em relação ao verbo DAR, a construção escolhida como MELHOR RESPOSTA foi a presente no vídeo 01, com 40% da preferência. Essa construção em Libras corresponde a “Meu pai deu um livro para Maria.”, com a ordem SVO objeto tema-Objeto destinatário. Seguem as justificativas dos 4 participantes:

a) participante 01: “Porque está ótimo”;

b) participante 04: “Com a estrutura mais esclarecido dentro do seu contexto.”;

c) participante 06: “Pq entende claro e contexto”;

d) participante 07: “Sim, o meu pai deu o livro para Maria”.

Novamente, temos uma construção de tipo SVO como preferida, com destaque para o fato de haver dois objetos nessa construção, com o objeto tema ocorrendo antes do objeto destinatário. Identificamos, uma vez mais, a tendência de a ordem SVO ser a preferida. Quando os 10 surdos avaliaram a ordem SVO na questão 01 do verbo DAR,

obtivemos 80% de aceitação total e 0% de rejeição total dessa ordem, confirmando a tendência de Libras ser uma língua de tipo SVO. Entre os surdos que escolheram essa frase, encontra-se o participante da aplicação-piloto, que justificou sua escolha afirmando que essa frase era mais clara por ser a mais natural para o surdo.

O vídeo 2 em Libras, correspondente a “Sim. Um livro, meu pai deu para Maria” (objeto tema topicalizado sem elevação das sobrancelhas) também foi escolhido como melhor resposta com 30% da preferência. Seguem as justificativas dos participantes:

a) participante 08: “Vídeos 2 e 3 são parecidos, e escolhi 2 porque entende melhor a diálogo”;

b) participante 09: “Idem”;

c) participante 10: “mesmo números 01 e 02 “.

É interessante que justamente a opção de construção com objeto topicalizado sem elevação de sobrancelhas tenha sido a segunda mais preferida pelos participantes. O esperado, seguindo defendido na literatura, seria a opção de construção presente no vídeo 03, em que ocorreu a topicalização do objeto com elevação de sobrancelhas. Mas essa opção, como as demais, só recebeu 10% de votos. Novamente, os dados mostram que a elevação de sobrancelhas não parece ser um fator obrigatório para marcar a topicalização de objeto em Libras.

A construção presente no vídeo 05 “Um livro, para Maria, meu pai deu” — cujo traço estrutural em análise era objeto tema e objeto destinatário topicalizados nessa ordem — não foi escolhida como melhor resposta por nenhum dos participantes. Isso é coerente com a avaliação individual sofrida por essa construção que teve: 50% de rejeição total e apenas 10% de aceitação total. Como defendemos anteriormente, a colocação do objeto destinatário logo antes do sujeito não parece ser uma opção viável de construção em Libras, provavelmente por conta da possível ambiguidade estrutural causada pela presença de dois participantes humanos, com potencialidade para assumir o papel semântico de agente do ato de “dar”.

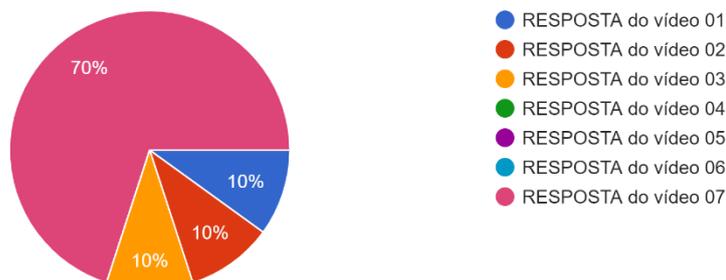
6.3.10.6. Melhor resposta para o verbo PINTAR-COM-ROLO

Abaixo, apresentamos os resultados dessa questão:

Figura 95 – Resultado quantitativo sobre o verbo PINTAR-COM-ROLO – MELHOR RESPOSTA

8. Por favor, assista novamente aos 7 vídeos com o verbo PINTAR-COM-ROLO e responda: Qual vídeo traz a MELHOR RESPOSTA para a pergunta feita no diálogo: vídeo 1, 2, 3, 4, 5, 6 ou 7?

10 respostas



9. Explique o porquê da tua escolha na questão 8 (resposta obrigatória). Se preferir, você pode também gravar um vídeo explicando a tua resposta e me enviar por e-mail.

9.1 Vídeo – 7 “Porque as pessoas já costumam que começar SINAL ONTEM”.

9.2 Vídeo – 7 “O número vídeo 7 combina mais, até eu uso e também os surdos usam”.

9.3 Vídeo – 7 “Essa frase em Libras é fácil de entender”.

9.4 Vídeo – 7 ”Com a estrutura mais claro.”

9.5 Vídeo – 3 “Pra mim gosto mais essa frase em Libras.”

9.6 Vídeo – 1 “Mais certo 1”.

9.7 Vídeo – 7 “Ontem eu pintei com rolo na casa do meu pai”.

9.8 Vídeo – 7 “Depende diálogo cada um jeito diferente de fala, todas respostas são certas. Mas escolhi 7”..

9.9 Vídeo – 2 ”Idem”.

9.10 Vídeo – 7 “mesmo numero 7”.

Com 70% dos votos, a melhor resposta da frase em Libras do verbo PINTAR-COM-ROLO escolhida pelos participantes foi a construção presente no vídeo 07: “Ontem, eu pintei-com-rolo a casa do meu pai”. Seguem as justificativas dos 4 participantes:

a) participante 01: “Porque as pessoas já costumam que começar SINAL ONTEM”;

b) participante 02: “O número vídeo 7 combina mais, até eu uso e também os surdos usam”;

c) participante 03: “Essa frase em Libras é fácil de entender”;

d) participante 04: “Com a estrutura mais claro.”;

e) participante 07: “Ontem eu pintei com rolo na casa do meu pai”;

f) participante 08: “Depende diálogo cada um jeito diferente de fala, todas

respostas são certas. Mas escolhi 7”;

g) participante 10: “mesmo numero 7”.

Tanto a ordem SVO quanto a realização de um advérbio de tempo no início da sentença parecem ser a principal razão para a escolha dessa opção. Como nos demais casos, a ordem SVO é atestada como ordem preferencial dos participantes, mas a presença do advérbio que indica o tempo da ação deve ter sido o fator determinante para a escolha dessa construção, fato destacado pelo participante 1. Um fato que corrobora essa análise foi a escolha unânime dessa construção pelos três surdos que participaram da aplicação-piloto. Na entrevista que fizemos após a aplicação-piloto, eles assim justificaram sua escolha:

1. “a posição do sinal ONTEM no início da frase foi a melhor alternativa”;
2. “a frase segue uma ordem mais clara, começando com o ONTEM”;
3. “gostei do sinal de ONTEM no início da frase, pois ficou muito fácil de entender”.

Fica evidente, nessas justificativas, que o uso do advérbio de tempo ONTEM no início da frase foi decisivo para a sua escolha como melhor frase do conjunto de frases com o verbo em discussão. E outro fato muito importante é preferência por uma construção SVO com um verbo manual, o que contraria a literatura, que defende que a ordem preferencial com esse tipo de verbo seria SOV.

As construções presentes nos vídeos 4, 5 e 6 não foram escolhidas entre as melhores. Vejamos:

Vídeo 04 – “A casa, eu pinteicom-rolodo meu pai ontem.”

Vídeo 05 – “A casa do meu pai, ontem, eu pinteicom-rolodo.”

Vídeo 06 – Eu pinteicom-rolodo, ontem, a casa do meu pai.

A construção presente em 04 foi uma das menos escolhidas entre os participantes. Trata-se, novamente, da construção em que topicalizamos o núcleo do objeto, deixando *in situ* o seu modificador. A avaliação individual dessa construção já tinha apresentado uma rejeição total de 50%, com aceitação total de apenas 30% dos participantes. A sua não escolha como melhor resposta por nenhum surdo não surpreende.

A construção 05 também havia sido rejeitada totalmente por 40% dos participantes, tendo recebido, entretanto, 50% de aceitação total. Sua ausência entre as melhores foi inesperada.

E a construção 06, que traz o advérbio entre verbo e objeto, já tinha tido uma aceitação total de 40%, mesmo índice de rejeição total. Sua ausência entre as melhores respostas confirma, parcialmente, a hipótese de que essa construção seria agramatical em

Libras (cf. Quadros; Karnopp, 2004).

6.4. Algumas considerações finais do capítulo

Todos os deslocamentos para posição pré-verbal feitos em nosso questionário e apresentados neste capítulo também permitem identificar constituintes em Libras, seguindo a perspectiva de Grahl (2004, p. 5), que afirma que um constituinte em uma língua pode ser recolocado em diversas posições na frase (cf. seção 2.1.1.1).

A possibilidade de trocar a posição entre objeto tema e objeto destinatário, como também apresentado acima (seção 6.3.4), acaba por mostrar que são dois constituintes em Libras, em consonância com o proposto por Negrão, Sher e Viotti (2008) como teste para identificação desses constituintes nas línguas em geral (cf. seção 2.1.1.1).

Outro teste de constituência que acabamos por fazer em nosso questionário foi a inserção de advérbio entre constituintes (cf. 2.1.1.2). De acordo com nossos resultados, essa inserção mostrou válida entre V e O (cf. 6.3.9), por exemplo, o que serviu para delimitar esses dois constituintes, além de identificar o advérbio como um constituinte ele mesmo.

Sobre os chamados verbos manuais ou “com classificador”, nossa pesquisa mostrou algo diferente do previsto na literatura. Costuma-se afirmar que a ordem básica seria SOV com esse tipo de verbo (cf. Quadros e Karnopp, 2004 e a seção 4.3), mas os dados da seção 6.2.6 com o verbo PINTAR-COM-ROLO demonstraram que a ordem SVO foi a mais aceita para esse verbo: 70% frente a 60% (ordem OVS sem marca manual) e 50% (ordem OVS com marca manual). Inclusive escolhemos esse verbo por ser o verbo usado por Quadros e Karnopp (2004, p. 204 e 206-207) em seus exemplos de ordem básica SOV. Nossos resultados também contrariam o proposto por Olizaroski (2017, p. 108-109), para quem haveria uma maior predisposição dos chamados classificadores em se posicionar na posição pré-verbal.

Ainda sobre os verbos manuais, outro ponto que contraria o proposto pela literatura é a aceitação de topicalização de objeto sem a presença de marca não manual. Como afirmamos na seção 4.3, todos os exemplos de construções desse tipo em Libras citados por Quadros e Karnopp (2004, p. 204, 205, 206, 209, 210, 211) trazem uma marcação de tópico para os participantes da sentença (a elevação das sobranças). Mas o fato de 60% de nossos entrevistados terem aceitado totalmente a topicalização do objeto sem a marca não manual parece colocar em dúvida a exigência dessa marca com esse tipo

de verbo. Registramos ainda que apenas 20% rejeitaram a construção e outros 20% a consideraram mais ou menos.

Por fim, um fato chamou nossa atenção em relação ao verbo manual em análise: houve baixa aceitação de inclusão de um advérbio entre o verbo e o objeto (40%) e um índice de rejeição de 40%, com 20% de avaliação mais ou menos (cf. seção 6.2.6). A topicalização do objeto e do advérbio também gerou apenas 50% de aceitação total contra 40% de rejeição total (cf. seção 6.2.6). O fato comum a esses dois traços estruturais é a separação do objeto e do verbo. Ao que parece, com verbos desse tipo, essa separação não parece ser bem aceita. Isso é um fato a se investigar com mais profundidade.

Nossas conclusões gerais a partir do questionário são as seguintes:

- ordem preferencial em Libras: SOV para todos os tipos de verbo;
- a topicalização do objeto é entendida como gramatical mesmo sem a marca não manual do levantamento da sobrancelha (que inclusive teve menos aceitação do que sem o levantamento);
- os constituintes identificados a partir do levantamento são: S, V, O-tema, O-destinatário e Adv., sendo que no caso dos verbos manuais a separação dos constituintes V e O é menos aceita.

Capítulo 7 - Análise de topicalização em dados espontâneos de Libras

Neste capítulo, examinaremos sentenças com possível topicalização extraídas de entrevistas realizadas com surdos(as) e disponíveis no *site* da UFSC, como explicamos no capítulo 5 (seção 5.1 e 5.2.2) ao discutirmos a metodologia. Chegamos a esses dados ao ler a tese de Jeremias (2020) sobre topicalização em Libras. Decidimos, então, avaliar as sentenças topicalizadas identificadas por ela nessas entrevistas. Nossa intenção foi buscar mais evidências do processo de topicalização para além do deslocamento do objeto para a esquerda do verbo. Na seção 7.1, explicamos o tratamento dos dados e a composição de nossas trilhas de análise; na seção 7.2, apresentamos as análises de cada sentença por verbo; na seção 7.3, trazemos uma análise comparativa entre as sentenças; na seção 7.4, fazemos uma discussão sobre importância de identificar adequadamente os constituintes em uma análise de língua de sinais.

7.1. Tratamento dos dados e trilhas de análise

Em cada uma de nossas análises (seção 7.2), apresentamos os exemplos selecionados por nós a partir da pesquisa de Jeremias (2020). Em sua pesquisa, essa autora pretendeu analisar “[...] expressão do sujeito, aspecto verbal, individuação do objeto e fluxo de informação.” (Jeremias, 2020, p. 181). Entretanto, nós fazemos nossa própria análise das sentenças encontradas em sua pesquisa, com base nos critérios por nós propostos em duas partes.

Na parte I, identificamos informações básicas sobre o exemplo em análise, a saber:

- a) o nome completo do(a) entrevistado(a);
- b) o *link* e um QR Code para o vídeo completo;
- c) o tempo no vídeo em que se encontra o trecho sob análise; e
- d) se foi preciso buscar a câmera que filmou a entrevista de frente, caso o exemplo estivesse de lado.

Esses procedimentos visam dar total acesso aos dados para os leitores de nossa tese, além de selecionar a imagem mais adequada para análise de topicalização, a frontal, caso ela já não tenha sido usada por Jeremias (2020). A imagem frontal permite a melhor observação de traços manuais e, sobretudo, de traços não manuais que, eventualmente, se façam presentes na topicalização.

Na parte II, apresentamos:

- a) nossa própria imagem do exemplo, especialmente a versão de frente quando ele

estava de lado no original, nossa glosa e tradução próprias; muitas vezes, tivemos de incluir trechos de textos antes e/ou depois da sentença sob análise, para nos certificarmos do sentido da sentença topicalizada em análise e se, de fato, havia nela topicalização;

b) em seguida, vem a nossa análise do exemplo no ELAN, com destaque dos itens considerados por nós relevantes para verificar os traços de topicalização presentes nas trilhas escolhidas; mais à frente, apresentaremos em detalhes essas trilhas e nossas notações científicas; e

c) uma síntese dos principais achados em cada exemplo analisado por nós no ELAN, a partir dos seguintes parâmetros identificados ou não no tópico:

1. Inclinação da cabeça;
2. Movimento/elevação das sobrancelhas:
 - a. Sim ou Não.
 - b. Se sim, se ficou restrita ao tópico ou avançou para o resto da frase;
3. Movimento dos olhos;
4. Uso de forma diferente das mãos;
5. Inclinação ou mudança do corpo;
6. Outra marca não manual;
7. Alongamento do sinal (se o sinal demorou mais ou foi mais amplo);
8. Pausa entre o tópico e o resto da frase;
9. Repetição do tópico dentro da frase;
10. Ordem de constituintes;
11. Observações.

Esses parâmetros foram propostos por nós a partir de indícios e hipóteses na literatura sobre a topicalização em Libras. Na seção 7.3, voltaremos a discutir cada um deles, comparando todas as sentenças que serão analisadas previamente na seção 7.2. A seguir, discutimos a elaboração de nossas trilhas do ELAN a partir do seguinte exemplo:

Figura 96 – Exemplo de trilhas no ELAN

	00:07:42.000	00:07:42.500	00:07:43.000	00:07:43.500	00:07:44.000	00:07:44.500	00:07:45.000	00:07:45.500	00:07:46.000	00:07:46.500	00:07:47.000
INCLINAÇÃO DA CABEÇA					Ô						
MOVIMENTO DAS SOBRANCELHAS					^						
MOVIMENTO DOS OLHOS					>						
GLOSAS	EU	LÍNGUA-DE-	ACABAR	NÃO-TE	<CONTATO>	t	n	NÃO-TER	FAMÍLIA	ME-PEGAR	INCLUSÃO
MOVIMENTO DAS MÃOS					2m(2x)			2m(3x)			
USO DAS MÃOS											
INCLINAÇÃO OU MUDANÇA DO CORPO											
OUTRA MARCA NÃO-MANUAL											
TRADUÇÃO											

(Fonte: autoria própria, 2023)

As glosas usadas se basearam em Olizaroski (2017), mas foram modificadas por nós de acordo com o explicado e detalhado na seção 5.4.4. Tomando a trilha das glosas como referência, observamos no exemplo acima:

1. Três linhas acima da glosa, a saber:

a. Movimento dos olhos:

Aqui, registramos as piscadas ([p]) e a direção do olhar com a seguinte marcação: setas para a direita (>), para a esquerda (<), para cima (^) e para baixo (v); da direita para o centro (<|); e da esquerda para o centro: (>|). Estes símbolos são movimentos da cabeça. Também indicamos alargamento dos olhos (ô) e olhos fechados (-º-).

b. Movimento das sobrancelhas:

Como Viotti, Leite e Mcclary, (2010), aqui registramos sobrancelhas levantadas (^), sobrancelhas levantadas acompanhadas do cenho franzido (/**\), cenho franzido (\) e aumento na elevação das sobrancelhas (/\^).

c. Inclinação da cabeça.

Para inclinação da cabeça, criamos os seguintes símbolos: (Ô) para cima; (O-) para o lado direito; (-O) para o lado esquerdo; (Ov) para baixo; (O<) movimento rotativo de cabeça da direita para o centro; (\O/) para frente; (>O) movimento rotativo de cabeça da esquerda para o centro; (<O) movimento rotativo de cabeça do centro para a esquerda; (O>) movimento rotativo de cabeça do centro para a direita; (<<O>>) movimento repetido e rotativo de cabeça; (*||*) movimento brusco do corpo e da cabeça; (/O\) inclinação de cabeça para trás; (O↑) movimento da cabeça afirmativa e (O=)

cabeça direcionada para o lado direito.

2. Cinco linhas abaixo da glosa, a saber:

a. Movimento das mãos:

Esta trilha visa registrar o movimento das mãos: duas mãos (2m). Nessa mesma trilha, registra-se o número de repetições dos sinais (1x, 2x, etc.), “[...] bem como a posição da formação do sinal em relação ao espaço neutro, que é o espaço que fica bem à frente do sinalizador. Usamos setas à direita (>) e à esquerda (<) para marcar esses deslocamentos e nenhuma marcação quando o sinal foi feito no espaço neutro” (McCleary, Viotti e Leite, 2010, p. 271-272);

b. Uso das mãos:

Trilha usada para registrar o comportamento das mãos, que “[...] ocorre quando cada mão produz um sinal manual diferente ao mesmo tempo ou quando uma mão permanece em sua posição, enquanto a outra mão dá início à formação de outros sinais” (McCleary, Viotti e Leite, 2010, p. 271). Utilizamos os símbolos (md) para identificar o sinal da mão direita e (me) para identificar o sinal da mão esquerda.

c. Inclinação ou mudança do corpo:

Esta trilha visa identificar o comportamento do corpo do sinalizante durante a topicalização. Foram criados os seguintes símbolos para isso: //° corpo para frente; \\° para trás; // para ao lado direito, para ao lado esquerdo \\ e para o corpo em pausa |-|.

d. Outra marca não manual:

Trilha criada para registrar qualquer outra marca não manual, repetindo algumas marcas quando não há espaço de tempo disponível na outra trilha. Por exemplo, comportamentos da boca incluem: >-< boca fechada e franzida; ^v^v; boca relativamente aberta com os dentes visíveis; -o- boca articulada (abre e fecha a boca); ^=^ boca aberta com os dentes; >=< boca franzida; >*< bochechas sugadas; <O> boca aberta; -*-* boca formato de “beijo”; \=/ boca fechada para frente; \<O>/ bochecha inchada; -- lábio inferior para frente; \>=</ boca franzida com sorriso;)_(boca aberta com sorriso e >°< boca semiaberta com formato da letra “o”.

e. Tradução:

Nesta trilha, apresentamos nossa própria tradução da sentença.

A seguir, apresentamos a análise dos dados selecionados com base nos parâmetros descritos acima.

7.2. Análise de sentenças com topicalização em contexto espontâneo

São analisados aqui 23 exemplos de topicalização relativos a dez verbos diferentes, a saber: TER (seção 7.2.1); ADQUIRIR (seção 7.2.2); MOSTRAR (seção 7.2.3); QUERER (seção 7.2.4); CONHECER (seção 7.2.5); CRIAR (seção 7.2.6); USAR (seção 7.2.7); GUARDAR (seção 7.2.8); PERDER (seção 7.2.9); ADAPTAR (seção 7.2.10). Com exceção de MOSTRAR, que é um verbo direcional ou com concordância, todos os demais verbos são do tipo não direcional, simples ou sem concordância.

7.2.1. Dados com o verbo TER:

Identificamos nove exemplos com topicalização ocorrendo com o verbo TER. Esse verbo é considerado do tipo não direcional, simples ou sem concordância (cf. Brito, 2010; Quadros e Karnopp, 2004).

(1)

“9) (S)OV. Informação nova. X [CONTATO]top NÃO TER



Tradução: ‘Eu não tinha contato’

Contexto: Aos 9 anos de idade ela não tinha contato com LS.”

(Jeremias, 2020, p. 140)

Parte I: informações básicas sobre o exemplo 1

- a) Entrevistado(a): Flaviane Reis;
- b) Link do vídeo (câmera 3)



- c) Tempo no vídeo em que ocorre o exemplo: 07:44
- d) Foi preciso buscar a imagem de frente? Não.

Parte II: nossa análise do exemplo 1

- a) Nossa imagem, glosa e tradução do exemplo 1:

Imagem 1- Flaviane_Reis_Análise_Exemplo_1_F13



CONTATO

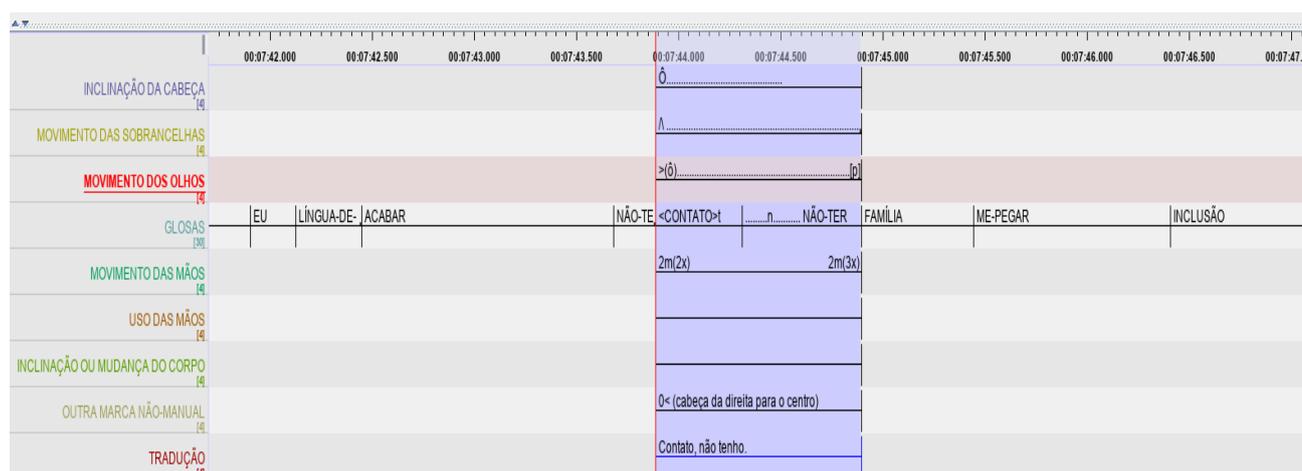
NÃO-TER

“Contato, não tenho.”

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

- b) Análise do exemplo 1 no ELAN:

Figura 97: análise do exemplo 1 no ELAN



(fonte: elaborado pelo autor (2023))

- c) Síntese da análise do exemplo 1 no ELAN:
1. Inclinação da cabeça: sim. Elevou a cabeça no sinal CONTATO.
 2. Movimento/elevação das sobrancelhas:
 - a. Sim.
 - b. Se sim, ficou restrita ao tópico ou avançou para o resto da frase? Não. Se espalhou para o verbo.
 3. Movimento dos olhos: sim, direção do olhar para a direita e alargou os olhos.
 4. Uso de forma diferente das mãos no tópico: não.
 5. Inclinação ou mudança do corpo: não.
 6. Outra marca não manual: inclinou a cabeça para cima.
 7. Alongamento do sinal (o sinal demorou mais ou foi mais amplo?): não.
 8. Houve pausa entre o tópico e o resto da frase: não
 9. Houve repetição do tópico dentro da frase: não
 10. Ordem de constituintes: O(S)V
 11. Observações: Tem uma frase antes que parece SOV: (07:42): IX(eu) LÍNGUA DE SINAIS ACABAR.

(2)

“28) (S)OV. Informação nova. X [TRAUMA]top NÃO TER



Tradução: ‘Não tenho traumas.’

Contexto: Apesar de toda realidade de exclusão, ela assume não ter traumas nos dias de hoje.”

(Jeremias, 2020, p. 149)

Parte I: informações básicas sobre o exemplo 2

- a) Entrevistado(a): Karin Lilian Strobel;
- b) Link do vídeo (câmera 3)

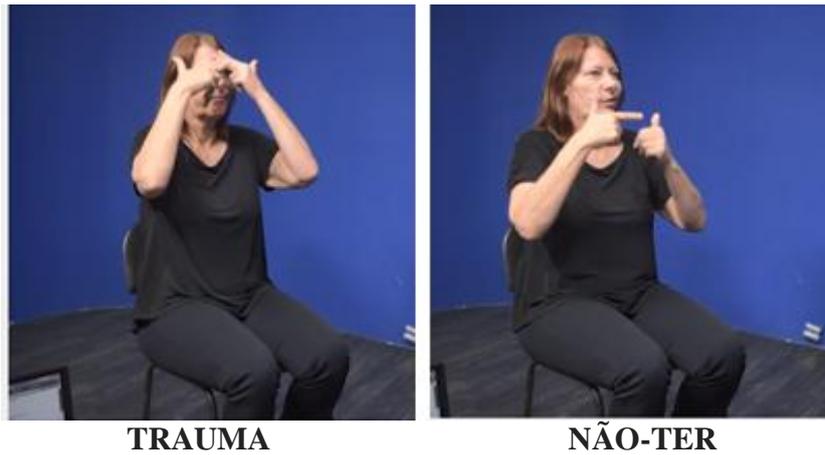


- c) Tempo no vídeo em que ocorre o exemplo: 16:59
- d) Foi preciso buscar a imagem de frente? Não.

Parte II: nossa análise do exemplo 2

- a) Nossa imagem, glosa e tradução do exemplo 2:

Imagem 2 - Karin_Strobel_Análise_Exemplo_2_F10



TRAUMA

NÃO-TER

“Trauma, não tenho.”

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

b) Análise do exemplo 2 no ELAN:

Figura 98: análise do exemplo 2 no ELAN

	00:16:57.500	00:16:58.000	00:16:58.500	00:16:59.000	00:16:59.500	00:17:00.000	00:17:00.500	00:17:01.000	00:17:01.500	00:17:02.000
INCLINAÇÃO DA CABEÇA										
MOVIMENTO DAS SOBRANCELHAS										
MOVIMENTO DOS OLHOS						^.....	>			
GLOSAS						<TRAUMA>t	...n... NÃO-TER			
MOVIMENTO DAS MÃOS						2m(1x)				
USO DAS MÃOS										
INCLINAÇÃO OU MUDANÇA DO CORP										
OUTRA MARCA NÃO-MANUAL						><.....				
TRADUÇÃO						Trauma, não tenho.				

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

c) Síntese da análise do exemplo 2 no ELAN:

1. Inclinação da cabeça: não.
2. Movimento/elevação das sobrancelhas:
 - a. Não.
 - b. Se sim, ficou restrita ao tópico ou avançou para o resto da frase?
3. Movimento dos olhos: sim, dirigiu os olhos para cima.

4. Uso de forma diferente das mãos no tópico: não.
5. Inclinação ou mudança do corpo: não.
6. Outra marca não manual: boca fechada e franzida.
7. Alongamento do sinal (o sinal demorou mais ou foi mais amplo?): não.
8. Houve pausa entre o tópico e o resto da frase: não.
9. Houve repetição do tópico dentro da frase: não.
10. Ordem de constituintes: O(S)V
11. Observações.

(3)

“29) OSV. Informação nova. [MAIS PODER]_{top} EU TER



Tradução: ‘Eu tenho mais poder’.

Contexto: Ela tem mais poder quando tem a libras como L1 e português como L2 escrita.”

(Jeremias, 2020, p. 149)

Parte I: informações básicas sobre o exemplo 3

- a) Identificar o(a) entrevistado(a): Karin Lilian Strobel;
- b) Link do vídeo (câmera 3);



- c) Tempo no vídeo em que ocorre o exemplo: 22:51.490 – 22:54.050
- d) Foi preciso buscar a imagem de frente? Não.

Parte II: nossa análise do exemplo 3

- a) Nossa imagem, glosa e tradução do exemplo 3:

Imagem 3 – Karin_Strobel_Análise_Exemplo_3_F10

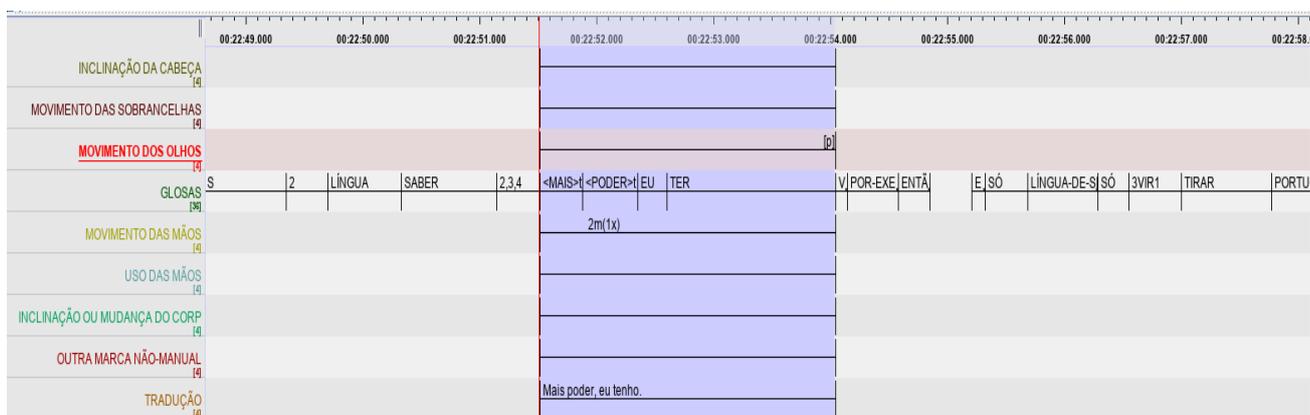


“Mais poder, eu tenho.”

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

- b) Análise do exemplo 3 no ELAN:

Figura 99: análise do exemplo 3 no ELAN



(fonte: elaborado pelo autor (2023))

- c) Síntese da análise do exemplo 3 no ELAN:
1. Inclinação da cabeça: não.
 2. Movimento/elevação das sobrancelhas:
 - a. Não.
 - b. Se sim, ficou restrita ao tópico ou avançou para o resto da frase?
 3. Movimento dos olhos: não.
 4. Uso de forma diferente das mãos no tópico: não.
 5. Inclinação ou mudança do corpo: não.
 6. Outra marca não manual: não.
 7. Alongamento do sinal (o sinal demorou mais ou foi mais amplo?): não.
 8. Houve pausa entre o tópico e o resto da frase: não.
 9. Houve repetição do tópico dentro da frase: não.
 10. Ordem de constituintes: OSV
 11. Observações.

(4)

“30) SOV. Informação nova. EU [LIVRO PUBLICAR]top NÃO TER



Tradução: ‘Eu não teria livros publicados’.

Contexto: Se ela não tivesse adquirido português como L2 escrita, ela não teria publicado seu livro sobre cultura surda.”

(Jeremias, 2020, p. 150)

Parte I:

- a) Identificar o(a) entrevistado(a): Karin Lilian Strobel;

b) Link do vídeo (câmera 3);



c) Tempo no vídeo em que ocorre o exemplo: 22:58.280 – 23:00.130

d) Foi preciso buscar a imagem de frente? Não.

Parte II: nossa análise do exemplo 4

a) Nossa imagem, glosa e tradução do exemplo 4

Imagem 4 – Karin_Lilian_Strobel_Análise_Exemplo_4_F10



“Eu, livros, não teria publicado.”
(fonte: elaborado pelo autor (2023))

b) Análise do exemplo 4 no ELAN:

³⁴ A colaboradora sinalizou ESPALHAR, porém no contexto em Libras, o sinal seria PUBLICAR, sinal diferente da frase sinalizada por ela.

Figura 100: análise do exemplo 4 no ELAN.

	00:22:56.000	00:22:57.000	00:22:58.000	00:22:59.000	00:23:00.000	00:23:01.000	00:23:02.000	00:23:03.000	
INCLINAÇÃO DA CABEÇA				IO.....					
MOVIMENTO DAS SOBRANCELHAS				Λ.....					
MOVIMENTO DOS OLHOS				[o]..					
GLOSAS	E SÓ	LÍNGUA-DE-SINA SÓ	3VIR1	TIRAR	PORTUGUÊ	EU	<LIVRO>	ESPALHAR	n.....NÃO-TER
MOVIMENTO DAS MÃOS							2m(1x)		
USO DAS MÃOS									
INCLINAÇÃO OU MUDANÇA DO CORP							//°.....		
OUTRA MARCA NÃO-MANUAL									
TRADUÇÃO						Eu, livros, não teria publicados.			

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

c) Síntese da análise do exemplo 4 no ELAN:

1. Inclinação da cabeça: não.
2. Movimento/elevação das sobrancelhas:
 - a. Sim.
 - b. Se sim, ficou restrita ao tópico ou avançou para o resto da frase? Ficou restrita ao tópico.
3. Movimento dos olhos: apresentou uma piscada no final do EU, sujeito da frase, e no início do LIVRO, objeto da frase.
4. Uso de forma diferente das mãos no tópico: não.
5. Inclinação ou mudança do corpo: inclinação do corpo para frente no final do sinal ESPALHAR e do sinal NÃO-TER, mas não no tópico.
6. Outra marca não manual: não.
7. Alongamento do sinal (o sinal demorou mais ou foi mais amplo?): não.
8. Houve pausa entre o tópico e o resto da frase: não.
9. Houve repetição do tópico dentro da frase: não.
10. Ordem de constituintes: SOV
11. Observações: Apesar de a colaboradora articular bem a boca ao falar em Libras, ela não apresenta características específicas não manuais da Libras.

(5)

“31) SOV. Informação velha. EU [PODER]top TER



Tradução: ‘Eu tenho poder’.

Contexto: Ela se sente empoderada por ter uma cultura e identidade surda.”

(Jeremias, 2020, p. 150)

Parte I: informações básicas sobre o exemplo 5

- a) Identificar o(a) entrevistado(a): Karin Lilian Strobel;
- b) Link do vídeo (câmera 3);

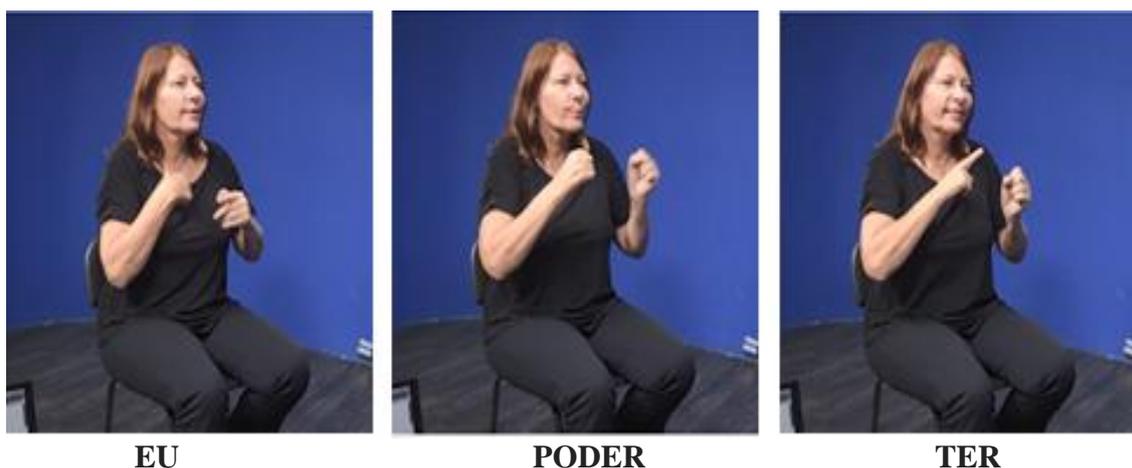


- c) Tempo no vídeo em que ocorre o exemplo: 23:11.015 – 23:11.955
- d) Foi preciso buscar a imagem de frente? Não.

Parte II: nossa análise do exemplo 5.

- a) Nossa imagem, glosa e tradução do exemplo 5.

Imagem 5 – Karin_Lilian_Strobel_Análise_Exemplo_5_F10

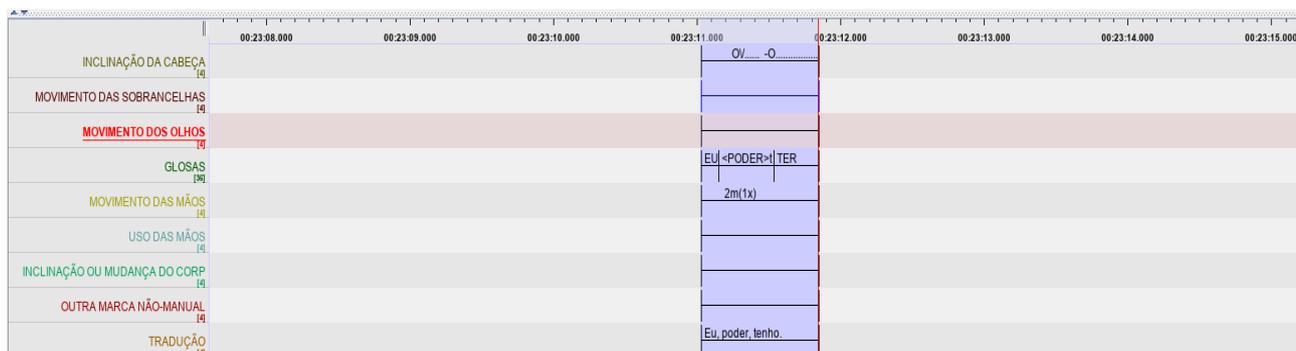


“Eu, poder, tenho.”

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

b) Análise do exemplo 5 no ELAN:

Figura 101: análise do exemplo 5 no ELAN.



(fonte: elaborado pelo autor (2023))

c) Síntese da análise do exemplo 5 no ELAN:

1. Inclinação da cabeça: sim, duas inclinações da cabeça, uma inclinação de cabeça para baixo no sinal PODER (objeto) e a outra com inclinação da cabeça para o lado esquerdo entre o objeto e o verbo.
2. Movimento/elevação das sobrancelhas:
 - a. Não.
 - b. Se sim, ficou restrita ao tópico ou avançou para o resto da frase?

3. Movimento dos olhos: não.
4. Uso de forma diferente das mãos no tópico: não.
5. Inclinação ou mudança do corpo: não.
6. Outra marca não manual: apesar da colaboradora articular a boca, não apresentou outra marca não manual característica da Libras.
7. Alongamento do sinal (o sinal demorou mais ou foi mais amplo?): não.
8. Houve pausa entre o tópico e o resto da frase: não.
9. Houve repetição do tópico dentro da frase: não.
10. Ordem de constituintes: SOV
11. Observações.

(6)

“36) (S)OV. Informação nova. X [APOIO]top NÃO TER



Tradução: ‘Eu tive apoio’

Contexto: Sobre ela sempre ter tido apoio da família.”

(Jeremias, 2020, p. 152)

Parte I: informações básicas sobre o exemplo 6

a) Entrevistada: Patrícia Luiza Ferreira Rezende;

- b) Link do vídeo (câmera 3);

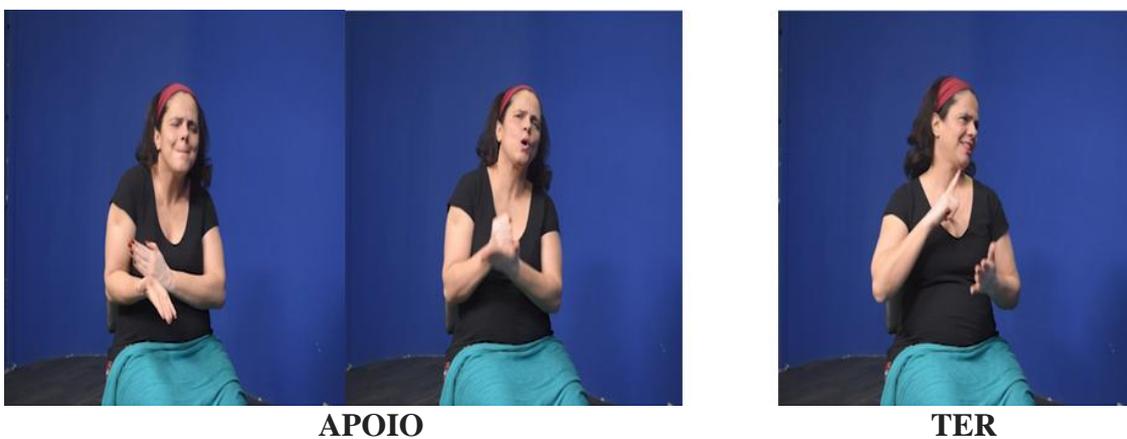


- c) Tempo no vídeo em que ocorre o exemplo: 27:16.548 – 27:18.218
- d) Foi preciso buscar a imagem de frente? Não.

Parte II: nossa análise do exemplo 6

- a) Nossa imagem, glosa e tradução do exemplo 6.

Imagem 6 - Patrícia_Rezende_Exemplo_06_F17

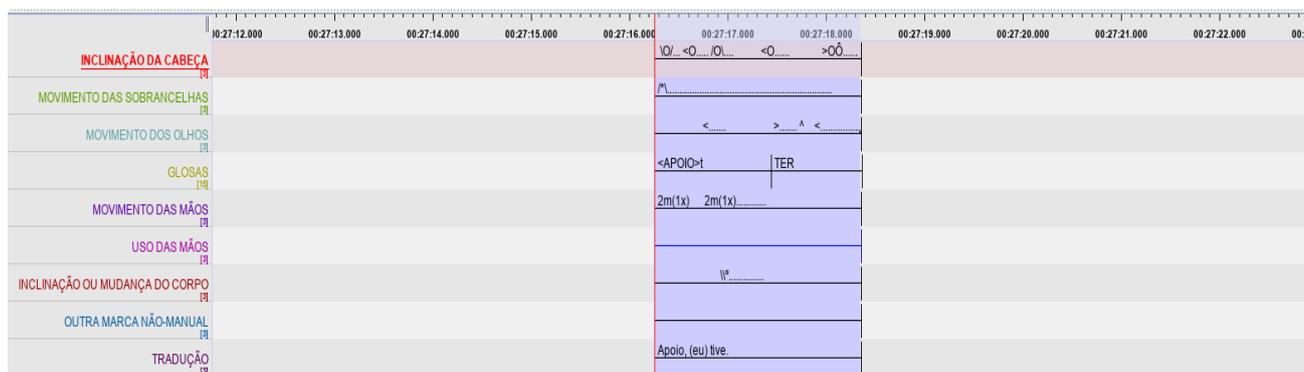


“Apoio, (eu) tive.”

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

- b) Análise do exemplo 6 no ELAN:

Figura 102: análise do exemplo 6 no ELAN



(fonte: elaborado pelo autor (2023))

c) Síntese da análise do exemplo 6 no ELAN:

1. Inclinação da cabeça: sim, com quatro inclinações da cabeça. Inicialmente, a colaboradora apresentou uma inclinação da cabeça para frente, depois com movimento rotativo da cabeça do centro para esquerda, após esta inclinação, apresentou uma inclinação de cabeça para trás e repetiu o movimento rotativo da cabeça do centro para esquerda.
2. Movimento/elevação das sobrancelhas:
 - a. Sim. Sobrancelhas levantadas, acompanhadas do cenho franzido.
 - b. Se sim, ficou restrita ao tópico ou avançou para o resto da frase? Avançou para maior parte da frase.
3. Movimento dos olhos: sim. Uma pequena direção do olhar para esquerda.
4. Uso de forma diferente das mãos no tópico: não.
5. Inclinação ou mudança do corpo: sim. Inclinação do corpo para trás.
6. Outra marca não manual: não.
7. Alongamento do sinal (o sinal demorou mais ou foi mais amplo?): não.
8. Houve pausa entre o tópico e o resto da frase: não.
9. Houve repetição do tópico dentro da frase: não.
10. Ordem de constituintes: O(S)V
11. Observações.

(7)

“44) (S)OV. Informação nova. X [FALA ORAL]top TER



Tradução: ‘Tinha fala.’

Contexto: Ela sabia oralizar e, portanto, esporadicamente, interpretava da libras para o português.”

(Jeremias, 2020, p. 156)

Parte I: informações básicas sobre o exemplo 7

- a) Entrevistado(a): Shirley Vilhalva;
- b) Link do vídeo (vídeo 3);



- c) Tempo no vídeo em que ocorre o exemplo: 10:15.559-10:19.859
- d) Foi preciso buscar a imagem de frente? Não.

Parte II: nossa análise do exemplo 7

- a) Nossa imagem, glosa e tradução do exemplo 7:

Imagem 7 - Shirley_Vilhalva_Análise_Exemplo_07_F01



“Uma fala oral, (eu) tinha.”
(fonte: elaborado pelo autor (2023))

b) Análise do exemplo 7 no ELAN.

Figura 103: análise do exemplo 7 no ELAN.



(fonte: elaborado pelo autor (2023))

c) Síntese da análise do exemplo 7 no ELAN:

1. Inclinação da cabeça: não.
2. Movimento/elevação das sobrancelhas:
 - a. Não.
 - b. Se sim, ficou restrita ao tópico ou avançou para o resto da frase?
3. Movimento dos olhos: não.
4. Uso de forma diferente das mãos no tópico: não.

5. Inclinação ou mudança do corpo: não.
6. Outra marca não manual: sim, boca articulada (abre e fecha a boca).
7. Alongamento do sinal (o sinal demorou mais ou foi mais amplo?): não.
8. Houve pausa entre o tópico e o resto da frase: não.
9. Houve repetição do tópico dentro da frase: não.
10. Ordem de constituintes: O(S)V
11. Observações: Embora a colaboradora articula bem a boca por influência do português, houve o uso da articulação de boca para identificar o sinal FALAR-ORAL. Esta marca não manual é uma das características da Libras.

(8)

“56) (S)OV. Informação nova. X [LS]top TER



Tradução: “Tenho língua de sinais”.

Contexto: Ela explica que ter uma LS permite que ela tenha uma vida plena.”

(Jeremias, 2020, p. 162)

Parte I: informações básicas sobre o exemplo 8:

- a) Entrevistado(a): Simone Gonçalves de Lima da Silva;
- b) Link do vídeo (câmera 3);



- c) Tempo no vídeo em que ocorre o exemplo: 16:15.806 – 16:17.376
- d) Foi preciso buscar a imagem de frente? Não. Mas tivemos de completar a frase.

Parte II: nossa análise do exemplo 8

- a) Nossa imagem, glosa e tradução do exemplo 8:

Imagem 8 - Simone_Silva_Análise_Exemplo_8_F19



LÍNGUA-DE-SINAIS



TER



ENTÃO



EU



CONSEGUIR



VIVER



PEGAR



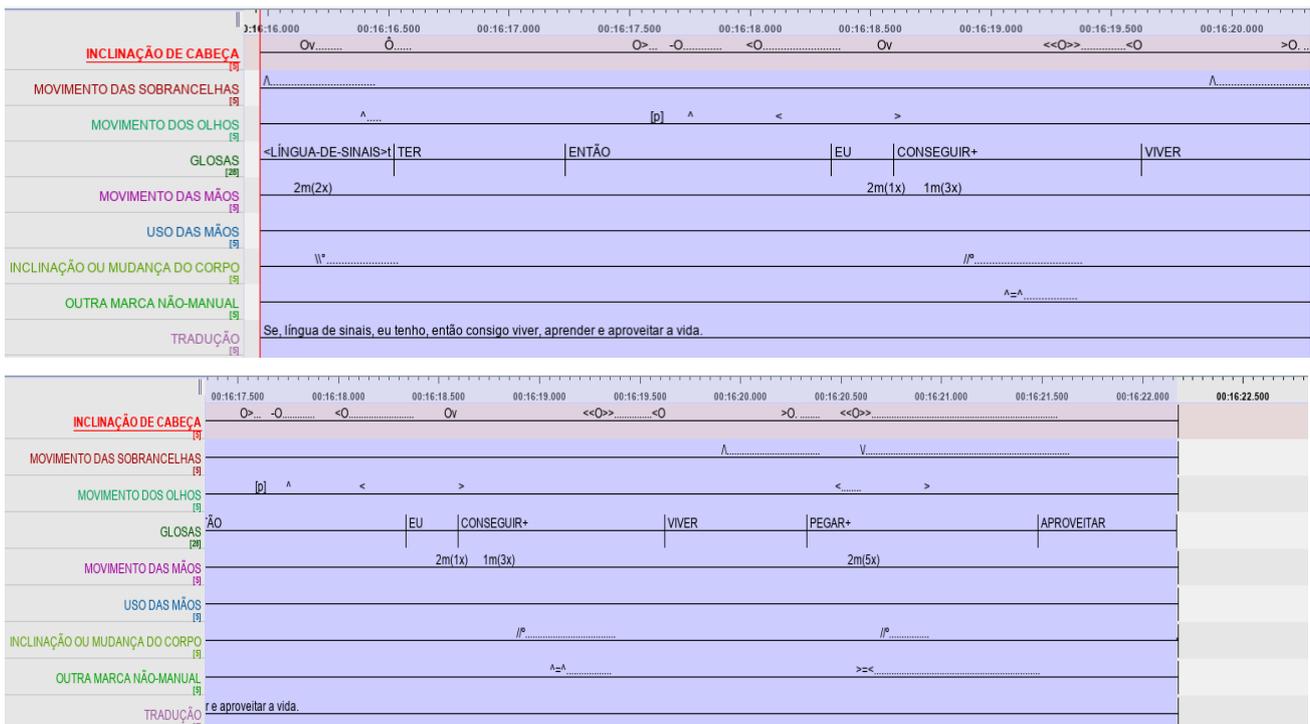
APROVEITAR

“Se, língua de sinais, (eu) tenho, então eu consigo viver, aprender e aproveitar a vida.”

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

b) Análise do exemplo no ELAN:

Figura 104: análise do exemplo 8 no ELAN.



(fonte: elaborado pelo autor (2023))

c) Síntese da análise do exemplo 8 no ELAN:

1. Inclinação da cabeça: sim, duas inclinações da cabeça, uma inclinação de cabeça para baixo no sinal LÍNGUA-DE-SINAIS e outra inclinação da cabeça para cima quando ela sinaliza o objeto da frase.
2. Movimento/elevação das sobrancelhas:
 - a. Sim.
 - b. Se sim, ficou restrita ao tópico ou avançou para o resto da frase? Ficou restrita ao tópico.
3. Movimento dos olhos: sim, uma breve direção do olhar para cima.
4. Uso de forma diferente das mãos no tópico: não.
5. Inclinação ou mudança do corpo: sim, inclinação do corpo para trás.
6. Outra marca não manual: não.
7. Alongamento do sinal (o sinal demorou mais ou foi mais amplo?): não.
8. Houve pausa entre o tópico e o resto da frase: não.
9. Houve repetição do tópico dentro da frase: não.
10. Ordem de constituintes: O(S)V
11. Observações: Acrescentei mais informações à frase para que ela faça sentido.

(9)

“62) SOV. Informação nova. EU [AQUISIÇÃO]_{top} NÃO TER



Tradução: ‘Eu não tive aquisição’.

Contexto: Em função da diferença linguística, ele não teve aquisição do português L2 de modo pleno.”

Parte I: informações básicas sobre o exemplo 9

- a) Entrevistado(a): Tibiriçá Vianna Maineri³⁵;
- b) Link do vídeo (câmera 3);

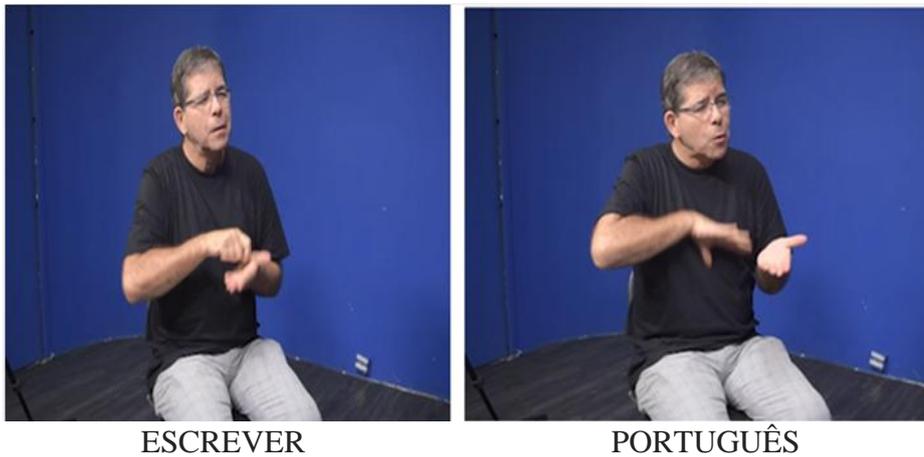


- c) Tempo no vídeo em que ocorre o exemplo: 02:24.964 – 02:25.792.
- d) Foi preciso buscar a imagem de frente? Não. Mas tivemos de acrescentar trechos para dar sentido à frase.

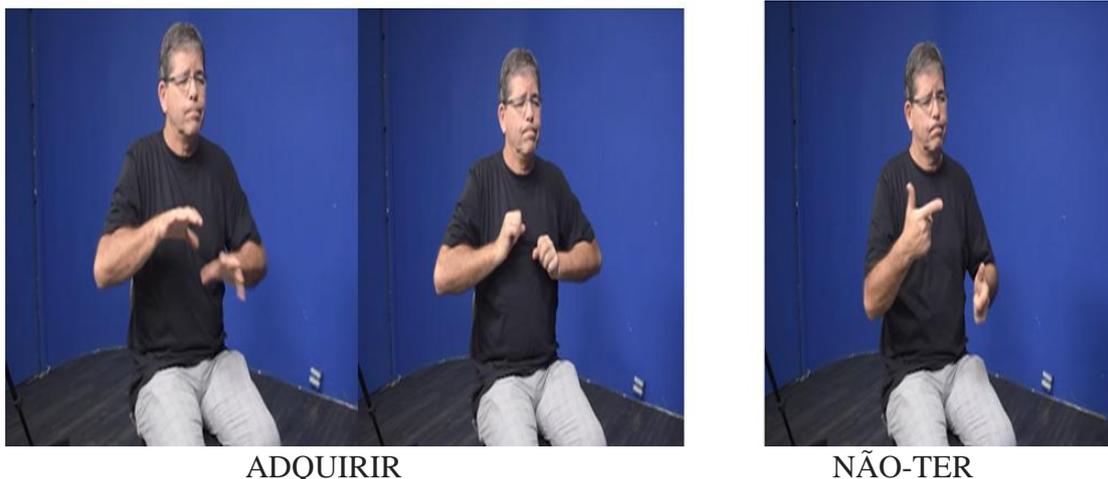
Parte II: nossa análise do exemplo 9

- a) Nossa imagem, glosa e tradução do exemplo 9:

Imagem 9 - Tibiriçá_Mainéri_Análise_Exemplo_9_M01



³⁵ O participante apresentou apenas seu nome inicial.

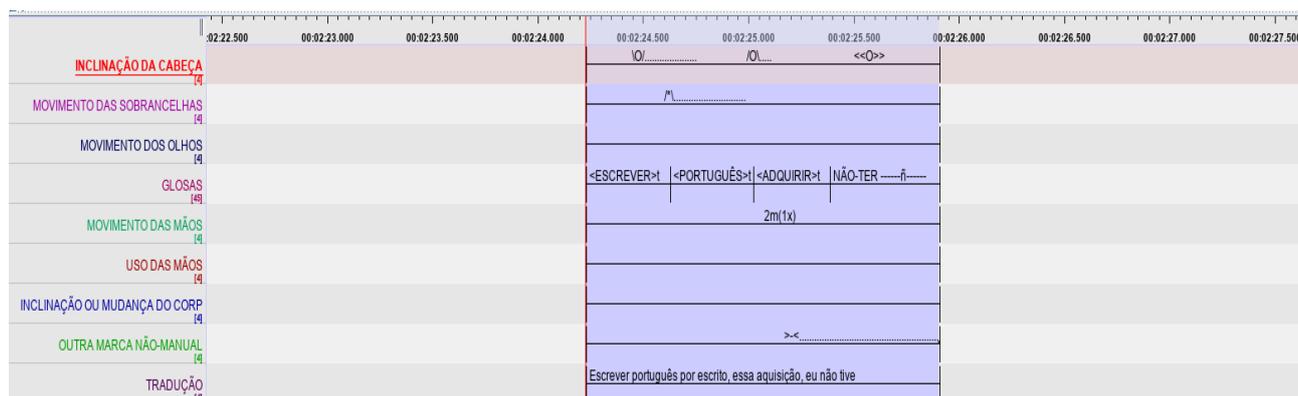


“Escrever português por escrito, essa aquisição, eu não tive.”

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

b) Análise do exemplo no ELAN:

Figura 105: análise do exemplo 9 no ELAN



(fonte: elaborado pelo autor (2023))

c) Síntese da análise do exemplo 9 no ELAN:

1. Inclinação da cabeça: sim, inclinação de cabeça para frente na metade do sinal ESCREVER e em uma parte do sinal PORTUGUÊS e no final da inclinação da cabeça para trás quando sinalizou ESCREVER PORTUGUÊS e no início do sinal ADQUIRIR

2. Movimento/elevação das sobrancelhas:
 - a. Sim. Sobrancelhas levantadas acompanhadas do cenho franzido.
 - b. Se sim, ficou restrita ao tópico ou avançou para o resto da frase? Ficou restrita ao tópico PORTUGUÊS.
3. Movimento dos olhos: não.
4. Uso de forma diferente das mãos no tópico: não.
5. Inclinação ou mudança do corpo: não.
6. Outra marca não manual: não.
7. Alongamento do sinal (o sinal demorou mais ou foi mais amplo?): não.
8. Houve pausa entre o tópico e o resto da frase: não.
9. Houve repetição do tópico dentro da frase: não.
10. Ordem de constituintes: SOV
11. Observações: Acrescentei mais informações à frase para sua melhor compreensão e também para mostrar o que está sendo topicalizado. Os tópicos da frase são ESCREVER PORTUGUÊS e ADQUIRIR.

7.2.2. Dados com o verbo ADQUIRIR:

Separamos 2 exemplos com o verbo ADQUIRIR. Esse verbo é considerado do tipo não direcional, simples ou sem concordância (cf. Brito, 2010; Quadros e Karnopp, 2004).

(10)

“68) (S)OV. Informação nova. X [LÍNGUA DE SINAIS]top ADQUIRIR



Tradução: ‘Adquiri LS.’

Contexto: Ela explique (*sic*) adquiriu LS quando estudava no Rio de Janeiro.”

(Jeremias, 2020, p. 169)

Parte I: informações básicas sobre o exemplo 10

a) Entrevistado(a): Fernanda de Araújo Machado;

b) Link do vídeo (câmera 3);



c) Tempo no vídeo em que ocorre o exemplo: 25:30.721 – 25:31.801

d) Foi preciso buscar a imagem de frente? Sim. Colocamos a nova imagem na parte II.

Parte II: nossa análise do exemplo 10

a) Nossa imagem, glosa e tradução do exemplo 10:

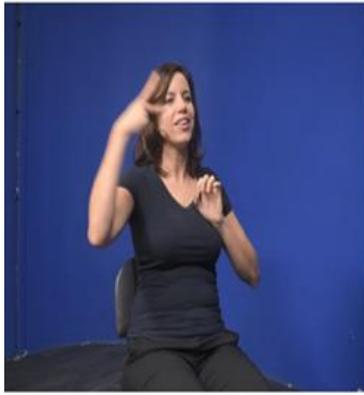
Imagem 10 - Fernanda_Machado_Análise_Exemplo_10_F15



LÍNGUA-DE-SINAIS



ADQUIRIR



SE@ (LÁ)³⁶



RIO DE JANEIRO

“A língua de sinais, adquiri lá, no Rio de Janeiro.”

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

b) Análise do exemplo 10 no ELAN:

Figura 106: análise do exemplo 10 no ELAN

	00:25:30.500	00:25:31.000	00:25:31.500	00:25:32.000	00:25:32.500	00:25:33.000	00:25:33.500	00:25:34.000
INCLINAÇÃO DE CABEÇA								
MOVIMENTO DAS SOBRANCELHAS								
MOVIMENTO DOS OLHOS			[p]>			[p]		
GLOSAS			<LÍNGUA-DE-SINAIS>	ADQUIRIR	SE@	R+O		
MOVIMENTO DAS MÃOS			2m(2x)	2m(1x)				
USO DAS MÃOS								
INCLINAÇÃO OU MUDANÇA DO CORPO								
OUTRA MARCA NÃO-MANUAL			<O>	><		A=A		
TRADUÇÃO			A língua de sinais, adquiri lá, no Rio de Janeiro.					

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

c) Síntese da análise do exemplo 10 no ELAN:

1. Inclinação da cabeça: não.
2. Movimento/elevação das sobrancelhas:
 - a. Não.
 - b. Se sim, ficou restrita ao tópico ou avançou para o resto da frase?
3. Movimento dos olhos: sim, piscada e direção do olhar para direita.

³⁶ Embora a colaboradora tenha sinalizado SE@ (seu ou sua), o significado correto é LÁ.

4. Uso de forma diferente das mãos no tópico: não.
5. Inclinação ou mudança do corpo: não.
6. Outra marca não manual: sim, boca aberta.
7. Alongamento do sinal (o sinal demorou mais ou foi mais amplo?): não.
8. Houve pausa entre o tópico e o resto da frase: não.
9. Houve repetição do tópico dentro da frase: não.
10. Ordem de constituintes: O(S)V
11. Observações: Acrescentei informações à frase para tornar mais compreensível o sentido dela.

(11)

“70) (S)OV. Informação nova. X [LÍNGUA DE SINAIS]top ADQUIRIR



Tradução: ‘Adquiri LS’.

Contexto: Ela explica que adquiriu LS e depois disso sempre usa esta língua para comunicação.”

(Jeremias, 2020, p. 170)

Parte I: informações básicas sobre o exemplo 11

a) Entrevistado(a): Simone Gonçalves de Lima da Silva;

- b) Link do vídeo (câmera 3);



- c) Tempo no vídeo em que ocorre o exemplo: 14:34.847 – 14:36.497
d) Foi preciso buscar a imagem de frente? Não.

Parte II: nossa análise do exemplo 11

- a) Nossa imagem, glosa e tradução do exemplo 11:

Imagem 11 - Simone_Silva_Análise_Vídeo_11_F19



LÍNGUA-DE-SINAIS



ADQUIRIR

“Língua de sinais, (eu) adquiri.”

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

- b) Análise do exemplo 11 no ELAN:

Figura 107: análise do exemplo 11 no ELAN

	00:14:33.500	00:14:34.000	00:14:34.500	00:14:35.000	00:14:35.500	00:14:36.000	00:14:36.500	00:14:37.000	00:14:37.500	00:14:38.000
INCLINAÇÃO DE CABEÇA [F]				Ov.....	Oc.....					
MOVIMENTO DAS SOBRANCELHAS [F]				Λ.....						
MOVIMENTO DOS OLHOS [F]					A					
GLOSAS [F]					<LÍNGUA-DE-SINAIS> ADQUIRIR					
MOVIMENTO DAS MÃOS [F]				2m(1x)	2m(1x)					
USO DAS MÃOS [F]										
INCLINAÇÃO OU MUDANÇA DO CORPO [F]										
OUTRA MARCA NÃO-MANUAL [F]										
TRADUÇÃO [F]					Língua de sinais, adquiri.					

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

c) Síntese da análise do exemplo 11 no ELAN:

1. Inclinação da cabeça: sim, inclinação de cabeça para baixo.
2. Movimento/elevação das sobrancelhas:
 - a. Sim. Sobrancelhas levantadas.
 - b. Se sim, ficou restrita ao tópico ou avançou para o resto da frase? Avançou do tópico até uma parte do verbo.
3. Movimento dos olhos: sim, direção do olhar para cima.
4. Uso de forma diferente das mãos no tópico: não.
5. Inclinação ou mudança do corpo: não.
6. Outra marca não manual: não.
7. Alongamento do sinal (o sinal demorou mais ou foi mais amplo?): não.
8. Houve pausa entre o tópico e o resto da frase: não.
9. Houve repetição do tópico dentro da frase: não.
10. Ordem de constituintes: O(S)V
11. Observações: não.

7.2.3. Dados com o verbo MOSTRAR:

Separamos 3 exemplos com o verbo MOSTRAR. Esse verbo é considerado do tipo direcional e com concordância (cf. Brito, 2010; Quadros e Karnopp, 2004).

(12)

“72) ¹¹¹ (S)OV. Informação nova. X [IDENTIDADE SURDA]top MOSTRAR



Tradução: ‘Mostra a identidade surda’.

Contexto: ela explica que a língua de sinais mostra vários aspectos da cultura surda, dentre eles a identidade.”

NOTA 111: “sentença reproduzida duas vezes.”

(Jeremias, 2020, p. 171)

Parte I:

- a) Entrevistado(a): Sédina dos Santos Jales Ferreira;
- b) Link do vídeo (câmera 3);

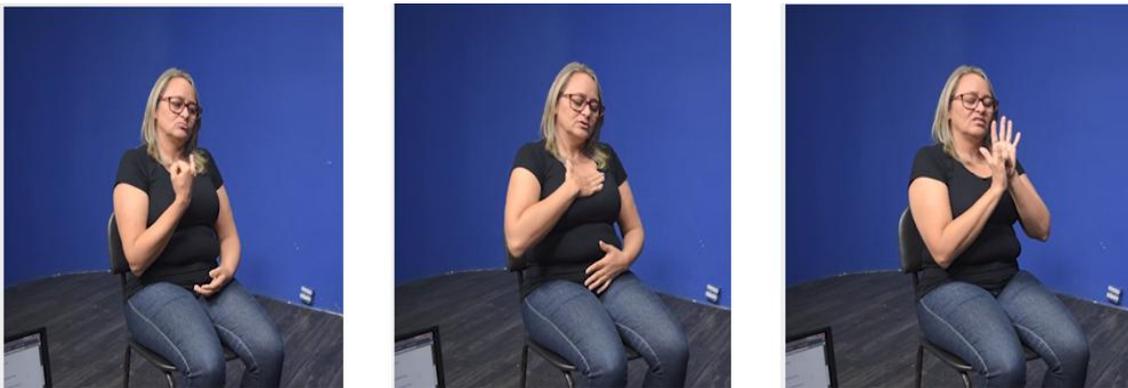


- c) Tempo no vídeo em que ocorre o exemplo: 14:10.360 – 14:12.740.
- d) Foi preciso buscar a imagem de frente? Não.

Parte II: nossa análise do exemplo 12

- a) Nossa imagem, glosa e tradução do exemplo 12:

Imagem 12 - Sédina_Ferreira_Análise_Exemplo_12_F06



IMPORTANTE

ME@

IDENTIDADE



SURDA



MOSTRAR

“(É) importante, minha identidade surda, mostrar (para a sociedade).”

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

b) Análise do exemplo 12 no ELAN:

Figura 108: análise do exemplo 12 no ELAN



(fonte: elaborado pelo autor (2023))

c) Síntese da análise do exemplo 12 no ELAN:

1. Inclinação da cabeça: sim, duas inclinações da cabeça para frente e uma inclinação da cabeça para cima.
2. Movimento/elevação das sobrancelhas:
 - a. Não.
 - b. Se sim, ficou restrita ao tópico ou avançou para o resto da frase?
3. Movimento dos olhos: sim, direção do olhar para baixo e olhos fechados.
4. Uso de forma diferente das mãos no tópico: não.
5. Inclinação ou mudança do corpo: não.
6. Outra marca não manual: não.
7. Alongamento do sinal (o sinal demorou mais ou foi mais amplo?): não.
8. Houve pausa entre o tópico e o resto da frase: não.
9. Houve repetição do tópico dentro da frase: não.
10. Ordem de constituintes: O(S)V
11. Observações: Acrescentei informações à frase para tornar mais compreensível o sentido dela.

(13)

“73) (S)OV. Informação nova. X [SURD@]top MOSTRAR



Tradução: ‘Mostra o surdo’.

Contexto: LS mostra o surdo, a comunidade surda.”

Parte I: informações básicas sobre o exemplo 13

- a) Entrevistado(a): Sédina dos Santos Jales Ferreira;
- b) Link do vídeo (câmera 3);



- c) Tempo no vídeo em que ocorre o exemplo: 14:27.970 – 14:29.500
- d) Foi preciso buscar a imagem de frente? Sim. Ver na parte II.

Parte II: nossa análise do exemplo 13

- a) Nossa imagem, glosa e tradução do exemplo 13:

Imagem 13 - Sédina_Ferreira_Exemplo_13_F06



ORGULHO



LIBRAS



TAMBÉM



SURD@



MOSTRAR

“Orgulho da Libras e também de (ser) surda, mostro (para as pessoas).”

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

b) Análise do exemplo 13 no ELAN:

Figura 109: análise do exemplo 13 no ELAN

	00:14:25.500	00:14:26.000	00:14:26.500	00:14:27.000	00:14:27.500	00:14:28.000	00:14:28.500	00:14:29.000	00:14:29.500
INCLINAÇÃO DA CABEÇA			O>	ô	O<	VO	O	Ot	
MOVIMENTO DAS SOBRANCELHAS			Λ						
MOVIMENTO DOS OLHOS			[p]		[p]		[p]		
GLOSAS			<ORGULH@>t	<LIBRAS>t	<TAMBÉM>t	<SURD@>t	1MOSTRAR2	ENTÃO	
MOVIMENTO DAS MÃOS			2m(1x)	2m(2x)					
USO DAS MÃOS									
INCLINAÇÃO OU MUDANÇA DO CORPO									
OUTRA MARCA NÃO-MANUAL									
TRADUÇÃO			Orgulho da Libras e também de (ser) surda, mostro (para as pessoas).						

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

c) Síntese da análise do exemplo 13 no ELAN:

1. Inclinação da cabeça: sim, no tópico com cinco inclinações: movimento rotativo de cabeça do centro para direita, inclinação da cabeça para cima, movimento rotativo de cabeça de direita para centro, a inclinação de cabeça para frente e inclinação de cabeça para o lado direito.
2. Movimento/elevação das sobrancelhas:
 - a. Sim. Sobrancelhas levantadas.
 - b. Se sim, ficou restrita ao tópico ou avançou para o resto da frase? Restrita ao tópico ORGULHO.

3. Movimento dos olhos: sim, três piscadas do objeto.
4. Uso de forma diferente das mãos no tópico: não.
5. Inclinação ou mudança do corpo: não.
6. Outra marca não manual: não.
7. Alongamento do sinal (o sinal demorou mais ou foi mais amplo?): não.
8. Houve pausa entre o tópico e o resto da frase: não.
9. Houve repetição do tópico dentro da frase: não.
10. Ordem de constituintes: O(S)V
11. Observações: Acrescentei informações à frase para tornar mais compreensível o sentido dela.

(14)

“74)(S)OV. Informação nova. X [FAMÍLIA]top MOSTRAR



Tradução: ‘Mostra a família’.

Contexto: LS mostra a família do surdo.”

(Jeremias, 2020, p. 172)

Parte I: informações básicas sobre o exemplo 14

a) Entrevistado(a): Sédina dos Santos Jales Ferreira;

b) Link do vídeo (câmera 3)



c) Tempo no vídeo em que ocorre o exemplo: 14:30.400 – 14:31.780

d) Foi preciso buscar a imagem de frente? Não.

Parte II: Nossa imagem, glosa e tradução do exemplo 14

Imagem 14 - Sédina_Ferreira_Exemplo_14_F06



IMPORTANTE



TAMBÉM



ESS@



FAMÍLIA



MOSTRAR



EU



SIM³⁷

“(É) importante também, para essa família, mostrar que eu sou capaz.”

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

b) Análise do exemplo 14 no ELAN:

Figura 110: análise do exemplo 14 no ELAN

	0:14:29.500	00:14:30.000	00:14:30.500	00:14:31.000	00:14:31.500	00:14:32.000	00:14:32.500	00:14:33.000	00:14:33.500	00:14:34.000	00:14:34.500	00:14:35.000
INCLINAÇÃO DA CABEÇA		O= Ov	O=	O>		Ô						
MOVIMENTO DAS SOBRANCELHAS				Λ		V	V					
MOVIMENTO DOS OLHOS		[p]	[p]	>	->	[p]						
GLOSAS		IMPORTANTE	TAMBÉM	<-FAMILIA>t	ESS@	1MOSTRAR3	X(EU)	SIM				
MOVIMENTO DAS MÃOS			2m(1x)			2m(1x)						
USO DAS MÃOS												
INCLINAÇÃO OU MUDANÇA DO CORPO												
OUTRA MARCA NÃO-MANUAL												
TRADUÇÃO		(É) importante também, para essa família, mostrar que eu sou capaz.										

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

c) Síntese da análise do exemplo 14 no ELAN:

1. Inclinação da cabeça: sim, movimento rotativo de cabeça do centro para a direita.
2. Movimento/elevação das sobrancelhas:
 - a. Sim. Sobrancelhas levantadas e cenho franzido.
 - b. Se sim, ficou restrita ao tópico ou avançou para o resto da frase? Ficou restrita.

³⁷ A colaboradora apresentou o sinal SIM, afirmando a importância de sua capacidade para mostrar à família, apesar de não sinalizar explicitamente a palavra capaz.

3. Movimento dos olhos: sim, olhos fechados e uma piscada.
4. Uso de forma diferente das mãos no tópico: não.
5. Inclinação ou mudança do corpo: não.
6. Outra marca não manual: não.
7. Alongamento do sinal (o sinal demorou mais ou foi mais amplo?): não.
8. Houve pausa entre o tópico e o resto da frase: não.
9. Houve repetição do tópico dentro da frase: não.
10. Ordem de constituintes: O_{recipiente}(S)V
11. Observações: Acrescentei informações à frase para tornar mais compreensível o sentido dela.

7.2.4. Dados com o verbo QUERER:

Separamos 2 exemplos com o verbo QUERER. Esse verbo é considerado do tipo não direcional, simples ou sem concordância (cf. Brito, 2010; Quadros e Karnopp, 2004).

(15)

“78) OSV. Informação nova. [AUTOESTIMA]_{top} EU QUERER



Tradução: ‘Eu quero ter autoestima’.

Contexto: Ela explica que o ingresso no ensino superior tem importância subjetiva, pois promove autoestima.”

(Jeremias, 2020, p. 174)

Parte I: informações básicas sobre o exemplo 15

a) Entrevistado(a): Débora Campos Wanderley;

b) Link do vídeo (câmera 3):



c) Tempo no vídeo em que ocorre o exemplo: 09:02.380 – 09:05.730

d) Foi preciso buscar a imagem de frente? Não.

Parte II: nossa análise do exemplo 15

a) Nossa imagem, glosa e tradução do exemplo 15

Imagem 15 – Débora_Wardeley_Análise_Exemplo_15_F16



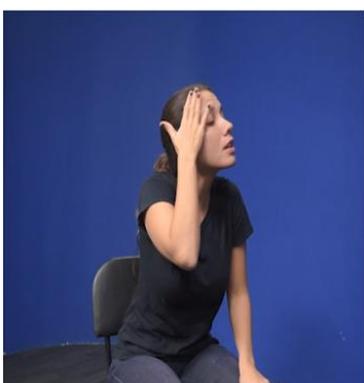
EU



O-QUE



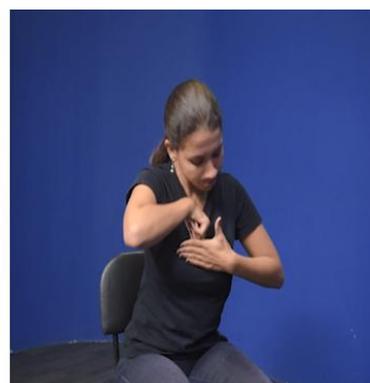
QUERER



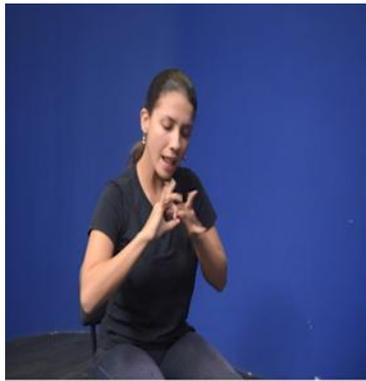
SABER



É



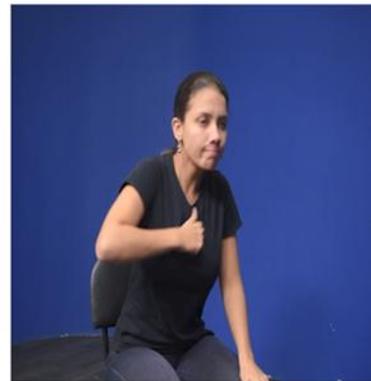
SUBJETIVIDADE



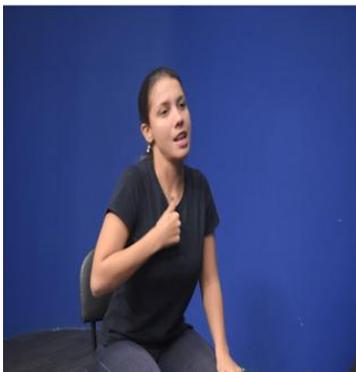
LIVRE



FELIZ



AUTOESTIMA



EU



ISSO



QUERER

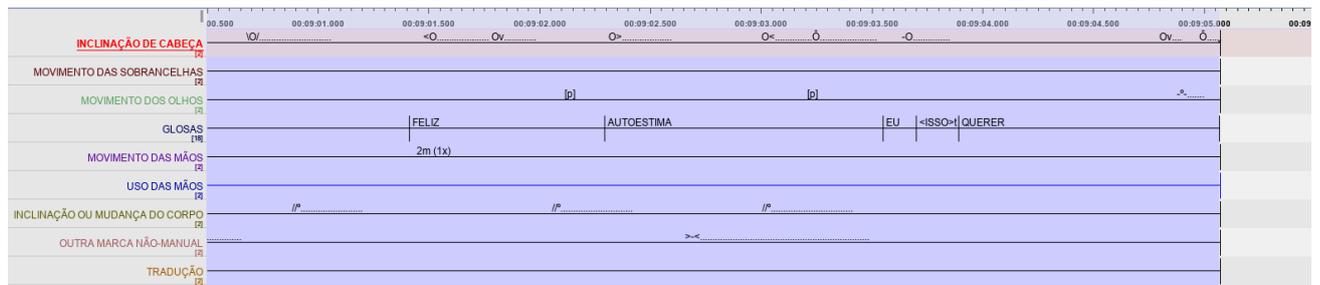
“O que eu quero saber é sobre a subjetividade, livre, feliz, autoestima e é isso que eu quero.”

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

b) Análise do exemplo 15 no ELAN:

Figura 111: análise do exemplo 15 no ELAN

	00:08:57.500	00:08:58.000	00:08:58.500	00:08:59.000	00:08:59.500	00:09:00.000	00:09:00.500	00:09:01.000	00:09:01.500	00:09:02.000
INCLINAÇÃO DE CABEÇA	Ó		Ov		Ó		VO/		<O	Ov
MOVIMENTO DAS SOBRANCELHAS	Λ									
MOVIMENTO DOS OLHOS		p		-						p
GLOSAS	EU	<O-QUE>	QUERER	SABER	É	SUBJETIVIDADE	LIVRE		FELIZ	
MOVIMENTO DAS MÃOS						2m (1x)			2m (1x)	
USO DAS MÃOS										
INCLINAÇÃO OU MUDANÇA DO CORPO			IP					IP		IP
OUTRA MARCA NÃO-MANUAL										
TRADUÇÃO	O que eu quero saber é sobre a subjetividade, livre, feliz, autoestima e é isso que eu quero.									



(fonte: elaborado pelo autor (2023))

c) Síntese da análise do exemplo 15 no ELAN:

1. Inclinação da cabeça: sim, inclinação de cabeça para cima no tópico O-QUE e uma inclinação de cabeça para o lado esquerdo no tópico ISSO.
2. Movimento/elevação das sobrancelhas:
 - a. Sim.
 - b. Se sim, ficou restrita ao tópico ou avançou para o resto da frase? Sim, sobrancelhas levantadas começando do sinal EU até o sinal É com uma parte da frase, inclusive no tópico.
3. Movimento dos olhos: não.
4. Uso de forma diferente das mãos no tópico: não.
5. Inclinação ou mudança do corpo: não.
6. Outra marca não manual: não.
7. Alongamento do sinal (o sinal demorou mais ou foi mais amplo?): não.
8. Houve pausa entre o tópico e o resto da frase: não.
9. Houve repetição do tópico dentro da frase: não.
10. Ordem de constituintes: OSV
11. Observações: Acrescentei informações à frase para tornar mais compreensível o sentido dela. Os tópicos da frase são O-QUE e ISSO.

(16)

“79) (S)OV. Informação nova. X [ESTUDAR]top QUERER



Tradução: ‘Queria estudar’.

Contexto: Ela queria estudar, mas o contexto oralista dificultava a aprendizagem.”

(Jeremias, 2020, p. 175)

Parte I: informações básicas sobre o exemplo 16

- a) Entrevistado(a): Sédina dos Santos Jales Ferreira;
- b) Link do vídeo (câmera 3);



- c) Tempo no vídeo em que ocorre o exemplo: 04:13.083 – 04:14.433
- d) Foi preciso buscar a imagem de frente? Não.

Parte II: nossa análise do exemplo 16

- a) Nossa imagem, glosa e tradução do exemplo 16:

Imagem 16 - Sédina_Ferreira_Análise_Exemplo_16_F06

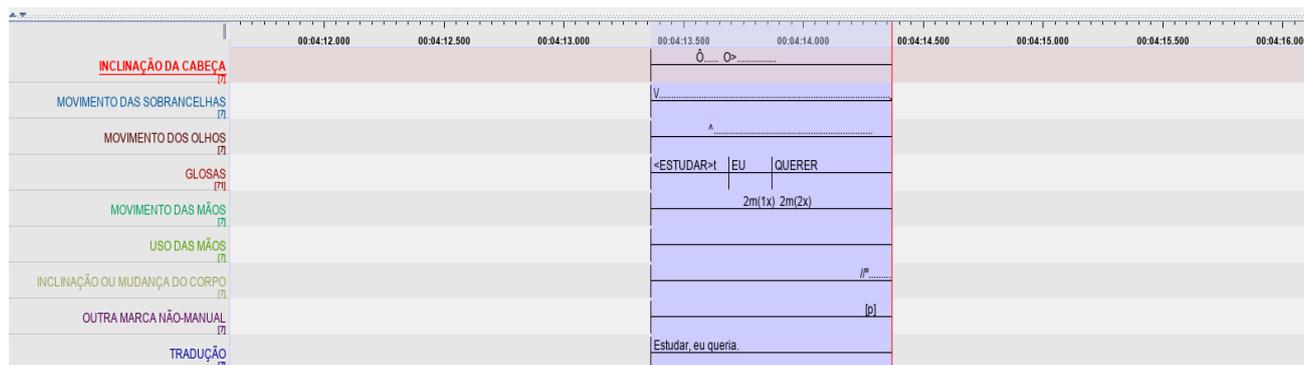


“Estudar, eu queria.”

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

b) Análise do exemplo 16 no ELAN³⁸:

Figura 112: análise do exemplo 16 no ELAN



(fonte: elaborado pelo autor (2023))

c) Síntese da análise do exemplo 15 no ELAN:

1. Inclinação da cabeça: sim, inclinação da cabeça para cima.
2. Movimento/elevação das sobrancelhas:

³⁸ Não há espaço para acrescentar na linha de “Movimento dos olhos” do ELAN, o símbolo de piscada dos olhos “[p]”, portanto, inclui este símbolo na linha de “Outra marca não manual”.

- a. Sim. Cenho franzido.
- b. Se sim, ficou restrita ao tópico ou avançou para o resto da frase? Avançou para o resto da frase.
3. Movimento dos olhos: sim, uma parte da direção do olhar para cima.
4. Uso de forma diferente das mãos no tópico: não.
5. Inclinação ou mudança do corpo: não.
6. Outra marca não manual: não.
7. Alongamento do sinal (o sinal demorou mais ou foi mais amplo?): não.
8. Houve pausa entre o tópico e o resto da frase: não.
9. Houve repetição do tópico dentro da frase: não.
10. Ordem de constituintes: OSV
11. Observações: Acrescentei informações à frase para tornar mais compreensível o sentido dela.

7.2.5. Dados com o verbo CONHECER:

Separamos 1 exemplo com o verbo CONHECER. Esse verbo é considerado do tipo não direcional, simples ou sem concordância (cf. Brito, 2010; Quadros e Karnopp, 2004).

(17)“81) OSV. Informação nova. [DEM]top EU CONHECER DEM¹¹²



Tradução: ‘Eu conhecia eles’.

Contexto: Quando ela começou a frequentar um grupo com surdos, ela identificou que conhecia as pessoas que estavam ali.”

Nota 112: “DEM é realizado simultaneamente a todos os elementos da frase. Sentença

com foco duplicado. Classificamos como sentença topicalizada, pois o objeto foi realizado na posição mais tópica da sentença.”

(Jeremias, 2020, p. 175 e 176.)

Parte I: informações básicas sobre o exemplo 17

- a) Entrevistado(a): Flaviane Reis;
- b) Link do vídeo (câmera 3);



- c) Tempo no vídeo em que ocorre o exemplo: 05:14.958 – 05:15.758
- d) Foi preciso buscar a imagem de frente? Sim. Ver parte II.

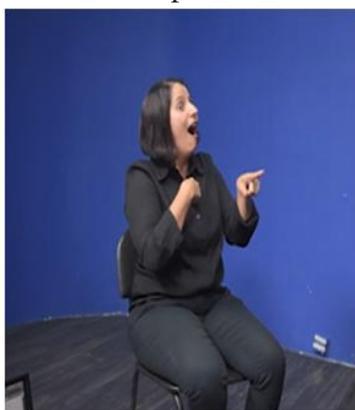
Parte II: nossa análise do exemplo 17

- a) Nossa imagem, glosa e tradução do exemplo 17:

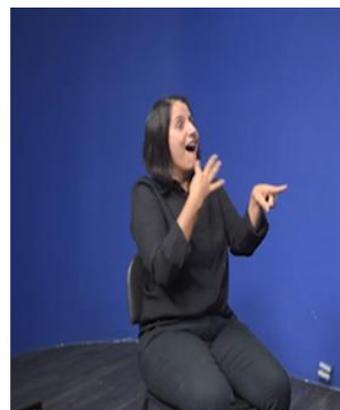
Imagem 17: Flaviane_Reis_Análise_Exemplo_17_F13³⁹



SURD@+VOCÊ

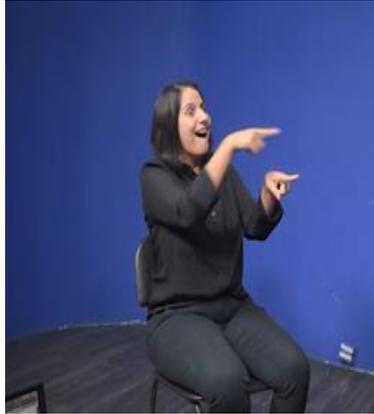


EU+VOCÊ



CONHECER+VOCÊ

³⁹ Dedo indicador apresentado pela elaboradora pode significar três opções: EL@, ESS@ ou VOCÊ. Optamos pelo último significado por estar relacionado ao contexto da colaboradora, mas se pode usar as outras duas opções também.



VOCÊ

“Você (é) surdo, eu, você, conheço você”

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

b) Análise do exemplo 17 no ELAN:

Figura 113: análise do exemplo 17 no ELAN

	00:95:14.000	00:95:14.500	00:95:15.000	00:95:15.500	00:95:16.000	00:95:16.500	00:95:17.000
INCLINAÇÃO DA CABEÇA [H]							
MOVIMENTO DAS SOBRANCELHAS [H]			Λ				
MOVIMENTO DOS OLHOS [H]			>				
GLOSAS [H]			<SURD@> EU	CONHECER	VOCÊ		
MOVIMENTO DAS MÃOS [H]							
USO DAS MÃOS [H]					vOCÊ@(me)		
INCLINAÇÃO OU MUDANÇA DO CORPO [H]							
OUTRA MARCA NÃO-MANUAL [H]							
TRADUÇÃO [H]							Você (é) surdo, eu, você, conheço você.

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

c) Síntese da análise do exemplo 17 no ELAN:

1. Inclinação da cabeça: não.
2. Movimento/elevação das sobrancelhas:
 - a. Sim. Sobrancelhas levantadas.
 - b. Se sim, ficou restrita ao tópico ou avançou para o resto da frase? Avançou até a metade do sinal VOCÊ.
3. Movimento dos olhos: sim, direção do olhar para direita.
4. Uso de forma diferente das mãos no tópico: sim. Pronome pessoal VOCÊ.
5. Inclinação ou mudança do corpo: sim. Inclinação do corpo para trás na metade do tópico.

6. Outra marca não manual: sim, boca aberta a partir do tópico até metade do sinal de VOCÊ.
7. Alongamento do sinal (o sinal demorou mais ou foi mais amplo?): não.
8. Houve pausa entre o tópico e o resto da frase: sim.
9. Houve repetição do tópico dentro da frase: não.
10. Ordem de constituintes: OSV ou O_xSO_xVO_x
11. Observações: Acrescentei informações à frase para melhorar sua compreensão.

7.2.6. Dados com o verbo CRIAR:

Separamos 1 exemplo com o verbo CRIAR. Esse verbo é considerado do tipo não direcional, simples ou sem concordância (cf. Brito, 2010; Quadros e Karnopp, 2004).

(18)

“82) (S)OV. Informação nova. X [PÓS LIBRAS]top CRIAR



Tradução: ‘Criaram pós em libras’.

Contexto: Ele concluiu a graduação e em seguida a universidade, na qual se formou, criou uma pós-graduação em libras.”

(Jeremias, 2020, p. 176)

Parte I: nossa análise do exemplo 18

a) Entrevistado(a): José Arnor de Lima;

b) Link do vídeo (câmera 3):



c) Tempo no vídeo em que ocorre o exemplo: 29:08.236 -29:09.576

d) Foi preciso buscar a imagem de frente? Não.

Parte II: nossa análise do exemplo 2

a) Nossa imagem, glosa e tradução do exemplo 18

Imagem 18 - Arnor_Análise_Exemplo_18_M08



DEPOIS



PÓS



LIBRAS



CRIAR



ESTÁCIO



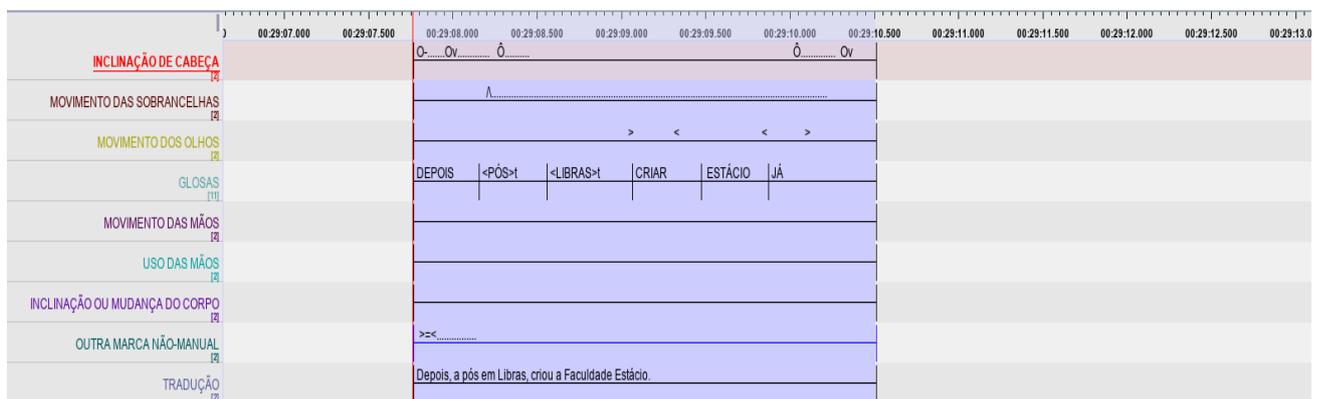
JÁ

“Depois, a pós em Libras, criou a Faculdade Estácio.”

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

b) Análise do exemplo 18 no ELAN:

Figura 114: análise do exemplo 18 no ELAN



(fonte: elaborado pelo autor (2023))

c) Síntese da análise do exemplo 18 no ELAN:

1. Inclinação da cabeça: sim, uma inclinação de cabeça para cima.
2. Movimento/elevação das sobrancelhas:
 - a. Sim. Sobrancelhas levantadas.
 - b. Se sim, ficou restrita ao tópico ou avançou para o resto da frase? A partir do

tópico e avançou até uma parte do sinal JÁ.

3. Movimento dos olhos: sim, direção do olhar para direita na mudança do sinal para CRIAR.
4. Uso de forma diferente das mãos no tópico: não.
5. Inclinação ou mudança do corpo: não.
6. Outra marca não manual: não.
7. Alongamento do sinal (o sinal demorou mais ou foi mais amplo?): não.
8. Houve pausa entre o tópico e o resto da frase: não.
9. Houve repetição do tópico dentro da frase: não.
10. Ordem de constituintes: OVS
11. Observações: Acrescentei mais informações à frase para melhorar sua compreensão.

7.2.7. Dados com o verbo USAR:

Separamos 2 exemplos com o verbo USAR. Esse verbo é considerado do tipo não direcional, simples ou sem concordância (cf. Brito, 2010; Quadros e Karnopp, 2004).

(19)

“84) (S)OV. Informação nova. X [LS]top USAR



Tradução: ‘Usava libras’.

Contexto: Ela sempre usa libras, evita oralização no meio de ouvintes.”

(Jeremias, 2020, p. 177)

Parte I: informações básicas sobre o exemplo 19

- a) Entrevistado(a): Priscilla Leonor Alencar Ferreira;
- b) Link do vídeo (câmera 3);



- c) Tempo no vídeo em que ocorre o exemplo: 10:49.047 – 10:49.637
- d) Foi preciso buscar a imagem de frente? Sim. Ver parte II.

Parte II: informações básicas sobre o exemplo 19

- a) Nossa imagem, glosa e tradução do exemplo 19

Imagem 19 - Priscilla_Leonor_Análise_Exemplo_19_F11



MAS



VERDADE



LÍNGUA-DE-SINAIS



USAR

“Mas, na verdade, língua de sinais, (eu) uso.”

Fonte: (elaborado pelo autor (2023))

b) Análise do exemplo 19 no ELAN

Figura 115: análise do exemplo 19 no ELAN

	00:10:47.500	00:10:48.000	00:10:48.500	00:10:49.000	00:10:49.500	00:10:50.000	00:10:50.500	00:10:51.000
INCLINAÇÃO DE CABEÇA [1]			Ov.....	-0...	Ov.....	Ô....		
MOVIMENTO DAS SOBRANCELHAS [1]			Λ.....					
MOVIMENTO DOS OLHOS [1]			>	<	[p]			
GLOSAS [4]			MAS	VERDADE	<LINGUA-DE-SINAIS>	USAR		
MOVIMENTO DAS MÃOS [1]					2m(1 x)			
USO DAS MÃOS [1]								
INCLINAÇÃO OU MUDANÇA DO CORPO [1]								
OUTRA MARCA NÃO-MANUAL [1]					≡	.-.		
TRADUÇÃO [1]					Mas, na verdade, língua de sinais, (eu) uso.			

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

c) Síntese da análise do exemplo 19 no ELAN:

1. Inclinação da cabeça: sim, inclinação da cabeça para baixo.
2. Movimento/elevação das sobrancelhas:
 - a. Não.
 - b. Se sim, ficou restrita ao tópico ou avançou para o resto da frase?
3. Movimento dos olhos: não.
4. Uso de forma diferente das mãos no tópico: não.

5. Inclinação ou mudança do corpo: não.
6. Outra marca não manual: sim, boca franzida para frente.
7. Alongamento do sinal (o sinal demorou mais ou foi mais amplo?): não.
8. Houve pausa entre o tópico e o resto da frase: não.
9. Houve repetição do tópico dentro da frase: não.
10. Ordem de constituintes: O(S)V
11. Observações: Acrescentei mais informações à frase para melhorar sua compreensão.

(20)

“85) SOV. Informação nova. SE MAIORIA PESSOAS [LS]top USAR



Tradução: ‘Se a maioria das pessoas usassem LS.’

Contexto: Ela explica que a imortalidade de uma língua de sinais depende do uso das pessoas.

(Jeremias, 2020, p. 178)

Parte I: informações básicas sobre o exemplo 20

- a) Entrevistado(a): Simone Gonçalves de Lima da Silva;
- b) Link do vídeo (câmera 3);



- b) Tempo no vídeo em que ocorre o exemplo: 12:01.988 – 12:05.858.
- c) Foi preciso buscar a imagem de frente? Não.

Parte II: nossa análise do exemplo 20

a) Nossa imagem, glosa e tradução do exemplo 20:

Imagem 20 - Simone_Silva_Análise_Exemplo_20_F19



“Se a maioria das pessoas, a língua de sinais, usasse.”

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

b) Análise do exemplo 20 no ELAN:

Figura 116: análise do exemplo 20 no ELAN

	00:12:01.000	00:12:02.000	00:12:03.000	00:12:04.000	00:12:05.000	00:12:06.000	00:12:07.000	00:12:08.000	00:12:09.000	00:12:10.000	00:12
INCLINAÇÃO DE CABEÇA											
MOVIMENTO DAS SOBRANCELHAS											
MOVIMENTO DOS OLHOS											
GLOSAS			SE	PESSOAS	MAIORIA	<LÍNGUA-DE-SINAIS>	USAR				
MOVIMENTO DAS MÃOS				2m(2x)	2m(3x)						
USO DAS MÃOS											
INCLINAÇÃO OU MUDANÇA DO CORPO											
OUTRA MARCA NÃO-MANUAL											
TRADUÇÃO			Se a maioria das pessoas, a língua de sinais, usasse.								

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

- c) Síntese da análise do exemplo 20 no ELAN:
1. Inclinação da cabeça: sim, movimento rotativo de cabeça do centro para a direita e inclinação de cabeça para cima.
 2. Movimento/elevação das sobrancelhas:
 - a. Sim. Mas as sobrancelhas foram levantadas fora do tópico, pegando o sinal SE até PESSOAS.
 - b. Se sim, ficou restrita ao tópico ou avançou para o resto da frase? Fora do tópico.
 3. Movimento dos olhos: sim, direção do olhar para cima.
 4. Uso de forma diferente das mãos no tópico: não.
 5. Inclinação ou mudança do corpo: não.
 6. Outra marca não manual: sim, boca aberta em uma parte do sinal MAIORIA e no tópico da frase.
 7. Alongamento do sinal (o sinal demorou mais ou foi mais amplo?): não.
 8. Houve pausa entre o tópico e o resto da frase: não.
 9. Houve repetição do tópico dentro da frase: não.
 10. Ordem de constituintes: SOV
 11. Observações: Não.

7.2.8. Dados com o verbo GUARDAR:

Temos 1 exemplo com o verbo GUARDAR. Esse verbo é considerado do tipo não direcional, simples ou sem concordância (cf. Brito, 2010; Quadros e Karnopp, 2004).

(21)

“87) (S)OV. Informação nova. X [CARRO]top GUARDAR



Tradução: ‘Guardei o carro’.

Contexto: Ela descreve uma cena em que guarda um automóvel. “

(Jeremias, 2020, p. 178 e 179)

Parte I: informações básicas sobre o exemplo 21

a) Entrevistado(a): Ilse Mulher de Quadros⁴⁰;

b) Link do vídeo (vídeo 3):



c) Tempo no vídeo em que ocorre o exemplo: 03:49.250 – 03:51.060

d) Foi preciso buscar a imagem de frente? Não.

Parte II: nossa análise do exemplo 21

a) Nossa imagem, glosa e tradução do exemplo 21

⁴⁰ Ela utilizou apenas nome inicial “ILSE” e o nome completo foi coletado no site “Corpus de Libras da UFSC”. <<https://corpuslibras.ufsc.br/dados/dado/porprojeto/Surdos+de+Refer%C3%AAsAncias?page=2>>.

Imagem 21 - Ilse_Quadros_Análise_Exemplo_21_F14



“X⁴¹, o carro, não guardou (ou não entrou no carro).”

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

b) Análise do exemplo 21 no ELAN:

Figura 117: análise do exemplo 21 no ELAN



(fonte: elaborado pelo autor (2023))

c) Síntese da análise do exemplo 21 no ELAN:

1. Inclinação da cabeça: não.
2. Movimento/elevação das sobrancelhas:
 - a. Não.

⁴¹ Não identificamos a sinalização dela antes do tópico CARRO, portanto, pelo contexto do vídeo, colocamos o símbolo “X” para nos referirmos a uma pessoa de um modo geral.

- b. Se sim, ficou restrita ao tópico ou avançou para o resto da frase?
3. Movimento dos olhos: não.
4. Uso de forma diferente das mãos no tópico: não.
5. Inclinação ou mudança do corpo: não.
6. Outra marca não manual: não.
7. Alongamento do sinal (o sinal demorou mais ou foi mais amplo?): não.
8. Houve pausa entre o tópico e o resto da frase: não.
9. Houve repetição do tópico dentro da frase: não.
10. Ordem de constituintes: (S)OV
11. Observações: Acrescentei mais informações à frase para melhorar sua compreensão.

7.2.9. Dados com o verbo PERDER:

Temos 1 exemplo com o verbo PERDER. Esse verbo é considerado do tipo não direcional, simples ou sem concordância (cf. Brito, 2010; Quadros e Karnopp, 2004).

(22)

“88) (S)OV. Informação nova. X [95%]top PERDER



Tradução: ‘Perdi 95%’.

Contexto: Em função da falta de acessibilidade, ele sente que perdeu 95% de aproveitamento do processo de ensino e aprendizagem.”

(Jeremias, 2020, p. 179)

Parte I: informações básicas sobre o exemplo 22

- a) Entrevistado(a): José Arnor de Lima;

b) Link do vídeo (câmera 3);



c) Tempo no vídeo em que ocorre o exemplo: 27:30.781 – 27:32.291

d) Foi preciso buscar a imagem de frente? Não.

Parte II: nossa análise do exemplo 22

a) Nossa imagem, glosa e tradução do exemplo 22:

Imagem 22 - Arnor_Análise_Exemplo_22_M08



NOVENTA



CINCO



POR-CENTO



É



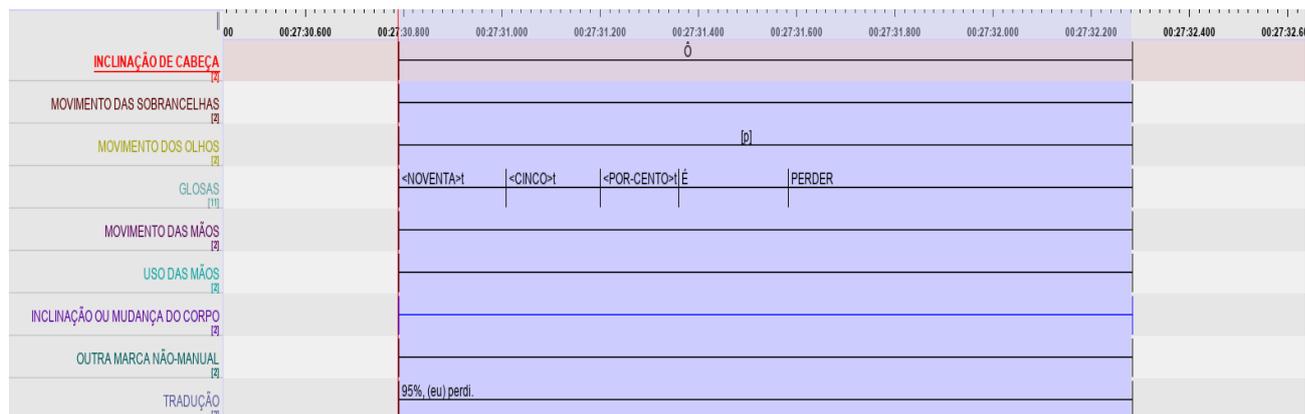
PERDER

“95%, (eu) perdi.”

(fonte: elaborado pelo autor (2023)).

b) Análise do exemplo 22 no ELAN;

Figura 118: análise do exemplo 22 no ELAN



(fonte: elaborado pelo autor (2023)).

c) Síntese da análise do exemplo 22 no ELAN:

1. Inclinação da cabeça: não.
2. Movimento/elevação das sobrancelhas:
 - a. Não.
 - b. Se sim, ficou restrita ao tópico ou avançou para o resto da frase?
3. Movimento dos olhos: não.
4. Uso de forma diferente das mãos no tópico: não.
5. Inclinação ou mudança do corpo: não.
6. Outra marca não manual: não.
7. Alongamento do sinal (o sinal demorou mais ou foi mais amplo?): não.
8. Houve pausa entre o tópico e o resto da frase: não.
9. Houve repetição do tópico dentro da frase: não.
10. Ordem de constituintes: O(S)V
11. Observações: A frase em Libras possui o sinal É, porém não faria diferença se ele não tivesse sido usado.

7.2.10. Dados com o verbo ADAPTAR:

Temos 1 exemplo com o verbo ADAPTAR. Esse verbo é considerado do tipo não direcional, simples ou sem concordância (cf. Brito, 2010; Quadros e Karnopp, 2004).

(23)

“89) (S)OV. Informação nova. X [TEXTO]top ADAPTAR



Tradução: ‘Adaptava os textos’.

Contexto: A mãe da entrevistada adaptava os textos em português para que ela pudesse compreender melhor.”

(Jeremias, 2020, p. 180)

Parte I: informações básicas sobre o exemplo 23

- a) Entrevistado(a): Larissa Silva Rebouças;
- b) Link do vídeo (câmera 3);



- c) Tempo no vídeo em que ocorre o exemplo: 04:09.940 – 04:12.640
- d) Foi preciso buscar a imagem de frente? Não.

Parte II: nossa análise do exemplo 23

- a) Nossa imagem, glosa e tradução do exemplo 23:

Imagem 23 - Larissa_Rebouças_Análise_Exemplo_23_F08

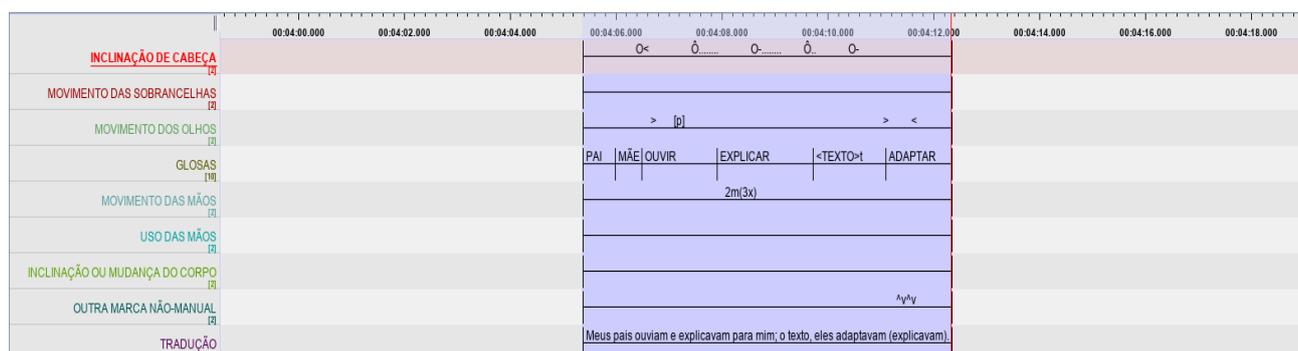


“Meus pais ouviam e explicavam para mim; o texto, eles adaptavam (explicavam).

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

b) Análise do exemplo 23 no ELAN:

Figura 119: análise do exemplo 23 no ELAN



(fonte: elaborado pelo autor (2023))

- c) Síntese da análise do exemplo 23 no ELAN:
1. Inclinação da cabeça: sim, inclinação de cabeça para cima e a inclinação de cabeça para o lado direito.
 2. Movimento/elevação das sobrancelhas:
 - a. Não.
 - b. Se sim, ficou restrita ao tópico ou avançou para o resto da frase?
 3. Movimento dos olhos: sim, duas direções do olhar para direita e uma outra para cima.
 4. Uso de forma diferente das mãos no tópico: não.
 5. Inclinação ou mudança do corpo: não.
 6. Outra marca não manual: não.
 7. Alongamento do sinal (o sinal demorou mais ou foi mais amplo?): não.
 8. Houve pausa entre o tópico e o resto da frase: não.
 9. Houve repetição do tópico dentro da frase: não.
 10. Ordem de constituintes: (S)OV
 11. Observações: Acrescentei as informações da frase para compreender melhor no sentido dela. O tópico da frase é o TEXTO, objeto do verbo “ADAPTAR”.

7.3. Análise comparativa entre as sentenças com topicalização

Nesta seção, apresentamos uma síntese comparativa das descobertas feitas a partir das análises das topicalizações identificadas na seção anterior. Esta seção é composta

pelas seguintes subseções dedicadas a analisar cada um dos parâmetros da parte C da seção anterior, a saber: inclinação da cabeça (7.3.1); movimento ou elevação das sobrancelhas (7.3.2); movimento dos olhos (7.3.3); uso de forma diferente das mãos no tópico (7.3.4); inclinação ou mudança do corpo (7.3.5); outra marca não manual (7.3.6); alongamento do sinal (7.3.7); pausa entre o tópico e o resto da frase (7.3.8); repetição do tópico dentro da frase (7.3.9); ordem de constituintes com objeto topicalizado (7.3.10). Por último, apresentamos também a subseção (7.3.11) acerca da correlação entre tipo verbal e topicalização.

7.3.1. Inclinação da cabeça

Observamos inclinação da cabeça em quinze dos vinte e três exemplos analisados (65%). Isso foi identificado com os verbos TER, ADQUIRIR, MOSTRAR, QUERER, CRIAR, USAR e ADAPTAR.

Com o verbo TER, identificamos essa inclinação em cinco dos nove exemplos. No exemplo 1, houve inclinação da cabeça para cima ao sinalizar o tópico da frase, CONTATO. No exemplo 5, houve duas inclinações da cabeça: uma para baixo no sinal PODER (objeto) e outra para o lado esquerdo entre o objeto topicalizado e o verbo. No exemplo 6, observamos quatro inclinações da cabeça: inicialmente, a colaboradora inclinou a cabeça para frente, seguida de um movimento rotativo da cabeça do centro para a esquerda. Após esta inclinação, ela inclinou a cabeça para trás e repetiu o movimento rotativo da cabeça do centro para a esquerda. No exemplo 8, ocorreram duas inclinações da cabeça: uma para baixo no sinal LÍNGUA-DE-SINAIS e outra para cima ao sinalizar o objeto da frase. No último exemplo do verbo TER, o exemplo 9, os tópicos da frase são ESCREVER PORTUGUÊS e ADQUIRIR. Observamos uma inclinação da cabeça para frente na metade do sinal ESCREVER e em parte do sinal PORTUGUÊS, além de uma inclinação da cabeça para trás ao sinalizar o objeto ESCREVER PORTUGUÊS e no início do sinal ADQUIRIR.

Já com o verbo ADQUIRIR, especificamente no exemplo 11, ocorreu uma inclinação de cabeça para baixo ao sinalizar o objeto topicalizado.

Com o verbo MOSTRAR, identificamos inclinações de cabeça nos três exemplos de sentenças com topicalização que analisamos. Ocorreram duas inclinações da cabeça para frente e uma inclinação para cima no exemplo 12. No exemplo 13, foram observadas cinco inclinações: um movimento rotativo da cabeça do centro para a direita, uma

inclinação para cima, outro movimento rotativo da cabeça da direita para o centro, uma inclinação para frente e outra para o lado direito. No exemplo 14, ocorreu um movimento rotativo da cabeça do centro para a direita.

Nas duas sentenças analisadas do verbo QUERER, observamos inclinações de cabeça. No exemplo 15, houve uma inclinação da cabeça para cima no tópico O-QUE e outra para o lado esquerdo no tópico ISSO. No exemplo 16, ocorreu uma inclinação da cabeça para cima ao sinalizar o tópico.

Com o verbo CRIAR, observamos uma inclinação de cabeça para cima no exemplo 18, única sentença desse verbo presente em nossos dados.

Já com o verbo USAR, identificamos inclinação de cabeça nos dois exemplos analisados. O exemplo 19 apresentou uma inclinação da cabeça para baixo no tópico. No exemplo 20, houve um movimento rotativo de cabeça para a direita e uma inclinação de cabeça para cima.

No último verbo de nosso *corpus*, ADAPTAR, no exemplo 23, ocorreram uma inclinação de cabeça para cima e outra para o lado direito.

Em síntese, nos 15 exemplos em que houve inclinação de cabeça, ela ocorreu:

1. Para cima: 9 ocorrências;
2. Para baixo: 4 ocorrências;
3. Para a direita: 4 ocorrências;
4. Para a esquerda: 2 ocorrências;
5. Para frente: 4 ocorrências;
6. Para trás: 4 ocorrências.

Esses dados mostram que a associação entre a inclinação da cabeça e a topicalização em Libras parece ser uma forte tendência. A inclinação para cima foi preponderante (9 ocorrências em 15 exemplos), seguida da inclinação para baixo, para a direita, para frente e para trás, cada uma delas somando 4 ocorrências. Na ASL, Aarons (1994, p. 70), havia identificado uma inclinação de cabeça para trás associada com a elevação de sobrancelhas.

7.3.2. Movimento/ elevação das sobrancelhas

Observamos movimento ou elevação das sobrancelhas no tópico apenas em doze dos vinte e três exemplos (52,1%) e fora do tópico em dois exemplos. Essas expressões não manuais foram notadas nas sentenças com os verbos TER, ADQUIRIR, MOSTRAR,

QUERER, CONHECER, CRIAR e USAR.

Houve elevação de sobranças em 5 das 9 sentenças com o verbo TER. No exemplo 1, as sobranças se elevaram no tópic e isso se estendeu para o verbo da frase. Nos exemplos 4 e 8, a elevação das sobranças foi restrita ao tópic. Nos exemplos 6, observamos sobranças levantadas e cenho franzido durante a maior parte da frase. Por fim, no exemplo 9, houve elevação das sobranças com cenho franzido apenas no tópic PORTUGUÊS.

Com o verbo ADQUIRIR, observamos a elevação das sobranças no exemplo 11, começando no objeto, que é o tópic da frase, e se estendendo até uma parte do verbo.

Com o verbo MOSTRAR, especificamente no exemplo 13, a elevação das sobranças ocorre apenas no tópic da frase, o sinal ORGULHO. No exemplo 14, percebemos também a elevação das sobranças com cenho franzido, limitada ao tópic da frase.

Quanto ao verbo QUERER, identificamos duas sentenças com elevação de sobranças. No exemplo 15, a elevação das sobranças se estende do sinal EU até o sinal É, abrangendo uma parte da frase, inclusive o tópic O-QUE e ISSO. No exemplo 16, o movimento das sobranças com cenho franzido se estende por toda a frase.

No exemplo 17 do verbo CONHECER, houve elevação das sobranças no tópic VOCÊ pré-verbal até a metade do sinal VOCÊ pós-verbal.

Com o verbo CRIAR, no exemplo 18, observamos que as sobranças são elevadas a partir do tópic da frase, estendendo-se até o final da sentença, passando pelo verbo e pelo sujeito, chegando ao advérbio JÁ.

Com o verbo USAR, identificamos elevação das sobranças em dois dados, nos exemplos 19 e 20, mas em ambos isso ocorreu fora do tópic.

Em síntese, a elevação das sobranças ocorreu:

1. Restrita ao tópic: em 6 ocorrências;
2. Além do tópic: em 6 ocorrências;
3. Com cenho franzido: em 4 ocorrências;
4. Fora do tópic sem incluí-lo: em 2 ocorrências.

Como no capítulo 6, novamente, nossa pesquisa identificou que a elevação de sobranças não é necessariamente obrigatória para marcação de tópic em Libras. Apenas 52,1% dos exemplos analisados aqui trouxeram essa marca não manual associada ao tópic.

Outro traço importante aqui identificado foi a extensão da elevação da sobrancelha para além do tópico. Isso ocorreu em 50% dos exemplos em que identificamos esse traço não manual. Esse fato contraria a proposta de Quadros e Karnopp (2004, p. 148) para quem “[...] somente tópicos são associados com a marca não-manual, ou seja, essa marca não pode se espalhar sobre a sentença”. Moraes (2013, p. 41-42) também defende esse mesmo princípio.

7.3.3. Movimento dos olhos

O movimento dos olhos durante o tópico ocorreu em quinze dos vinte e três exemplos (65,2%), sendo encontrado nos verbos TER, ADQUIRIR, MOSTRAR, CRIAR, USAR e ADAPTAR.

Em 5 dos 9 exemplos com o verbo TER, identificamos esse traço. No exemplo 1, identificamos um olhar direcionado para a direita e um alargamento dos olhos. No exemplo 2, ocorreu um movimento dos olhos para cima. No exemplo 4, foi observada uma piscada no final do EU, sujeito da frase, e no início de LIVRO, objeto da frase. No exemplo 6, observamos um leve olhar direcionado para a esquerda. Por fim, no exemplo 8, houve uma leve direção do olhar para cima, com uma sutil elevação das sobrancelhas, enfatizando o objeto da frase.

Com o verbo ADQUIRIR, identificamos uma piscada e um olhar direcionado para a direita no exemplo 10. No exemplo 11, ainda do mesmo verbo, observamos o olhar direcionado para cima.

Nos dados do verbo MOSTRAR, o exemplo 12 demonstra o olhar direcionado para baixo e a maior parte dos tópicos exhibe olhos fechados, enquanto o exemplo 14 apresenta um olhar direcionado para baixo, com os olhos fechados no tópico.

Com o verbo QUERER, no exemplo 16, detectamos o movimento dos olhos para cima.

No verbo CONHECER, exemplo 17, observamos um olhar direcionado para a direita.

Com o verbo CRIAR, no exemplo 18, notamos a direção do olhar para a direita durante a mudança do sinal para CRIAR.

Dois exemplos foram identificados com o verbo USAR. No exemplo 19, percebemos uma piscada ao sair do tópico. E, no exemplo 20, houve um movimento do olhar para cima.

Finalmente, com o verbo ADAPTAR, no exemplo 23, detectamos o movimento dos olhos em duas direções: inicialmente para a direita e, em seguida, para cima.

Em síntese, identificamos os seguintes movimentos dos olhos:

1. Para cima: em 6 ocorrências;
2. Para baixo: em 1 ocorrência;
3. Para direita: em 5 ocorrências;
4. Para esquerda: em 1 ocorrência;
5. Piscada: em 4 ocorrências;
6. Olhos fechados: em 2 ocorrências;
7. Alargamento: em 1 ocorrência.

Há, portanto, tendência a ocorrer movimento dos olhos durante a execução do tópico (65,2%) com movimento principalmente para cima, para a direita ou piscada. Na ASL, Aarons (1994, p. 70), havia identificado o alargamento dos olhos como traço não manual associado à topicalização. Em nossos exemplos, identificamos um dado assim.

7.3.4. Uso de forma diferente das mãos no tópico

Dos 23 exemplos analisados, encontramos um uso diferente das mãos no tópico apenas no exemplo 17. Houve aí: i) a ocorrência do sinal VOCÊ com uma mão concomitante ao sinal SURDO com a outra mão; e ii) a ocorrência do sinal VOCÊ com uma mão concomitante ao sinal EU com a outra mão.

7.3.5. Inclinação ou mudança do corpo

Em nossa análise, dos 23 exemplos, identificamos três (13%) em que ocorre inclinação ou mudança do corpo na expressão do tópico, dois com o verbo TER (exemplos 6 e 8) e um com o verbo CONHECER (exemplo 17). Em síntese, em todas essas ocorrências, identificamos inclinação ou mudança do corpo para trás. Na ASL, Aarons (1994, p. 70), havia identificado uma mudança do corpo de um lado para o outro se associando com a marcação de tópico.

7.3.6. Outra marca não manual

Em nossa análise, buscamos identificar outras marcas não manuais, diferentes da já identificadas até aqui. Dos 23 exemplos, identificamos cinco exemplos envolvendo os

verbos TER, ADQUIRIR, CONHECER e USAR (21,73%).

Do verbo TER, no exemplo 2, identificamos a marca não manual boca fechada e franzida associada ao tópico. Destacamos que a colaboradora articula claramente a boca ao usar Libras, não apresentando características não manuais específicas, além dessa que identificamos. Já, no exemplo 7, houve outra marca não manual com boca articulada: a boca abre e fecha. Esta colaboradora, influenciada pelo português, utiliza a articulação labial para destacar o sinal FALAR-ORAL. Esta marca não manual é uma das características da Libras.

Com o verbo ADQUIRIR, observamos que a boca foi aberta ao sinalizar o tópico no exemplo 10.

Do verbo CONHECER, foi identificada uma marca não manual similar no exemplo 17: a boca aberta desde o início do tópico até a metade do sinal VOCÊ.

Por fim, com o verbo USAR, no exemplo 19, notamos que a boca foi franzida para frente.

Em síntese, um quinto dos dados analisados trouxe marca não manual diferente das anteriormente analisadas, notadamente relacionada à boca do sinalizante, a qual foi:

1. Aberta: em 2 ocorrências;
2. Fechada: em 1 ocorrência;
3. Aberta e fechada: em 1 ocorrência;
4. Franzida: em 3 ocorrências.

A inclinação de cabeça (7.3.1), o comportamento dos olhos (7.3.3), a inclinação ou mudança do corpo (7.3.5) somados à outra marca não manuais identificada nesta subseção – a boca – nos permitem postular que, além da tão citada elevação de sobrancelhas, outras marcas não manuais podem estar associadas à topicalização em Libras e precisam ser igualmente investigadas.

Como abordamos no capítulo 5, Leite (2008, p. 32, grifos nossos) defende que, para identificar constituintes sintáticos, se podem verificar os sinais não manuais: “Focalizando no uso de sinais não-manuais, Baker e Padden (1978) apontam indícios de que [em ASL] tanto a **mudança de direção do olhar** quanto as **piscadas** dos sinalizadores em conversas entre surdos estejam correlacionadas às fronteiras de unidades gramaticais”. Ainda segundo Leite (2008), o uso dos sinais não manuais – como a direção do olhar – poderia ser associado à topicalização em Libras. Isso nossa pesquisa acaba por confirmar.

Aqui gostaríamos de retomar duas conclusões de Dias (2015, p. 227) sobre traços não manuais e marcação de tópico apresentadas por nós no capítulo 2. Como a nossa pesquisa, a primeira conclusão diz respeito ao fato de que sua pesquisa identificou “variabilidade no emprego da marcação não manual associada ao tópico – o alçamento das sobranças” (Dias, 2015, p. 227). A segunda conclusão de Dias (2015, p. 215) sugere que “talvez, essa [elevação das sobranças] não seja a única marca capaz de licenciar o tópico e, sendo assim, na sua ausência, ocorreria outra marca para a qual não tenhamos dedicado atenção especial”. Nossa pesquisa acaba por identificar outras marcas não manuais associadas possivelmente à topicalização em Libras.

7.3.7. Alongamento do sinal

Após analisar os 23 exemplos, não identificamos nos dados o alongamento do sinal.

7.3.8. Houve pausa entre o tópico e o resto da frase?

Moraes (2013, p. 41-42) afirma que “Em LSB [...]: o tópico ocorre na posição inicial da frase e pode ser dela separado por uma pequena pausa na sinalização do enunciado”. Entretanto, após analisar os 23 exemplos, **não** identificamos nos dados uma pausa entre o tópico e o restante da frase.

7.3.9. Houve repetição do tópico dentro da frase?

Não encontramos dados assim. E, no exemplo 17, relativo ao verbo CONHECER, não traz o tópico repetido após o verbo. Esse dado não confirma em parte a proposta de Quadros e Karnopp (2004, p. 150-151): “[...] tais construções [com topicalização] sempre podem ter, além do tópico, uma cópia desse tópico ou um pronome co-referencial a esse tópico”.

7.3.10. Ordem de constituintes em sentenças com objeto topicalizado

Nas 23 sentenças analisadas, identificamos as seguintes ordens de constituintes:

1. O(S)V: exemplos 1, 2, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 19, 22 (12 ocorrências) (52,17%);
2. OSV: exemplos 3, 15, 16 e 17 (4 ocorrências) (17,39%);
3. SOV: exemplos 4, 5, 9 e 20 (4 ocorrências) (17,39%);

4. (S)OV: exemplos 21 e 23 (2 ocorrências) (8,69%);
5. OVS: exemplo 18 (1 ocorrência) (4,39%).

Defendemos, ao contrário de Jeremias (2020), que os exemplos sem um sujeito explícito como aparece no item 1 acima trazem esse sujeito implícito após o objeto topicalizado e não antes dele, tendo em vista que todos os exemplos têm como referente o sujeito de primeira pessoa, o qual estaria implícito apenas quando o verbo é sinalizado. Ou seja, o objeto ocorre topicalizado na primeira posição da sentença sem dúvida, seguido de um verbo, o qual, ao não explicitar o sujeito, se subentende que o sujeito é de primeira pessoa singular (EU), algo muito comum em Libras. Apenas nos exemplos 21 e 23 (ponto 4) concordamos que o sujeito implícito ocorreu antes do objeto, tendo em vista tratar-se de sujeito de 3ª pessoa já citado antes dessas sentenças e, portanto, implícito sintaticamente em posição anterior ao próprio objeto.

Logo, ao somarmos as ocorrências de tipo O(S)V (tipo 1) e OSV (tipo 2), encontramos 16 ocorrências, o que equivale a 69,56%. Ao somarmos as ocorrências de tipo SOV (tipo 3) e (S)OV (tipo 4), encontramos 6 ocorrências, o que equivale a 26,08%. Em um dado apenas, encontramos o sujeito posposto ao verbo na ordem OVS (exemplo 18), 4,34%. Além dessa ocorrência única com sujeito explícito posposto ao verbo, observando apenas as ocorrências com sujeito explícito nos demais dados, temos: 4 ocorrências de tipo OSV (17,39%) e 4 de tipo SOV (17,39%), em um total de 39,12% de ocorrências com sujeito explícito em contexto de objeto topicalizado. Tudo isso nos permite concluir que:

- i. a ordem com objeto topicalizado em posição anterior ao sujeito – O(S)V ou OSV – é preponderante: 69,56% frente a 26,08% da ordem SOV ou (S)OV;
- ii. a ordem com objeto topicalizado e sujeito posposto ao verbo mostrou-se rara, ocorrendo em apenas um dado (4,34%);
- iii. com objeto topicalizado, a ocorrência de sujeito explícito mostrou-se inferior à ocorrência de sujeito implícito: 39,12% frente a 60,88%.

Nos dados analisados, ainda merecem destaque dois exemplos. O primeiro exemplo é o 14, que traz um objeto de tipo recipiente/destinatário como tópico. O outro exemplo é o 17, tratado por nós como exemplo de ordem OSV, mas que poderia ter seus constituintes assim representados: $O_xSO_xVO_x$. Nesse exemplo, o objeto aparece topicalizado antes do sujeito, mas é novamente topicalizado antes do verbo e, por fim,

ocorre repetido na posição pós-verbal.

7.3.11. Correlação entre tipo verbal e topicalização

Nossos dados trazem 20 exemplos com verbos não direcionais, simples ou sem concordância e apenas 3 exemplos com verbo direcional ou com concordância (MOSTRAR, exemplos 12, 13 e 14). Retomemos uma citação de Olizaroski (2017, p. 66, grifos nossos) a esse respeito:

A maior flexibilidade [da ordem] aconteceria com verbos que apresentam concordância, pois eles proporcionam a **possibilidade de mover o objeto para uma posição mais alta**, diferentemente dos verbos sem concordância os quais apresentam um afixo virtual que exige adjacência a eles, impossibilitando, desta forma, **a topicalização do objeto**.

(Olizaroski, 2017, p. 66, grifos nossos)

Nossa pesquisa acaba por contrariar a ideia de que haveria impossibilidade de topicalização de objeto com verbos sem concordância, uma vez que a imensa maioria de nossos exemplos de topicalização (20 sobre 23) são construídos com verbos desse tipo.

Segundo Pizzio (2011, p. 46 *apud* Olizaroski, 2017, p. 68-69, grifos nossos): “Nos verbos com concordância é possível a ocorrência de argumentos nulos, **o que não ocorre nos verbos sem concordância**”. Entretanto, também em nossos dados, identificamos 11 exemplos de sentenças topicalizadas sem sujeito explícito com os verbos não direcionais ou sem concordância (cf. exemplos 1, 2, 6, 7, 8, 10, 11, 19, 21, 22 e 23). Apenas 3 exemplos com verbo direcional apareceram em nosso *corpus* e todos os 3 ocorreram sem sujeito explícito (cf. exemplos 12, 13 e 14).

7.4. Seleção de dados em *corpus* de sinalização espontânea: problemas de interpretação semântico-sintática do verbo TER e identificação de constituintes

Nesta seção, abordamos brevemente dois problemas sérios no processo de identificação de sentenças com objeto topicalizado em Libras. O primeiro tem a ver com a interpretação semântico-sintática do verbo TER (seção 7.4.1). E o segundo com a identificação de constituintes em Libras (7.4.2).

7.4.1. Interpretação semântico-sintática do verbo TER e a topicalização

Uma das etapas do procedimento de pesquisa exposto neste capítulo foi a revisão

bibliográfica da tese de Jeremias (2020) sobre topicalização em Libras. Essa autora apresenta 97 sentenças topicalizadas, as quais foram verificadas por nós no contexto real de sua ocorrência. Assim, analisamos cada sentença nos vídeos disponíveis no *site* da UFSC já citado. Com segurança, identificamos 23 sentenças que, sem margem de dúvida, trazem o objeto em posição topicalizada – O(S)V, OSV, SOV, (S)OV e OVS – quando comparada a sentença à ordem canônica de Libras – SVO.

A maioria de nossos exemplos foi com o verbo TER, 9 exemplos no total de 23 (39,13%), algo semelhante ao que ocorreu na pesquisa de Jeremias (2020, p. 191-192), que identificou 68 sentenças topicalizadas com esse verbo no total de 97 (70,10%). Mas, aqui, gostaríamos de fazer uma primeira reflexão sobre a seleção de dados de Jeremias (2020) e justificar por que selecionamos apenas 23 sentenças e não 97 para nossa análise final. Vejamos uma tabela apresentada por ela sobre os valores semânticos do verbo TER:

Imagem 24 – Tabela de Jeremias (2020) sobre o verbo TER

Tabela 5- Valores semânticos do verbo TER

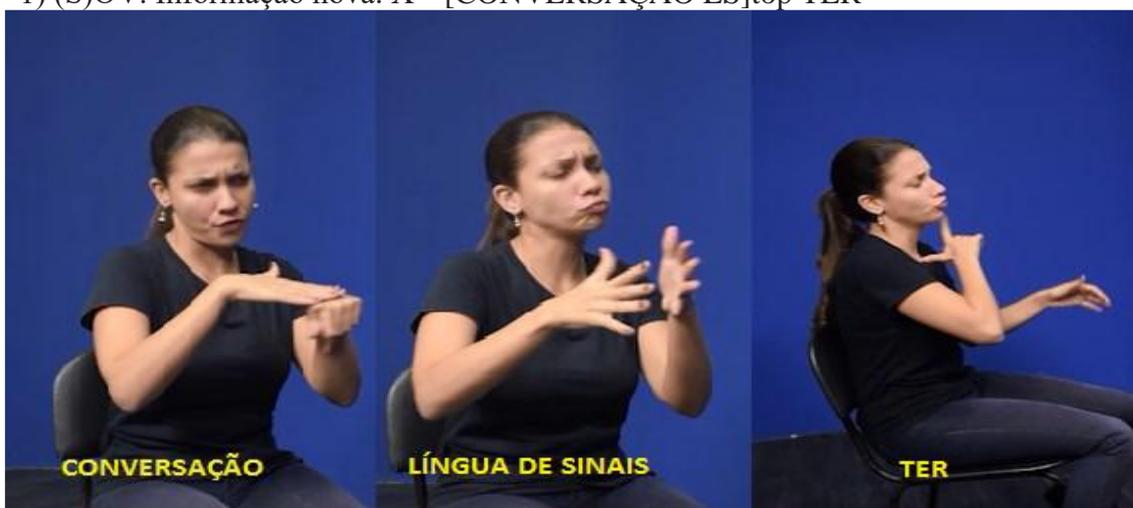
Valores semânticos do verbo TER: 68 usos (70% topicalizadas)		
<u>Noção de Posse</u>	Noção de existência	Noção de necessidade
8 casos: - 7 sujeitos explícitos com traços mais humano; - 1 anáfora zero (referente com traço mais humano).	59 casos: - 5 sujeitos explícitos com traço menos humano; -54 anáfora zero (ambiguidade referencial ¹¹⁰).	1 caso: - 1 anáfora zero (ambiguidade referencial).

(Jeremias, 2020, p. 168)

Como a tabela permite constatar, essa pesquisadora optou por incluir em sua análise 55 exemplos com o verbo TER com “ambiguidade referencial”, assim definida por ela: “Na libras, a dêixis de apontação, no âmbito discursivo, em alguns casos, se revela como ambígua, podendo se referir a um locativo ou a um pronome pessoal. Deste modo, classificamos como ambiguidade referencial” (Jeremias, 2020, 168). Ou seja, em lugar de um argumento marcado por um pronome pessoal, esses exemplos poderiam estar trazendo um locativo.

Além disso, ela também incluiu sentenças em que o verbo TER apresenta sentido de existência ou de necessidade. O problema, ao nosso ver, é que as sentenças em que esse verbo assume esses dois sentidos trouxeram “[...] uma posição ‘vaga’ no elemento que ocupa a posição de sujeito” (Jeremias, 2020, p. 168). Essa autora, então, optou por interpretar as 54 sentenças com “noção de existência” como **transitivas**, mesmo identificando TER com valor de “haver/existir”. Nós, diferentemente, entendemos tratar-se de sentenças **intransitivas** aquelas com sentido de existência e interpretamos o único argumento presente como sujeito e não como objeto. A seguir, citamos um exemplo de Jeremias que ilustra isso:

“1) (S)OV. Informação nova. X⁹⁵ [CONVERSAÇÃO LS]_{top} TER



Tradução: “tinha conversa em língua de sinais”

“Nota de rodapé 95: Nesta pesquisa, utilizamos a letra X quando o sujeito está implícito na sentença, pois não foi realizado na construção; contudo, foi inferido pragmaticamente.”

(Jeremias, 2020, p. 136)

Para Jeremias (2020), haveria um sujeito implícito nesse tipo de sentença, representado pela letra X em sua análise. Porém, não há um referente anteriormente citado que possa ser retomado implicitamente como sujeito para sentenças como essa em sua análise e, além disso, claramente se tem uma leitura existencial, identificada também pela autora, em que, ao nosso ver, não contemplaria a inserção de um outro argumento. Logo, não vimos aí topicalização de objeto devido à ausência dele.

Nossa análise, então, se concentrou nas sentenças com verbo TER expressando a noção de posse, em que claramente haveria um sujeito (explícito ou não) com traço mais

humano e um objeto alvo da posse desse sujeito, como no exemplo 2 de nossa análise (cf. seção 7.2), abaixo parcialmente reproduzido:

Imagem 25 - Karin_Strobel_Análise_Exemplo_02_F10



TRAUMA

NÃO-TER

“Trauma, não tenho.”

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

No contexto da entrevista, a surda que aparece no exemplo está falando de si mesma, não restando dúvidas de que há um sujeito implícito EU que opera semanticamente como o possuidor do objeto TRAUMA, estando este topicalizado em posição pré-verbal. Em momento posterior da entrevista, ela continua falando de si e volta a usar o verbo TER com sentido de posse, mas dessa vez com o sujeito explícito, como pudemos constatar no exemplo 3 de nossa análise (cf. seção 7.2), também repetido abaixo:

Imagem 26 – Karin_Strobel_Análise_Exemplo_3_F10



MAIS

PODER

EU

TER

“Mais poder, eu tenho.”

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

Aqui, não resta dúvida de que se tem uma sentença com objeto topicalizado, de tipo OSV, com verbo TER expressando posse.

Outro ponto divergente se deu quando nos deparamos com exemplos como o citado a seguir em que um locativo é interpretado por Jeremias (2020) como sujeito da sentença:

“12) SOV. Informação velha. DEM [INTÉPRETE]_{top} NÃO TER



Tradução: “Ali⁹⁹ não tinha intérpretes”

Contexto: Na universidade onde ela estudou não tinha intérpretes.

Nota 99: Optamos por traduzir o elemento DEM, um argumento explícito, como ‘ali’, pois na sentença, a informante se referia à Universidade em que estudava, pois o local não tinha profissionais para interpretar às aulas para os alunos surdos.”

(Jeremias, 2020, p. 141-142)

Novamente, o verbo TER significa “existir/haver”, interpretação que não traz comumente dois argumentos nas sentenças em Libras. Além disso, não entendemos que o locativo ALI poderia ser classificado como sujeito, justamente por seus traços semânticos não serem prototípicos para essa função e, principalmente, por não haver evidências de que o sinal ALI estaria realmente estabelecendo uma relação gramatical de tipo sujeito na sentença. O problema da identificação de relações gramaticais em Libras é bastante sério e já foi por nós citado anteriormente. Ao invés de tratar ALI como sujeito, no contexto em que foi usado, caberia, ao nosso ver, uma leitura de adjunto adverbial de lugar, significando NAQUELA UNIVERSIDADE: [NAQUELA UNIVERSIDADE],

[INTÉRPRETES] [NÃO HAVIA]. Essa seria uma sentença intransitiva de tipo SV.

7.4.2. Identificação de constituintes em Libras e sua relação com a topicalização de objeto

Como exposto anteriormente (seção 7.1), nossos parâmetros de análise foram diferentes daqueles usados por Jeremias (2020), justamente para tentar identificar traços linguísticos que não foram por ela identificados, especialmente as expressões não manuais. Mas, por questões óbvias, tivemos de analisar as 97 ocorrências de topicalização defendidos pela autora. Embora não tenhamos tido a pretensão de verificar todos os resultados de Jeremias (2020), um outro ponto divergente chamou muito nossa atenção: a identificação dos constituintes e a relação entre eles no fluxo textual, especialmente na formação de sentenças e no ponto em que terminava uma sentença e começava outra. O impacto disso na identificação de sentenças com topicalização de objeto é muito relevante. Vejamos alguns exemplos de Jeremias (2020) seguidos de nossa própria análise.

“86) (S)OV. (S)OV. Informação nova. X [PROFESSOR]top PAGAR



Tradução: ‘Pagamos um professor.’

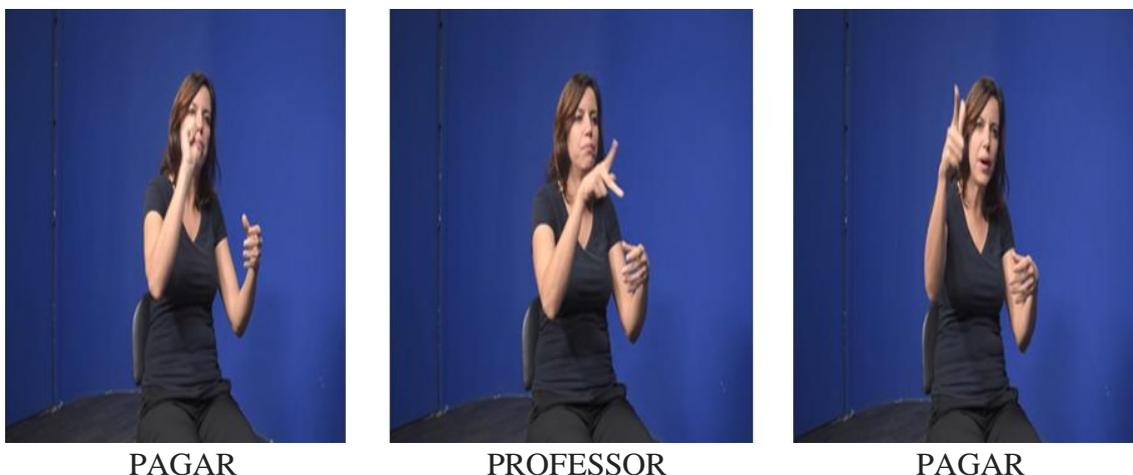
Contexto: Ela, com sua família, pagava um professor particular para auxiliar no período extraclasse.”

(Jeremias, 2020, p. 178)

Nesse exemplo, a autora defende haver um sujeito implícito (“nós”, indicado por X), um objeto topicalizado (PROFESSOR) e o verbo PAGAR. Porém, ao analisarmos o vídeo da entrevista, descobrimos que: i) o constituinte PROFESSOR não faz parte da sentença com o verbo PAGAR citado; e ii) há, em realidade, um objeto que vem depois

dessa ocorrência de PAGAR citado no exemplo de Jeremias (2020). A seguir, mostramos o exemplo com os constituintes que vêm antes e depois desses constituintes selecionados por Jeremias (2020)⁴²:

Imagem 27 - Fernanda_Machado_Análise_Exemplo_33_F15



“Pagar o professor e pagar o intérprete que acompanha o professor.”
(fonte: elaborado pelo autor (2023))

Ao que parece, Jeremias (2020, p. 178) fez uma segmentação equivocada da sentença envolvendo o verbo PAGAR. Ela não incluiu a primeira ocorrência desse verbo, a qual é seguida do objeto PROFESSOR, e interpretou PROFESSOR como objeto topicalizado da segunda ocorrência do verbo PAGAR. Porém, ao analisarmos o trecho

⁴² Buscamos o exemplo de frente para examinar os traços não manuais que abordamos na seção 7.2.

com todo esse material, chegamos à conclusão de que haveria aí duas sentenças, a saber: 1) PAGAR O PROFESSOR e 2) PAGAR DUAS_PESSOAS INTÉRPRETE. Independentemente de onde se situe o sujeito não explícito, se antes ou depois do objeto, o fato é que o objeto PROFESSOR ocorre após o verbo e não antes dele. Logo, não se trata de topicalização. Esse erro de segmentação de sentenças foi identificado em outros dados de Jeremias (2020) por nós analisados. Vejamos mais um exemplo:

“77) (S)OV. Informação nova. EU [INTÉRPRETE]top PRECISAR



Tradução: ‘No passado, eu precisava de intérpretes’.

Contexto: Antes da lei de libras, as instituições não tinham intérpretes e ela, assim como outros surdos, precisavam destes profissionais.”

(Jeremias, 2020, p. 174)

Novamente, ao analisarmos a entrevista em que esse dado foi identificado, descobrimos outras informações não consideradas no recorte feito por Jeremias (2020), as quais mudam a interpretação do que realmente está sendo dito pela sinalizante. Vejamos a seguir esse mesmo trecho com mais material linguístico identificado por nossa pesquisa:

Imagem 28 - Shirley_Vilhalva_Análise_Exemplo_24_F01



PASSADO



EU



INTÉRPRETE(equivocado)



PRECISAR



INTERPRETAR



TOD@



ASSOCIAÇÃO

“No passado, eu precisava interpretar para todos os presentes na associação.”

(fonte: elaborado pelo autor (2023))

Dois pontos merecem destaque. O primeiro diz respeito ao erro da sinalizante quando estava construindo a frase. Ela inicia o sinal INTÉRPRETE depois de EU por engano, e logo não o conclui. E o segundo ponto, mais importante ainda, é que o verbo

INTERPRETAR tem um objeto que se segue a ele. A ordem de constituintes aí seria então: [EU] [PRECISAR INTERPRETAR] [TOD@S ASSOCIAÇÃO]. Ou seja, a ordem é SVO. Não fica claro para nós por que Jeremias (2020) não considerou o objeto TOD@S ASSOCIAÇÃO em sua análise, finalizando a sentença no verbo INTERPRETAR. Também não fica claro para nós por que ela mudou o sentido da sentença para “No passado, eu precisava de intérpretes”, quando, em realidade, o que a sinalizante está comunicando é: “No passado, eu precisava interpretar para todos os presentes na associação”.

Esses dois exemplos acima e os demais discutidos na seção 7.4.1 servem para justificar por que não utilizamos os 97 exemplos originais de Jeremias (2020) em nossa reanálise deles e, principalmente, servem para destacar a importância de identificar corretamente os constituintes, suas fronteiras e as fronteiras entre sentenças (constituintes maiores) em uma língua de sinais.

Outro ponto muito relevante é a necessidade de fazermos análises de sentenças bem contextualizadas, usando mais material linguístico antes e depois das sentenças sob análise. Em diversos exemplos na seção 7.2, incluímos material linguístico extra para expressar o que realmente estava sendo comunicado pelos sinalizantes de Libras.

Considerações Finais

No capítulo 1, seção 1.1, abordamos a iniciação na aprendizagem de Libras e suas perspectivas históricas no Brasil. Discuti minha trajetória de aprendizado, que despertou meu interesse durante o mestrado e se tornou objeto de minha pesquisa. As problemáticas da pesquisa (seção 1.2) foram exploradas devido ao aumento da população mundial de surdos, à legislação sobre Libras, à diversidade de línguas de sinais no Brasil e ao início das descrições linguísticas no país a partir dos anos 1980. Destacamos os avanços nas pesquisas de campo mais investigados em programas de pós-graduação.

A necessidade de investigações mais profundas sobre a descrição linguística em Libras, especialmente sobre o tópico abordado neste tese, tornou-se evidente. Investigamos a voz passiva em Libras e constatamos sua inexistência até o momento da pesquisa. Defende-se largamente que, em uma frase topicalizada, ocorrem o levantamento das sobancelhas e outras alterações na sinalização. No entanto, Miranda (2014) não observou essas alterações em surdos que apresentaram exemplos de frases topicalizadas em Libras.

Na seção 1.3, justificamos a necessidade de investigar minuciosamente o fenômeno da topicalização e a ordem dos constituintes para o futuro do ensino formal de Libras, atualmente tratado superficialmente. Apresentamos a literatura de diversos autores sobre o referencial teórico funcional-tipológico, com foco na análise do processo de topicalização em Libras.

Nesse capítulo 1, ainda elaboramos as perguntas e hipóteses da pesquisa sobre as ordens de constituintes e as estratégias de topicalização (seção 1.5), uma introdução ao referencial teórico básico (seção 1.6) baseado no referencial funcional-tipológico que pretendemos analisar, e uma breve metodologia (1.7) para analisar os dados de entrevistas produzidas por surdos, constituindo um *corpus* de Libras da UFSC, além de outros dados oriundos da aplicação de testes de constituição a fim de identificar os constituintes em Libras.

No Capítulo 2, discutimos sobre constituintes e constituição na linguística (2.1), explorando seus aspectos sintáticos, as estruturas organizacionais das frases e as ordens de constituintes. Apresentamos a conceituação de constituição e os testes para identificação desse elemento (2.1.1), baseados nos critérios estabelecidos pelos pesquisadores Grahl (2004), Eliseu (2014), Kennedy (2013) e Negrão, Sher e Viotti (2008), com exemplos ilustrativos.

Exploramos as pesquisas sobre constituintes em línguas de sinais, incluindo a Libras (seção 2.1.2), com foco em ordenações (2.2) de frases topicalizadas a partir de predicados existenciais não verbais e outras construções em Libras. Introduzimos o tema da topicalização em Libras (2.3), que é o principal objeto de estudo desta pesquisa. Demonstramos, por meio de um quadro baseado nos estudos de López, Varela e Garcia (2012), a ordem dos constituintes em relação ao tópico-comentário em algumas línguas de sinais, sob uma perspectiva pragmático-semântica, e mostramos exemplos em Libras que corroboram essa perspectiva, reforçando a importância da topicalização nas línguas de sinais para a comunicação efetiva.

No Capítulo 3, apresentamos as relações gramaticais com exemplos e conceituação. Destacamos as principais categorias, como sujeito, objeto direto e objeto indireto, comuns na maioria das línguas. Também apresentamos testes para a identificação das relações gramaticais com exemplos em português (seção 3.1.2) e exibimos as diferenças entre o predicado aristotélico e o predicado fregeano, optando pelo último como definição de predicado para nossa pesquisa.

Nas identificações das relações gramaticais de Libras, revelamos a importância do uso do espaço, que dividimos em três tipos de construção mental: espaço real, espaço subrogado e espaço *token*, com exemplos em Libras (3.1.3). Identificamos que essa língua não possui verbo cópula.

Ainda no Capítulo 3, mostramos que ainda há carência de pesquisas que tratem das relações gramaticais em Libras. Algumas pesquisas em Libras apresentam exemplos sem o uso do pronome da primeira pessoa do singular, EU. Por outro lado, mostramos exemplos em Libras da forma de apontação, no caso do índice, com apontamento direcionado ao espaço que pode ocorrer no uso de pronomes pessoais singulares e de advérbios de lugar. Além disso, apresentamos a apontação dos dedos 2 a 4, no caso de plural, e maior que 4, em grupo.

Por fim, a pesquisadora Brito (2010) afirma que, na Libras, existe uma flexão verbal, caracterizada pela sinalização com o verbo que começa próximo ao corpo e termina ao final, longe do corpo. Assim, as autoras Quadros e Karnopp (2004) afirmam que um dêixis é um tipo de flexão verbal.

O Capítulo 4 abordou os verbos direcionais ou com concordância, reversíveis e irreversíveis, em 4.1. Também apresentamos outras terminologias, como verbos locativos e verbos espaciais. Trouxemos também os verbos não direcionais, sem concordância ou simples. Ainda que, conforme Brito (2010), sejam subdivididos em três tipos de verbos

(seção 4.2.): verbos ancorados ao corpo, verbos que incorporam o objeto ou o instrumento, e verbos que apresentam flexão com apenas um sintagma nominal (SN). Além desses, introduzimos os verbos manuais ou verbos com classificadores, *handling verbs* com instrumentos ou predicados complexos (seção 4.3.).

O capítulo 5 apresentou a metodologia para realizar a pesquisa e analisar dados de uma tese. Esses dados, autorizados inicialmente pelo TCLE, consistiram em entrevistas estruturadas realizadas através do *Google Forms*, com 25 perguntas para 10 colaboradores surdos de diferentes áreas de formação (seção 5.1.1). Após a coleta do primeiro conjunto de dados, passamos para a segunda etapa, a fim de identificar, nos vídeos em Libras, testes de topicalização, constituência e ordens de constituintes.

Na seção 5.2.2, outro conjunto de dados selecionado envolveu vídeos do “Corpus de Libras”, organizados pela equipe da UFSC, gravados por "Surdos de referência" que participaram das entrevistas em Libras. Utilizamos o ELAN (5.3.) para analisar detalhadamente os vídeos em Libras, incluindo anotações com trilhas para especificar cada estrutura da língua.

Apresentamos também o sistema de notação de glosas para Libras (5.4.) com características delineadas pelas pesquisadoras Felipe e Monteiro (2001), Quadros e Karnopp (2004), Brito (1995, 2010) e Olizaroski (2017). Cada pesquisadora criou suas próprias glosas para traduzir os exemplos em Libras. Em nossa pesquisa, utilizamos principalmente as glosas baseadas em Olizaroski (2017).

Adicionalmente, discutimos em nossa pesquisa a comparação entre o uso da Escrita de Sinais e das glosas. Concluímos que esta última é mais viável, no momento, para analisar a estrutura da língua de sinais, pois a Escrita de Sinais ainda não é amplamente utilizada por estudantes surdos.

No capítulo 6, apresentamos as principais descobertas da pesquisa de dados com um teste de aplicação-piloto (seção 6.1), com a participação de dois surdos e uma surda à distância pelo Teams. No questionário do *Google Forms*, incluímos 39 exemplos de frases com os verbos AJUDAR, COMPRAR, BEBER, GOSTAR, DAR e PINTAR. Esses exemplos, acompanhados de vídeos gravados em Libras, mostravam ordens variadas de constituintes, com as opções de respostas: certa, errada e mais ou menos, permitindo a escolha de apenas uma alternativa. Após a primeira resposta, solicitamos uma avaliação dos três participantes para aprimorar o questionário antes de aplicá-lo aos demais colaboradores (seções 6.1.1 a 6.1.3). Incluímos no estudo links e QR Codes para facilitar o entendimento das frases em Libras.

Aumentamos o número de participantes para dez, divididos em duas equipes: uma de Letras e outra de área não relacionada a Letras, para analisar as respostas (seção 6.1.4). Cada participante escolheu a melhor resposta no questionário e justificou sua escolha. Com isso, pudemos medir o grau de aceitação da ordem dos constituintes em Libras.

Após a coleta de dados, apresentamos gráficos para quantificar as respostas de cada bloco de verbos em Libras. Mostramos as porcentagens de respostas corretas em azul, erradas em vermelho e mais ou menos em amarelo para cada grupo de verbos.

Na seção 6.3, detalhamos os resultados com gráficos das frases em Libras relacionados aos testes de constituência, ordem dos constituintes e topicalização. Os gráficos da ordem SVO (6.3.1) indicaram um alto nível de aceitação, entre 70% e 80%. Para frases com objeto topicalizado sem elevação das sobrancelhas (6.3.2), os níveis de aceitação ficaram entre 50% e 60%, exceto para o verbo DAR, que alcançou 80%. A pesquisa mostrou que não há necessidade de usar a expressão facial de elevação das sobrancelhas, contrariando alguns estudos.

Discutimos também frases com núcleo do objeto topicalizado e modificador *in situ*, cuja aceitação foi de apenas 40%, revelando forte rejeição à separação entre núcleo e modificador, bem como de possessivos de seus possuidores (6.3.5). Outras estruturas analisadas incluíram a inserção de um novo objeto correferente ao constituinte topicalizado (6.3.6), com 50% de aceitação para a frase "De animais grandes, meu pai gosta de cavalo", indicando uma tendência de uso de cópias do tópico ou pronomes correferenciais.

A aceitação para estruturas com objeto e advérbio espacial ou temporal topicalizados (6.3.7) foi de 50%, enquanto apenas advérbios espaciais ou temporais topicalizados alcançaram 75% de aceitação, especialmente para os verbos COMPRAR e PINTAR-COM-ROLO com o advérbio "ontem" informando o tempo da ação (6.3.9).

Por fim, na seção 6.3.10, apresentamos as melhores respostas selecionadas pelos participantes com justificativas em português. Para o verbo AJUDAR, os vídeos 01 e 05 foram os mais aceitos, enquanto para GOSTAR, o vídeo 01 com estrutura SVO foi destacado. O vídeo 01 também foi preferido para o verbo DAR, com a sequência SVO objeto tema-Objeto-recipiente. Para PINTAR-COM-ROLO, um advérbio temporal topicalizado com SVO foi o mais aceito, refletindo a preferência consistente pela sequência SVO entre os participantes.

Os dados abordamos por nós no capítulo 7, especificamente na seção 7.3.1, mostraram que a associação entre a inclinação da cabeça e a topicalização em Libras

parece ser uma forte tendência. A inclinação para cima foi preponderante (9 ocorrências em 15 exemplos), seguida da inclinação para baixo, para a direita, para frente e para trás, cada uma delas somando 4 ocorrências.

Tanto o capítulo 6 quanto o capítulo 7 mostram que nossa pesquisa identificou que a elevação de sobrelhas não é necessariamente obrigatória para marcação de tópico em Libras. No capítulo 7 (cf. seção 7.3.2), apenas 52,1% dos exemplos espontâneos analisados trouxeram essa marca não manual associada ao tópico. Outro traço importante aí identificado foi a extensão da elevação da sobrelha para além do tópico. Isso ocorreu em 50% dos exemplos em que identificamos esse traço não manual.

Nossa pesquisa, na seção 7.3.3, identificou também que há tendência a ocorrer movimento dos olhos durante a execução do tópico (65,2%) com movimento principalmente para cima, para a direita ou piscada.

Já em relação a um uso diferenciado das mãos, como apresentado em 7.3.4, dos 23 exemplos analisados, encontramos um uso diferente das mãos no tópico apenas no exemplo 17. E, quando analisamos a inclinação ou mudança do corpo, encontramos apenas 3 dados em 23 sentenças examinadas. Nesses dados, a inclinação ou mudança do corpo foi para trás.

Ao analisarmos outras marcas não manuais na seção 7.3.6, identificamos que a boca também parece operar na marcação de tópico em Libras. Ela se soma a outras marcas não manuais, como inclinação de cabeça (7.3.1), o comportamento dos olhos (7.3.3) e inclinação ou mudança do corpo (7.3.5) como marcas não manuais identificadas nesta tese além da tão citada elevação de sobrelhas. Logo, outras marcas não manuais além desta podem estar associadas à topicalização em Libras e precisam ser igualmente investigadas.

Novamente, gostaríamos de destacar as conclusões de Dias (2015, p. 227) sobre traços não manuais e marcação de tópico. Como esse autor, encontramos exemplos de topicalização sem elevação de sobrelhas, o que nos faz ponderar que: i) esse traço não é mais ou nunca foi realmente obrigatório; ii) há outros traços não manuais que precisam ser mais investigados no trato das topicalizações em Libras.

Não identificamos, em nossos dados, nem alongamento do sinal (seção 7.3.7) nem uma pausa entre o tópico e o restante da frase (seção 7.3.8). E ainda identificamos apenas um exemplo entre os 23 analisados na seção 7.2 em que o tópico foi repetido após o verbo.

Em relação à ordem de constituintes em sentenças com objeto topicalizado à esquerda (cf. seção 7.2), repetimos nossas conclusões apresentadas na seção 7.3.10:

- iv. a ordem com objeto topicalizado em posição anterior ao sujeito – O(S)V ou OSV – é preponderante: 69,56% frente a 26,08% da ordem SOV ou (S)OV;
- v. a ordem com objeto topicalizado e sujeito posposto ao verbo mostrou-se rara, ocorrendo em apenas um dado (4,34%);
- vi. com objeto topicalizado, a ocorrência de sujeito explícito mostrou-se inferior à ocorrência de sujeito implícito: 39,12% frente a 60,88%.

E, como discutimos na seção 7.3.11, nossa pesquisa acabou por contrariar a ideia de que haveria impossibilidade de topicalização de objeto com verbos sem concordância, uma vez que a imensa maioria de nossos exemplos de topicalização (20 sobre 23) são construídos com verbos desse tipo.

Por fim, discutimos na seção 7.4 dois problemas sérios relativos à identificação de sentenças com objeto topicalizado em Libras. O primeiro envolveu a interpretação semântico-sintática do verbo TER, em que esse verbo foi tratado como transitivo, mesmo quando trazia apenas um argumento explícito na sentença e, principalmente, carregava a semântica de “haver/existir” (seção 7.4.1). E o segundo e mais importante foi a identificação de constituintes em Libras e o limite entre eles para uma identificação adequada de exemplo com objeto topicalizado à esquerda, nosso tema central (7.4.2).

Diante das considerações apresentadas em cada capítulo, buscamos compreender a ordem dos constituintes e a topicalização em Libras, investigando aspectos até então pouco explorados nessa área. As hipóteses que orientaram nossa pesquisa foram amplamente confirmadas, revelando que, embora a elevação das sobranças não seja uma marca obrigatória para a topicalização, existem outras marcas não manuais significativas que contribuem para a clareza e eficácia da comunicação em Libras.

A análise detalhada dos dados demonstrou a flexibilidade e a diversidade das estruturas sintáticas em Libras, desafiando premissas anteriores sobre a ordem dos constituintes e a aplicação de verbos direcionais e não direcionais na topicalização de objetos. Essas descobertas não apenas enriquecem nosso entendimento linguístico, mas também têm implicações diretas para o ensino de Libras, sugerindo a necessidade de construção de futuros métodos mais adaptativos e inclusivos que respeitem as nuances da língua.

Propomos, com base em nossos estudos, que as estratégias educacionais para o ensino de Libras sejam revisadas e ajustadas para incorporar essas descobertas,

promovendo uma abordagem que valorize a naturalidade e a diversidade da língua de sinais. Este trabalho tem o potencial de influenciar positivamente a educação de estudantes surdos, oferecendo-lhes recursos que refletem mais fielmente sua primeira língua.

Além disso, esperamos que esta pesquisa contribua para a valorização de Libras como um campo de estudo acadêmico legítimo e rico, incentivando mais pesquisadores a explorar profundamente a linguística das línguas de sinais. Ao compartilhar nossas descobertas com a comunidade acadêmica e com a sociedade em geral, buscamos promover uma maior conscientização sobre a importância da Libras, não apenas como meio de comunicação, mas como um elemento crucial para a identidade e cultura da comunidade surda.

Em última análise, esta tese propõe uma reflexão sobre como entendemos e ensinamos Libras, desafiando-nos a reconhecer e abraçar a complexidade dessa língua. Esta pesquisa não representa um fim em si mesma; pelo contrário, visa lançar luz sobre a importância de Libras como uma língua de significativa relevância para a sociedade, em particular para a comunidade surda brasileira. Com isso, reafirmamos o compromisso com uma sociedade inclusiva que reconhece e valoriza a diversidade linguística como um patrimônio cultural imenso e vital.

Portanto, concluímos que a pesquisa em Libras é essencial, não apenas para o avanço acadêmico, mas também como uma ferramenta de inclusão e justiça social, garantindo que as mãos da comunidade surda sejam vistas e respeitadas em todos os níveis da sociedade.

Referências bibliográficas

AARONS, D. **Aspects of the syntax of american sign language**. 219f. (Doctor of Philosophy) Boston University, Graduate School, 1994.

AGLIO-HATTNER, M. M. D.; NAGAMURA, G. H.; PARRA, B. G. G. O papel das relações gramaticais na análise da transparência e da opacidade em línguas indígenas do Brasil. **LIAMES**, Campinas, v.17, p. 341-361, 2017.

AMARAL, M. A.; COUTINHO, A.; MARTINS, M. R. D. **Para uma gramática da Língua Gestual Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1994.

ANDRADE, A. de M. F. **Causatividade em Libras**. Dissertação. 120f. (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2015.

ARAÚJO, M. N. de O. de. **Os espaços na Libras**. 142 f., IL. Tese (Doutorado em Linguística)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

ARAÚJO, N. R. S. de. **A posição de sujeito em sentenças da Língua de Sinais Brasileira**. Dissertação. 121f. (Mestrado em Letras) – Programa Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Acre, 2013.

ARAÚJO, P. J.P. Uma linguística de Línguas Orais e Sinalizadas. **Revista Raras**. 2016 [S.I.], v.5, n, 1, p. 49-63, 2016. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/580>. Acesso em: 08 jan. 2021.

ARROTÉIA, J. Papel do marcador ‘aceno da cabeça’ em sentenças não-conônicas. *In: Seminário Internacional Abralín*, UFRJ. Rio de Janeiro, 2003.

BAKER, C; COKELY, D. **American sign language**: a teacher’s resource text on grammar and culture. (publisher not identify, place of publication not identified), 1980.

BAKER, C.; PADDEN, C. **American sign language**: a look at its history, structure and community. Silver Spring: TJ. Editores, Inc., 1978.

BARROS, M. E. **EliS – Escrita das Línguas de Sinais**: proposta teórica e verificação prática. 199f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Florianópolis, UFSC 2008.

BENASSI, C. A. **O despertar para o outro**: entre as escritas de sinais. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

BLOOMFIELD, L. **Language**. Nova York: Holt, Rinegart and Winston, 1961.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>. Acesso em: 21 jun. 2020.

BOYES-BRAEM, P. Rhythmic temporal patterns in the signing of deaf early and late learners of German Swiss Sign Language. **Language and Speech**, v. 42, n. 2-3, p. 177-208, jun., 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/00238309990420020301>. Acesso em 19 jan 2019.

BRASIL. **Decreto nº 5626 de 22 de dezembro de 2005**. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: http://www.presidencia.gov.br/ccivil/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 10 outubro de 2013.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 abr. 2002. n. 79, ano CXXXIX, Seção 1, p. 23. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em 10 de outubro de 2013.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 26 de junho de 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm . Acesso em: 23 mar. 2017.

BRITO, L. F. (Org.) **Língua Brasileira de Sinais**. MEC-SEESP, v.1, 1997.

BRITO, L. F. A comparative study of signs for time and space in São Paulo and Urubukaapor Sign Language. **SRL83**, Roma, , p. 262-268. 1985.

BRITO, L. F. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

BRITO, L. F. **Por uma gramática de línguas de sinais**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

BRITO, L. F. Repetição e Reduplicação em língua brasileira de sinais. **Papia**. Brasília, n. 11, p. 6 – 17, 2001.

BRITO, L. F.; LANGEVIN, R. Negação em uma língua de sinais brasileira. **Revista DELTA**, São Paulo, v.10, n.2, p.309-327, 1994. ISSN 2317 – 2347. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45411>. Acesso em: 03 jun 2020.

BRITO, L. F.; QUADROS, R. M; FELIPE, T. A. **A Língua Brasileira de Sinais**. [S.I], [s.d.] Acesso em: www.artelibras.com.br/ewadmin/download/Gramatica_da_Libras.pdf . Disponível em: 12 mar 2019.

CAMPELLO, A. R. S. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. 2008. 245f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.⁴³

CANÇADO, M. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios**. São Paulo, Contexto, 2012.

CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**, v 1 e 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Características da população e dos domicílios: estatística de gêneros**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011

CHAFE, W. L. **Discourse, consciousness, and time: The flow and displacement of conscious experience in speaking and writing**. Chicago, University of Chicago Press, 1994.

CHAFE, W. L. Givenness, contrastiveness, definiteness, subject, topics and point of view. *In*: LI, C. (Ed.) **Subject and Topic**. New York: Academic Press, 1976.

CHAFE, W. L. **Meaning and the structure of language**. Chicago: University of Chicago Press, 1970.

CHAFE, W. L. **Significado e estrutura linguística**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

CHAIBUE, K. **Universais linguísticos aplicáveis às línguas de sinais: discussão sobre as categorias lexicais nome e verbo**. 162f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2013.

CHEN, D. **Investigation of word order acquisition in early ASL**. University of Connecticut: Manuscript not published, 1998.

COMRIE, B. Ergativity. *In*: LEHMANN, W. P. **Syntactic typology: studies in the phenomenology of language**. University of Texas Press, p. 329 – 394, 1978. Disponível em: <https://liberalarts.utexas.edu/lrc/resources/books/typology/7-ergativity.php>, Acesso em: 03 nov 2019.

CREISSELS, D. Encoding the distinction between location, source and destination. *In*: HICKMANN, M.; ROBERT, S. (Orgs.) **Space in languages: linguistics systems and cognitive categories**. Amsterdam: **John Benjamins Publishing Company**, 2006.

⁴³ Na internet há duas versões da tese de Campello. A seguir, uma versão incompleta: CAMPELLO, A. R. S. **Pedagogia visual na educação dos surdos-mudos**. 2008. 169 f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/04/Tesis_Souza_Campello_2008b.pdf e <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp070893.pdf>, acesso em 16 de abril de 2020.

CRUZ ALDRETE, M. **Gramática de la lengua de señas mexicana**, Tesis Doctoral, México, DF, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios del Colegio de México, 2008.

CUNHA, M. A. F. Estrutura argumental e valência: a relação gramatical objeto direto. **Revista Gragoatá**. Niterói, v. 11, n. 21, p. 115-131, ago. 2006. ISSN 2358-4114. Disponível em <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33218/19205>. Acesso em: 03 mar 2019.

CUNHA, M. A. F.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: Conceitos Básicos e Categorias Analíticas. In: CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. da, (orgs.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad-X, 2013.

CUNHA, M. A. F.; COSTA, M. A. A interdependência dos componentes sintático, semântico e pragmático. **Veredas – revista de estudos linguísticos**. Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 61-70, jul/dez, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25308> Acesso em: 01 mar 2019.

CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DPeA/ Faperj, 2003.

CUNHA, M. A. F.; SOUZA, M. M. **Transitividade e seus contextos de uso**. São Paulo. Cortez, 2011.

DIAS, A. F. A. **A construção de tópico na Língua de Sinais Brasileira: uma abordagem Psicolinguística**. 302f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2015.

DIXON, R. M. W. **A new approach to English Grammar, on Semantic principles**. New York: Oxford, 1992.

DIXON, R. M. W. **The Dyrbal language of North Queensland**. Cambridge: Cambridge University Press, 1972.

DIXON, R.M.W. **Ergativity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

DIXON, R.M.W. Ergativity. **Language**, v. 55, n.1, p. 59–138, mar, 1979. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/412519> . Acesso em: 30 ago 2018.

DRYER, M. SVO languages and the OV:VO typology. **Journal of Linguistics**, v. 27, n.2, p. 443-482, set. 1991. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0022226700012743> Acesso em: 07 set 2019.

DUBOIS, J. GIACOMO, M.; GUESPIN, L.; MARCELLESI, C.; MARCELLESI, J. MEVEL, J. **Dicionário de Linguística**. Tradução de Frederico Pessoa de Barros; Gesuína Domenica Ferretti; John Robert Schmitz; Leonor Scliar Cabral; Maria Elizabeth Leuba Salum; Valter Khedi.. São Paulo: Cultrix, 1998.

ELAN. **Nijmegen**: Max Planck Institute for Psycholinguistics, The Language Archive. Disponível em: <https://archive.mpi.nl/tla/elan>. Acesso em: 03 set 2019.

ELISEU, A. **Expressões** – O conhecimento sintático. (Apostila) Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. v. 1, 2014.

EMMOREY, K. Repetition priming with aspect and agreement morphology in american sign language. **Journal of Psycholinguistic Sign Language**, v. 20, n. 5, p. 365 – 388, set., 1991. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007%2FBF01067970> Acesso em: 24 fev. 2019.

ENGBERG-PEDERSERN, E. **Space in Danish Sign Language**. Hamburg: Signum, 1993.

FELIPE, T. A. A estrutura frasal na LSCB. *In: Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*. Recife, 1989.

FELIPE, T. A. **Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Estudante**. 8ª edição. Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora, 2007.

FELIPE, T. A. **O Signo Gestual-Visual e sua Estrutura Frasal na Língua dos Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros**. Dissertação (Mestrado). Recife. UFPE, 1988.

FELIPE, T. A.; MONTEIRO, M. S. **Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Estudante**. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEESP, 2001.

FERREIRA, G. A. **Um estudo sobre os verbos manuais da língua de sinais brasileira**. 100f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

FERREIRA, S. R. de S.; FERREIRA, M., e N., de O. Considerações Linguísticas sobre a Fonologia de Libras. *In: 64ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC*. 2012, São Luís. **Anais eletrônicos** [...]. São Luís: UFMA, 2012. Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/livro/64ra/resumos/resumos/4654.htm> Acesso em: 09 jan 2021.

FILLMORE, C. J. Some Problems for Case Grammar. **Monograph Series on Language and Linguistics**, v. 24, 1971.

FILLMORE, C. J. The Case for Case. *In: BACH, E; HARMS, R. (eds.): Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston, p. 1-88, 1968.

FISCHER, S. Influences on verb order change in American sign language. *In: LI, Charles (ed.) Word order and word order change*. University of Texas Press, 1975.

FISHER, S. **Verb Inflections in American Sign Language and Their Acquisition by the Deaf child**. Paper presented at the Winter Meeting of the Linguistic Society of America. (publisher not identify, place of publication not identified), 1973.

FISHER, S.; GOUGH, B. Verbs in american sign language. *In: SLS 18*. (publisher not identify, place of publication not identified), n. 18, p. 17- 48, 1978. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/26203255>. Acesso em: 23 fev 2019.

- FRIEDMAN, L. A. The manifestation of subject, object and topic in american sign language. *In: LI, Charles N. (ed.). **Word order and word order change***. Austin: University of Texas Press, p. 125-148, 1976.
- GIVÓN, T. **Syntax**: a functional-typological introduction. (Vol. I). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 1984.
- GIVÓN, T. **Syntax**. Vol. I. Amsterdam/Philadelphia: JBPC, 2001.
- GIVÓN, T. **Syntax**. Vol. II. Amsterdam/Philadelphia: JBPC, 2001.
- GOLDFELD, M. **A criança surda**: linguagem e congnição numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.
- GOMES, D. S. **Língua Brasileira de Sinais**: Escolhas Lexicais e Desenvolvimento do Tópico Discursivo. 2009. 102 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2009.
- GOMES, D. M. **Estudo morfológico e sintático da língua Mundurukú (Tupí)**. 320f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras. Universidade de Brasília, 2006.
- GRAHL, J. A. P. Estrutura de Constituintes. **Relatório final de Bolsa de Iniciação Científica**. UFPR, 2004.
- GREENBERG, J. H. **Universals of language**. Cambridge: MIT Press., 1966.
- GREENBERG, J. H. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. *In: GREENBERG, J. H. (Ed.). **Universals of Language***, 1 ed., London: MIT Press, p. 73 – 113, 1963.
- GREENBERG, J. H. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. *In: GREENBERG, J. H. (Ed.). **Universals of Language***, 2. ed., Cambridge: The MIT Press, p. 58-90, 1966.
- GRINEVALD, C. A morpho-syntactic typology of classifiers. *In: SENFT, G. (ed.). **Systems of Nominal Classification***. CUP, 2000.
- GRINEVALD, C. Classifiers, Linguistics of. *In: SMELSER, N. J.; BALTES, P. B. **International Encyclopedia of the Social Behavioral Sciences***. Oxford, 2001.
- GRINEVALD, C. Classifiers. *In: LEHMANN, C., BOOIJ, G., J. MUGDAN, J. (eds). **Morphology: a Handbook on inflection and Word Formation***, Vol 2, Article 97. Berlin: Walter de Gruyter, 2004.
- GRINEVALD, C. Making sense of nominal classification systems. *In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (eds.). **New Reflections on Grammaticalization***. Amsterdam/Philadelphia: JBPC, 2002.
- GRINEVALD, C.;SEIFART, F. Noun classes in African and Amazonian languages: towards a comparison. **Linguistic Typology** 8, p. 243-285, 2004.

GRUBER, J. S. **Lexical structures in syntax and semantics**. Amsterdam; New York: North-Holland Pub. Co, 1976.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5ª edição. Petrópolis: Vozes, 1997.

HALLIDAY, M. A. K. **Grammar, society and the noun**. London: H. K. Lewis for University College London, 1967b.

HALLIDAY, M. A. K. **Intonation and grammar in British English**. The Hague: Mouton. (Janua Linguarum Series Practica 48), 1967a.

HALLIDAY, M. A. K. Lexis as linguistic leve. *In*: BAZELL, C. E. FIRTH, J. R.; CATFORD, J. C.; HALLIDAY, M. A. K.; ROBINS, R. H. (eds.). **In memory of J. R. Firth**. London: Longman, 1966b.

HALLIDAY, M. A. K. Some notes on deep grammar. **Journal of linguistics**. v. 21, p. 57 – 67, 1966a.

HALLIDAY, M. A. K. The concept of rank: a reply. **Journal of Linguistics**. v. 21, p. 110 – 118, 1966c.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. **Language**. v. 56, nº 2, p. 251 – 299, 1980. Disponível em: www.jstor.org/stable/413757. Acesso em: 08 dez 2018.

JACKENDOFF R. **Semantic Interpretation in Generative Grammar**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1972.

JANIS, W. D. A Crosslinguistic perspective on ASL verb agreement. *In*: Karen EMMOREY, K.; REILLY, J. S. (Orgs.) **Language, Gesture and Space**. NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, p. 255-286, 1995.

JEREMIAS, D. **Iconicidade nas sentenças topicalizadas da Libras**: uma motivação semântica e pragmática. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2020, 215p.

JEREMIAS, D.; PIZZIO, A. L. Iconicidade na variação da ordem das palavras na Língua de Sinais Brasileira: Motivação semântica e pragmática. **Revista Humanidade e Inovação**, Palmas, v. 7, n. 26, nov. 2020. ISSN: 2358-8322. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2320>. Acesso em: 25 jun. 2021.

KENEDY, E. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

KLIMSA, B. L. T.; KLIMSA, S. B. de F. **Libras II**: Material Didático-Pedagógico do Letras-Libras. 2011. Apostila. Disponível em: <http://docplayer.com.br/4731027-Libras-ii-letras-libras-9.html>.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/view. Acesso em: 14 jun 2020.

LEHMANN, W. A structural principle of language and its implications. **Language**. v. 49, n.1, p. 42-66, mar., 1973. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/412102>. Acesso em: 23 out 2019.

LEHMANN, W. The great underlying ground-plans. *In*: _____ (ed.) **Syntactic typology**. Austin: University of Texas Press, p. 3-55, 1978.

LEITE, T. A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos**. 280f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear. **Revista ReVel**, [S.I.], v. 10, n. 19, p. 150 – 184, ago. 2012. ISSN 1678-8931. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/4566006ab74ecff8dc54d92e9649eb86.pdf> Acesso em: 16 ago. 2018.

LI, C. N.; THOMPSON, S. A. Development of the causative in Mandarin Chinese: Interaction of diachronic processes in syntax. In Shibatani, Masayoshi (ed.), **The Grammar of Causative Constructions**, New York: Academic Press, p. 477-492, 1976.

LIDDELL, S. K. **American sign language syntax**. The Hague: Mouton, 1980.

LIDDELL, S. Four Functions of a locus. Reexamining the structure of space in ASL. *In*: LUCAS (ed.) **Sign Language Research, Theoretical Issues**. Washington D.C.: Gallaudet University Press, p. 176 – 200, 1990.

LIDDELL, S. K. Nonmanual signals and relative clauses in American Sign Language. *In*: SIPLE, P. (Ed.). **Understanding language through sign language research**. New York: Academic Press, p. 59-90, 1978.

LIDDELL, S. K. Real, surrogate and token space: Grammatical consequences in ASL. *In*: KAREN, E.; JUDY R. (eds.), **Language, Gesture and Space**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, p. 19 – 41, 1995.

LILLO-MARTIN, D. C. **Parameter setting**: evidence from use, acquisition, and breakdown in American Sign Language. Doctoral Dissertation. University of California, San Diego. University Microfilms International. Ann Arbor. Michigan, 1986.

LOEW, R. **Roles and reference in American sign language**: a development perspective. University of Minnesota: Doctoral Thesis, 1984.

LÓPEZ, E. M.; VARELA, C. R.; GARCÍA, N. B. El Orden de los Constituyentes en los Enunciados Declarativos de la Lengua de Signos Española (LSE). **Una Perspectiva Funcionalista**. Anuari de Filologia. Estudis de Linguística, p.77-121, 2012.

LUCENA, N. L. de. **A relação gramatical objeto direto: implicações para o ensino da língua materna.** 145f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Departamento de Letras. Natal, UFRN, 2010.

LUCENA, N. L. Relação gramatical objeto direto: a interface entre sintaxe, semântica e pragmática. **Letrônica**, v.4, n.1, p. 12 – 30, 2011.

LYONS, J. **Introdução à Linguística Teórica.** São Paulo: Companhia Editora, 1979.

MARINHO, M. L. **Língua de Sinais Brasileira: proposta de análise articulatória com base no banco de dados LSB-DF.** 261f. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

MARTELOTTA, M. E.; KENEDY, E. A visão funcionalista da linguagem no século XX. *In:* CUNHA, M. A. F.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Linguística Funcional – Teoria e Prática.** 1. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 11- 20, 2015.

MASSONE, M. I.; CURIEL, M. Sign order in Argentine Sign Language. **Sign Language Studies**, v. 5, n.1, p. 63-93, set.,2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/236791025_Sign_Order_in_Argentine_Sign_Language Acesso em: 16 nov 2019.

MCCLEARY, L. E.; VIOTTI, E. C.; LEITE, T. A. Descrição de línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados. **Alfa Revista de Linguística.** São Paulo, v. 54, n.1. p. 265-289, 2010. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2880/2654> Acesso em: 16 maio 2020.

MENDONÇA, C. S. S. S. **Classificação nominal em Libras: um estudo sobre os chamados classificadores.** 155f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

MESQUITA, A.; SALLES, H. M. L. Preposições na língua de sinais brasileira e na interlíngua de surdos aprendizes de português L2. *In:* SALLES, H.; NAVES, R. **Estudos gerativos da Língua de Sinais Brasileira e de aquisição de português (L2) por surdos.** Cênone, Goiânia, 2010.

MILKOVIĆ, M.; BRADARIĆ-JONČIĆ, S.; WILBUR, R. B. Word order in Croatian Sign Language, **Sign Language e Linguistics**, v. 9, p. 169-206, 2006.

MIRANDA, J. P. V. **Voz passiva em Libras? Ou outras estratégias de topicalização?** 89f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2014.

MITHUN, M. The Evolution of Noun Incorporation. *In:* **Language**, v. 60, n° 4, p. 847-94, 1984. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/413800> Acesso em: 17 mar 2019.

MORAES, L. V. A. C. **A gramática da língua brasileira de sinais: aspectos sintáticos.** 133 f. Dissertação (Mestrado em Letras), UFRGS, Porto Alegre, 2013.

MOURA, M. C. **O surdo**: caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Revinter/Fapesp, 2000.

NAKANISHI, K. The influence of Japanese word order on Japanese Sign Language. *In*: BRENNAN, M.; TURNER, G. H. **Word-order issues in sign language. Working papers**. The International Sign Linguistics Association, Durham, UK, University of Durham, p. 171-192, 1994.

NEGRÃO, E. V. O princípio de projeção estendida no Português Brasileiro. **Revista Letras**, Editora da UFPR. Curitiba-PR, n. 56, p. 141-155. jul./dez. 2001.

NEGRÃO, E. V.; SCHER, A. P.; VIOTTI, E. Sintaxe: explorando a estrutura da sentença. *In*: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à Linguística II**: princípios de análise. São Paulo, Editora Contexto, v. 2, p. 81-109, 2008.

NEPOMUCENO, A. R.; MUNIZ, M. I. A. Formalismo e Funcionalismo. *In*: **Anais do IV fórum de ensino, pesquisa, extensão e gestão**. v. 1, Montes Claros, 2010.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: EDUNESP, 2000.

NÓBREGA, V. R. R. da. Sigmanúlogia: proporcionando uma teoria linguística da língua de sinais. **Revista Leitura – Língua de Sinais: abordagens teóricas e aplicadas**, v.1, n°. 57, p. 198 – 218, jan/jun, 2016. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/download/2657/2874> Acesso em: 23 nov. 2020.

OLIVEIRA, M. F. de. A voz passiva no período arcaico do português e inícios do moderno. *In* S.B COSTA.; A.V.L. MACHADO FILHO (orgs.). **Do português arcaico ao português brasileiro**. Salvador: EDUFBA, p.163-174, 2004.

OLIVEIRA, M. R. de. Contexto: definição e fatores de análise. *In*: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (orgs.). **Linguística centrada no uso – teoria e método**. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj, p. 22-35, 2015.

OLIZAROSKI, I. M. H. **A ordem dos constituintes sintáticos na formação de sentenças em Libras na perspectiva da linguística funcional**. 151f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, 2017.

ONISHI, M. Introduction: Non-canonically marked subjects and objects: Parameters and Properties. *In*: AIKHENVALD, A.; DIXO, R.M.W.; ONISHI, M. (eds.). **Non-canonical marking of subjects and objects**. Amsterdam/Philadelphia: JPB, 2001.

ONUNews. **OMS alerta que a perda de audição pode afetar mais de 900 milhões até 2050**. [S.l.] mar., 2020. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/03/1705931#:~:text=Em%20todo%20o%20mundo%2C%20466,de%20audi%20C%27%20C%20A3o%20nessa%20mesma%20n%20C%20Advel> Acesso em 14 dez 2020.

OVIEDO, A. **Apuntes para una gramática de la lengua de señas colombiana**. Cali: INSOR/Universidad del Valle, 2003.

PADDEN, C. **Interaction of morphology and syntax in ASL**. San Diego: University of California, Doctoral Dissertation, 1983.

PADDEN, C. The relation between space and grammar in ASL verb morphology. *In: Sign language research – theoretical issues*. Washigton: Gaullaudet University Press, p. 118-132, 1990.

PAIVA, F. A. dos S.; MARTINO, J. M. de; BARBOSA, P. A.; BENETTI, A. B.; SILVA, I. R. Um sistema de transcrição para língua de sinais brasileira: o caso de um avatar. **Revista do Gel**, São Paulo. v. 13, n. 3, p. 12 – 48, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.21165/gel.v13i3.1440>. Acesso em: 06 maio 2020.

PAYNE, D. The Tupi-Guarani Inverse. *In: FOX, B.; HOPPER, P. Hopper (Ed.). Voice: Form and Function*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 1994.

PAYNE, T. E. **Describing morphosyntax – a guide for field linguists**. New York: Cambridge CUP, 1997.

PIZZIO, A. L. **A Tipologia Linguística e a Língua de Sinais Brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos**. 237 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F.; QUADROS, R. M. **Língua Brasileira de Sinais V**. UFSC: 2009. <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisV/assets/576/TEXT0 BASE - LIBRAS V.pdf> acessado em 10 de abril de 2020.

QUADROS, R. M. A estrutura frasal da Língua Brasileira de Sinais. **Anais do II Congresso Nacional da ABRALIN**. Florianópolis: UFSC, 2000. Disponível em: <https://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigoseidt=artcecat=9eidart=196#>. Acesso em: 27 de out. 2019.

QUADROS, R. M. de (org.) **Letras Libras: Ontem, Hoje e Amanhã**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2015.

QUADROS, R. M. de **Phrase structure of Brazilian sign language**. Tese de Doutorado. PUCRS. Porto Alegre. 1999.

QUADROS, R. M. de. Aspectos da sintaxe e da aquisição da língua de sinais brasileira. **Revista Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 32, n.4, p. 125-146, dez., 1997. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/15295>. Acesso em: 23 set 2020.

QUADROS, R. M. de. Contextualização dos estudos linguísticos sobre a Libras no Brasil. *In: QUADROS, R. M. de; STUMPF, M. R.; LEITE, T. de A. Estudos da Língua Brasileira de Sinais I*. Florianópolis: Editora Insular, 2013.

QUADROS, R. M. de. **Libras**. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, R. M. de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC; SEESP; Programa Nacional de Apoio a Educação de Surdos, 2004.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. de; NEVES, B. C.; SCHMITT, D.; LOHN, J. T.; LUCHI, M. **Língua Brasileira de Sinais: Patrimônio Linguístico Brasileiro**. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018.

QUADROS, R. M. de; PIZZIO, A. L. Aquisição da língua de sinais brasileira: constituição e transcrição dos corpora. *In*: SALLES, H. M. L. (org.) **Bilinguismo dos surdos: questões linguística e educacionais**, Goiânia: Cãnone, p.49-72, 2007.

QUADROS, R. M. de; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais I**. Apostila. UFSC: Florianópolis, 2009. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisI/assets/459/Texto_base.pdf. Acesso em: 23 ago. 2018.

QUADROS, R. M. de; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira De Sinais II: Tópicos de linguística aplicados à Língua de Sinais - Sintaxe**. Apostila. UFSC: Florianópolis. 2008. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/linguaBrasileiraDeSinaisII/assets/482/Lingua_de_Sinais_II_para_publicacao.pdf. Acesso em: 21 ago. 2018.

QUADROS, R. M. de; QUER, J. Revertendo os verbos reversos e seguindo em frente: sobre concordância, auxiliares e classes verbais em línguas de sinais. *In*: QUADROS, R. M de; VASCONCELLOS, M. L. B. de. **Questões teóricas das pesquisas em Línguas de Sinais. TISLR 9**. Petrópolis: Arara Azul, p. 69 – 85, 2006.

QUADROS, R. M. de.; SCHMITT, D.; LOHN, J. T.; LEITE, T. de A. **Corpus de Libras**. Florianópolis: UFSC, s.d. Disponível em: <http://www.corpuslibras.ufsc.br/>. Acesso em: 9 abril 2020.

QUADROS, R. M. de; STUMPF, M. R. Letras Libras EaD. *In*: QUADROS, R. M. de. (org.) **Letras Libras: ontem, hoje e amanhã**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

QUADROS, R. M. de; STUMPF, M. R.; LEITE, T. de A. **Estudos da Língua Brasileira de Sinais I**. Florianópolis: Editora Insular, 2013.

QUINTO, D. G. **Word order in Mexican sign language** (LSM: Lengua de señas mexicana). Texas: University of Austin, 1999 (trabajo sin publicar).

RELLI, C. V. Uma conversa com Gilles Fauconnier. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 291-303, 2005. ISSN 1984-6398 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982005000200012>. Acesso em: 14 abr. 2020.

RCHFELDT, G. K. Linguistic Basis for the Description of Brazilian Sign Language. *In*: HOEMANN, H. W.; OATES, EQ.; HOEMANN, S. A. e H. **The Sign Language of Brazil**. Estados Unidos: Mill Neck Foundation, 1981.

SANTOS, E. C. P. dos. Terminologia, Tradução e Libras: alguns caminhos para pesquisas. *Transversal – Revista em Tradução*, Fortaleza, v. 4, n.8, p. 91 – 104, 2018. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/transversal/article/view/40070/95885> Acesso em: 16 out 2020.

SANTOS, E. F. dos; SANTOS, C. F. dos; SANTOS, R. C. dos. Sintaxe da Libras e a (re)afirmação linguística: o óbvio que ainda precisa ser dito. **Interdisciplinar**. Edição Especial ABRALIN/SE, Itabaiana/SE, Ano VIII, v.17, jan./jun. 2013. ISSN 1980-8879.

SCHICK, B. Classifier predicates in American Sign Language. **International Journal of Sign Linguistics**, v. 1, p. 15- 40, 1990.

SHIBATANI, M. Passives and related constructions: a prototype analysis. **Language**, v. 61, n.4., p. 821-848, dez..1985. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/414491>, Acesso em: 23 maio 2020.

SHIBATANI, M.; BYNON, T. **Approaches to Language Typology**. New York: Oxford University Press, 1995.

SILVA, P. N. da. **Manual de introdução aos estudos linguísticos**. 2010. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/2506628/manual-de-introducao-aos-estudos-linguisticos>. Acesso em: 23 de nov. de 2019.

SILVERSTEIN, M. Hierarchy of features and ergativity. *In*: DIXON, R. M.W. (ed.), **Grammatical categories in Australian languages**. Canberra: Australian Institute of Aboriginal Studies y Nueva Jersey: Humanities Press, p. 112-171, 1976.

SKLIAR, C. (Org.). **Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

SLOBIN, de D. I. Breaking the molds: signed languages and the nature of human language. Tradução: Pedro Perini-Santos e Luciana Beatriz Ávila. **Sign Language Studies**, v. 8, n.2, p. 114 – 132, 2008.

SLOBIN, D. I. Quebrando modelos: as línguas de sinais e a natureza da linguagem humana. **Fórum linguístico**. Florianópolis, v. 12, n. 3, p. 844-853, jul./ set. 2015.

SOUZA, G. L. **Concordância, Caso e Ergatividade em Língua de Sinais Brasileira: uma proposta minimalista**. 163f. Dissertação. (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, UFMG, 2014.

STOKOE, W. Sign Language Structure: an outline of the visual communication System of the American Deaf. **Studies In Linguistics**, Buffalo 14, New York, v. 1, n. 8, p. 3-78, 1960.

STROBEL, K. L. **Surdos**: Vestígios Culturais não Registrados na História. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. UFSC, Florianópolis, 2008. 176 f.

SUPALLA, T. Serial verbs of motion in ASL. *In*: FISCHER; S. D.; SIPLE, P. (Ed.). **Theoretical issues in sign language research**. Vol. 1. Linguistics. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

SUTTON, V. Um sistema global de escrita para uma era global. 2000. Disponível em: <http://www.valeriesutton.org/lifestory/autobiography/>. Acesso em: 23 maio 2020.

VALADE, R. Études sur la lexicologie et la grammaire du langage naturel des signes. Editora Lambert – Lucas. 1854. Disponível em: <http://www.lambert-lucas.com/livre/etudes-sur-la-lexicologie-et-la-grammaire-du-langage-naturel-des-signes-1854/>. Acesso em: 13 maio 2020.

VENNEMAN, T. Analogy in generative grammar: the origin of word order. **Proceedings of the Eleventh International Congress of Linguists (1972)**. Bologna: Il Mulino, p. 79-83, 1974.

VENNEMAN, T. Categorical grammar and the order of meaningful elements. *In*: JULLIAND, Alphonse (Ed.). **Linguistic studies offered to Joseph Greenberg on the occasion of his sixtieth birthday**. Saratoga: Anma Libri, p. 615-634, 1976.

VERMEERBERGEN, M., VAN HERREWEGHEM, M.; ARACH, P.; MATABANE, E. Constituent order in Flemish Sign Language (VGT) and South African Sign Language (SASL). **Sign Language e Linguistics**, v.10, n.1, p. 23-54, out., 2007.

VERMEERBERGEN, M.; LEESON, L.; CRASBORN, O. (Org.). **Simultaneity in Signed Languages: Form and Function**. Amsterdam: John Benjamins, 2007.

WHALEY, L.J. **Introduction to typology**: The unity and diversity of language. Londres: Sage Publications, 1997.

WILBUR, R. **The use of ASL to support the development of English and Deaf Education**, v. 5, ed. 1, p. 81-104, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/deafed/5.1.81>, Acesso em 01/05/2019.

WILCOX, S.; WILCOX, P. P. **Learning to see**: Teaching American Sign Language as a second language. Gallaudet, University Press, 1997.

XAVIER, A. N; NEVES, S. L. G. Descrição de aspectos da Morfologia da Libras. **Revista Sinalizar**, v. 1, n. 2, p. 130-151, dez. 2016. Disponível em: [https://www.revistas.ufg.br/revsinal/](https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/43933) article/view/43933 Acesso em: 01/03/2019.

